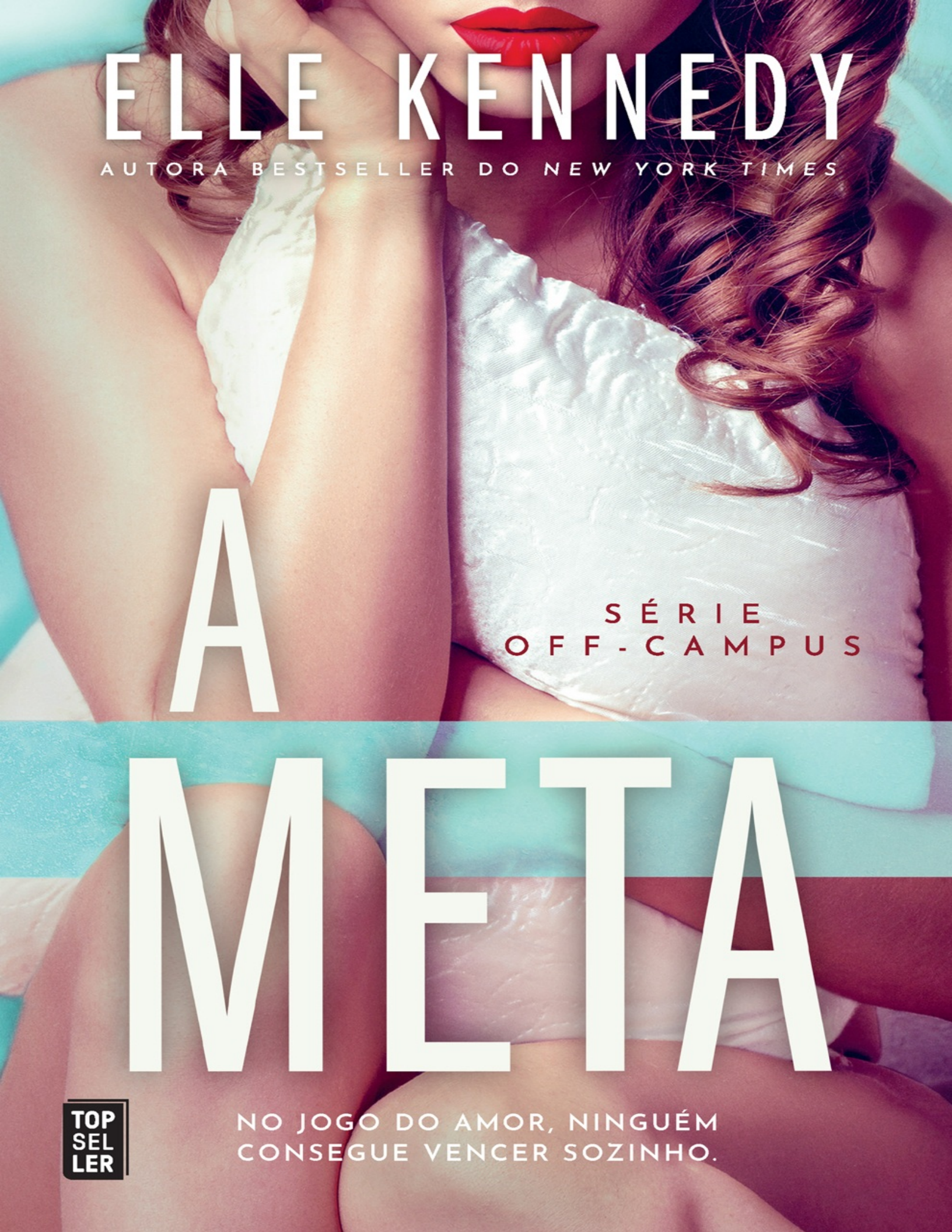
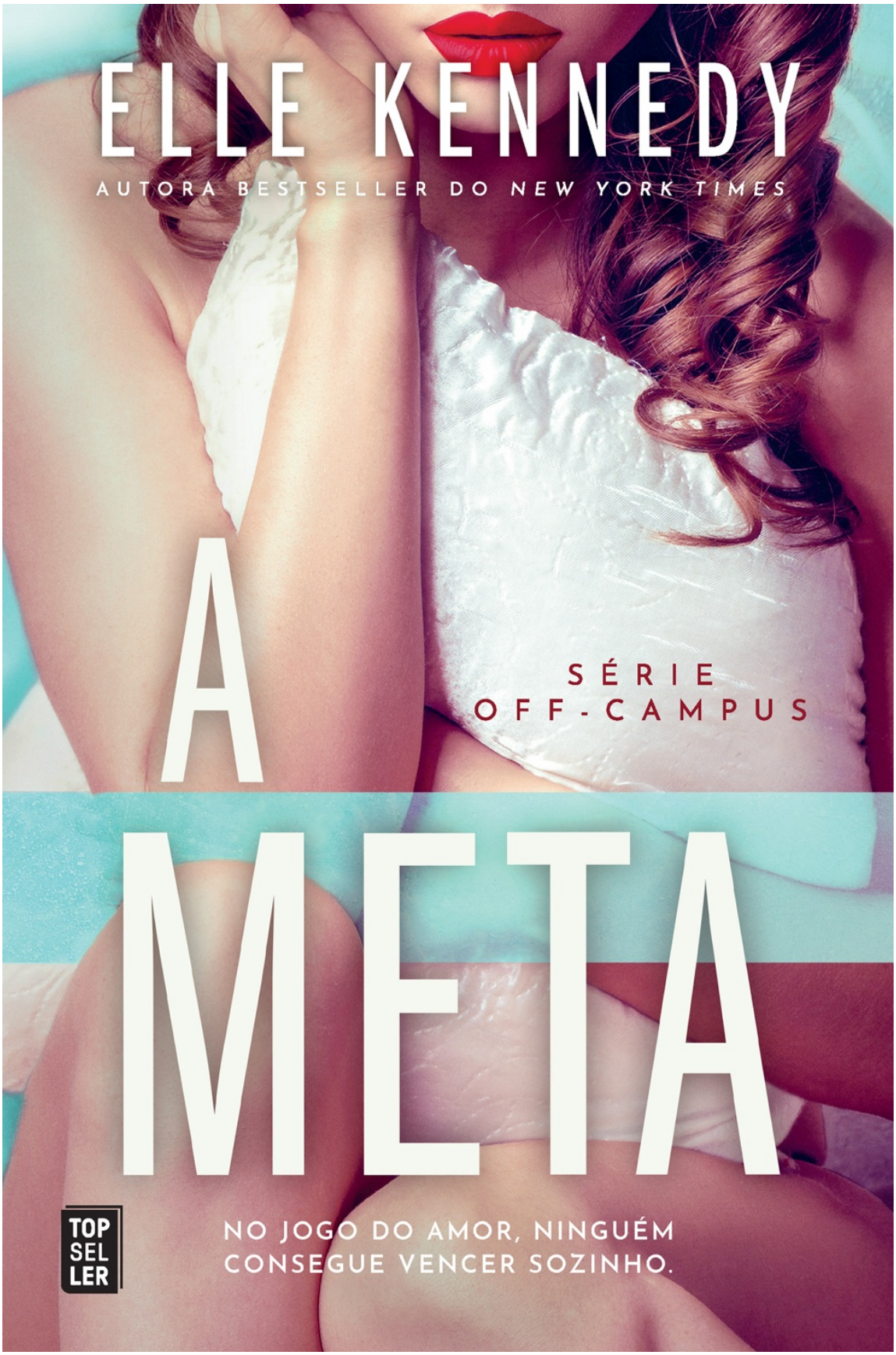

ELLE KENNEDY
AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
A META
SÉRIE OFF-CAMPUS
NO JOGO DO AMOR, NINGUÉM CONSEGUE VENCER SOZINHO.
TOP SELLER


ELLE KENNEDY
AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
SÉRIE
OFF-CAMPUS
A META
TOP SEL LER
NO JOGO DO AMOR, NINGUÉM
CONSEGUE VENCER SOZINHO.

ELLE KENNEDY

A META

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: novembro de 2023

A META
Título original: *The Goal*
© 2016, Elle Kennedy
Todos os direitos reservados

© desta edição:
2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso
Coordenação Editorial: Vanessa Domingos
Tradução: Isabel Moreira
Revisão: Cátia Loureiro
Capa: adaptação de Wonder Studio / Ana Teixeira sobre design de Morten Gorm
Imagens da capa: © sbayram / Getty Images; av88 / Adobe Stock

ISBN: 978-989-787-557-1

Composição digital: M. I. Maquetación S.L.

Site: penguinlivros
Twitter: @PenguinLivrosPT
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.suma

Índice

A Meta

Créditos

A Meta

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Elle Kennedy

1

Sabrina

Outubro

— Merda. Merda. Merda. Meeerrrda. Onde estão as minhas chaves?

O relógio afixado no corredor estreito indica-me que tenho cinquenta e dois minutos para fazer uma viagem que demora sessenta e oito minutos, se quiser chegar a tempo à festa.

Vasculho novamente na mala, mas as chaves não estão lá. Dirijo-me a vários locais. Armário? Não. Casa de banho? Ainda agora lá estive. Cozinha? Talvez…

Estou prestes a dar meia-volta quando ouço um som metálico atrás de mim.

— Estás à procura disto?

O desprezo aloja-se na minha garganta quando me viro e entro numa sala de estar tão pequena que as cinco peças de mobília antiquada — duas mesas, um sofá, uma poltrona e uma cadeira — estão coladas umas às outras como se fossem sardinhas em lata. O pedaço de carne que está sentado no sofá agita as minhas chaves no ar. Ao ver o meu suspiro de irritação, ele sorri e coloca-as debaixo do rabo coberto pelas calças de fato de treino.

— Vem buscá-las.

Passo uma mão pelo cabelo alisado com o ferro, frustrada, e depois aproximo-me do meu padrasto.

— Dá-me as chaves — exijo.

Por sua vez, o Ray fita-me com lascívia.

— Bolas, estás sexy esta noite. Tornaste-te uma miúda mesmo gira, Rina. Tu e eu devíamos enrolar-nos.

Ignoro a mão que ele está a levar à braguilha. Nunca conheci um homem tão desesperado por tocar no seu material. Ele faz com que o Homer Simpson pareça um cavalheiro.

— Tu e eu não existimos um para o outro. Por isso, não olhes para mim e não me chames Rina. — O Ray é a única pessoa que me chama assim e eu odeio. — Agora dá-me as chaves.

— Já te disse para as vires buscar.

Com os dentes cerrados, enfio a mão debaixo do rabo dele e procuro as chaves. O Ray geme e contorce-se como o merdoso que é até a minha mão tocar no metal.

Pego nas chaves e volto para junto da porta.

— Qual é o problema? — pergunta ele em jeito de troça. — Não temos laços de sangue.

Detenho-me e gasto trinta segundos do meu tempo precioso a olhar para ele, incrédula.

— És meu padrasto. Casaste-te com a minha mãe. E — engulo um pedaço de bílis — andas a dormir com a minha avó. Por isso, não é por não termos laços de sangue. É por seres o ser humano mais nojento do planeta e por achar que devias estar na prisão.

Os seus olhos cor de avelã obscurecem-se.

— Vê se tens tento na língua, minha menina, ou um dia destes ainda chegas a casa e tens as portas trancadas.

Que se lixe.

— Eu pago um terço da renda desta casa — relembro-lhe.

— Então se calhar vais começar a pagar mais.

Ele vira-se para a televisão, e eu passo mais trinta segundos valiosos a fantasiar que estou a dar-lhe com a minha mala na cabeça. Tempo bem passado.

Na cozinha, a minha avó está sentada à mesa a fumar um cigarro e a ler a *People*.

— Viste isto? — pergunta ela. — A Kim K está novamente nua.

— Que bom para ela. — Pego no casaco que está pendurado nas costas da cadeira e encaminho-me para a porta da cozinha.

Descobri que é mais seguro sair de casa pelas traseiras. Costuma haver mânfios sentados nos alpendres das casas estreitas da nossa rua, nesta zona pouco recomendável de Southie. Além disso, a nossa garagem fica nas traseiras da casa.

— Ouvi dizer que a Rachel Berkovich está grávida — comenta a minha avó. — Ela devia ter abortado, mas pelos vistos é contra a religião dela.

Cerro novamente os dentes e viro-me para a minha avó. Como de costume, ela está a usar um roupão velho e uns chinelos de quarto cor-de-rosa, mas o cabelo pintado de loiro está penteado na perfeição e está completamente maquilhada, apesar de raramente sair.

— Ela é judia, avó. Acho que não é contra a sua religião, mas, mesmo que fosse, continua a ser uma escolha dela.

— Provavelmente anda à caça de mais cupões para receber alimentos — conclui a minha avó, soprando um fio comprido de fumo na minha direção. Merda. Espero não cheirar a cinzeiro quando chegar a Hastings.

— Acho que não é por isso que a Rachel vai ficar com o bebé. — Com uma mão na porta, remexo-me e fico à espera de que surja a oportunidade de me despedir da minha avó.

— A tua mãe ponderou abortar quando estava grávida de ti.

Pronto.

— Já chega — murmuro. — Vou para Hastings. Volto à noite.

Ela levanta a cabeça da revista e semicerra os olhos, enquanto contempla a minha saia de malha preta, a minha camisola preta de manga curta com um decote redondo e os saltos de sete centímetros. Consigo ver as palavras a formarem-se na sua cabeça antes de lhe saírem da boca.

— Estás toda janota. Vais para a tua faculdade finória? Tens aulas a um

sábado à noite?

— Vou a um cocktail — respondo com relutância.

— Oh, vai dar tudo ao mesmo. Espero que não fiques com as mãos inchadas de tanta graxa que vais dar.

— Obrigada, avó. — Abro a porta das traseiras e obrigo-me a acrescentar um «Adoro-te».

— Também te adoro, minha querida.

Ela adora-me mesmo, mas, às vezes, esse amor é tão disfuncional que nem sei se me está a ajudar ou a prejudicar.

Não consigo fazer a viagem até Hastings em cinquenta e dois minutos, nem sequer em sessenta e oito minutos. Demoro uma hora e meia, porque as estradas estão péssimas. E depois demoro mais cinco minutos a encontrar um lugar de estacionamento e, quando chego a casa da professora Gibson, estou mais tensa do que um fio de piano… e a sentir-me igualmente frágil.

— Olá, Sr. Gibson. Peço muita desculpa pelo atraso — digo ao homem de óculos que está junto à porta.

O marido da professora Gibson lança-me um sorriso contido.

— Não te preocupes, Sabrina. O tempo está péssimo. Deixa-me pegar no teu casaco. — Ele levanta uma mão e aguarda pacientemente enquanto eu dispo o casaco de lã.

A professora Gibson chega quando o marido está a pendurar o meu casaco barato no meio das peças de roupa caras que estão no bengaleiro. Parece tão destoado quanto eu. Afasto os sentimentos de desenquadramento e esboço um sorriso radiante.

— Sabrina! — exclama a professora Gibson, alegremente. A sua presença imponente chama-me a atenção. — Ainda bem que chegaste inteira. Já está a nevar?

— Não, só a chover.

Ela sorri e pega-me no braço.

— Pior ainda. Espero que não estejas a planear voltar para a cidade esta noite. As estradas vão estar cobertas de gelo.

Uma vez que tenho de trabalhar de manhã, tenciono fazer esse caminho independentemente das condições da estrada, mas não quero que a professora fique preocupada, por isso esboço um sorriso tranquilizador.

— Eu fico bem. Ela ainda cá está?

A professora aperta-me o antebraço.

— Está e mal pode esperar por te conhecer.

Fantástico. Respiro fundo pela primeira vez desde que cheguei aqui e deixo que me conduza pela sala em direção a uma mulher baixinha de cabelo grisalho, vestida com um *blazer* de cor pastel e umas calças pretas. O conjunto é insípido, mas os diamantes que lhe brilham nas orelhas são maiores do que o meu polegar. Além disso, ela parece demasiado afável para uma professora de Direito. Sempre imaginei os professores de Direito como criaturas sisudas e rígidas. Como eu.

— Amelia, deixa-me apresentar-te a Sabrina James. É a aluna de quem te tenho falado. É a melhor da turma dela, tem dois empregos e, mesmo assim, conseguiu um 18 nos exames de admissão. — A professora Gibson vira-se para mim. — Sabrina, Amelia Fromm, professora extraordinária.

— Prazer em conhecê-la — digo eu, estendendo a mão e pedindo a Deus que esteja seca e não húmida. Antes deste encontro, estive uma hora a praticar apertos de mão comigo própria.

A Amelia dá-me um aperto de mão leve e depois afasta-se.

— Mãe italiana, avô judeu, daí a estranha combinação de nomes. James é escocês… É daí que vem a sua família? — Os olhos dela percorrem-me, e eu resisto à vontade que sinto de remexer impacientemente na minha roupa barata da Target.

— Não sei dizer, professora. — A minha família vem do bairro. A Escócia parece demasiado elegante e chique para ser a nossa terra natal.

Ela acena com uma mão.

— Não é importante. Eu sou apreciadora de genealogia. Com que então candidatou-se a Harvard? Foi o que a Kelly me disse.

Kelly? Eu conheço alguma Kelly?

— Ela está a referir-se a mim, querida — diz a professora Gibson com uma gargalhada delicada.

Coro.

— Pois, desculpe. Penso em si como professora.

— Tão formal, Kelly! — acusa a professora Fromm. — Sabrina, a que outras faculdades concorreu?

— Boston College, Suffolk e Yale, mas Harvard é o meu sonho.

A Amelia arqueia uma sobrancelha ao ouvir a minha lista de três faculdades de Boston.

A professora Gibson intervém em minha defesa.

— Ela quer ficar perto de casa. E, como é óbvio, merece ficar numa faculdade melhor do que Yale.

As duas professoras soltam uma risada de escárnio. A professora Gibson concluiu o curso em Harvard e, pelos vistos, quando se é aluno de Harvard, a antipatia por Yale é eterna.

— Tendo em conta tudo o que disse a Kelly, parece que seria uma honra para Harvard tê-la como aluna.

— Seria uma honra para mim ser aluna de Harvard, professora.

— Em breve vão ser enviadas as cartas de admissão. — Os olhos dela brilham de divertimento. — Vou dar uma palavrinha por si.

A Amelia esboça outro sorriso, e eu quase desmaio de alívio. Não estava somente a dar-lhe graxa. Harvard é mesmo o meu sonho.

— Obrigada — lá consigo dizer.

A professora Gibson indica-me a comida.

— Porque não comes alguma coisa? Amelia, quero falar contigo sobre um documento que ouvi dizer que vinha de Brown. Tiveste oportunidade de o ler?

As duas viram costas e encetam uma conversa sobre o feminismo negro e a teoria da raça, tema no qual a professora Gibson é especialista.

Dirijo-me à mesa da comida com uma toalha branca, que está repleta de queijo, bolachas e fruta. Duas das minhas amigas mais próximas — a Hope Matthews e a Carin Thompson — já estão junto à mesa. São os dois anjos

mais bonitos e inteligentes do mundo.

Apresso-me a ir ter com elas e quase caio nos seus braços.

— Então? Como é que correu? — pergunta a Hope, de maneira impaciente.

— Bem, acho eu. Ela disse que seria uma honra para Harvard ter-me como aluna e que a primeira vaga de cartas de admissão sairá em breve.

Pego num prato e começo a enchê-lo de comida. Gostava que os pedaços de queijo fossem maiores. Tenho tanta fome que podia comer um queijo inteiro. Passei o dia todo a aguardar ansiosamente este encontro e, agora que acabou, apetece-me cair de cabeça em cima da mesa da comida.

— É como se já lá estivesses — declara a Carin.

Somos as três orientandas da professora Gibson, que é uma grande defensora do apoio às jovens mulheres. Há outras organizações de apoio no *campus*, mas a influência dela é orientada especificamente para o empoderamento das mulheres, e eu não podia estar mais grata.

A festa de hoje foi organizada para que os alunos possam conhecer os professores dos programas mais competitivos do país. A Hope quer entrar em Medicina em Harvard e a Carin quer entrar no MIT.

Sim, é um mar de estrogénio na casa da professora Gibson. Além do marido dela, só estão presentes alguns homens. Vou sentir falta desta faculdade quando acabar o curso. Tem sido a minha casa longe de casa.

— Estou a fazer figas — respondo à Carin. — Se não entrar em Harvard, as outras hipóteses são Boston College ou Suffolk. — Não haveria problema em entrar nessas faculdades, mas Harvard garante-me uma hipótese de conseguir o trabalho que almejo depois de concluir o curso. Uma vaga numa das principais empresas de advocacia do país, ou aquilo a que toda a gente chama BigLaw.

— Vais entrar — diz a Hope, confiante. — Espero que quando receberes a carta de admissão, pares de te massacrar, porque, caramba, B, pareces tensa.

Viro a cabeça de um lado para o outro sobre o pescoço rígido. Sim, estou tensa.

— Eu sei. Ultimamente a minha agenda está de loucos. Esta manhã fui para

a cama às duas, porque a rapariga que ficou de fazer o fecho do Boots & Chutes bazou e deixou-me a mim a fazer o fecho, e depois fui obrigada a acordar às quatro para ordenar correio. Cheguei a casa por volta do meio-dia, deitei-me e quase dormi demais.

— Continuas com dois empregos? — A Carin afasta o cabelo ruivo da cara. — Disseste que te ias despedir do emprego como empregada de mesa.

— Ainda não me posso despedir. A professora Gibson disse que eles não querem que trabalhemos no primeiro ano da Faculdade de Direito. A única forma de conseguir isso é tendo dinheiro suficiente de lado para comida e renda antes de setembro.

A Carin faz um som de compaixão.

— Eu percebo. Os meus pais vão pedir um empréstimo tão grande que sou capaz de sustentar um país pequeno com ele.

— Gostava que viesses viver connosco — diz a Hope, queixosa.

— A sério? Não fazia ideia — gracejo. — Só disseste isso duas vezes por dia desde que o semestre começou.

Ela franze o nariz bonito na minha direção.

— Ias *adorar* a casa que o meu pai arrendou para nós. Tem janelas grandes e fica mesmo ao lado da linha de metro. Transportes públicos. — Ela agita as sobrancelhas de modo aliciante.

— É muito caro, H.

— Sabes que eu cobria a diferença… ou os meus pais — corrige-se ela. A família desta rapariga tem mais dinheiro do que um magnata do petróleo, mas ela nunca transparece isso. A Hope é do mais simples que há.

— Eu sei — digo enquanto como pequenas salsichas. — Mas eu iria sentir-me culpada, depois a culpa iria transformar-se em ressentimento e deixaríamos de ser amigas, e isso seria uma porcaria.

Ela abana a cabeça na minha direção.

— Se, a qualquer momento, o teu orgulho teimoso te deixar pedir ajuda, podes contar comigo.

— Podes contar *connosco* — intervém a Carin.

— Estão a ver? — Agito o garfo entre as duas. — É por isso que não posso viver convosco. São demasiado importantes para mim. Além disso, as coisas estão a correr bem. Tenho quase dez meses para poupar antes do início das aulas no próximo outono. Eu cá me safo.

— Pelo menos, vem tomar um copo connosco quando acabar esta festa — implora a Carin.

— Tenho de ir para casa. — Faço um esgar. — Tenho de ordenar embalagens amanhã.

— Num domingo? — pergunta a Hope.

— Por umas horas. Não podia recusar. Na verdade, é melhor ir-me embora daqui a pouco. — Pouso o prato na mesa e tento perceber o que se está a passar do outro lado da janela ampla. Só vejo escuridão e gotas de chuva a cair no vidro. — Quanto mais cedo me for embora, melhor.

— Com este tempo, não vais a lado nenhum. — A professora Gibson surge junto ao meu cotovelo com um copo de vinho. — A meteorologia prevê neve forte, descida de temperatura e chuva com formação de gelo.

Basta olhar para o rosto da minha orientadora para perceber que vou ser obrigada a ceder. Por isso, cedo, mas com grande relutância.

— Está bem — digo —, mas vou ficar sob protesto. E tu. — Aponto com o garfo na direção da Carin. — É bom que tenhas gelado no congelador para o caso de eu ter de ficar em tua casa. Caso contrário, vou ficar furiosa.

Desatam-se as três a rir. A professora Gibson afasta-se, deixando-nos a conversar como só três alunas sabem fazer. Depois de uma hora de conversa, eu, a Hope e a Carin pegamos nos casacos.

— Aonde vamos? — pergunto-lhes.

— O D'Andre está no Malone's e eu disse que ia ter com ele lá — diz-me a Hope. — Fica a dois minutos de carro daqui, por isso é tranquilo.

— A sério? O Malone's? É um bar de hóquei — lamurio-me. — O que é que o D'Andre está lá a fazer?

— Está a beber e está à minha espera. Além disso, precisas de dar uma queca e os atletas são o teu tipo preferido.

A Carin solta uma gargalhada.

— O único tipo dela.

— Tenho um bom motivo para preferir atletas — contesto.

— Eu sei. Já ouvimos falar. — Ela revira os olhos. — Se queres a resposta a uma pergunta sobre estatísticas, escolhe um fã de matemática. Se precisas de satisfazer uma necessidade física, escolhe um atleta. Os corpos são as ferramentas de um atleta de elite. Eles tratam do corpo, sabem como superar os seus limites, blá-blá-blá. — A Carin faz um gesto com a mão esquerda a imitar uma boca tagarela.

Levanto o dedo do meio.

— Mas fazer sexo com uma pessoa de quem se gosta é muito melhor. — Quem o diz é a Hope, que está com o D'Andre, o namorado que joga futebol americano, desde o primeiro ano.

— Eu gosto deles… na cama — protesto.

Rimo-nos, e depois a Carin menciona um rapaz que revelou um desempenho abaixo da média.

— Lembram-se do Greg-Dez-Segundos?

Estremeço.

— Em primeiro lugar, obrigadinha por teres avivado essa memória tão má e, em segundo lugar, não estou a dizer que não há desilusões. Só que as hipóteses são melhores com um atleta.

— E os jogadores de hóquei são desilusões? — pergunta a Carin.

Encolho os ombros.

— Não sei. Não os risquei da minha lista de possibilidades por causa do seu desempenho na cama, mas sim por serem imbecis privilegiados que recebem favores especiais das professoras.

— Sabrina, amiga, tens de esquecer isso — pede a Hope.

— Não. Os jogadores de hóquei estão fora da minha lista.

— Vê só o que andas a perder. — A Carin lambe os lábios com lascívia exagerada. — Aquele rapaz da equipa que tem barba? Quero conhecer a sensação daquilo. As barbas estão na minha lista de desejos, sabes?

— Então vai em frente. Se eu não quero jogadores de hóquei, mais sobram para ti.

— Parece-me bem, mas… — Ela sorri. — É preciso lembrar-te de que te enrolaste com o mulherengo do Di Laurentis?

Que nojo. Nunca mais quero que me lembrem disso.

— Em primeiro lugar, eu estava podre de bêbeda — resmungo. — Em segundo lugar, isso aconteceu no segundo ano. E em terceiro lugar, foi por causa dele que eu risquei os jogadores de hóquei.

Apesar de a Universidade Briar ter uma equipa de futebol americano que já ganhou um campeonato, é conhecida como uma universidade do hóquei no gelo. Os rapazes que usam patins são tratados como deuses. E um deles é o Dean Heyward-Di Laurentis. Está na licenciatura de Ciências Políticas como eu, por isso tivemos várias cadeiras juntos, incluindo Estatística no segundo ano. Essa cadeira foi difícil para caraças. Toda a gente teve dificuldades.

Todos menos o Dean, que andava a comer a professora assistente.

E — para choque geral! — ela atribuiu-lhe um 18, que ele não merecia de todo. Tenho a certeza disso, porque nos juntaram no trabalho final e eu vi a porcaria que ele entregou.

Quando soube que ele tinha tido um 18, apeteceu-me cortar-lhe a pila. Foi tão injusto. Dei o litro nessa cadeira. Quero dizer, eu dou o litro em todas as cadeiras. Todas as minhas conquistas estão manchadas com o meu sangue, suor e lágrimas. E depois há idiotas que têm tudo de mão beijada? Nem. Pensar.

— Ela está a ficar chateada outra vez — sussurra a Hope para a Carin.

— Está a pensar que o Di Laurentis teve um 18 naquela cadeira — sussurra também a Carin. — Ela precisa mesmo de dar uma queca. A última foi há quanto tempo?

Começo a fazer-lhe um pirete quando me ocorre que não me lembro da última vez que me enrolei com alguém.

— Houve o Meyer? O rapaz do lacrosse. Isso foi em setembro. E depois disso houve o Beau… — Animo-me. — Estão a ver? Foi há pouco mais de

um mês. Não é propriamente uma emergência nacional.

— Miúda, alguém com a tua agenda não pode passar um *mês* sem sexo — contrapõe a Hope. — És uma bola de stress andante, o que significa que precisas de uma pila em condições pelo menos… todos os dias — determina ela.

— De vez em quando — argumenta a Carin. — Dá algum tempo ao seu jardim feminino para descansar.

A Hope acena com a cabeça.

— Está bem. Mas esta noite a vagina dela não vai ter descanso.

Solto um ronco trocista.

— Estás a ouvir, B? Já comeste, fizeste uma sesta de tarde e agora precisas de dar umas cambalhotas — declara a Carin.

— Mas o Malone's? — repito, cautelosa. — Acabámos de estabelecer que o bar está repleto de jogadores de hóquei.

— Não só. Aposto que o Beau está lá. Queres que pergunte ao D'Andre? — A Hope levanta o telemóvel, mas eu abano a cabeça.

— O Beau ocupa-me demasiado tempo. Ele gostava de falar durante o sexo. Já eu quero despachar a coisa e ir-me embora.

— Oh, falar! Assustador.

— Cala-te lá.

— Obriga-me. — A Hope agita a cabeça enquanto as suas madeixas compridas batem contra o meu casaco, e depois sai da casa da professora Gibson.

A Carin encolhe os ombros e segue-a e, depois de um segundo de hesitação, eu faço o mesmo. Os nossos casacos já estão encharcados quando chegamos ao carro da Hope, mas pusemos os capuzes, por isso o cabelo sobrevive à molha.

Não me apetece mesmo conversar com nenhum rapaz esta noite, mas não posso negar que as minhas amigas têm razão. Ando tensa há várias semanas, e nos últimos dias tenho sentido uma… comichão. O tipo de comichão que só um corpo duro e musculado e, de preferência, uma pila com tamanho acima

da média pode coçar.

Só que sou extremamente seletiva com os rapazes com quem me enrolo e, tal como temia, constato que o Malone’s está cheio de jogadores de hóquei quando eu e as meninas entramos no bar cinco minutos depois.

Mas se é com isto que tenho de lidar, não faz mal nenhum apalpar o terreno e ver o que acontece.

Ainda assim, continuo sem expectativas enquanto sigo as minhas amigas até ao balcão do bar.

2

Tucker

— Mantém-te longe daquela ali, puto. Ela é tóxica.

O Dean está a partilhar a sua sabedoria (normalmente mal orientada) com o nosso ala esquerdo, o Hunter Davenport, quando eu entro no Malone's depois de sair da chuva impiedosa.

As estradas estão péssimas e eu não quero estar aqui esta noite, mas o Dean insistiu que precisávamos de festejar. Passou o dia todo a andar de um lado para o outro em casa, mal-humorado e claramente chateado, mas quando lhe perguntei o que se passava, ele encolheu os ombros e disse que se sentia nervoso.

O que é mentira. Podem achar-me um tipo calado em comparação com os meus colegas de equipa que falam pelos cotovelos, mas não sou lento. E certamente não preciso de ser um detetive para juntar as pistas.

A Allie Hayes, a melhor amiga da namorada de outro dos nossos colegas de casa, dormiu lá ontem à noite.

O Dean é um mulherengo.

As miúdas adoram o Dean.

A Allie é uma miúda.

Logo, o Dean dormiu com a Allie.

Além disso, encontrei roupas espalhadas pela sala de estar, porque o Dean é fisicamente incapaz de fazer sexo no quarto.

Ele ainda não admitiu, mas sei que vai acabar por o fazer. Também sei que, o

que quer que tenha acontecido entre eles ontem à noite, a Allie não tenciona repetir. Só ainda não percebi porque é que isso incomoda o Dean, o rei das aventuras de uma noite.

— Ela não me parece tóxica — responde o Hunter, enquanto eu me abano para secar a água do cabelo.

— Ei, Fido — resmunga o Dean na minha direção. — Vai secar-te para outro lado.

Reviro os olhos e sigo o olhar do Hunter, que está colado a uma morena magra que está de costas para nós e virada para o balcão comprido. Vejo uma saia curta, pernas de arrasar e cabelo escuro e grosso a cair-lhe sobre as costas. Já para não falar do rabo mais redondo, sexy e espetacular que alguma vez tive o prazer de admirar.

— Boa — comento antes de lançar um sorriso ao Dean. — Deduzo que já te tenhas apressado a reclamá-la.

O rosto dele fica pálido de horror.

— Nem pensar. É a Sabrina, meu. Já tenho de levar com ela todos os dias nas aulas. Não preciso de levar com ela também fora da faculdade.

— Espera, aquela é a Sabrina? — pergunto lentamente. É esta a rapariga que o Dean jura que é a inimiga dele? — Já a vi no *campus*, mas não sabia que era dela que estavas sempre a reclamar.

— É ela — murmura ele.

— Que pena. É jeitosa. — Por acaso, é bem mais do que jeitosa. No dicionário, ao lado da palavra «jeitosa», aparece uma fotografia do rabo da Sabrina. Também poderia estar ao lado de expressões como «linda», «brasa» e «boa como o milho».

— O que se passa entre vocês? — intervém o Hunter. — É tua ex?

O Dean retrai-se.

— Credo, não.

O caloiro comprime os lábios.

— Então, não vou quebrar o código masculino se me atirar a ela?

— Queres atirar-te a ela? Força. Mas aviso-te já de que aquela cabra te vai

comer vivo.

Viro o rosto para esconder um sorriso. Parece que alguém deu uma nega ao Dean. Há uma história qualquer entre eles, mas, mesmo depois de eu e o Hunter insistirmos para que ele conte, o Dean fecha-se em copas. Na outra ponta do bar, a Sabrina vira-se. Provavelmente, sente os olhos de três rapazes a cravarem-se no seu rabo, e dois deles estão famintos.

O olhar dela incide no meu e ela não o desvia. Há um desafio nos seus olhos, e o jogador que existe dentro de mim mostra-se à altura.

És homem suficiente para mim? É o que parece que ela me está a perguntar.

Nem fazes ideia, querida.

Uma faísca de calor ilumina-lhe o olhar… pelo menos até ver o Dean. Sem demora, os seus lábios comprimem-se numa linha fina e ela levanta o dedo do meio na nossa direção.

O Hunter grunhe e sussurra qualquer coisa sobre o Dean ter estragado as hipóteses dele. Mas o Hunter é um menino, e aquela rapariga tem fogo suficiente dentro dela para atear fogo ao mundo. Não a vejo a querer levar um rapaz de 18 anos para a cama, sobretudo se ele se mostra derrotado ao primeiro obstáculo. O rapaz tem de enrijecer se quer jogar na liga dos crescidos.

Enfio a mão no bolso para procurar dinheiro.

— Vou buscar uma cerveja. Precisam de outra?

— Estou bem — diz o Hunter, e o Dean abana a cabeça.

Depois de cumprir a minha função de amigo, encaminho-me na direção do bar e da Sabrina, e chego na altura em que o barman lhe entrega a bebida. Pouso uma nota de vinte dólares.

— Eu pago essa bebida e quero uma *Miller*, quando tiveres tempo.

O barman pega na nota e dirige-se à caixa registadora antes de a Sabrina conseguir protestar. Ela lança-me um olhar contemplativo e depois leva a garrafa de cerveja aos lábios.

— Não vou dormir contigo porque me ofereceste uma bebida — diz ela por cima do rebordo da garrafa.

— Espero que não — respondo enquanto encolho os ombros. — Tenho padrões mais elevados do que isso.

Aceno educadamente com a cabeça e regresso à mesa onde alguns dos meus colegas de equipa estão reunidos. Atrás de mim, consigo sentir os olhos dela a cravarem-se nas minhas costas. Uma vez que ela não me consegue ver, permito que um sorriso de satisfação se espalhe pelo meu rosto. Esta é uma rapariga que está habituada a que tentem seduzi-la, o que significa que a minha conquista tem de surpreender um pouco.

Na mesa, o Hunter está a fazer olhinhos a outro grupo de raparigas, e o Dean está a olhar fixamente para o telemóvel, provavelmente a trocar mensagens com a Allie. Questiono-me se os outros rapazes saberão que eles se enrolaram. Provavelmente não. O Garrett e o Logan estão em Boston com as namoradas até amanhã, por isso o mais provável é estarem à nora. Mas o Garrett insistiu com o Dean para que ele se mantivesse afastado da Allie este fim de semana. Ele não queria que a sua vida perfeita com a Hannah, a melhor amiga da Allie, fosse prejudicada.

Uma vez que não tem havido discussões por telemóvel, aposto que o Dean e a Allie decidiram não contar a ninguém que se enrolaram ontem à noite.

Quando o Hunter abre a boca para lançar uma frase de engate foleira a uma das raparigas que se aproximaram da nossa mesa, as luzes tremeluzem de modo sinistro.

O Dean franze o sobrolho.

— Está o Apocalipse lá fora ou quê?

— A chuva não está para brincadeiras — digo-lhe.

Depois disso, o Dean decide ir-se embora. Eu fico no bar, apesar de nem me apetecer estar aqui esta noite. Não sei porquê, mas esta breve troca de olhares com a Sabrina deixou-me um pouco alterado.

Não tenho propriamente falta de raparigas na minha vida. Posso não me vangloriar das minhas conquistas como o Dean e o Logan ou os meus outros colegas de equipa, mas faço sexo com frequência. Até sou capaz de me envolver em casos de uma noite se estiver para aí virado.

E, neste momento, estou para aí virado.

Quero a Sabrina debaixo de mim. Em cima de mim. Onde quer que ela se queira meter, para mim serve. E quero tanto, que me vejo obrigado a passar a mão pela barba para não ceder à vontade de a baixar ainda mais e esfregá-la noutro sítio.

Continuo sem saber o que pensar da barba. Deixei-a crescer na altura do jogo do campeonato na primavera passada, mas acabou por se avolumar tanto que a cortei no verão. Depois voltou a crescer porque sou um preguiçoso de primeira, e aparar-lhe as pontas é mais fácil do que rapá-la toda.

— Senta-te, meu — encoraja-me o Hunter. Ele regista com os olhos que há três raparigas e dois rapazes, mas estas raparigas, por mais bonitas que sejam, não me interessam minimamente.

— São todas tuas, meu.

Bebo o resto da garrafa e regresso ao bar, onde a Sabrina continua de pé. Entretanto aproximaram-se mais dois predadores. Lanço-lhes um olhar fulminante e sento-me no banco vazio ao lado dela.

Encosto um cotovelo atrás de mim na direção do balcão, para lhe dar a ilusão de espaço. Ela faz-me lembrar um daqueles póneis indomáveis, com olhos grandes, pernas compridas e a promessa de que te darão a melhor corrida da tua vida. Mas basta tocar-lhe cedo demais, e ela desata a correr e nunca mais a apanhas.

— És amigo do Di Laurentis?

As palavras saem de modo descontraído, mas tendo em conta que ela e o Dean não simpatizam muito um com o outro, provavelmente só há uma forma certa de responder e é negando tudo.

Mas não vou fazer isso a um amigo, nem sequer para dar uma queca. E, seja qual for o desentendimento que a Sabrina tem com o Dean, não me influencia, tal como a opinião do Dean sobre a Sabrina não vai moldar aquilo que procuro nela. Além disso, acredito piamente na expressão que diz que as primeiras impressões são fundamentais.

— É meu colega de casa.

Ela não faz o mínimo esforço para esconder o desagrado e começa a descartar-me.

— Obrigada pela bebida, mas acho que estou a ver as minhas amigas a acenarem-me. — Ela acena a um grupo de raparigas.

Olho para o grupo e constato que nenhuma delas está a olhar na nossa direção, e depois viro-me para ela com um aceno triste de cabeça.

— Vais ter de fazer melhor do que isso. Se queres que me vá embora, manda-me embora. Pareces uma rapariga que sabe o que quer e não tem medo de o dizer.

— Foi isso que o Dean te disse? Aposto que me chamou cabra, não chamou?

Desta vez, opto por ficar de boca calada. Em vez disso, bebo um gole da bebida.

— Ele tem razão — prossegue ela. — Sou mesmo e não peço desculpa por isso.

O seu queixo estende-se para fora de modo adorável. Eu até o apertava, mas era capaz de perder uns dedos e preciso deles mais tarde. Tenciono percorrer todo o seu corpo.

Ela bebe outro gole da cerveja que eu lhe ofereci, e eu observo os músculos delicados da sua garganta a mexerem-se. Caramba, ela é linda. O Dean podia ter dito que ela suga vida a bebés e, mesmo assim, continuaria a atrair-me. Exerce esse tipo de atração.

E não sou só eu. Metade da população masculina do bar está a lançar olhares de inveja na minha direção. Desvio ligeiramente o corpo para a esconder.

— Está bem — digo, baixinho.

— Está bem? — Ela adota uma expressão confusa adorável.

— Sim. Isso devia afugentar-me?

Ela une as sobrancelhas perfeitas.

— Não sei o que mais ele disse, mas não sou fácil. Não me oponho a enrolar-me com alguém, mas sou exigente com quem levo para a minha cama.

— Ele não disse nada em relação a isso. Só disse que gostavas de o irritar. Mas ambos sabemos que o ego do Dean consegue aguentar um golpe de vez

em quando. A questão é se estás interessada nele. Parece-me que sim, porque só falas nele. — Encolho os ombros. — Se for esse o caso, eu bazo agora mesmo.

Embora o Dean tenha dito que não gostava da Sabrina, quero garantir que ela não sente nada por ele. O tom de voz dela quando falou sobre ele indicava raiva, não ressentimento, e eu interpreto isso como um bom sinal. A raiva pode ser motivada por várias coisas. O ressentimento, normalmente, está relacionado com mágoa.

Quando — e não se — formos para a cama, deverá ser porque ela quer estar comigo, e não para se vingar do Dean.

Ela olha por cima do meu ombro para o local onde o meu colega de equipa continua sentado e depois novamente para mim. Bebemos em silêncio durante uns minutos. Os seus olhos cor de chocolate são difíceis de ler, mas tenho a sensação de que ela está a estudar cuidadosamente as minhas palavras. Pode ser que esteja a contar que eu fale, que preencha o silêncio, mas eu também estou à espera de que ela fale. Além disso, dá-me tempo para a escrutinar. E, a esta distância, é ainda mais bonita do que eu achava.

Ela não tem só um rabo espetacular e pernas compridas. As suas mamas são do tipo que consegue transformar um homem em religioso. Do género: «Obrigada, Jesus, por criares esta criatura gloriosa» e «Por favor, Senhor, que ela não seja lésbica». Não olhar descaradamente para as protuberâncias sob a camisola dela é uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer.

Por fim, ela pousa a garrafa em cima do balcão.

— Só porque és bonito, não quer dizer que eu esteja interessada.

Sorrio.

— Um rapaz tem de começar por algum lado.

Um sorriso relutante forma-se nos cantos da sua boca. Ela limpa a mão à saia e estende-a.

— Sou a Sabrina James. Já ouvi todo o género de piadas sobre ser uma bruxa e não, não estou apaixonada pelo Dean Di Laurentis.

Dou-lhe um aperto de mão e uso o contacto para a puxar um pouco mais

para mim. Com esta rapariga tem de ser um passo de cada vez.

— John Tucker. Folgo em ouvi-lo, mas quero que saibas que o Dean é como um irmão para mim. Há quatro anos que jogamos juntos, vivemos juntos durante três anos, e tenciono estar presente no casamento dele e espero que ele esteja presente no meu. Dito isto, ele é meu amigo, não meu paizinho.

— Espera lá. Vais casar-te? — pergunta ela, baralhada.

É engraçado que, de entre todas as coisas que disse, foi isso que lhe ficou na cabeça. Passo a mão pelo exterior do seu braço e descrevo um círculo no pulso com os dedos.

— No futuro, querida. No futuro.

— Oh. — Ela pega na garrafa de cerveja, mas depois pousa-a quando se apercebe de que está vazia. — Espera. Tu queres casar-te?

— Um dia, sim. — Rio-me ao notar a perplexidade dela. — Hoje não, mas sim, um dia quero casar-me e ter um filho ou três. E tu?

O barman aproxima-se, e eu empurro outra nota de vinte dólares na sua direção.

Mas a Sabrina abana a cabeça.

— Vou conduzir. Uma cerveja chega-me.

Peço então duas águas, e ele regressa rapidamente com dois copos altos.

As luzes piscam novamente e sinto uma onda de urgência na barriga. Tenho de fechar este negócio rapidamente ou ainda o perco.

— Obrigada — diz ela enquanto bebe a água. — E não, não me imagino a ter filhos ou marido num futuro próximo. Além disso, achava que os jogadores de hóquei gostavam de curtir a vida.

— Mais tarde ou mais cedo, até os grandes jogadores se reformam. — Sorrio por cima do rebordo do copo.

Ela ri-se.

— Está certo. Talvez tenhas razão. Então qual é a tua licenciatura, John?

— Tucker. Toda a gente me trata por Tucker ou Tuck. E é Gestão.

— Então és capaz de gerir o dinheiro que ganhas no hóquei?

Ainda não lhe larguei o pulso e, a cada olhar que trocamos, estou a encurtar

a distância entre nós.

— Não. — Aponto com a cabeça para o joelho. — Sou demasiado lento para os profissionais. Levei uma pancada no secundário. Consegui uma bolsa de estudo aqui na faculdade, mas conheço os meus limites.

— Oh, lamento. — Denoto um arrependimento na voz dela.

O Dean é um tonto. A rapariga é do mais doce que há. Mal posso esperar por lhe pôr a boca em cima.

E as mãos.

E os dentes.

E o meu pénis duro como aço.

— Não fiques com pena. Eu não fico.

Deslizo o braço por cima do balcão até a Sabrina estar essencialmente no círculo dos meus braços. Os pés dela estão no meio dos meus e, se chegar as ancas um pouco para a frente, consigo estabelecer o contacto pelo qual o meu corpo anseia. Mas se há coisa que aprendi durante todos estes anos a jogar hóquei, é que a paciência é recompensada. Não podemos dar uma tacada logo quando o *stick* recebe o disco. Temos de esperar pela oportunidade certa.

— Nunca quis isso — acrescento. — E acho que é uma daquelas coisas que temos mesmo de querer fazer.

E é aí que ela me dá a oportunidade certa.

— Então o que é que queres?

— Quero-te a ti — respondo com ousadia.

Acontecem duas coisas. As luzes apagam-se completamente e ela quase deixa cair o copo. A *jukebox* desliga-se e, de repente, o bar fica demasiado silencioso. À nossa volta, ouvem-se algumas risadas e alguns gritos de deceção.

— Tenham calma, meninos — grita um dos empregados. — Vamos ver o que se está a passar. O gerador deve iniciar a qualquer momento.

Como se adivinhasse, um zumbido enche o ar e depois uma luz ténue ilumina a sala à pinha.

— Continuas com sede? — pergunto, enquanto afago o interior do seu pulso

com movimentos demorados e delicados, na direção da parte interior do cotovelo e descendo depois de volta para o pulso. E repito. Várias vezes.

Ela baixa o olhar para as nossas mãos unidas e arregala os olhos, como se só agora se apercebesse de que estamos a tocar um no outro há dez minutos. Eu inclino-me para ela e roço o nariz na parte exterior do lóbulo da orelha, enchendo os pulmões com o seu perfume com notas de especiarias.

Podia ficar aqui o dia inteiro. A expectativa tem qualquer coisa de incrível que até se torna quase dolorosa. Torna a libertação mais explosiva. Tenho a sensação de que fazer sexo com a Sabrina James vai ser inacreditável.

Porra, mal posso esperar.

Depois de respirar fundo, de tal modo que as suas mamas perfeitas se inclinam na direção do meu peito, ela afasta-se — apenas um pouco, mas o suficiente para criar alguma distância.

— Não estou interessada em relações — diz ela de modo direto. — Se fizermos isto…

— Fizermos o quê? — Não consigo deixar de a picar.

— *Isto*. Não te faças de desentendido, Tucker. És melhor do que isso.

Solto uma gargalhada.

— É justo. Tudo bem… — Aceno com uma mão. — Continua…

— Se fizermos isto — repete ela —, não vai passar de sexo. Não quero conversas constrangedoras na manhã seguinte. Não quero chamadas telefónicas.

Afago-lhe a pele uma última vez, e depois solto a mão e deixo que ela fique a interpretar o meu silêncio da forma que quiser. Duvido que uma vez vá ser suficiente para algum de nós, mas se é nisso que ela precisa de acreditar esta noite, eu não me importo.

— Vamos a isso.

Os lábios dela curvam-se.

— Agora?

— Agora. — Humedeço o lábio inferior com a língua. — A não ser que queiras ficar aqui sentada a continuar com rodeios sobre o facto de querermos

despir as roupas um ao outro.

Ela solta uma gargalhada vinda da garganta que me desce diretamente aos testículos.

— Muito bem visto, Tucker.

Meu Deus. Adoro a forma como o meu nome soa naqueles lábios carnudos em forma de beicinho. Talvez lhe peça que diga o meu nome quando a fizer vir-se.

O desejo que sinto dentro de mim é tão forte que sou obrigado a apertar as nádegas e a respirar pelo nariz para tentar diminuí-lo. Agarro o cotovelo da Sabrina e encaminho-me para a porta. Algumas pessoas chamam o meu nome ou dão-me uma palmadinha nas costas para me dar os parabéns pelo bom jogo. Eu ignoro-os a todos.

Cá fora continua a chover. Puxo a Sabrina para mais perto de mim e coloco o casaco de hóquei preto e prateado sobre a cabeça dela. Felizmente, a minha carrinha está ali perto.

— Por aqui.

— Belo lugar de estacionamento — observa ela.

— Não me posso queixar. — É uma das vantagens de ser titular numa equipa de hóquei universitária vencedora de um campeonato.

Ajudo-a a entrar na carrinha, e depois sento-me no lugar do condutor e ligo o carro.

— Para onde?

Ela estremece um pouco, se bem que não sei se é do frio ou por outro motivo.

— Eu vivo em Boston.

— Em minha casa então. — Porque nem por sombras consigo esperar uma hora para chegar à cidade. O meu pénis vai explodir.

Ela pousa a mão no meu pulso antes que eu consiga engatar a marcha-atrás.

— Vives com o Dean. Não vai ser desconfortável para ti?

— Não. Porque haveria de ser?

— Não sei. — Ela esfrega os nós dos meus dedos com o dedo indicador.

Cerro os dentes e sinto a ereção quase a irromper pelo fecho-éclair. A única razão por que não a beijei assim que saímos do bar foi porque, se tivesse começado, provavelmente seria obrigado a comê-la na zona lateral do edifício. Mas agora ela está a tocar-me, e o meu autodomínio é mais efémero do que uma nuvem de vapor.

— Vamos fazê-lo aqui — diz ela, determinada.

Franzo o sobrolho.

— Na carrinha?

— Porque não? Precisas de velas e pétalas de rosa? É só sexo — insiste ela.

— Querida, se continuares a dizer isso, vou começar a questionar-me se é mesmo a mim que queres convencer. — Fico ofegante quando o seu polegar descreve um círculo pequeno no centro da palma da minha mão. Que se lixe. Preciso demasiado dela. — Mas está bem. Queres comer-me nesta carrinha, por isso é nesta carrinha que vai ser.

Sem dizer mais uma palavra, puxo o assento o mais para trás que consigo. Depois dispo o casaco e atiro-o para o assento de trás.

— Tens regras para o sexo casual? — indago. — Por exemplo, não dar beijos na boca?

— Claro que não. Pareço-te a Julia Roberts? — Arqueio as sobrancelhas. — *Pretty Woman*? — inquire ela. — A prostituta com coração de ouro? Que não dá beijos na boca?

Sorrio.

— Então com isso queres dizer que dás beijos na boca? — Dou uma palmada no peito para que ela saiba que me estou a referir a mim, e não a dar a entender que ela é uma prostituta.

Ela sorri.

— Se não me beijares, vou ficar furiosa. Eu preciso de beijos. Caso contrário, fico em casa com o meu vibrador.

Um sorriso assoma-me ao rosto. Com as costas viradas para o vidro e os pés pousados na consola, crio uma cama para ela deitar o corpo jeitoso e se encostar a mim.

— Então vem buscar aquilo de que precisas.

3

Sabrina

O Tucker fica ali sentado com um sorriso contido no rosto e uma ereção enorme nas calças. Deixo sair a língua para humedecer os lábios, ao mesmo tempo que sinto a excitação a percorrer-me as veias. Meu Deus, a sensação de ter aquele monstro dentro de mim vai ser maravilhosa.

Incido o olhar na sua barba bem aparada e questiono-me, por breves instantes, se devia tê-lo deixado para a Carin. Afinal de contas, as barbas estão na sua lista de desejos. Mas, neste preciso momento, estou a questionar-me como seria a sensação de ter a barba dele no meio das minhas pernas. Será que é suave? Será que arranha? Aperto as coxas uma contra a outra por causa da expectativa.

A Hope e a Carin tinham toda a razão. Preciso mesmo de ir para a cama com alguém e, sendo ou não jogador de hóquei, acredito que o Tucker é o rapaz certo para isso. Tem confiança sem ter ego, o que me deixa imensamente excitada. Quando ele respondeu que era a mim que queria, quase me vim nas cuecas.

E parece um rapaz firme, como se um terramoto não fosse capaz de o derrubar. Até admirei a forma como defendeu o Dean, apesar de eu saber que ele não merece essa lealdade. O Tucker sabia que, se tivesse mentido em relação à sua amizade com o Dean, teria mais hipóteses comigo, mas optou pela sinceridade, que é aquilo que eu mais valorizo.

— Precisas de indicações? — A sua voz é baixa e grave, e ele articula bem

as sílabas.

Meu Deus, aquele sotaque.

— Estou só a avaliar as minhas opções. — Adoro que ele esteja ali especado a ordenar-me que vá buscar aquilo de que preciso. Como se o seu pénis grande só existisse para mim.

Mal posso esperar, mas não consigo decidir o que quero fazer primeiro. Sinto água na boca ao pensar no seu pénis a arrastar-se pela minha língua, mas a expectativa de o sentir a preencher-me faz a minha vagina arder.

— Porque não começamos pelo beijo de que gostas tanto? — sugere ele.

Olho-o nos olhos, que transmitem calor.

— Onde? — pergunto timidamente, o que é estranho, porque nunca sou tímida. Mas há qualquer coisa na segurança dele que desperta a mulher que tenho dentro de mim, e apercebo-me de que não me importo minimamente.

Ele bate com um dedo grande contra o lábio inferior.

— Aqui mesmo.

De forma o mais sedutora possível, rastejo por cima da consola para o colo dele, deixando que os meus saltos caiam no chão da carrinha. A sua boca entreabre-se em sinal de convite, mas não colo imediatamente os lábios aos dele.

Em vez disso, passo as pontas dos dedos sobre a sua barba, de um lado do maxilar para o outro.

— Suave — murmuro.

Os olhos dele obscurecem-se e denotam tanto desejo que se torna difícil respirar. E depois ele agarra-me, farto de esperar e cansado de tanta conversa.

As nossas bocas embatem uma contra a outra. Ele passa uma mão pelo meu cabelo, e eu não sei se é para conseguir um ângulo melhor ou se é para facilitar a força da sua invasão. De qualquer forma, a língua dele está a fazer-me sentir coisas mágicas no meio das pernas. Esqueci-me do motivo pelo qual quase o rejeitei.

Ele é alto, jeitoso, tem cabelo castanho-arruivado e barba por fazer. Porque é que hesitei sequer? Ah, pois foi. Porque é jogador de hóquei.

Afasto a boca e digo, ofegante:

— Só para que conste, odeio jogadores de hóquei. Esta é uma vez sem exemplo.

Ele puxa-me o cabelo para o lado e expõe a minha garganta.

— Fica registado. Nem te vou relembrar disso quando estiveres a implorar-me por uma segunda ronda.

Rio-me e agarro a sua cabeça, prendendo-a contra o meu corpo, enquanto ele desliza a língua pela minha garganta até à parte superior dos meus seios.

— Nunca vai acontecer.

— Não tenhas tantas certezas. Depois é mais fácil voltares atrás. Mais gracioso.

As palavras dele são abafadas quando enfia o rosto no meu decote. Uma mão calejada puxa-me a camisola, e depois ouço um suspiro de frustração quando o decote não baixa mais para lhe dar acesso àquilo que ele quer.

Ainda bem que os nossos desejos estão alinhados. Dispo a camisola, e a boca dele prende-se ao meu mamilo antes que eu consiga despir o soutien. Quando começo a desapertá-lo, ele bate com as mãos nas minhas para me impedir.

A gargalhada que a sofreguidão dele me provoca morre-me na garganta quando a sua palma da mão se fecha em redor de um seio. Arqueio as costas quando sinto o toque brusco. Valha-me Deus, já passou demasiado tempo. Enquanto o Tucker ocupa a boca a chupar-me um mamilo arrebitado, os seus dedos beliscam o outro e provocam-me.

Ele tem jeito para isto. Conhece a intensidade certa da chupadela, da mordidela, do beijo e, apesar da ereção nas suas calças, age como se fosse capaz de passar a noite toda a chupar-me o mamilo.

Roço a parte de baixo do corpo na ereção dele e remexo-me para despir a saia, de modo a conseguir senti-lo na totalidade. Caramba, quero tirá-la. Quero sentir o seu corpo nu a roçar-se no meu. Quero-o dentro de mim.

Quero sentir tudo.

Procuro a bainha da sua t-shirt. Ele não me oferece ajuda, porque, neste

momento, está demasiado concentrado nos meus seios. Encontro a bainha e puxo-a com força. Só depois é que ele se afasta de mim, e o ar frio da carrinha faz com que os meus mamilos endureçam ainda mais.

— Não preciso de mais preliminares — digo, enquanto lhe puxo a t-shirt pela cabeça.

Que músculos! Um sem-fim de músculos tonificados, rígidos e suaves brilha debaixo das palmas das minhas mãos. Adoro atletas.

Ele afunila as mãos debaixo da minha saia.

— Ah, sim?

Não há nada de gracioso na forma como ele enfia os dedos por dentro do meu fio dental, e não me dá nenhum aviso quando mergulha dois deles dentro de mim. É um gesto ousado e muito sensual. O ar passa-me por entre os dentes quando respiro fundo.

— E assim? Gostas? — murmura ele.

— Mais ou menos — minto, e sou imediatamente castigada quando ele afasta a mão. — Pronto. É bom.

Ele volta a afastar a mão e usa os dedos, que agora estão molhados, para descrever um círculo suave pelo meu clítoris. Todo o meu corpo fica tenso e se contrai, gritando por mais.

— É só bom? — provoca-me.

Eu admito.

— É ótimo. Ótimo.

— Eu sei. — Ele parece presunçoso. — Odeio dizer-te isto, Sabrina. Mas cometeste um grande erro.

— O quê? Porquê?

Os seus dedos tornam a tanga apertada, e eu sinto o tecido a cortar os meus lábios inchados.

— Porque vou arruinar qualquer hipótese que tenhas com outros rapazes no futuro. Peço desde já desculpa.

Depois ele puxa o tecido para o lado e enfia três dedos. A crueza gráfica deste gesto provoca um choque enorme. Consigo senti-lo em todo o lado. Até

nos dedos dos pés. Sou assolada por uma onda de excitação. Cum caraças. Ele está a fazer-me vir. Isso é sequer possível?

Fito-o de boca aberta, e ele lança-me um sorriso, dentes brancos contra a pele bronzeada e a barba, totalmente consciente de que está a dar cabo de mim. Volta a mexer os dedos e, com dois deles, esfrega aquele ponto que quase ninguém encontra a não ser eu.

E continua a esfregar-me com os dedos dentro de mim. E eu continuo a vir-me. Deixo cair a cabeça para trás e fecho as pálpebras, deixando-me levar pelo prazer que me percorre em espirais, até o meu corpo não conseguir parar de estremecer.

Quando volto à Terra, dou comigo deitada contra o peito dele, ofegante. Nunca tive um orgasmo tão intenso na minha vida, e o rapaz ainda nem entrou dentro de mim. O meu coração está a bater loucamente e a minha mente entorpecida está a ter dificuldade em acompanhar.

Ele é só um rapaz. Um rapaz como os outros, lembro-me a mim mesma. Um pénis e dois testículos. Não é nada de especial.

— Há algum tempo que não faço sexo — murmuro quando a minha respiração começa a normalizar. — Tenho andado muito tensa. O meu corpo precisava de uma libertação.

Ele flete três dedos compridos dentro de mim.

— Seja o que for que precises de dizer a ti própria, querida.

Há um divertimento empertigado na sua voz, mas o rapaz acabou de me provocar um orgasmo com os dedos (o que *nunca* me acontece), por isso não posso culpá-lo. Arrasta os dedos pelas minhas terminações nervosas enquanto os retira, provocando-me outro gemido involuntário.

Levanta a mão, e eu vejo os dedos a brilharem da humidade mesmo com a escuridão da carrinha. Não estou preparada para a onda de excitação que me percorre quando ele os chupa.

Arquejo.

Um movimento rápido da alavanca e o assento dele fica completamente deitado. O Tucker deita-se e chama-me novamente.

— Anda cá foder-me a cara. Preciso de mais disso.

Oh. Meu. Deus. Quem *é* este tipo?

Talvez não devesse subir a saia até às ancas e rastejar para a frente, mas faço-o. É como se ele me tivesse lançado um feitiço e eu não lhe conseguisse desobedecer.

— É melhor preparares-te — diz ele —, porque vou fazer-te vir outra vez.

— És um convencido de primeira.

— Não. Tenho confiança em mim. E tu também. Agora dá cá essa vagina apetitosa e vem montar a minha língua.

Valha-me Deus. O sexo com o Tucker é mais obsceno e sensual do que alguma vez imaginei. Nunca pensei que ele fosse assim, mas não é sempre assim com os calados?

Gosto, até demais.

O seu hálito quente aquece-me a pele quando baixo o corpo até ao rosto dele.

— Isso mesmo. — É a última coisa que ele diz antes de colar a boca à minha vagina.

Ele não se limita a usar a língua. Usa os lábios e os dentes para arranhar o meu clítoris hipersensível. Encosta uma mão à minha anca e usa a outra para mergulhar os dedos dentro de mim. E a língua? Mexe-a em movimentos demorados até eu estar a abafar os gemidos com o pulso. E depois afasta-me com dois dedos e mantém-me aberta, enquanto a língua me penetra com força.

Ele tem razão, preciso de me preparar. Agarro as partes laterais do assento e depois fico perdida. Ele leva-me até à beira do penhasco e empurra-me.

Enquanto ainda continuo a estremecer por causa do segundo orgasmo da noite, o Tucker levanta-me do rosto dele e senta-me no colo, onde o seu pénis já se encontra liberto das calças de ganga. Eu agarro-lho.

— Espera — ordena ele, mas é tarde demais.

Mordo o lábio inferior quando a sua cabeça larga me penetra lentamente. De modo ávido, empurro o corpo para baixo para me encher por completo. As mãos dele encontram as minhas ancas, e eu deixo escapar um suspiro de

satisfação antecipatória, e depois gemo de tristeza quando ele se afasta.

— Preservativo — diz ele, tristemente.

Olho para os nossos corpos, surpreendida. Nunca cometo esse erro. Nunca. Levo as mãos à boca.

— Desculpa, não estava a pensar…

Ele remexe nas calças de ganga, encontra a carteira e atira-me o preservativo.

— Não há problema. Foi só a ponta.

Pisca-me o olho e eu desato a rir. Abro o invólucro com os dentes e depois coloco-lhe o preservativo no pénis.

— Não tenho doenças — sinto-me obrigada a dizer. — Fiz exames depois de… — Calo-me, pois sinto que falar sobre engates do passado é uma péssima ideia quando estou nua e prestes a inserir dentro de mim o pénis de outro rapaz. — Bem, depois. E tomo a pílula.

— Da minha parte também não há problemas — diz ele. Fecha as pálpebras enquanto eu rolo o preservativo pelo seu pénis grosso e quente. Um gemido baixo escapa-lhe da boca, e depois ele afasta-me a mão para se encarregar do assunto.

— Estás pronta? — pergunta-me, posicionando a cabeça junto à minha entrada.

Não sei se assinto, suspiro ou imploro, mas seja qual for o som que sai da minha boca deve soar a assentimento, porque ele realiza um movimento rápido para empurrar o pénis para cima até se posicionar mesmo junto à entrada.

— Porra, és mesmo apertada — sussurra ele entre dentes cerrados.

— E tu és mesmo grande — respondo, remexendo-me em cima dele.

Ele agarra-me as ancas para me manter quieta e penetra-me.

— Não te mexas.

— Não consigo parar. — A sensação da fricção é incrível. Se eu achava que os dedos dele e a língua eram mágicos, o pénis é sobrenatural. Consigo senti-lo *em todo o lado*.

Enterro os joelhos no assento de pele e pouso as mãos no peito dele. Os seus músculos fletem debaixo das palmas das minhas mãos, e eu olho para o abdómen rígido, para os pelos suaves do peito e para a linha fina que conduz diretamente ao paraíso.

Olhar para ele é tão delicioso quanto senti-lo. Questiono-me qual será o seu sabor, mas terei de esperar para descobrir. Neste preciso momento, preciso que ele me foda até eu esquecer completamente a ansiedade que sinto por causa de Harvard, do dinheiro e da minha vida familiar. Quero uma boa queca, e ele é o rapaz certo para isso.

Deito-me por cima dele. Uma expressão feroz percorre-lhe o rosto e depois ele pousa uma mão grande no meu rabo. Puxa-me para cima, encontrando a posição certa, e, apesar de eu estar por cima, ele está claramente a controlar tudo, e é mesmo isso que eu quero.

Ele tem os dentes cerrados, e sinto os seus dedos a cravarem-se no meu rabo, puxando-me para baixo a cada investida. Aperto mais as ancas em redor dele e deixo-me guiar até à perdição.

— Vem-te para mim — segreda-me ele. — Leva aquilo de que precisas.

Dentro de mim, o pénis dele palpita e depois os seus dedos encontram o meu clítoris, afagando-o e provocando-o até eu explodir como um foguete e estar a tremer tanto que mal consigo manter-me em cima dele.

O Tucker encosta-me ao seu peito e penetra-me com tanta força que tenho de levantar as mãos trementes para o tejadilho da carrinha, para impedir que a minha cabeça bata contra ele.

Ele penetra-me repetidas vezes até, de repente, começar a tremer, absorto e com dificuldade em manter o controlo. Deixa-se cair sobre o assento, levando-me com ele.

Permito-me ter uns momentos egoístas para recuperar o fôlego, encostada ao peito grande que está debaixo de mim. Os tremores dão lugar à satisfação. Parte de mim quer prolongar este momento para todo o sempre e manter-se aninhada no colo deste rapaz, com a mão dele a percorrer-me a coluna para cima e para baixo.

— De certeza que não queres dormir em minha casa? — pergunta ele.

Por instantes, quase digo que sim. Sim a ir para casa dele. Sim a repetir outra ronda de sexo. Sim a tomar o pequeno-almoço de manhã, a faltar ao trabalho e a passar o dia inteiro na cama com ele. Esta necessidade surpreende-me e assusta-me.

Respiro fundo e recomponho a compostura que ele arruinou.

— Não. Tenho de ir para casa.

Só sexo.

Certo. É só sexo. O John Tucker é bom na cama. Tão bom que devia receber um troféu. Mas não é melhor do que já tive antes. Só tenho a sensação de que é porque ando muito tensa. Ou mesmo que fosse o melhor que já tive, isso não quer dizer nada. Só vem comprovar a minha teoria de que os *atletas são bons amantes*. Genica. Dedos e línguas maravilhosos. Uma pila que podia servir de modelo para as versões grandes de uma *sex shop*.

Procuro a minha camisola e o casaco. Visto-os, sem sequer me preocupar por, provavelmente, estarem do avesso. Preciso de sair desta carrinha e entrar no meu carro.

— Estou pronta — anuncio. — O meu carro está a uns metros daqui.

As suas belas feições tornam-se suaves.

— Pareces um pouco abalada.

Remexo-me de forma agitada, mas a expressão dele revela apenas preocupação.

— Estou bem — asseguro-lhe.

O Tucker endireita as costas e tira o preservativo, dando-lhe depois um nó e deitando-o sobre uma pilha de guardanapos. Roda as chaves e liga a carrinha.

— Para onde?

Deixo escapar um suspiro de alívio.

— Para Forest. Big Victorian.

— Está certo.

Percorremos a curta distância em silêncio. Quando vejo o meu carro, é difícil resistir à vontade de fugir. Abro a porta antes que ele pare

completamente.

— Vemo-nos por aí — digo, com descontração.

— Eu acompanho-te ao carro.

Ele levanta as ancas para puxar as calças para cima, o que me alerta para o facto de ele continuar seminu. Tento não olhar quando ele enfia o pénis semiduro dentro das calças. Conseguia seguir para mais uma ronda, na boa.

O meu corpo suplica por mais contacto, mas eu ignoro-o enquanto saio da carrinha. Quando o Tucker se junta a mim, traz novamente a t-shirt vestida e as calças de ganga pela zona das ancas, com o fecho-éclair aberto. Continua com as botas calçadas.

Um grito histérico percorre-me a garganta. Tivemos aquele tipo de sexo e ele nem sequer descalçou as botas?

— Eu sigo-te até casa — diz ele.

— Já te disse que vivo em Boston.

Ele encolhe os ombros.

— E daí? As estradas estão péssimas e eu quero garantir que chegas bem.

— Eu fico bem. Já fiz esta viagem dezenas de vezes.

— Então envia-me uma mensagem quando chegares a casa.

— Não vamos trocar números de telemóvel — relembro-lhe, sentindo-me estranhamente em pânico.

— Ou me envias uma mensagem ou eu sigo atrás de ti. — A voz dele denota determinação.

Quem diria que eu ia ter um caso de uma noite com o último cavalheiro que resta no planeta.

— Está bem. — Tiro o telemóvel do bolso do casaco. — Mas estás a dar cabo das boas impressões que tive.

Os seus olhos castanho-claros cintilam.

— Isso não importa, pois não, porque isto não se vai repetir?

Ele tem a porra de uma resposta para tudo.

— Devias estudar Direito — murmuro. — Dá-me o teu número.

Escrevo o número enquanto ele o diz, e depois abro o carro e praticamente

me atiro para o lugar do condutor. Felizmente, o motor do meu *Honda*, que nem sempre é de fiar, arranca logo.

Baixo o vidro e murmuro um apressado «Boa noite, Tucker». Ele responde com um aceno rápido de cabeça.

Fico a observá-lo pelo espelho retrovisor durante uns bons metros, uma figura solitária contra a lua em pano de fundo, antes de me obrigar a olhar para a frente. É para aí que tenho de olhar.

A viagem até casa decorre rapidamente, enquanto a minha cabeça revive a cena de sexo tórrido vezes sem conta. Mente estúpida.

Mas… o sexo foi tão bom. Seria assim tão errado estar com ele outra vez?

Estaciono no asfalto da garagem atrás de minha casa e fico sentada no carro durante uns minutos. Depois passo uma mão pelo cabelo despenteado pelo sexo e pego no telemóvel.

Eu: Cheguei.

A resposta é imediata.

Ele: Ainda bem. Fico contente. Podes usar este número outra vez.

Será que quero usá-lo — a ele — novamente? É tão tentador. O John Tucker é uma brasa, fodeu como um deus e foi tão descontraído que parecia que nada o incomodava. Não me fez perguntas difíceis, nem pareceu interessado em querer mais do que eu podia oferecer. Com que frequência nos deparamos com um tipo assim?

Eu: Vou ter isso em consideração.
Ele: Faz isso, querida.

Passo um polegar pelo lábio e relembro-me da sensação maravilhosa do beijo dele. Bolas. Talvez volte a usar este número.

Sinto-me exausta assim que saio do carro. Preciso de dormir qualquer coisa,

rapidamente. O dia de amanhã vai ser tão longo e cansativo quanto o de hoje, e não posso dizer que estou desejosa que chegue.

Quando entro pela porta aos tropeções, a minha avó está sentada no mesmo local onde eu a deixei. Suspeito que a única altura em que ela se mexeu, nas quatro horas em que estive fora, foi para esvaziar a bexiga da garrafa de dois litros de *Coca-Cola* que está em cima da mesa da cozinha. A garrafa estava cheia antes de me ter ido embora. No entanto, ela está a ler outra revista. Acho que é a *Enquirer*.

Ela repara no meu ar desgrenhado.

— Pensava que tinhas ido a uma festa. — Forma-se um sorriso. — Mas parece que eras um dos aperitivos.

Sinto o calor a inundar-me a face. Sim. Não há nada como uma palavra da minha avó para o mundo entrar novamente nos eixos.

Ignoro a boca e encaminho-me para a porta.

— Boa noite — murmuro.

— Boa noite — responde ela, e as suas gargalhadas seguem-me até ao quarto.

Depois de fechar e trancar a porta, pego no telemóvel para abrir o número do Tucker. Fico a olhar para ele durante alguns minutos. Sinto-me tentada a enviar-lhe uma mensagem. Qualquer coisa.

Mas acabo por pressionar a opção «Bloquear».

Porque, por mais sexy que ele seja ou por mais orgasmos que me consiga provocar, não há lugar na minha vida para uma segunda ronda com ele.

4

Tucker

Sou despertado pelo som do motor de um carro. Ainda está escuro lá fora, mas consigo distinguir uma luz fina no horizonte, um tom acinzentado num fundo preto. Puxo a alavanca do assento e permito que o mecanismo me puxe para cima, mesmo a tempo de ver um pequeno *Honda Civic* a sair da entrada da Sabrina James.

Verifico as horas no relógio do carro. São quatro da manhã. Quando o carro dela passa pelo meu, vislumbro o seu cabelo escuro e, antes mesmo de me aperceber, sigo atrás dela.

Segui-a para Boston ontem à noite, porque as estradas continuavam com gelo e eu estava preocupado. E não fiquei convencido de que ela me enviaria uma mensagem. Depois de atingir o orgasmo pela última vez, ela fechou-se completamente. Foi óbvio que não se sentia confortável com a intimidade. Fiquei com a sensação de que se lhe fizesse uma piada ordinária ela não se importaria, mas se lhe dissesse uma palavra carinhosa e atenciosa ela fugiria a sete pés.

Quero dizer, ela quase saltou para fora da minha carrinha, tal era a pressa para fugir. Mas eu não levei a peito.

Estico as costas o mais que posso. Não durmo na carrinha há muito tempo, e o meu corpo está a lembrar-me da razão. Mas ou dormia um pouco, ou corria o risco de conduzir com as estradas escorregadias. Optei por dormir na carrinha.

O carro da Sabrina passa um semáforo amarelo e depois vira para a esquerda. Quando a alcanço, constato que está a estacionar no parque de estacionamento para funcionários de um posto dos correios de Boston. Segundos depois, ela sai do lugar do condutor com uma farda de trabalho vestida e com o cabelo comprido preso num rabo de cavalo.

Um sorriso espalha-se pelo meu rosto. Uma autêntica brasa, inteligentíssima e trabalhadora esforçada? Caramba. A minha mãe adoraria esta rapariga.

Regresso a Hastings com um sorriso tonto no rosto e deito-me na cama para dormir umas meras três horas. Mais tarde, dirijo-me à carrinha para ir ao *campus* reunir-me com o meu grupo de estudo, porque temos um teste de Marketing importante amanhã. Se bem que não sei se esta sessão às nove horas vai ser grande ajuda para mim, uma vez que continuo ensonado. Consigo acordar ligeiramente com dois copos de café, e sinto-me muito mais desperto quando a sessão termina por volta das onze.

Em vez de seguir direto para casa, vou buscar um terceiro café e pego no telemóvel. Está na hora de cuscar um pouco, e prefiro fazê-lo no café e não em casa, onde os metediços dos meus colegas podem fazer perguntas.

Sei que a Sabrina tem aulas com o Dean, mas não posso propriamente confiar nele no que toca a esta miúda, por isso envio uma mensagem ao único outro aluno de Ciências Políticas que conheço: a Sheena Drake. É uma ex-namorada, mas acabámos por ficar bons amigos. Aliás, não me lembro de nenhuma ex de quem não tenha ficado amigo.

Eu: O que sabes sobre a Sabrina James?

A Sheena responde de imediato, o que me indica que não exagerou na farra ontem à noite, ou exagerou tanto que nem chegou a ir para a cama.

Ela: Argh. Detesto-a.

Olho para o ecrã de sobrolho franzido.

Eu: Porquê?
Ela: Porque é mais sexy do que eu. Cabra.

A minha gargalhada sonora chama a atenção do trio de alunos que está na mesa ao lado. Recebo mais uma mensagem da Sheena.

Ela: Mas ela é mais sexy do que QUALQUER PESSOA. Por isso, acho que não posso ficar chateada. Porque é que estás a perguntar sobre ela?
Eu: Cruzei-me com ela ontem à noite. Parecia porreira.
Ela: Não sei. Tenho duas aulas com ela, mas ela não é muito conversadora. Mas é um verdadeiro crânio. Dizem que só se enrola com desportistas.

Dou um gole no café enquanto fico a matutar na resposta dela. Acho que faz sentido, tendo em conta que se enrolou comigo ontem à noite. O meu telemóvel apita com outra mensagem da Sheena.

Ela: Tens um fraquinho por ela?

Tendo em conta que tive a língua, a boca, os dedos e a pila enfiados no corpo dela ontem à noite, diria que já passei essa fase. Mas limito-me a escrever: «Talvez.»

Ela: Tens mesmo!!! Conta-me tudo!!!
Eu: Não há nada para contar. Vemo-nos em Economia amanhã?
Ela: Sim.
Eu: OK. Obrigado, miúda.
Ela: <3

Percorro a minha lista de contactos à procura de outra pessoa que possa conhecer a Sabrina, mas só me lembro de um nome. Provavelmente, a pessoa com quem devia ter falado primeiro.

Bebo o resto do café e depois encaminho-me para a porta. Envio uma mensagem rápida, mas não recebo logo uma resposta, por isso, em vez de

ficar à espera, envio outra mensagem, desta vez para o Ollie Jankowitz, o colega de casa do rapaz que estou a tentar encontrar.

Eu: Estás com o Beau?
Ele: Não.
Eu: Sabes onde ele está?
Ele: No ginásio.

Pronto. Foi fácil.

Deixo a carrinha no estacionamento dos estudantes e decido fazer o caminho a pé, já que o estádio de futebol fica a poucos metros do café. O cartão de identificação da Briar não me dá acesso ao recinto dos treinos, mas, felizmente, chego junto à porta ao mesmo tempo que um jogador do segundo ano, que me deixa entrar.

Encontro o Beau Maxwell na sala dos pesos, a trabalhar o peito e os braços. O Beau é o adorado *quarterback* da Briar e, tanto quanto sei, o último rapaz pelo qual a Sabrina se interessou durante algum tempo.

É meu amigo, sendo mais próximo do Dean do que qualquer um de nós, e prefiro que ele saiba por mim que estou interessado na Sabrina do que pelos zunzuns. Os atletas passam bastante tempo a falar sobre engates, namoradas e futuras quecas.

— Maxwell — chamo enquanto atravesso a sala, que cheira a suor e a produtos de limpeza industriais. — Tens um minuto?

O Beau não desvia o olhar do espelho.

— Claro que sim. Vou fazer a prensa de banco. Podes ajudar-me com os pesos.

— Parece-me bem. — Sento-me no banco ao lado dele e conto mentalmente as repetições enquanto ele as faz. Quando chega aos dez, pousa a *kettle bell* de vinte e cinco quilos e vira-se para mim.

— Vou fazer pesos leves, com duas repetições — explica ele, sentindo a necessidade de justificar a barra de musculação com cento e treze quilos.

— Será boa ideia sequer estares a levantar pesos? — Não percebo muito

sobre a posição de *quarterback*, mas parece-me que qualquer músculo extra pode afetar o braço com que ele atira a bola.

— Só pesos leves — repete ele.

Quando se deita e estica os braços por cima do corpo, eu posiciono-me à cabeceira do banco. Com estes pesos, duvido que ele se possa ferir, por isso o meu trabalho é desnecessário. Mas dá-me qualquer coisa para fazer enquanto conversamos.

— Ouvi dizer que te enrolaste com a Sabrina James este outono — inicio a conversa, constrangido. — Ainda gostas dela?

O Beau inclina a cabeça para trás para olhar para mim. Tem olhos azul-claros que tenho a certeza de já terem derretido metade das raparigas da Briar. Ou nos quais sonharam deixar-se perder.

— Não. Não há cá sentimentos — responde ele, por fim. — Porquê? Estás interessado em comê-la?

Já a comi, meu. Mas repito o que disse à Sheena.

— Talvez.

— Já percebi. Bem, se andas à procura de mais do que uma curte, ela não é a rapariga certa para ti.

— Ah, sim?

— Sim. A sério, Tuck, ela está mais fechada do que uma amêijoa. Não tem tempo. — O Beau franze a testa. — Ela tem quatro ou cinco empregos e és obrigado a encaixar-te na agenda dela. Como um médico de plantão.

— É bom saber.

Ele acaba as repetições em silêncio. Quando termina, senta-se e eu atiro-lhe a garrafa de água que encontro junto ao banco.

— Precisas de mais ajuda? — pergunto.

— Não é preciso.

— Vemo-nos por aí. — Dou um passo e depois olho novamente para ele. — Podes manter esta conversa só entre nós, por favor?

Ele acena com a cabeça.

— Claro.

Já estou junto à porta de saída quando o Beau me chama.

— E se eu tivesse dito que continuava interessado?

Dou meia-volta para olhar para ele.

— Seria uma pena.

O Beau ri-se.

— Bem me pareceu. Vai em frente, meu, mas aviso-te já de que há mulheres mais fáceis do que a Sabrina.

— Porque haveria de querer alguém fácil? — Lanço-lhe um sorriso. — Isso não parece nem um pouco divertido.

5

Sabrina

Estou a ter um daqueles dias. O tipo de dia em que vivo numa banda desenhada e pareço o Bip Bip, a correr de um lado para o outro sem ter uma única oportunidade de me sentar e respirar.

Quero dizer, tecnicamente, passo muito tempo sentada nas aulas da manhã, mas não estou minimamente relaxada, porque andamos a preparar os trabalhos de Direito, que valem cem por cento da minha nota, e eu, feita estúpida, escolhi um dos temas mais difíceis: as diferentes normas jurídicas aplicadas à apreciação da constitucionalidade das leis.

O meu pequeno-almoço é composto por um croissant de queijo, que como enquanto me dirijo da cadeira de Teoria Política Avançada para a cadeira de Meios de Comunicação Social e Governo. E nem consigo acabar de o comer, porque, com a pressa com que estou, tropeço no caminho de pedra que atravessa o *campus* e acabo por deixar cair o croissant num monte de gelo enlameado.

O meu estômago ronca, irritado, durante a palestra da cadeira, e depois aumenta de volume e fica mais irritado quando me reúno com a minha orientadora para falar sobre finanças. Não encontrei nenhuma carta de admissão na caixa de correio esta manhã, mas tenho de acreditar que, pelo menos, entrei num dos programas aos quais me candidatei. E até mesmo as faculdades que constituem a minha segunda escolha vão custar uma fortuna, o que significa que preciso de uma bolsa. Se não entrar numa faculdade de

Direito consagrada, bem posso esquecer a oferta de trabalho na BigLaw, com o respetivo ordenado da BigLaw, e vou ver-me a braços com uma dívida interminável, devastadora e desmoralizante.

Depois da reunião, tenho um tutorial de uma hora para a cadeira de Teoria dos Jogos. É dado pelo professor assistente, um homem magro com cabelo à Albert Einstein e o hábito irritante e pretensioso de incluir PALAVRAS CARAS em todas as frases que profere.

Sou uma pessoa inteligente, mas sempre que estou ao pé deste homem, sou obrigada a procurar secretamente debaixo da mesa as palavras na aplicação do dicionário que tenho instalada no telemóvel. Não há motivo para uma pessoa usar a palavra «parcimonioso» quando pode simplesmente usar a palavra «frugal». A não ser que seja um idiota, claro está. Mas o Steve acha-se muito importante. Se bem que dizem que continua a ser professor assistente porque reprovou — duas vezes — na defesa da dissertação e não consegue ocupar o cargo de professor associado em faculdade nenhuma.

Quando a reunião acaba, enfio o computador portátil e o caderno na mochila e encaminho-me diretamente para a porta.

Tenho tanta fome que me sinto um pouco zonza. Por sorte, há uma loja de sanduíches no átrio do edifício. Saio disparada porta fora, mas detenho-me quando um rosto conhecido me cumprimenta.

O meu coração dá uma cambalhota tão forte que se torna embaraçoso. Passei o último dia e meio a obrigar-me a não pensar neste rapaz, e agora ele está aqui mesmo à minha frente.

Os meus olhos cobiçam-lhe o corpo todo. Ele está a usar novamente o casaco de hóquei. O cabelo castanho-arruivado está despenteado pelo vento e tem as bochechas rosadas como se tivesse acabado de vir do frio. Calças de ganga azuis desbotadas escondem-lhe as pernas impossivelmente compridas, e tem as mãos empoleiradas na parte de cima dos bolsos.

— Tucker — digo com um guincho.

Os seus lábios sobem.

— Sabrina.

— O que estás aqui a fazer? — Oh, meu Deus. Estou a gaguejar. O que se passa comigo?

Alguém me empurra por trás. Afasto-me rapidamente da porta para deixar sair os outros alunos. Não sei bem o que dizer, mas sei o que quero *fazer*. Quero atirar-me para cima deste rapaz, passar os braços à volta do pescoço dele, enrolar as pernas à volta da sua cintura e abocanhá-lo.

Mas não o faço.

— Andas a ignorar as minhas mensagens — afirma ele de modo sincero.

A culpa sobe-me à garganta. Não ando a ignorar as mensagens dele, só não as recebi. Porque bloqueei o número.

Mesmo assim, o meu coração dá outro salto quando me dou conta de que ele me tem enviado mensagens. De repente, gostava de saber o que me tem escrito, mas não tenciono perguntar-lhe. Isso é pedir sarilhos.

Por algum motivo parvo, dou comigo a confessar:

— Bloqueei-te.

Em vez de aparentar ficar ofendido, ele ri-se.

— Pois. Calculei que o fizesses. Foi por isso que vim à tua procura.

Semicerro os olhos.

— E como é que conseguiste isso? Como é que sabias que eu estaria aqui?

— Pedi o teu horário ao meu orientador.

Fico de boca aberta.

— E ele deu-to?

— Sim, deu-mo de bom grado.

A incredulidade e a indignação misturam-se no meu sangue. Mas que raio? A faculdade não pode dar os horários dos alunos a qualquer pessoa que os peça, pois não? É uma violação de privacidade. Cerro os dentes e decido que, assim que concluir o curso, a minha primeira ação judicial será processar esta faculdade parva.

— Será que também te deu o meu certificado de habilitações? — murmuro com sarcasmo.

— Não. E não te preocupes, tenho a certeza de que o teu horário não anda a

ser passado de mão em mão pelo *campus*. Ele só mo deu porque jogo hóquei.

— E é suposto isso fazer-me sentir melhor? Lembrares-me de que és um idiota privilegiado que recebe tratamento especial porque desliza pelo gelo nuns patins e vence troféus?

Começo a caminhar rapidamente, mas ele é alto o suficiente para me alcançar num abrir e fechar de olhos.

— Desculpa. — Ele parece genuinamente arrependido. — Se ajudar, não costumo jogar a cartada do atleta para pedir estes favores. Podia ter pedido o teu horário ao Dean, mas achei que ainda te agradaria menos.

Ele tem razão em relação a isso. A ideia de o Tucker falar com o Dean Di Laurentis sobre mim provoca-me um arrepio na pele.

— Está bem. Pronto. Encontraste-me. O que queres, Tucker? — Estugo o passo.

— Qual é a pressa, querida?

— A minha vida — murmuro.

— O quê?

— Estou sempre com pressa — esclareço. — Tenho vinte minutos para comer qualquer coisa antes da próxima aula.

Chegamos ao bar, e eu ponho-me imediatamente na fila da loja de sanduíches enquanto dou uma olhadela ao menu que está afixado na parede. O aluno que está à nossa frente afasta-se do balcão antes que o Tucker tenha oportunidade de falar. Com pressa, dou um passo em frente para fazer o meu pedido. Quando procuro a carteira dentro da mochila, sinto a mão do Tucker a pousar sobre a minha.

— Eu pago — diz ele, tirando uma nota de vinte dólares da carteira de pele castanha.

Não sei porquê, mas isso ainda me irrita mais.

— Primeiro pagas as bebidas no Malone’s, e agora o almoço? Estás a tentar exibir-te? A certificares-te de que eu sei que tens dinheiro à fartazana?

A mágoa cintila nos seus olhos castanhos.

Merda. Não sei porque o estou a criticar. É só que… ele apareceu aqui,

admitiu que pediu favores para me encontrar, está a pagar-me o almoço…

Era suposto ser uma vez sem exemplo, e agora ele está à minha frente e eu não estou a gostar.

Não, não é bem assim. Adoro ter o rosto dele perto do meu. Ele é sexy e cheira tão bem, a sândalo e citrinos. Sinto vontade de enterrar o nariz no seu pescoço forte e inalá-lo até ficar inebriada com o contacto.

Mas não há tempo para isso. O tempo é um conceito que não existe na minha vida, e o John Tucker é uma distração demasiado grande.

— Vou pagar-te o almoço porque foi assim que a minha mãe me educou — diz ele, baixinho. — Podes chamar-me antiquado se quiseres, mas eu sou assim.

Engulo novamente a culpa que sinto.

— Desculpa. — A minha voz treme ligeiramente. — Obrigada pelo almoço. Agradeço.

Aproximamo-nos da outra ponta do balcão e ficamos a aguardar em silêncio, enquanto uma rapariga de cabelo encaracolado prepara a minha sanduíche de fiambre e queijo. Ela coloca a sanduíche dentro de um saco, e eu prendo-o debaixo do braço à medida que abro a *Coca-Cola Diet* que comprei. E depois começamos novamente a andar. O Tucker segue-me até à porta e fica a observar-me, divertido, enquanto eu tento pegar na bebida e na mochila e, ao mesmo tempo, desembrulhar a sanduíche.

— Deixa que eu seguro. — Ele tira-me a garrafa da mão. Há uma delicadeza no rosto dele, vendo-me a trincar o pão de centeio ligeiramente torrado.

Quase não mastigo antes de dar uma segunda dentada, o que lhe arranca uma gargalhada.

— Estás com fome? — provoca-me ele.

— Estou faminta — admito, e nem quero saber se estou a ser indelicada por estar a falar com a boca cheia.

Desço rapidamente as escadas largas. Ele consegue alcançar-me novamente.

— Não devias comer enquanto andas — aconselha-me ele.

— Não tenho tempo. A minha próxima aula é na outra ponta do *campus*, por

isso… Ei! — exclamo, quando ele pega no meu braço e me arrasta para fora do passeio. — O que estás a fazer?

Ele ignora os meus protestos e conduz-me para um dos bancos de ferro forjado do relvado. Este inverno ainda não nevou, mas a relva está coberta por uma camada prateada de geada. O Tucker obriga-me a sentar, e depois senta-se ao meu lado e pousa uma mão sobre o meu joelho, como se tivesse medo de que eu fugisse. O que eu estava mesmo a pensar fazer antes de ele me ter tocado com a sua mão grande. O calor que emana atravessa as minhas coxas e aquece-me entre as pernas.

— Come — diz ele, delicadamente. — Tens direito a dois minutos para recarregar, miúda.

Dou por mim a obedecer, da mesma forma que obedeci na outra noite quando ele me disse que me sentasse de pernas abertas em cima da cara dele, quando me mandou vir-me. Um arrepio percorre-me a espinha. Meu Deus, porque é que não consigo tirar este rapaz da cabeça?

— O que é que me disseste na mensagem? — apresso-me a querer saber.

Ele esboça um sorriso misterioso.

— Acho que nunca saberás.

Apesar da resposta dele, retribuo o sorriso.

— Era algo sexy, não era?

Ele assobia inocentemente.

— Era mesmo! — acuso-o, e depois sinto uma onda de autorrecriminação, porque, caramba, aposto que era ordinário, delicioso e incrível.

— Ouve, não vou ocupar muito do teu tempo — diz ele. — Sei que estás ocupada. Sei que fazes o trajeto até Boston. Sei que tens alguns empregos…

— Dois — corrijo-o. Inclino a cabeça em sinal de desafio. — E como é que sabes isso?

Ele encolhe os ombros.

— Tenho feito perguntas.

Tem? Merda. Por mais lisonjeador que seja, sinto um pouco de receio de saber a quem é que ele tem perguntado e o que é que lhe têm andado a dizer.

Além da Hope e da Carin, não passo muito tempo com as minhas colegas. Sei que pareço retraída às vezes…

Pronto, enjoada. «Retraída» é uma palavra simpática para «enjoada». E embora não fique contente por me acharem uma enjoada, não há muito que possa fazer em relação a isso. Não tenho tempo nem energia para fazer conversa de circunstância, nem para ir tomar café depois das aulas ou fingir que tenho alguma coisa em comum com os jovens ricos e elitistas que frequentam esta faculdade.

— A questão — conclui ele — é que eu entendo, está bem? Estás sobrecarregada de trabalho, e não te vou pedir que uses o meu casaco e o meu anel de curso e sejas a minha namorada para casar.

Sou obrigada a rir-me perante a imagem que ele está a criar.

— Então o que é que me estás a pedir?

— Um encontro — limita-se ele a dizer. — Só um encontro. Que talvez acabe connosco enrolados outra vez… — O meu corpo canta de delírio. — Ou talvez não acabe. De qualquer maneira, quero estar contigo outra vez.

Fico a vê-lo passar uma mão pelo cabelo avermelhado. Caramba, quem diria que os ruivos podiam ser tão sensuais?

— Não me importa quando. Preferes um jantar, tudo bem. Queres encontrar-te de manhã, também pode ser, desde que não tenha treino. Estou disposto a seguir as tuas regras, a adaptar-me aos teus horários.

Sinto o prazer e a desconfiança a batalharem dentro de mim, mas vence a segunda.

— Porquê? Quero dizer, eu sei que nos divertimos a valer, mas porque é que estás a insistir tanto para estar novamente comigo?

Engulo em seco quando ele me olha fixamente e de forma intensa. Depois assusta-me um pouco mais quando pergunta:

— Acreditas no amor à primeira vista?

Valha-me Deus.

Começo a levantar-me.

Ele agarra-me e volta a sentar-me no banco, rindo-se.

— Calma, Sabrina. Não estou a dizer que estou apaixonado por ti.

É bom que não esteja! Respirando fundo para me acalmar, pouso a sanduíche por comer em cima do colo e tento recorrer a um tom de voz que não demonstre o pavor que me percorre o corpo.

— Então o que estás a dizer?

— Chamaste-me a atenção no *campus* antes da noite no Malone's — admite ele. — E sim, achei-te gira, mas não estava propriamente desesperado por descobrir quem tu eras.

— Obrigadinha.

— Decide-te, querida. Queres que esteja apaixonado por ti ou queres que me esteja a borrifar?

As duas coisas! Quero as duas coisas e esse é o problema, caramba!

— Enfim. Já me tinhas chamado a atenção. Mas naquela noite no bar, quando os nossos olhares se cruzaram, algo mágico aconteceu — diz ele, sem rodeios. — Eu sei que também sentiste.

Pego na sanduíche e dou uma dentada pequena, mastigando ainda mais devagar para atrasar a minha resposta. Ele está a assustar-me outra vez, com o seu olhar confiante e o seu tom direto. Nunca conheci um rapaz que conseguisse dizer coisas como «amor à primeira vista» e «algo mágico aconteceu» sem pelo menos ter a decência de corar ou parecer envergonhado.

Por fim, obrigo-me a responder-lhe.

— A única coisa mágica que aconteceu foi termos gostado do que vimos. Feromonas, Tucker. Nada mais.

— Isso foi parte do que aconteceu — concorda ele. — Mas foi mais do que isso, sabes bem. Houve uma química assim que olhámos um para o outro.

Levo a *Coca-Cola Diet* aos lábios e bebo quase metade.

— Quero explorar isso. Acho que seria parvo não o fazer.

— E eu acho… — Debato-me para encontrar as palavras. — Acho…

Acho que és o rapaz mais fascinante que alguma vez conheci.

Acho que és incrível na cama e quero foder-te outra vez.

Acho que, se estivesse em posição de deixar o meu coração partir-se, tu

terias o poder de o partir.

— Acho que fui clara nessa noite — concluo. — Não quero uma relação, nem sequer uma amizade colorida. Queria sexo. Tu deste-mo. E não passou disso.

O desapontamento que lhe inunda os olhos não me passa despercebido. Sinto uma pontada de arrependimento e o meu estômago revolve-se de modo doloroso, mas já marquei a minha posição e tenho de a manter. Tenho muito jeito para marcar a minha posição.

— Sei que vocês, atletas, são muito teimosos e que não desistem quando querem alguma coisa, mas… — Respiro fundo. — Estou a pedir-te que desistas.

O maxilar dele fica tenso.

— Sabrina…

— Por favor. — Estremeço com a nota de desespero na minha voz. — Desiste, está bem? Não quero começar nada. Não quero ir a um encontro. Quero… — Ponho-me de pé sobre as pernas bambas. — Quero ir para a minha aula, só isso.

Depois de um silêncio interminavelmente longo, ele também se levanta.

— Claro, querida. Se é isso que queres.

Não se trata de uma provocação, nem contém nenhuma promessa, como se ele tivesse dito: «Claro, querida. Eu desisto… por agora. Mas podes contar que vou continuar atrás de ti até te vencer pelo cansaço.»

Não. Há uma finalidade nas suas palavras que me deixa triste. O John Tucker é nitidamente um homem de palavra e, embora eu devesse admirar isso, de repente, tornei-me uma hipócrita, porque agora sou eu quem se sente desapontada.

— Vemo-nos por aí — diz ele, bruscamente.

E depois afasta-se sem mais uma palavra, deixando-me a olhar para ele, desanimada.

Fiz a coisa certa. Sei que sim. Mesmo que tivesse carradas de tempo livre para iniciar uma relação com ele, não há espaço na minha vida para alguém

como o Tucker. Ele é querido, sincero e obviamente tem dinheiro, ao passo que eu sou mandona, tensa e vivo num pardieiro. Ele pode dizer o que quiser sobre ligações à primeira vista, mas isso não muda a realidade disto.

Não sou a rapariga certa para o John Tucker e nunca serei.

6

Tucker

Os treinos são uma merda. A equipa não está famosa esta temporada, e o treinador Jensen anda em cima de nós sem dó nem piedade, agora que temos algumas derrotas a manchar-nos a época. A derrota de ontem foi particularmente difícil para nós. Enfrentámos uma equipa da segunda divisão que não nos devia ter dado uma abada daquelas no gelo.

O novo treinador dos defesas, o Frank O'Shea, só veio piorar as coisas. Dou graças a Deus por não ser um dos defesas. O O'Shea parece ter um ressentimento contra o Dean, e está sempre a chamá-lo à atenção e a apontar os erros dele.

As bochechas do Dean ficam mais vermelhas do que maçãs sempre que o O'Shea abre a boca. Segundo o Logan, ele era o treinador principal na escola secundária que o Dean frequentou. Obviamente há uma história por trás, mas, seja qual for, o Dean não está disposto a contar. Mas ele também não anda satisfeito. Não só é ordenado aos defesas que fiquem a treinar até mais tarde, como, pelos vistos, o Dean foi obrigado a treinar uma equipa de crianças de uma escola básica da cidade.

Deslizo com os patins até ao banco depois de acabar o treino e encosto-me à parede para beber um pouco de água, ficando a ver a linha do Garrett a voar pela linha azul. Até ao momento, ainda não marcámos um golo no treino de hoje. Para verem como somos maus. Nem conseguimos marcar um golo durante o treino, e não é porque os nossos guarda-redes estejam imbatíveis. Os

avançados é que não dão uma para a caixa, incluindo eu.

Sopra um apito. O treinador começa a gritar a um dos defesas juniores que lance o disco.

— Mas que raio foi isso, Kelvin? Tiveste quatro oportunidades para passar o disco e decidiste percorrer o gelo todo sozinho! — O treinador parece preparado para arrancar o cabelo.

E eu não o culpo.

— Eu podia ter feito aquele passe se estivesse ali — resmunga o Dean ao meu lado.

Olho para ele com pena. Uma das primeiras ordens do O'Shea foi reorganizar as linhas. Juntou o Dean com o Brodowski e o Logan com o Kelvin, quando todos sabemos que o Logan e o Dean são imparáveis juntos.

— O O'Shea vai certamente perceber em breve o erro que cometeu.

— Pois, sim. Isto é um castigo. O filho da mãe odeia-me.

A minha curiosidade é novamente aguçada.

— Porquê?

A expressão do Dean torna-se mais sombria.

— Não te preocupes com isso.

— Não sei se sabes disso — digo, de modo afável —, mas os segredos matam as amizades.

O meu comentário arranca-lhe um sorriso.

— Queres mesmo falar-me sobre segredos? Onde raio estiveste o fim de semana todo?

A minha expressão torna-se impenetrável. Não me importo de confidenciar com os meus amigos sobre a minha vida amorosa, mas não quero falar sobre a Sabrina com o Dean, sobretudo quando sei qual é a opinião que ele tem dela. Além disso, o que é que há para contar? Ela deu-me uma nega. Eu convidei-a para sair e ela recusou. Disse que isso nunca iria acontecer.

Se achasse que havia a mínima hipótese de ela querer que eu andasse atrás dela, talvez não tivesse aceitado um não como resposta. Talvez tivesse aparecido de surpresa algumas vezes depois das suas aulas, lhe tivesse

comprado mais umas quantas sanduíches, a tivesse encantado com o meu charme e tivesse usado o sotaque do Sul sempre que sentisse que ela estava a perder o interesse.

Mas eu vi o olhar dela. Ela estava a ser sincera. Ela não quer estar comigo outra vez. E, embora não tenha problema em andar atrás de alguém, não vou andar atrás de uma pessoa que não está interessada.

Mesmo assim, não deixa de ser uma autêntica porcaria. Quando estávamos sentados naquele banco no outro dia, a única coisa que eu queria era puxá-la para o meu colo e fodê-la ali mesmo, e borrifar-me para as pessoas que estavam a passar. O próprio Dean podia estar ali especado a bater com o dedo no relógio e, mesmo assim, eu não teria parado. Foi preciso recorrer a toda a minha força de vontade para reprimir as necessidades básicas, mas há qualquer coisa naquela rapariga…

Não é apenas a sua beleza, se bem que isso também ajuda. É… é… caramba, nem o consigo traduzir por palavras. Ela tem uma capa dura, mas por dentro é suave como manteiga. Vejo indícios de vulnerabilidade nos seus olhos escuros e só quero… tomar conta dela.

Os rapazes rir-se-iam se soubessem o que me vai na cabeça neste momento. Ou talvez não. Eles já me gozam todos os dias em casa por causa da minha faceta de «cuidador». Sou eu quem costuma cozinhar, quem faz a maior parte das limpezas, quem se certifica de que a casa está em ordem.

Mas foi assim que a minha mãe me educou. Não tive pai. Ele morreu quando eu tinha 3 anos e mal me lembro dele. Mas a minha mãe compensou a ausência dele, e a figura de pai que eu não tive foi assumida pelos meus treinadores de hóquei.

O Texas é um estado de futebol. Eu provavelmente teria seguido esse desporto, não fossem umas férias que fizemos ao Wisconsin quando tinha 5 anos. Eu e a minha mãe visitávamos a irmã do meu pai em Green Bay uma vez por ano. Ou pelo menos tentávamos visitar. Por vezes, o dinheiro não chegava, mas fazíamos os possíveis.

Nessa visita, a tia Nancy vestia-me o equipamento e levava-me a patinar.

Faz um frio de rachar em Green Bay, o que imagino que seja o pior pesadelo de todos, mas eu adorava sentir o frio nas bochechas, o ar frio a arrefecer-me os ouvidos enquanto patinava naquele lago exterior. Uns quantos miúdos mais velhos ficavam a jogar hóquei, e eu divertia-me muito a vê-los deslizar pelo lago. Parecia tão divertido. Quando eu e a minha mãe regressámos ao Texas na semana seguinte, eu anunciei que queria jogar hóquei. Ela riu-se, mas fez-me a vontade e encontrou um rinque que ficava a uma hora de casa.

Penso que ela achou que eu me iria fartar. Mas comecei a gostar cada vez mais.

Agora aqui estou eu, numa universidade da Ivy League da Costa Este, a jogar hóquei numa equipa que venceu três campeonatos nacionais, de modo consecutivo. Mas tenho a sensação de que não haverá um quarto, pela forma como andamos a jogar ultimamente.

— Então? Esqueceste-te de como se fala?

O Dean está a observar-me com uma expressão cautelosa. O que foi? Ah, pois é, ele quer saber o que andei a fazer este fim de semana.

— Estive com uns amigos — digo, vagamente.

— Que amigos? Todos os teus amigos estão aqui… — Ele abarca o rinque com uma mão. — E sei de fonte segura que não estiveste com nenhum deles.

Encolho os ombros.

— Não conheces estes amigos. — Volto a olhar para o gelo, enquanto o Dean resmunga ao meu lado.

— Credo. És pior do que o Antoine e a Marie-Thérèse.

A minha cabeça vira-se.

— Perdão?

— Esquece — murmura ele.

Quem raio são o Antoine e a Marie-Thérèse? Tal como o Dean conhece todos os meus amigos, eu também conheço todos os amigos dele, e tenho a certeza de que nunca ouvi nenhum desses nomes. Mas seja como for. Não quero que ele insista para que eu lhe dê respostas, por isso também não vou insistir com ele.

— Boa! — grita uma voz da outra ponta do banco.

Volto a olhar para o gelo mesmo a tempo de ver o Garrett a marcar um golo ao Patrick, o nosso guarda-redes finalista. É o primeiro e único golo do treino, e os rapazes que estão no banco atiram as luvas contra a parede em jeito de celebração.

O treinador sopra o apito e manda-nos ir embora, por isso terminamos o treino de modo positivo. Mais ou menos. O treinador pede aos defesas que fiquem, como já é costume, por isso é nítida a frustração nos olhos do Dean e do Logan. O O'Shea vai ter de melhorar se quiser obter o respeito desta equipa.

Já no balneário, dispo a camisola suada e as caneleiras e deixo cair as calças no chão brilhante. Temos aqui um balneário de luxo. O espaço é enorme, os cacifos são revestidos a pele almofadada e o sistema de ventilação é excelente. Só cheira ligeiramente a meias velhas.

O Garrett aproxima-se e tira o capacete. O seu cabelo escuro está húmido do suor e cola-se à testa. Quando o alisa com uma mão, eu olho para as chamas tatuadas nos seus bíceps. Penso sempre que também quero fazer uma tatuagem, mas depois lembro-me do travesti tatuado na perna do Hollis, que ele fez depois da primeira vitória no Frozen Four. Três anos depois, ainda usa meias compridas para tapar aquilo.

— Achas que alguma vez nos vamos recordar de como se joga hóquei? — pergunta ele, secamente.

Rio-me.

— A temporada ainda agora começou. Vamos safar-nos.

Ele não parece convencido. Nem o Hunter Davenport, que revela uma expressão azeda.

— Estamos cada vez piores — resmunga o caloiro, e depois, como rapaz de 18 anos que é, atira uma luva contra a parede.

Olho rapidamente em redor e suspiro de alívio quando não vejo o treinador. O homem passava-se se visse um de nós a fazer uma birra no balneário.

— Relaxa, miúdo — diz o Mike Hollis, um aluno do terceiro ano, ao Hunter.

Está de tronco nu e a despir as calças. — Que importa perder um jogo de treino?

— O problema não é o treino — responde o Hunter, bruscamente. — O problema é que somos uma *nódoa*.

O Hollis inclina a cabeça.

— Deste uma queca ontem à noite, não deste?

O caloiro de cabelo escuro franze o sobrolho.

— O que é que isso tem que ver com alguma coisa?

— Tem tudo que ver. Passámos uma vergonha no jogo, levámos uma abada e, mesmo assim, tinhas raparigas a rodos dispostas a dormir contigo. Não importa se vencemos ou perdemos… não deixamos de ser jogadores de hóquei. Mandamos nesta faculdade, meu.

— Falaste como um homem sem ambição — diz o Garrett, com os lábios a estremecer.

O Hollis encolhe os ombros.

— Nem todos queremos jogar nos profissionais como tu. Alguns de nós contentam-se em jogar para conquistar miúdas.

Ouve-se um suspiro profundo vindo da ponta do banco comprido que ocupa os balneários. O Colin «Fitzy» Fitzgerald, um aluno do terceiro ano corpulento com cabelo desalinhado e mais tatuagens do que um *motard*, aproxima-se e dá uma palmada no rabo do Hollis.

— Será que não sabes falar de outra coisa que não seja miúdas? — pergunta o Fitzy.

— Porque haveria de querer falar de outra coisa? As miúdas são incríveis.

Ele tem razão em relação a isso. Infelizmente, não vou poder estar com outras miúdas durante… hum, um mês? Dois? Não sei quanto tempo o meu pénis vai demorar a esquecer a Sabrina James. Se me enrolasse com outra pessoa neste momento, iria compará-la à Sabrina, e isso não é justo para ninguém.

— Oh — diz o Hollis, subitamente. — Por falar em miúdas…

O Garrett revira os olhos. De forma pronunciada.

— Vou a Boston este fim de semana — prossegue o Hollis. — Vou ficar em casa do meu irmão. Vocês querem vir? Podemos ir a bares, a umas discotecas, enrolamo-nos com umas miúdas jeitosas. Vamos divertir-nos a valer.

O capitão da nossa equipa franze o sobrolho.

— Temos um jogo no sábado.

O Hollis acena com uma mão.

— Voltamos a tempo.

— É bom que sim. — O Garrett encolhe os ombros. — Mas não posso ir. Tenho planos com a minha namorada para este fim de semana. — O rosto dele adota uma expressão distante, uma mistura de felicidade e admiração, antes de ele se encaminhar para a zona de banhos.

Acalmo a inveja que me sobe à garganta. O Garrett está com a Hannah há um ano, e parece que o brilho do novo amor nunca vai desvanecer. Está tão apaixonado pela namorada que até mete nojo. O mesmo acontece com o Logan, que se juntou há pouco tempo à namorada, a Grace, e confessou o seu amor por ela na rádio.

Parece um pouco… descabido que os dois maiores engatatões que conheço tenham assentado. De todos nós, eu sou o rapaz que mais gosta de compromissos. Quando vim para a Briar, achei que conheceria a mulher dos meus sonhos — *a tal* — durante o primeiro ano, que passaria os quatro anos seguintes a namorar com ela e que a pediria em casamento depois de concluirmos o curso. Mas as coisas não correram assim. Namorei com várias raparigas, também dormi com montes delas, mas nenhuma era *a tal*.

Já o Garrett e o Logan encontraram as caras-metades quando não andavam à procura delas, aqueles sacanas sortudos.

— Tuck? — incentiva-me o Hollis. — Boston? Fim de semana de gajos? Alinhas?

O meu primeiro instinto é dizer que não, mas a minha mente tropeça na palavra «Boston». Sei que a Sabrina disse que não me quer ver outra vez, mas… será que ela me mandaria passear se nos cruzássemos na cidade? Quero dizer, ela vive lá, e eu por acaso sei qual é a morada dela, por isso… quem

sabe, não é? Talvez uma crítica positiva na *Yelp* me leve a mim e aos rapazes a um bar incrível no bairro dela. Talvez nos cruzemos. Talvez…

Talvez te estejas a transformar num perseguidor…

Reprimo um suspiro. Pronto, a minha mente está a entrar em território proibido. Mas, mesmo sabendo disso, não consigo impedir-me de dizer:

— Claro, eu alinho. Não me importava de assistir a um jogo dos Bruins num bar desportivo ou algo do género.

— Eu também — decide o Fitzy. — Quero ir a uma loja de jogos da Baixa. Têm lá um jogo de *role-playing* que não consigo encontrar em site nenhum. Vou mesmo ter de gastar dinheiro.

O olhar horrorizado do Hollis passa de mim para o Fitz.

— Um jogo dos Bruins? Uma loja de jogos? Como é que eu sou vosso amigo?

Arqueio uma sobrancelha.

— Preferias que não fôssemos?

— Não. — Ele reprime um suspiro. — Mas pelo menos tentem fingir que vão a Boston pelas miúdas.

Rio-me e dou-lhe uma palmada no ombro.

— Se isso te fizer sentir melhor, então sim. Eu e o Fitzy vamos…

Olho para o Fitz, incentivando-o a falar com a mão.

— … lá pelas miúdas — concluímos em uníssono.

7

Sabrina

Novembro

Estou a arrastar-me quando chego a casa vinda da Briar.

Não consigo decidir o que odeio mais: os fins de semana, quando estou no bar até às duas ou três da manhã e depois sou obrigada a ordenar o correio e as embalagens das quatro até às onze. Ou a semana, quando ou tenho aulas de manhã e depois tenho de ir trabalhar para o posto dos correios, ou tenho de ir trabalhar cedo para o posto dos correios e depois sigo para as aulas. Hoje odeio mais esta última, por isso estou exausta quando pouso a mochila no chão do corredor.

Mesmo que quisesse estar outra vez com o Tucker (e a maior parte do meu corpo está a favor de um encontro), sinto-me demasiado exausta para fazer o que quer que seja que não deitar-me.

Se bem que… isso nem seria assim tão mau. Ele podia fazer-me uma massagem, dar-me uma queca devagar, e eu ficaria simplesmente deitada a desfrutar.

Dou uma palmada mental na cabeça. O Tucker e o seu pénis grande são as últimas coisas em que devia estar a pensar.

Na cozinha, a minha avó está a mexer uma panela no fogão, vestida com umas calças de ganga justas, um top de licra que está a perder elasticidade e os chinelos cor-de-rosa que ela nunca larga.

— Cheira bem — digo-lhe.

O molho vermelho brilhante está a encher a cozinha com um cheiro delicioso. O meu estômago ronca e lembra-me de que não como nada desde o *bagel* do pequeno-almoço, antes de sair para o trabalho.

— Querida, pareces estar prestes a desmaiar. Senta-te. O jantar está quase pronto.

Não preciso que mo digam duas vezes, mas quando vejo a mesa vazia, faço um desvio para pegar nos pratos e nos talheres. Pela porta, vejo a parte de cima da cabeça do Ray enquanto ele olha para a televisão. Provavelmente está a acariciar-se. Estremeço à medida que tiro os pratos do armário.

— Queres leite ou água? — pergunto enquanto começo a pôr a mesa.

— Água, querida. Sinto-me um pouco inchada. Sabias que a Anne Hathaway é intolerante à lactose? Não come nenhum produto com leite. Talvez devesses eliminar os produtos lácteos da tua dieta.

— Avó, isso quer dizer que não poderia comer nem queijo nem gelado. A não ser que o médico me diga que os produtos lácteos me vão matar, vou continuar a comer produtos vindos de uma vaca.

— Só estou a dizer que podes andar sempre cansada por consumires produtos lácteos. — Ela abana a colher na minha direção.

— Não, tenho quase a certeza de que é por ter dois empregos e estar a tirar uma licenciatura — respondo secamente.

— Se ela parar de consumir produtos lácteos, vai ser menos refilona? — pergunta o Ray ao entrar na cozinha. Está a usar as calças de fato de treino do costume. O tecido está tão gasto em volta da braguilha, que juro que dá para ver um pedaço de pele.

Quase vomito, e viro costas antes que isso me estrague o apetite.

— Ray, não comeces — queixa-se a minha avó. — Vais buscar-me o coador?

O meu padrasto empurra-me com a anca quando passo por ele.

— Ela está a falar contigo.

— Não me digas. Porque ela sabe que falar contigo é como falar com uma

parede. O resultado é o mesmo.

Pouso o copo de água junto ao prato da minha avó e depois dirijo-me ao lava-loiça para ir buscar o coador. A minha avó despeja o molho para uma tigela enquanto eu trato do esparguete.

Já o Ray inclina-se contra o frigorífico como um preguiçoso e fica a ver-nos a andar de um lado para o outro na cozinha.

Odeio este homem com todo o meu coração. Assim que a minha mãe o trouxe cá a casa para me conhecer quando eu tinha 8 anos, percebi que ele não era boa rês. Disse isso à minha mãe, mas ela nunca teve jeito para dar ouvidos à filha. Também nunca gostou muito de ficar num só local, pelos vistos. A minha mãe fugiu com outro crápula qualquer quando eu tinha 16 anos, e desde aí que não a vemos. Ela liga-me algumas vezes por ano para ver se eu estou bem, mas, pelo que me dá a parecer, não tenciona regressar a Boston.

Nem sei onde é que ela vive hoje em dia. O que sei é que não há motivo para o Ray viver aqui. Não é meu pai — esse título está reservado para o sacana que abandonou a minha mãe depois de a ter engravidado — e não faz parte da família. Acho que o único motivo pelo qual a minha avó o deixa viver aqui é porque o seguro de trabalho dele paga um terço da renda. Presumo que ela vai para a cama com ele pelo mesmo motivo. Porque ele é conveniente.

Mas é tão inútil que acho que até as larvas torceriam o nariz ao vê-lo. Se as larvas tivessem nariz, quero eu dizer.

Só quando a mesa está totalmente posta e a massa quente está pronta a servir é que o Ray se senta.

— Onde está o pão? — exige ele saber.

A minha avó levanta-se da cadeira.

— Oh, caraças. Está no forno.

— Eu vou buscar — digo-lhe. — Fica sentada. — Por mais que os comentários bruscos da minha avó me possam magoar, foi esta mulher que me criou, que me vestiu, que me deu de comer, enquanto o Ray ficava sentado a fumar erva e a masturbar-se assistindo a programas desportivos.

Olho para as costas dele e reparo, pela primeira vez, num envelope branco

enfiado nas calças. Deve ser uma conta. Da última vez que ele nos escondeu uma conta (porque tinha assistido a uma dúzia de filmes pornográficos pagos), fomos obrigadas a pagar uma multa de atraso correspondente a três meses. O nosso orçamento só funciona se não tivermos surpresas destas.

Tiro o pão do forno, coloco-o num cesto e levo-o para a mesa. Quando me dobro, tiro o envelope da parte de trás das calças do Ray.

— O que é isto? — exijo saber, agitando o envelope no ar. — Alguma conta?

— Não são outra vez aqueles filmes ordinários, pois não, Ray? — Os lábios finos da minha avó repuxam para baixo.

Ele cora.

— Claro que não. Eu disse-te que já não vejo essa porcaria. — Ele remexe-se na cadeira para me lançar um sorriso bajulador. — É para ti. — Tira-me o envelope da mão e arrasta-o debaixo do nariz. — Cheira-me a cabra empertigada.

Uma faixa carmesim na borda faz com que o meu coração bata mais acelerado. Debruço-me para pegar no envelope, mas o Ray levanta o braço e afasta-o de mim, obrigando-me a encostar-me a ele. Credo, odeio-o.

— Dá-lhe a carta — ordena a minha avó. — A comida está a arrefecer.

— Estava só a brincar — diz ele, pousando o envelope ao lado do meu prato.

Os meus olhos fixam-se imediatamente na faixa carmesim no canto superior esquerdo.

— Abre-a — incita a minha avó.

Há um toque de ansiedade no seu tom de voz. Ela pode picar-me dizendo que a educação não serve para nada e pode gozar com os meus sonhos ridículos, mas penso que, no fundo, está entusiasmada. Pelo menos pode vangloriar-se junto das outras mulheres do cabeleireiro cujas netas andam a ter bebés em vez de entrarem em Harvard.

Só que… o envelope é fino. Todas as minhas cartas de admissão da faculdade vinham em envelopes gigantes com muitos folhetos e catálogos.

— Ela está com medo. Provavelmente não entrou. — As palavras do Ray são proferidas com desdém e alegria.

Agarro na carta e abro-a com a faca do Ray. Cai do envelope uma folha de papel. Tem vários parágrafos, nenhum dos quais eu leio enquanto procuro as palavras importantes.

«Parabéns pela sua admissão na Faculdade de Direito de Harvard! Esperemos que se junte a nós em Cambridge como parte da turma de…»

— E então? — pergunta a minha avó.

O maior sorriso à face da Terra espalha-se pelo meu rosto. A fome, a exaustão, a irritação com o Ray desaparecem.

— Eu… entrei. — As palavras saem num guincho ofegante. Repito-me, mas desta vez estou a gritar. — Entrei! Oh, meu Deus! Entrei!

Abano a carta no ar enquanto danço em redor da cozinha. Não costumo baixar a guarda diante do Ray, mas para mim o sacana não existe neste momento. O entusiasmo pulsa-me no sangue, juntamente com uma sensação de alívio tão pesada que não me aguento de pé muito mais tempo. Caio nos ombros da minha avó e dou-lhe um abraço enorme.

— Parece que a partir de agora vais ficar ainda mais nariz empinado — diz ela, e pouco me importa.

— Nã. Isso não faz dela especial nem nada do género — responde o Ray. — Tem dois buracos como outra gaja qualquer. Três se contarmos com a boca.

Espero que a minha avó me defenda, mas, pelos vistos, a inveja está a sobrepor-se ao orgulho. Ela ri-se do comentário nojento dele, e eu fico sem vontade de continuar a celebrar com estas pessoas. Mal posso esperar por sair desta casa.

Mesmo assim, recuso-me a deixar que alguma coisa estrague a minha felicidade neste momento. Rodopio e percorro o corredor para ligar às minhas amigas.

— E o jantar? — grita a avó atrás de mim.

Ignoro-a e continuo a andar. No quarto, atiro-me para cima da cama e envio uma mensagem às minhas amigas.

Eu: Entrei.

A Hope é mais rápida do que a Carin por um milissegundo.

Hope: Oh, meu Deus! Parabéns!!!!!

A Carin responde: FOTO! FOTO! FOTO!

Tiro uma fotografia da carta de admissão e envio-a. Enquanto aguardo as respostas delas, percorro o corredor a correr, encho o prato de massa, enfio um pão na boca e volto a correr para o quarto. A minha avó e o Ray dizem qualquer coisa, mas não ouço nada. Só a alegria enche os meus ouvidos.

Tenho dezenas de respostas quando volto para o quarto.

Hope: <3
Carin: AMO! AMO! AMO! És incrível!
Hope: Estou tão orgulhosa de ti. Vais ser a melhor advogada de SEMPRE. Diz que me representas se for processada por negligência médica.
Carin: ISTO É LINDO!
Hope: Quando podemos levar-te a sair? E «não», «nunca», «não vai acontecer» são respostas inaceitáveis.

Mastigo o pão enquanto escrevo uma resposta.

Eu: A) Têm direito a serviços jurídicos de borla para o resto da vida. B) Vamos celebrar amanhã. Prometo encomendar o suficiente para que o vosso cartão de crédito até chore.
Hope: Não é possível! Vou fazer uma reserva para o Santino's.
Carin: É preciso reserva para esse restaurante?
Hope: Não sei! É uma forma de falar. Mas podemos ir novamente ao Malone's se quiseres celebrar com sexo.
Eu: Ainda tenho o número do rapaz de sábado. E tu? O teu jardim feminino teve direito a uma visita privada ontem à noite?

As duas foram sem mim a uma festa em casa do Beau Maxwell. Será que o Tucker esteve lá? E se esteve, quem será que ele levou para a carrinha desta vez? A ideia de ele passar as suas mãos grandes e calejadas nos seios de outra

rapariga faz-me cerrar os dentes de ciúmes, mas não tenho o direito de ter ciúmes. Afinal de contas, bloqueei o número dele. Disse-lhe sem hesitar que não estava interessada em sair com ele.

Então porque é que o desbloqueaste, hum?

A voz provocadora dentro da minha cabeça faz-me morder o lábio. Tudo bem, desbloqueei o número dele. Mas não o fiz por querer sair com ele, ou algo do género. Simplesmente achei que poderia dar jeito em caso de… emergência.

Credo, sou tão patética.

O telemóvel apita e arranca-me aos meus pensamentos.

Carin: Não. Portei-me como um anjo.
Hope: Mentirosa! Que grande mentirosa. Ela desceu para o piso de baixo com cabelo de sexo mais volumoso do que o da Cher. Envia-lhe uma fotografia do teu peito. Envia agora ou envio eu.
Carin: Está bem. Odeio-te.

Às vezes gostava de viver com elas. Como mais massa enquanto espero pela fotografia da Carin. Quando recebo a imagem, quase me engasgo com um fio de esparguete.

Eu: Curtiste com um lobo adolescente ontem à noite?
Carin: Não. Com o Brad Allen.

Reavivo a memória e recordo-me de um rapaz de um metro e noventa com um rosto redondo e querido.

Eu: O defesa? Ele parece um bebé!
Carin: Sim. Descobri que tem um fetiche por chupar. Ainda bem que está frio lá fora, porque usar camisolas sem mangas estaria fora de questão.
Eu: Tirando o facto de ele ter tentado sugar-te o sangue através das mamas, gostaste de estar com ele?
Carin: Não foi mau. Ele sabia usar o equipamento.
Eu: Ah! A minha teoria sobre os atletas tem fundamento.
Hope: Entre o Tucker e o Brad Allen, parece que a hipótese da B está correta.

Carin: Sabem que não é assim que funciona o método científico, certo?
Eu: Sim, mas estamos a borrifar-nos.
Hope: Isso significa que o Tucker vai ter direito a uma segunda ronda?
Eu: Duvido. Ele é bom, mas quando é que tenho tempo?

Trocamos mensagens por mais uns minutos, mas o meu pico de adrenalina está a terminar. Pouso o prato parcialmente terminado em cima da mesinha de cabeceira e aconchego a carta de Harvard junto ao peito. Está tudo a acontecer. Todas as coisas boas pelas quais trabalhei afincadamente estão a concretizar-se. Nada me pode travar agora.

Adormeço com um sorriso enorme e feliz no rosto.

«Vai ter de ficar para outro dia, miúdas», envio por mensagem às minhas amigas no dia seguinte, depois de a Hope me mandar uma mensagem a perguntar se quero almoçar com elas.

Hope: Oh, porquê?
Eu: A professora Fromm convidou-me para uma visita ao *campus*. Estou novamente em Boston, a faltar à minha última aula. Já agora, sou oficialmente demasiado boa para vocês.
Hope: Beijos! Envia mensagem a contar como correu. Mal posso esperar por estarmos todas em Boston como alunas de mestrado no próximo ano!!!

A Carin está nas aulas, mas sei que vou receber uma mensagem dela mal saia.

Apanho a linha vermelha para Harvard Square. Juro que até a estação de metro cheira bem aqui, ao contrário de qualquer outra paragem da linha, que tresanda a lixo, urina seca e suor. E o *campus* é lindo. Apetece-me abrir os braços e fazer um círculo de felicidade ridículo.

De acordo com o meu mapa, os dezoito edifícios que compõem a Faculdade de Direito ficam do outro lado do *campus*. Mas não estou com pressa, por isso caminho devagar e ponho-me a admirar todos os edifícios de tijolo enormes, as dezenas de árvores que continuam a manter todas as suas folhas e a relva que, em alguns locais, continua verde. É Briar, mas com esteroides. Até os

alunos parecem mais inteligentes, mais ricos, mais importantes.

A maioria dos alunos usa aquilo a que eu gosto de chamar uniforme de menina rica: sapatos de vela, calças de ganga da *Rag & Bone* e uma camisola da *Joie* — o tipo que parece barato, mas que custa centenas de dólares. Só sei disto por causa do roupeiro da Hope.

Mas só porque a minha saia preta e a minha camisola branca foram compradas numa loja barata, isso não quer dizer que não me encaixe aqui. Posso não ter tanto dinheiro como outro aluno daqui, mas a minha inteligência não fica atrás de nenhum deles.

Abro as portas para Everett, o edifício onde fica o gabinete da professora Fromm. Quando chego junto à secretária da rececionista, decido apresentar-me. Ela pede-me que escreva o meu nome num livro de registo de entradas e depois indica-me que me sente.

Estou ali há uns minutos quando um jovem com uma camisa axadrezada azul e branca e uma gravata azul-escura sai de um corredor lateral em que eu nem sequer tinha reparado.

— Olá. Sou o Kale Delacroix. — Ele estende-me a mão.

Aperto-lhe automaticamente a mão, sem saber por que motivo ele está aqui e a questionar-me porque é que alguém daria o nome *Kale* ao filho.

— Sou a Sabrina James.

— Ótimo. Bem-vinda ao serviço de apoio jurídico de Harvard. Aqui está o nosso formulário de admissão. Se precisares de ajuda, diz-me.

Ele entrega-me uma prancheta. Olho para o documento, sem perceber bem porque tenho de preencher um formulário para uma reunião com a professora Fromm. Tiro a caneta que está presa debaixo do clipe e começo a escrever o meu nome. Mas depois paro. Embora não goste de fazer figura de parva, acho que é melhor perguntar que raio se está a passar.

— Este é o serviço de apoio jurídico? Porque eu não…

Ele interrompe-me.

— Não te preocupes. É para isso que serve o apoio jurídico. Para ajudar os pobres. — Esta última palavra está carregada de um sentimento de

condescendência.

Os pelos do meu pescoço eriçam-se.

— Eu sei o que…

— Não sabes ler inglês? *Hablo español?* — Ele tira-me o bloco de notas das mãos, vira o papel e depois volta a entregar-mo. O formulário está agora em espanhol.

— Eu falo inglês — respondo por entre dentes cerrados.

— Oh, está certo. Posso preencher o teu formulário se não conseguires ler ou escrever. Há aqui muitas pessoas com o teu tipo de problema. É uma questão doméstica? Senhorio/inquilino? Não tratamos de processos cíveis aqui. — Ele volta a lançar-me um sorriso condescendente.

— Sou uma aluna — digo-lhe. — Quero dizer, vou ser aluna.

Ficamos a olhar um para o outro por instantes, enquanto eu espero que ele assimile as minhas palavras. Observo o momento em que ele o faz, porque o rapaz pálido fica ainda mais branco.

— És? Valha-me Deus, pensei que…

Eu sei o que ele pensou. Olhou para o meu casaco puído e julgou que eu era uma pobre que precisava de serviços jurídicos gratuitos. E a parte mais humilhante de tudo isto é que ele tem razão. Se precisasse de um advogado, não teria dinheiro para pagar um.

— Há algum problema? — interrompe uma voz nova. Uma mulher que mais parece uma girafa surge atrás do Kale, com as mãos atrás das costas.

— Não, não há problema nenhum, professora Stein. — O Kale esboça um sorriso tenso, mas os seus olhos lançam-me um olhar de aviso para não lhe lixar a vida.

Retribuo-lhe um sorriso de orelha a orelha.

— Aqui o Dale julgou que eu era uma cliente, mas estou aqui para ver a professora Fromm.

A professora estuda-me e avalia a situação. Quando me retira a prancheta das mãos, inclina a cabeça na direção das escadas.

— Segundo andar, primeira porta à esquerda. — Devolve a prancheta ao

Kale.

— É *Kale* — diz ele entre dentes enquanto se afasta.

A professora abana a cabeça.

— Estudantes novos — diz ela em jeito de fraco pedido de desculpas, antes de avançar na direção oposta.

Quando o Kale desaparece pelo corredor, ouço uma voz aguda a cumprimentá-lo.

— Oh, meu Deus, teve tanta piada. Confundiste mesmo a rapariga com uma imigrante que fala espanhol?

Eu devia avançar, mas os meus pés continuam colados ao chão. A rececionista lança-me um sorriso compadecido.

— Viste o que ela estava a usar? — protesta o Kale do corredor. — Parecia saída da venda de roupas para vítimas de violência doméstica que fazemos todos os anos.

Uma voz nova intervém.

— De que é que vocês se estão a rir?

— O Kale confundiu uma aluna que vinha visitar a professora Fromm com uma sem-abrigo.

Com as faces a arder, o meu olhar cruza-se com o da rececionista.

— Têm de fazer alguma coisa em relação a esta acústica.

Ela encolhe os ombros.

— Se acha que esta é a pior coisa que ouço todos os dias, vai ficar surpreendida.

Que pensamento tão alegre. A ideia de ficar aqui já não é tão apelativa, por isso subo as escadas, dois degraus de cada vez. A porta da professora Fromm fica no cimo das escadas. Ela está a falar ao telemóvel, mas repara imediatamente em mim.

— Sabrina, entra. — Coloca uma mão sobre o recetor e, com a outra, indica-me que entre. — Só demoro um minuto. — Diz para a pessoa que está ao telefone: — Tenho de ir. Acabou de chegar uma aluna. Não te esqueças de ir buscar a roupa à lavandaria.

O gabinete está repleto de livros, a maior parte deles publicações legais marcadas por capas duras cor de azeitona com as palavras *North Eastern Reporter* em letras douradas na lombada.

Sento-me na cadeira de pele preta em frente à secretária e questiono-me como seria sentar-me do outro lado. Significaria que tinha sido bem-sucedida e que mais ninguém me confundiria com uma beneficiária do apoio jurídico.

— Parabéns! — Ela lança-me um sorriso radiante. — Queria dizer-te na outra noite, mas não queria estragar a surpresa.

— Obrigada. Nem imagina como estou contente.

— As tuas credenciais são impecáveis, mas… — Ela cala-se, e o meu coração começa a acelerar desenfreadamente.

Ela não pode anular a minha carta de admissão, pois não? Depois de ser minha, não pode ser revogada, certo?

— A Kelly disse que tens dois empregos? — conclui.

— Sim, sirvo às mesas e ordeno correio. — A professora Gibson sabe onde trabalho como empregada, mas disse-me que Harvard não precisava de saber, por isso mantenho a discrição. — Mas tenciono despedir-me desses empregos antes do início das aulas no outono.

O meu comentário deixa a professora Fromm satisfeita.

— Ainda bem. Tinha esperança de que dissesses isso. Apesar de a afirmação do filme sobre a vida universitária em Harvard dizer que, se olhares para a esquerda e para a direita, um de vocês já não vai estar aqui no próximo ano ter perdido um pouco a sua veracidade, temos alguns alunos que desistem depois do primeiro ano. Não quero que sejas um deles. O teu foco no próximo outono tem de estar nos estudos. É esperado que absorvas mais informação numa noite do que a maioria dos alunos absorve num semestre.

Ela retira dois livros de uma pilha que está no chão e empurra-os pelo tampo da secretária. Segundo os títulos, um é sobre legislação administrativa e o outro é sobre a arte da escrita.

— Quando tiveres tempo, e sugiro que reserves algum, pratica a escrita. A caneta é a arma mais forte aqui. Se conseguires escrever bem, vais longe. O

outro é sobre legislação administrativa. Muitos alunos emperram na prática regulamentar em comparação com a legislação corporativa e cível. É bom estar um passo à frente. — Ela volta a empurrar os livros na minha direção.

— Obrigada — digo, agradecida, e reúno os livros, colocando-os no meu colo.

— Não tens de quê. Diz à Kelly que eu mandei cumprimentos quando voltares a Briar.

Pronto. Fui dispensada.

— Obrigada — repito, constrangida, e depois pego nos livros e levanto-me.

Faltei à aula, apanhei o metro e aguentei um encontro humilhante com um idiota chamado Kale, para quê? Uma conversa de cinco minutos e duas recomendações de livros?

Quando chego junto à porta, a professora Fromm volta a chamar o meu nome.

— Sabrina, deixa que te dê uma dica. Gasta um pouco do dinheiro do empréstimo estudantil num guarda-roupa novo. Vai ajudar-te a sentires-te em casa, e as desigualdades não vão parecer tão acentuadas. Deves vestir-te para o emprego que queres e não para o que tens.

Aceno com a cabeça, na esperança de que as minhas faces não estejam completamente encarnadas. E eu que pensava que a hora de *humilhação da Sabrina* tinha terminado.

Enquanto percorro o *campus*, parece-me tudo um pouco mais sem graça. Desta vez, reparo que os grandes pedaços de relva estão sobretudo castanhos e que as árvores ficam nuas sem as folhas. Os alunos parecem todos iguais: ricos e privilegiados.

Quando chego a casa, atiro os livros para cima da cómoda e deito-me na cama. Há um canto junto à minha janela onde o estuque está rachado e amarelecido. A água tem entrado pela janela desde que me lembro, mas depois de o ter mencionado uma vez à minha avó e de ter recebido como resposta um olhar vazio, não voltei a falar sobre isso.

Deito-me de costas e ponho-me a olhar para o teto. Também há fendas no

estuque do teto e manchas castanhas sobre as quais sempre me questionei. Talvez haja uma fuga?

Uma onda de vergonha apodera-se de mim, mas não sei de quê. Da minha casa feia e desgastada? Das minhas roupas baratas? De mim em geral?

Guarda a pena de ti para mais tarde. Está na hora de pagar as contas.

Meu Deus. A última coisa que me apetece neste momento é trocar um local embaraçoso por outro, mas não tenho grande alternativa. O meu turno no Boots & Chutes começa daqui a uma hora.

Obrigo-me a levantar-me e pego nos calções curtos e no soutien que me servem de uniforme. Só vou ter de fazer isto por mais dez meses, recordo-me a mim própria enquanto visto a roupa e aplico a maquilhagem. Calço os sapatos de *stripper* com saltos de quinze centímetros, visto o casaco de lã maltrapilho e encaminho-me para o bar de *strip*. Que, por mais triste que seja, é o único local onde me enquadro verdadeiramente.

Sou rasca. Vivo com pessoas rascas. Pertenço a um local rasca.

A questão é se alguma vez conseguirei livrar-me do fedor do meu passado para pertencer a Harvard. Eu achava que conseguia.

Mas, esta noite, para ser sincera, não sei.

8

Tucker

— Somos uma porcaria — diz o Hollis.

— Não somos incríveis — reconheço.

O treino de hoje foi outro desastre, o que não abona a nosso favor para o jogo de amanhã contra Yale. Tinha esperança de que a viagem a Boston nos fizesse esquecer de como andamos a jogar mal, mas estamos sentados neste bar há quase uma hora e, até agora, só falámos sobre hóquei. O jogo dos Bruins que está a ser transmitido em vários ecrãs também não está a ajudar — assistir a uma boa equipa a jogar bem hóquei é a cereja no topo de um bolo de merda.

Espreito a minha garrafa de cerveja vazia e depois aceno-a no ar para fazer sinal à empregada. Vou precisar de mais cinco destas se quiser esquecer esta neura.

O Hollis continua a resmungar ao meu lado.

— Se não começarmos a jogar à defesa, bem podemos dizer adeus às hipóteses de vencermos novamente o Frozen Four.

— É uma temporada longa. Não vamos desistir já — diz o Fitzy da outra ponta da mesa. Está a beber uma *Coca-Cola*, porque esta noite é ele quem vai conduzir.

— Vocês vão passar a noite toda a falar sobre hóquei? — queixa-se o Brody, o irmão do Holly. Tem 25 anos, mas parece mais novo, com a cara sem barba e o boné dos Red Sox com a pala virada ao contrário.

— Sobre que mais vamos falar? Este bar parece uma festa da salsicha. — O Hollis atira um guardanapo ao irmão.

Ele tem razão. Só há duas mulheres no bar. São da nossa idade, boas como o milho, e por acaso estão a curtir uma com a outra numa mesa ao canto. Noventa e cinco por cento dos homens aqui — eu incluído — já lançaram olhinhos às raparigas que se estão a beijar. Os outros cinco por cento estão entretidos na marmelada.

— Está bem, seus falhados. — O Brody solta um suspiro exagerado. — Não gostam deste bar? Então vamos embora.

— Para onde? — pergunta o seu irmão mais novo.

— Onde há raparigas.

— Feito.

Três minutos depois, estamos a entrar para o carro do Fitzy e a seguir o *Audi* do Brody pela cidade.

— Belo carro — comento, apontando para o carro prateado e brilhante que segue à nossa frente.

— É alugado — informa-me o Hollis. — Ele gosta de parecer importante, mas não é.

— Credo — diz o Fitzy no assento do condutor. — Parece alguém que tu conheces?

O nosso colega de equipa levanta-lhe o dedo do meio.

— Meu, sou mais importante do que tu, seu cromo. Nem sequer te enrolaste com alguém no teu aniversário, esta semana.

— Não andava à procura disso. Vai por mim, se andasse, não me terias posto os olhos em cima nessa noite.

— Mal te vimos, de qualquer maneira! Foste para casa cedo para jogar videojogos!

— Para transferir o jogo que eu criei — corrige o outro rapaz. — Não te vejo a fazer nada de produtivo com o teu tempo.

— Por acaso, usar a minha pila é bastante produtivo.

Escondo um sorriso. Sempre me surpreendeu como é que estes dois

conseguem ser amigos tão chegados. O Hollis é um desbocado que só pensa numa coisa — miúdas — e o Fitzy é sério e intenso e só pensa numa coisa — videojogos. Ou talvez duas coisas, uma vez que o rapaz adora tatuagens. De uma forma ou de outra, a amizade deles funciona, se bem que passam a maior parte do tempo a mandar bocas e a criticar-se um ao outro.

Paramos numa entrada de gravilha e estacionamos ao lado do carro do Brody. O *Audi* não destoa do resto dos carros, mas também não se enquadra no bar. Uma tabuleta néon afixada acima de um edifício está iluminada com as palavras «Boots & Chutes», que estão colocadas debaixo de uma rapariga seminua a montar um touro.

O Hollis olha boquiaberto para a tabuleta.

— A sério? Um bar de *strip* com temática do Oeste em *Boston*? Isto vai ser uma porcaria. — Ele parece estar com vontade de dar um soco ao irmão.

— Tu és a alegria em pessoa. — O Brody passa um braço em redor do Hollis e acena para que entremos. — Vocês queriam miúdas, pois aqui as têm.

— É isto que acontece quando sais da faculdade? Tens de pagar por gajas? — O Hollis deixa cair a cabeça. — Nunca vou sair da Briar, mano. Nunca.

Rio-me.

— Pensa nas fãs de hóquei a quem poderás deitar as garras quando o Garrett e o Logan começarem a jogar para os profissionais.

Este comentário anima-o imediatamente.

— Bem visto. E olha. — Ele aponta para a tabuleta. — Também não precisas de sair de Boston. Quem precisa de voltar para o Texas quando tem *cowgirls* aqui mesmo à mão de semear?

— Tentador — respondo secamente —, mas acho que vou manter o meu plano original.

A não ser que, de repente, a minha mãe ganhe o gosto pela Costa Este, tenciono voltar para Patterson depois de concluir o curso. Não sei se a nossa terriola é um bom local para começar um negócio, mas posso sempre tentar abrir alguma coisa em Dallas e ir a casa no fim de semana. A minha mãe sacrificou muita coisa para eu chegar onde estou neste momento e não vou

deixá-la sozinha.

O bar de *strip* tresanda a suor, fumo de tabaco e desespero. A encabeçar o nosso grupo, o irmão do Hollis coloca qualquer coisa nas mãos do segurança, e eles encetam uma breve conversa.

— Nada de tocar. As danças privadas começam nas cinco notas. — Ele chama uma empregada. — Fila da frente, palco da direita — diz-lhe.

Todos começam a avançar.

Todos menos eu.

— Tens algum problema?

A voz grave do segurança obriga-me a mexer-me.

— Não — digo descontraidamente.

Mas até tenho. Tenho um grande problema, por acaso. Um problema enorme.

Porque, debaixo do *eyeliner* carregado e do cabelo volumoso, reconheço a empregada. Tive as mãos e a boca naquela pele exposta.

O olhar preocupado da Sabrina cruza-se com o meu. Vejo a cor a esvair-se do seu rosto, o que diz muito, porque ela aplicou bastante *blush* quando se maquilhou.

— Por aqui — murmura ela. Dá uma volta e mexe no cabelo escuro, mas eu consigo ver o seu olhar preocupado.

Eu percebo. Ela não quer que conte aos rapazes que nos conhecemos. Não a culpo. Este momento é provavelmente vergonhoso para ela.

— Que tipo de raparigas trabalham nesta espelunca? — pergunta o Hollis enquanto observa o traseiro incrível da Sabrina, que está praticamente à mostra com os calções curtos que ela está a usar.

— As jeitosas — responde o Fitzy, secamente.

Isso é dizer pouco. As raparigas daqui são mais do que jeitosas. São espetaculares. Fonte: os meus olhos.

Altas, baixas, curvilíneas. Brancas, escuras e tudo o resto. Mas o meu olhar continua a incidir na Sabrina, como se estivesse preso por um fio invisível controlado pelo seu rabo perfeito.

— Retiro todos os comentários indelicados que fiz sobre as *cowgirls* no parque de estacionamento. Qualquer uma destas raparigas me pode montar.

O calor aquece-me a garganta. Não gosto da ideia de o Hollis — ou de qualquer um dos homens deste bar — ser montado pela Sabrina. Ela é minha.

— Estás bem? — pergunta o Fitzy. — Pareces chateado.

Respiro fundo.

— Pois. Desculpa. Estava a pensar na equipa.

Ele acredita em mim.

— É suficiente para deixar qualquer um zangado. Vá lá. Vamos buscar um copo e esquecer o hóquei.

Aceno com a cabeça, um pouco distraído, demasiado hipnotizado pelo centro das costas da Sabrina. Está completamente exposto, com exceção de uma mera fita que parece capaz de se abrir se eu soprasse contra o laço. Baixo mais o olhar e observo a dobra elegante da coluna dela, e depois a parte superior dos seus calções de cetim pretos.

Quando chegamos ao palco, estou semiereto, o que é uma vergonha do caraças. Ficar com uma ereção por ver o rabo de uma rapariga é algo que não me acontecia desde a escola secundária.

Obrigo-me a erguer os olhos a tempo de evitar uma mesa cheia de rapazes de uma república. Um deles levanta-se para dar uma palmada no rabo da Sabrina quando ela passa por ele.

Uma onda de raiva percorre-me a espinha. Dou um passo em frente, mas um segurança que está sentado na base do palco chega ao engraçadinho antes de mim.

— É proibido tocar, idiota. — Ele levanta o rapaz pelo colarinho do polo. — Vamos.

— Desculpa — protesta o imbecil. — Foi um reflexo.

Mas o segurança não lhe dá ouvidos e arrasta o rapaz na mesma. Os amigos ficam a vê-lo sair.

O Hollis sorri.

— Aqui os sacanas são rigorosos.

— Precisamos daquele homem na equipa — observa o Fitzy.

— Mesmo.

A Sabrina estica a mão.

— O que vai ser para vocês? — A voz dela mal se ouve com a música alta do bar.

— O que tiverem para servir. — Mantenho o olhar fixado acima do queixo dela, o que é um milagre.

Não deixo de reparar na infelicidade que transparece no seu rosto. Não é preciso ser muito inteligente para perceber que está envergonhada, e não sei como lhe dizer que, para mim, não faz diferença alguma o local onde ela trabalha.

O Brody senta-se na cadeira ao lado da minha, pousa os antebraços em cima da mesa e inclina-se para a frente, para observar a mulher seminua que está a dançar a uns metros de nós. A ruiva alta está a abanar-se para despir o fio dental, ficando apenas com um coldre de pele em volta da cintura e duas armas falsas.

— E para si?

O irmão do Hollis afasta o olhar da *cowgirl* nua e olha de relance para a Sabrina.

— Whisky, puro.

— Já trago.

— Obrigado, querida.

Com um sorriso tenso, a Sabrina desaparece, e eu consigo impedir-me de me inclinar sobre a mesa na direção do Brody. A Sabrina não é a querida dele. Se ele lhe chamar isso mais uma vez, não sei se conseguirei impedir-me de lhe dar uma tareia.

— A cara dela é-me familiar — grita o Hollis ao meu ouvido. — A empregada. Não é?

Encolho os ombros.

— Não sei.

O Fitzy vira-se para a examinar, enquanto ela se inclina para a frente para

recolher os pedidos de uma mesa ali perto.

— Diria que ela parece um pouco a Olivia Munn.

— Nem pensar. Ela é um milhão de vezes mais jeitosa do que ela — declara o Hollis. Depois encolhe os ombros. — Se calhar não a conheço.

O irmão dele sorri.

— Mais tarde pergunto-lhe porque é que a cara dela não me é desconhecida. Quando estiver de joelhos à minha frente.

Cerro os punhos contra as coxas. Sou obrigado a fazê-lo para não desfazer a cara do irmão do Hollis e irritar o meu amigo. Eu gosto do Hollis.

Felizmente, o Brody decide parar de ser um imbecil, como se, a um nível subconsciente, ele tivesse percebido que eu estava prestes a assassiná-lo. Vira-se para mim e diz:

— O Mikey disse que tencionas começar um negócio próprio.

Aceno com a cabeça.

— É esse o plano.

— Tens alguma coisa em mente?

— Tenho algumas ideias, mas ainda nada concreto. Tenho estado concentrado no hóquei.

— Eu entendo.

— Mas quando terminar a faculdade, vou avaliar todas as minhas opções.

— Se precisares de ajuda, diz-me. Sei de algumas oportunidades novas. Coisas vantajosas. Não sei quanto dinheiro tens, mas estas oportunidades de investimento não estão abertas ao público. Um dia tens centenas de dólares, e três anos depois és multimilionário quando o *Facebook* comprar a tua marca. — Ele estala os dedos como se fosse assim tão fácil.

— Parece interessante. Talvez te telefone quando estiver preparado para tomar alguma decisão. — Estou novamente a acenar com a cabeça, mas, na verdade, não tenciono ligar ao Brody Hollis para pedir conselhos sobre investimentos. Prefiro não ter nada que ver com um esquema em pirâmide, muito obrigado.

A Sabrina regressa com uma bandeja na mão, e eu volto toda a atenção para

ela. Pousa as bebidas e detém-se junto ao meu ombro. Talvez por eu ser a última pessoa que ela imagina a apalpar-lhe o rabo, e não porque queira esfregar as mamas na minha face.

— Volto daqui a pouco para saber se precisam de mais alguma coisa — murmura ela antes de se ir embora.

Credo. Ponho-me a admirá-la, desejando poder correr para ela e dar-lhe um abraço. Servir um grupo de rapazes da Briar — um dos quais com quem ela dormiu — não deve ser confortável. Ela podia ter pedido ao patrão que a passasse para outra secção, mas não o fez. Continua a fazer o seu trabalho como se a nossa presença não a afetasse minimamente.

Durante a meia hora seguinte, eu e os rapazes ficamos a ver as *strippers* a dançarem. Quero dizer, ficam os rapazes. Já eu estou completamente concentrado na Sabrina. De segundo em segundo, lanço-lhe discretamente um olhar, mal prestando atenção ao que está a acontecer à minha volta. Dou-me conta das gargalhadas e ouço excertos da conversa, mas todo o meu mundo foi reduzido à Sabrina James. À forma sensual como ela abana as ancas quando anda. Aos saltos altos que tornam as suas pernas longas ainda mais compridas. Sempre que ela passa pela nossa mesa, tenho de controlar a vontade de a puxar para o meu colo e dar-lhe um beijo arrebatador.

— Quanto custa uma rapariga como tu? — ouço uma voz alta ao meu lado.

— Não sou dançarina.

Sinto os ombros tensos quando reconheço a voz da Sabrina. A mulher que estava no palco acabou de dançar, e o volume da música baixou um pouco enquanto a rapariga seguinte se prepara para subir ao palco. Quando me viro na cadeira, reparo que os rapazes irritantes da república estão novamente a criar chatices.

— Mas serias, pelo preço certo — diz um dos imbecis.

— Não, eu só sirvo bebidas. — Do local onde estou sentado, consigo notar a tensão nos seus ombros finos.

— E se eu quiser mais do que uma bebida? — provoca o imbecil.

— Não vais querer gastar dinheiro comigo, acredita. Sou uma péssima

dançarina. — O tom de voz dela parece descontraído, mas eu consigo perceber o seu desagrado. — Precisas de mais alguma coisa?

— Querida, não estou a pedir um espetáculo da Broadway. Só quero que abanes as mamas e o rabo na minha cara. E talvez que me dês uma esfregadela…

Já chega. Isto já é demais.

Apercebo-me do olhar confuso do Fitzy quando me levanto da cadeira e me encaminho para a mesa dos imbecis.

— Ela disse que não — grunho.

O imbecil lança-me um sorriso.

— Ela é a porra de uma *stripper*, meu.

Dobro os braços sobre o peito.

— Ela disse que não — repito.

Pelo canto do olho, consigo ver a Sabrina a dar um passo atrás.

— Quando é que bazas? — inquire o imbecil. — Mete-te na tua vida ou…

As pernas das cadeiras atrás de mim arranham o chão, e o imbecil encolhe-se no banco quando vê os jogadores de hóquei que, em conjunto, pesam mais de duzentos quilos a olharem para ele. O Fitzy é particularmente ameaçador, com os dois braços cobertos de tatuagens e um corte na sobrancelha provocado durante o nosso último jogo.

— Ou o quê? — pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Nada — diz o rapaz da república, sombriamente.

— Bem me pareceu. — Mostro os dentes aos idiotas antes de eu e os rapazes nos sentarmos nas cadeiras.

Demoro um segundo a perceber que a Sabrina está na outra ponta da sala. Ela vira-se, por breves instantes, para olhar de relance para a nossa mesa. Quando os nossos olhares se cruzam, há uma tristeza inconfundível no seu olhar.

Antes de conseguir travar-me a mim próprio, pego no telemóvel e envio-lhe uma mensagem rápida. Não sei se ela ainda tem o meu número bloqueado, mas não custa tentar.

Eu: Peço desculpa por aquilo.

Não conto com uma resposta, por isso quando o meu telemóvel vibra três minutos depois, fico genuinamente surpreendido. Mas rapidamente fico irritado com a resposta dela.

Sabrina: Seguiste-me até aqui?

Demoro um minuto a assimilar a resposta. Bebo a cerveja, respiro fundo e depois envio-lhe a seguinte mensagem: «Podes encontrar-te comigo junto às casas de banho?»

Desta vez, ela responde-me imediatamente.

Sabrina: 5 minutos.

Nos quatro minutos que se seguem, obrigo-me a não olhar para o telemóvel. Ou a não marcar no cronómetro. A impaciência borbulha-me na barriga, intensificando-se a cada segundo que passa. Quando me levanto, sinto-me tremendamente tenso.

— Vou à casa de banho — murmuro, mas os rapazes não me prestam atenção. O Hollis e o Brody estão demasiado entretidos a enfiar notas no fio dental de uma *stripper*, enquanto o Fitzy os observa com uma expressão entediada.

Atravesso a multidão composta sobretudo por homens e dirijo-me à porta do outro lado da sala escura. O Boots & Chutes exagerou na temática do Oeste — as casas de banho são isoladas da sala principal com portas que fazem lembrar os *saloons*, e as tabuletas de madeira das casas de banho exibem as palavras «Pistoleiros» e «Flausinas». Atrás da porta indicada como «Flausinas», ouço os sons abafados de uma mistura de gemidos femininos e masculinos. Que classe.

— É verdade?

Dou meia-volta ao ouvir a voz da Sabrina. Ela aproxima-se de mim com os braços cruzados com força sobre o peito, de uma maneira que as mamas parecem querer sair-lhe do soutien.

— Que te segui até aqui? — Os meus lábios contorcem-se. — Não, querida, não segui.

Ela estuda-me por vários segundos antes de acenar com a cabeça.

— Pronto, eu acredito em ti. — Depois vira-se para se ir embora.

Oh, é que nem pensar.

— Sabrina — digo baixinho.

Ela detém-se.

— O que foi?

Algo dentro de mim derrete quando ouço a voz dela a quebrar. Ela mantém-se de costas voltadas para mim e a sua coluna parece uma haste metálica. Quando chego ao pé dela, qualquer indignação que senti pela sua avaliação injusta se desvanece. Toco-lhe delicadamente no braço para ela se virar e ficarmos de frente um para o outro.

— Sabrina? — Mantenho a voz baixa e segura.

Ela engole em seco, visivelmente.

— Eu trabalho aqui.

Aceno lentamente com a cabeça.

— Tu trabalhas aqui.

— Só isso? Não tens mais nada a dizer em relação ao assunto?

Afago-lhe o ombro nu com o polegar e fico contente quando a sinto a tremer.

— Este é o teu local de trabalho. És paga pelo teu trabalho aqui. Utilizas esses salários para pagares as contas, deduzo eu. O que mais queres que diga?

Mas eu sei o que ela esperava de mim. Julgamento. Desdém. Talvez um comentário lascivo ou dois.

Mas eu não sou assim.

Ela continua a observar-me, até finalmente um sorriso ténue lhe assomar aos

lábios maravilhosos.

— Estou à espera da parte em que me dizes que nunca vens a sítios destes e que os teus amigos te arrastaram para cá contra a tua vontade, blá-blá-blá…

— Estaria a mentir se dissesse que nunca tinha ido a um bar de *strip*. Mas a verdade é que fui mesmo arrastado para aqui esta noite. Eu votei num bar de desporto. E o único motivo pelo qual vim a Boston foi porque… — Calo-me, porque a última coisa que quero fazer é assustá-la outra vez.

— Porquê?

Que se lixe. Encolho os ombros e digo:

— Tinha esperança de talvez me cruzar contigo.

A Sabrina ri-se.

— Boston é uma cidade grande. Estavas mesmo a contar cruzar-te comigo?

— Não estava a contar. Mas tinha esperança.

Ela ri-se novamente.

Ficamos a olhar um para o outro durante algum tempo. A minha voz soa grave quando murmuro:

— Desbloqueaste o meu número.

— Desbloqueei o teu número — concorda ela.

Depois humedece o lábio inferior com a ponta da língua, e eu engulo um gemido. Porra, quero beijá-la.

— É melhor… voltar ao trabalho.

Há apenas um vestígio de relutância nas palavras dela, mas eu não preciso de mais.

— Quando sais?

— Às duas.

— Queres conversar quando saíres?

Ela não responde logo. Fico ali especado, a suster a respiração, na esperança de que o desejo poderoso que sinto por ela não transpareça no meu rosto, rezando para que ela diga…

— Sim.

9

Tucker

Espero pela Sabrina no parque de estacionamento. Está quase vazio de carros, a não ser uma meia dúzia que provavelmente pertence aos empregados. Os rapazes regressaram ao apartamento do Brody há umas horas e devem passar lá a noite toda a beber. Disse-lhes que ia encontrar-me com uma rapariga para uma refeição tardia, e o Hollis cumprimentou-me com um dá-cá-mais-cinco e depois disse que eu não valia nada por não me certificar de que ela tinha uma amiga.

Depois de me deixarem num restaurante que está aberto a noite toda a uns metros do bar, onde iria ter o meu suposto encontro, comi um hambúrguer e bebi um café enquanto esperava, para não adormecer cinco minutos depois de estar com a Sabrina. Depois regressei ao Boots & Chutes, e agora estou encostado à porta do condutor do *Honda* da Sabrina, a olhar com ansiedade para a porta da frente.

Quando ela surge, o meu entusiasmo aumenta um pouco. Ela está a usar um casaco de lã que lhe tapa os joelhos. Por baixo do casaco, tem as pernas nuas.

O meu pénis estremece quando me questiono se ela continua a usar aqueles calções curtos. Depois repreendo-me a mim próprio, porque deu para perceber que ela estava envergonhada por estar a usar tão pouca roupa.

— Olá — cumprimenta-me ela quando chega ao pé de mim.

— Olá.

Sinto vontade de a beijar, mas ela não me está a lançar um olhar

convidativo. Só que preciso de lhe tocar, por isso aproximo-me mais e prendo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Hesitante, ela morde o lábio.

— Aonde vamos?

— Aonde queres ir? — Vou deixar a decisão totalmente a seu cargo.

— Tens fome?

— Não. Acabei de comer. E tu?

— Comi uma barra energética durante a última pausa.

Pisco-lhe o olho.

— Achavas que ias precisar de energia, hã? Porquê?

As suas faces adquirem um tom cor-de-rosa encantador. Vejo-a a conter um sorriso e, quando ela o liberta, congratulo-me internamente. Fica tão linda quando sorri. Gostava que sorrisse mais vezes.

Ela olha em redor.

— A tua carrinha não está aqui.

— Não, ficou em Hastings. Viemos no carro do Fitzy.

Ela acena com a cabeça e morde novamente o lábio.

— Eu… bem… então o que fazemos?

— Sem pressão. — Aproximo-me ainda mais, pousando uma mão na anca dela enquanto a outra lhe percorre a linha do maxilar. A minha pulsação acelera quando ela não se afasta do meu toque. — Podemos caminhar. Ou ficar no carro a conversar. O que quiseres.

A Sabrina deixa escapar um suspiro que forma uma nuvem branca no ar frio da noite.

— Não me apetece caminhar. Está frio e doem-me os pés de estar de pé a noite toda. E o meu carro é demasiado pequeno para ti. Ficarias desconfortável em cinco segundos.

— Queres voltar para tua casa?

Ela fica tensa.

— Nem por isso. — Deixa escapar outro suspiro. — Não quero que tu…

— Que eu o quê?

— Não quero que vejas onde eu vivo. — Ela parece estar na defensiva. — É rasca, está bem?

O meu coração aperta-se um pouco. Não respondo, porque não sei o que dizer.

— Quero dizer, o meu quarto não — diz ela. — Não é rasca.

A Sabrina fica em silêncio, como se estivesse a travar alguma batalha interna.

— Estava a falar a sério antes — digo-lhe, numa voz suave. — Sem pressão. Mas se estás preocupada com a possibilidade de eu julgar o sítio onde vives, para por aí. Pouco me importa se vives numa mansão ou num barraco. Só quero passar tempo contigo, onde for e quando for.

Quando passo o polegar sobre os lábios dela, a tensão dissipa-se dos seus ombros.

— Está bem — sussurra, por fim. — Vamos para minha casa.

Examino-lhe o rosto.

— Tens a certeza?

— Sim, não há problema. Prefiro estar num local quente e acolhedor neste momento. Não que a minha casa seja quente e acolhedora, mas é mais quente do que estar cá fora.

Depois de tomar uma decisão, ela destranca a porta do condutor e senta-se ao volante. Eu entro para o lado do passageiro. E ela tem razão: as minhas pernas não estão a gostar deste veículo. Mesmo quando puxo para trás o assento o mais que consigo, continuo a não ter espaço para esticar as pernas.

Ela liga o motor e sai do parque de estacionamento.

— Vivo relativamente perto daqui.

Depois disso, não diz muita coisa no resto da viagem. Não sei se está nervosa ou se se arrepende de ter aceitado sair comigo, mas espero que não seja esse o caso.

Não insisto para que ela fale, porque sei que se assusta com facilidade. O truque é ter paciência, e a paciência com a Sabrina James tem uma recompensa. Ela é tão assustadiça que é apenas uma questão de a ajudar a

chegar a um nível de conforto que lhe permita baixar a guarda.

Quando viramos para a rua dela, eu finjo que é a primeira vez que estou aqui. Que não reconheço as casas em fila estreitas e decrépitas. Que não dormi no meu carro aqui mesmo, na esquina, na noite em que a segui até casa para garantir que ela chegava em segurança.

A Sabrina vira para uma estrada que fica ao lado da casa, na direção de um pequeno estacionamento nas traseiras. Desliga o motor e sai do carro em silêncio.

— Por aqui — murmura ela quando eu contorno o veículo.

Ela não me pega na mão, mas certifica-se de que estou a segui-la enquanto sobe os três degraus das traseiras. As chaves tilintam no silêncio da noite quando ela destranca a porta.

Minutos depois, entramos numa cozinha pequena. Tem um papel de parede feio com padrão amarelo e cor-de-rosa e, no centro, há uma mesa de madeira quadrada rodeada de quatro cadeiras. Os aparelhos parecem antigos, mas claramente funcionam, porque há tachos e frigideiras sujos em cima dos bicos do fogão.

A Sabrina empalidece ao ver a sujidade.

— A minha avó esquece-se sempre de limpar o que suja — diz ela, sem me olhar nos olhos.

Olho em redor do espaço contíguo.

— Só vivem aqui vocês as duas?

— Não. O meu padrasto também vive. — Ela não desenvolve, e eu não pergunto detalhes. — Mas não te preocupes. Sexta-feira é noite de póquer. Ele costuma ficar fora de casa até tarde e depois vem aos tropeções por volta do meio-dia do dia seguinte. E a minha avó toma um soporífero todas as noites antes de se deitar. Ela dorme como uma pedra.

Não estava preocupado, mas estou com a sensação de que ela não está a tentar tranquilizar-me a mim, mas sim a ela.

— O meu quarto é por aqui. — Percorre o corredor antes que eu consiga dizer uma palavra.

Sigo-a e reparo que o corredor é estreito, que o tapete está sujo e que não há fotografias da família penduradas nas paredes. O meu coração começa a doer, porque os ombros da Sabrina descaem, o que me indica que ela tem vergonha desta casa.

Merda. Odeio vê-la tão derrotada. Quero falar-lhe sobre a tinta a descascar na nossa casa do Texas, quero dizer-lhe que dormi num quarto minúsculo durante todo o ensino secundário, para que a minha mãe pudesse usar o quarto maior como cabeleireiro para ajudar a complementar o salário que recebia como cabeleireira na cidade.

Mas mantenho-me em silêncio. Estou a fazer o mesmo que ela.

O quarto dela é pequeno, arrumado e claramente o seu refúgio. A cama está impecavelmente feita e tem um edredão azul-claro. A escrivaninha está imaculada e coberta de livros bem empilhados. O quarto tem um cheiro limpo e fresco, a pinheiro, limão e algo aditivamente feminino.

A Sabrina desabotoa o casaco, despe-o e atira-o para cima da cadeira da escrivaninha.

Fico com água na boca. Ela vestiu uma t-shirt por cima do soutien diminuto a que chama «uniforme» de trabalho, mas continua com aqueles calções minúsculos. E com os saltos altos. Meu Deus, aqueles saltos.

— Então — começa ela.

Abro o fecho-éclair do casaco.

— Então — repito.

Os seus olhos escuros acompanham o movimento das minhas mãos enquanto atiro o casaco para o lado. Depois ela abana a cabeça abruptamente, como se estivesse a tentar evitar… tirar-me as medidas, diria eu. Escondo um sorriso.

— Estava a falar a sério quando disse que não me queria envolver — diz ela.

— Eu sei que estavas. Foi por isso que não liguei. — Dirijo-me à secretária e olho para os títulos dos manuais, as centenas deles.

Há um pequeno quadro de cortiça na parede com fotografias afixadas. Sorrio ao ver uma fotografia da Sabrina ensanduichada no meio de duas outras

raparigas. A da esquerda tem cabelo ruivo e está a mostrar a língua enquanto aperta o rabo da Sabrina de forma exagerada. A da direita tem tranças compridas e finas e está a depositar um beijo na face da Sabrina. É óbvio que a adoram, e sinto uma onda de aprovação por saber que há pelo menos duas pessoas que a apoiam.

— As minhas amigas — explica a Sabrina, parando ao meu lado. Aponta para a direita. — Esta é a Hope. — Depois aponta para a esquerda. — E a Carin. São os meus anjos enviados do Céu. A sério.

— Parecem fixes. — O meu olhar passa para as outras fotografias antes de incidir num papel branco com o emblema de Harvard no canto. — Cum caraças — digo. — Isto é o que eu acho que é?

O rosto dela ilumina-se.

— Sim. Entrei na Faculdade de Direito de Harvard.

— Boa! — Dou uma volta e envolvo-a num abraço. — Parabéns, miúda. Estou orgulhoso de ti.

— Também estou orgulhosa de mim. — A voz dela é abafada contra a parte lateral do meu pescoço.

Oh, bolas. Este abraço foi má ideia. Agora só me consigo concentrar na forma como as suas mamas redondas e grandes estão pressionadas contra o meu peito. Juro que os mamilos também estão eretos.

A respiração da Sabrina fica ofegante assim que ela sente a mudança no meu corpo.

— Desculpa — digo, pesarosamente, inclinando as ancas para trás. — O meu pénis ficou confuso.

Uma gargalhada escapa-lhe da boca. Ela inclina a cabeça para olhar para mim com um ar divertido. E caloroso. Estou mesmo a ver uma faísca ali.

— Pobrezinho — murmura ela. — Preciso de lhe explicar a diferença entre um abraço e sexo?

Credo. Esta rapariga não pode dizer a palavra «sexo». Soa demasiado como uma promessa quando sai dos seus lábios carnudos.

— Acho melhor — respondo, solenemente. — Se bem que ele não deve

muito à inteligência. Talvez precises de lhe dar um tutorial prático.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— O que aconteceu à ideia de não exercer pressão?

— Ah, estou só a brincar. Sem pressão, querida. — Tirando a pressão que existe detrás do meu fecho-éclair.

Por momentos, ela fica calada. Já não nos estamos a abraçar, mas continuamos separados por escassos centímetros.

— Sinceramente? — pergunta ela. — Costumo funcionar melhor sob pressão. Às vezes preciso de… um pequeno empurrão.

Ouço a pergunta que ela não faz, mas, embora o meu pénis fique ereto, obrigo-me a mostrar contenção.

— Não te vou pressionar. A não ser que tenha a certeza de que é algo que queiras. — Estudo a expressão dela. — É isso que queres?

Ela humedece os lábios.

— É.

— Não chega. Diz-me ao certo o que queres.

— A ti. Quero-te a ti.

— Sê mais específica. — Merda. Sou masoquista, pelos vistos. Mas esta rapariga rejeitou-me duas vezes desde que dormimos juntos. Preciso de ter a certeza de que estamos em sintonia.

— Quero-te a ti. Quero *isto*. — A palma da mão dela cobre-me o material, e a minha ereção quase sai das calças.

— Onde é que queres isso? — A minha voz é pura gravilha.

— Na minha boca.

Lá se foi a contenção. A Sabrina James destruiu-a com uma bola de demolição ao usar aquelas três palavras carregadas de desejo.

Beijo-a antes que um de nós tenha tempo de pestanejar. E é o tipo de beijo que vai do oito ao oitenta numa questão de segundos. A minha língua desliza através dos seus lábios entreabertos, numa investida ávida. Ela geme de prazer e retribui-me o beijo, e a língua dela baila com a minha durante alguns segundos deliciosos, antes de ela me começar a pespegar beijos pelo pescoço

abaixo. Os seus seios arfam quando ela respira fundo, e o gemido suave que ela solta desce diretamente aos meus testículos.

— Cheiras tão bem — sussurra ela, e depois os seus lábios cobrem o meu corpo. Descendo pelos tendões do pescoço, afagando a clavícula, provocando-me arrepios no queixo. Levando-me à loucura, basicamente.

Ela desliza uma mão entre os nossos corpos e acaricia-me sobre as calças. Não abre o fecho-éclair. Não enfia a mão lá dentro. Não sei se a intenção é provocar-me ou se está à espera do empurrão de que precisa. Uma vez que não tenho paciência para esperar, opto pela segunda.

— Tira a minha pila para fora — digo, bruscamente.

Os lábios dela curvam-se de modo provocador.

— Porque faria isso?

— Disseste que me querias na boca. — Cerro os punhos junto ao corpo. — Então enfia-me na boca.

Ela produz um som encantador, uma mistura entre um gemido e um arquejo. Sinto os dedos dela a tremerem quando abre o botão das minhas calças, mas sei que não é de nervosismo, porque a sua expressão está carregada de excitação.

— Queria fazer isto naquela noite na tua carrinha — confessa ela. — Mas estava demasiado impaciente para te sentir dentro de mim.

Ela tira delicadamente o meu pénis dos boxers e enrola os dedos em volta dele. Eu descalço as botas e puxo as calças e a roupa interior para baixo, arrancando-a depois com os pés.

— Camisola — ordena ela, parecendo divertida. — Quero ver o teu peito.

Esta rapariga vai dar cabo de mim. Dispo a camisola e depois fico nu à frente dela. Ela continua vestida, se é que podemos chamar a uns calções minúsculos e uma t-shirt fina *roupa*.

Enquanto o seu olhar ardente me come inteiro, eu envio um agradecimento rápido aos deuses do hóquei por terem inventado um desporto tão exigente. O hóquei é um jogo perigoso e duro que exige várias horas de treino. Deu-me músculos em locais que nem sabia que os tinham. E agora todo o trabalho

árduo está a compensar, ao colocar esta expressão faminta no rosto da Sabrina.

— O teu corpo é incrível — informa-me ela.

Rio-me.

— Diz o roto ao nu — respondo, antes de lhe apalpar os seios por cima da t-shirt.

Ela dá-me uma palmada para me afastar a mão.

— Não me distraias! Tenho uma tarefa em mãos.

Lanço-lhe um olhar de desafio.

— Calculei que tinhas jeito para fazer várias coisas ao mesmo tempo. Tendo em conta que estás sempre atarefada.

— Oh, eu sou a melhor nisso. Só não quero fazê-lo neste momento. Quero saborear isto. — Ela profere a promessa sedutora enquanto se ajoelha lentamente.

O cabelo cai-lhe sobre um ombro ao mesmo tempo que ela ergue o olhar para mim. Nunca tive uma visão tão sensual. Esfrego o meu polegar na sua boca. Quero ver aqueles lábios à volta do meu pénis. Quero ver a garganta a abrir-se para me acolher.

— Chupa-me — digo, quando ela continua ali ajoelhada sem me tocar.

Ela ouve a nota atormentada na minha voz e compadece-se de mim, inclinando-se para a frente para beijar a ponta do meu pénis. Usa apenas um pouco de língua, mas basta isso para enviar uma corrente elétrica pela minha espinha acima. Oh, bolas, não vou aguentar muito tempo.

Afago-lhe a nuca e empurro-a para se aproximar mais. Ela abre a boca e insere metade do meu pénis lá dentro. Um calor húmido rodeia-me, o que me faz gemer. É incrível, e isso é *antes* de ela começar a usar a língua.

— Foda-se — digo, quando ela lambe a parte inferior sensível.

A Sabrina ri-se, e o som reverbera pelo meu pénis e palpita nos meus testículos. Ela atormenta-me com movimentos lentos e preguiçosos da mão. Puxa-me o pénis com movimentos profundos e húmidos, e lambe-me de modo delicado e suave. E, durante todo o tempo, produz sons sensuais que nunca ouvi antes. Pequenos gemidos de excitação e ofegantes que confirmam que ela

está quase a atingir o êxtase, tal como eu.

Acaricio-lhe o cabelo. É tão suave e sedoso enquanto se move entre os meus dedos. Abano as ancas, lentamente, porque quero que isto dure. Mas quando, subitamente, a boca dela desliza para a frente até os lábios se prenderem com firmeza em volta da base do meu pénis, não consigo travar o orgasmo.

Com o pénis enterrado na garganta dela, disparo como um foguete. Acontece tão depressa que nem tenho tempo de a avisar.

— Sabrina — digo, tentando puxar o pénis para fora.

Ela limita-se a gemer e engole tudo o que libertei.

O prazer é tão intenso que quase me destrói. Os meus joelhos batem um contra o outro. O meu cérebro parou de produzir pensamentos coerentes assim que ela enfiou o meu pénis na boca.

Acabo por sentir as carícias suaves da mão dela sobre as minhas coxas e as cócegas provocadas pelos seus dedos no meu pénis, quando ela faz um movimento final antes de se levantar.

— Foi divertido — diz-me ela.

Engasgo-me a rir. Divertido? Isso é pouco.

— Foi incrível, porra — corrijo-a, puxando-a para mim.

Beijo-a até ela ficar ofegante. As minhas pernas continuam a tremer, mas as mãos estão firmes enquanto puxo metodicamente a sua t-shirt e depois desfaço o laço que está a manter o soutien do biquíni no sítio. As nossas bocas continuam coladas e eu empurro-a para a cama, colocando-me sobre ela até ela não ter alternativa a não ser deixar-se cair de costas sobre os cotovelos.

Tiro-lhe os saltos altos, um por um, e aproveito para beijar cada um dos tornozelos. Depois livro-me dos calções e atiro-os para a outra ponta do quarto, e pego novamente nos saltos altos.

A Sabrina arqueia uma sobrancelha.

— Vais voltar a calçar-me?

— Podes crer que vou. Não fazes ideia de como ficas sensual com estes saltos.

Coloco um pé pequeno dentro do sapato de salto-agulha e depois o outro.

Quando termino, fico a olhar para ela durante alguns minutos e questiono-me como tive tamanha sorte. Ela tem pernas compridas, curvas jeitosas e pele suave cor de azeitona. O cabelo escuro está apanhado num carrapito no topo da cabeça e os lábios vermelhos estão brilhantes e entreabertos. E estes saltos sexy… meu Deus. Ela é o derradeiro sonho húmido.

Ajoelho-me e aproximo-me mais. O meu pénis está a despertar outra vez, mas eu ignoro-o. Ele pode aguentar cinco minutos enquanto eu brinco um pouco.

— Não consigo parar de pensar em como és tão bonita — digo, colocando a mão entre as pernas dela.

Quando lhe esfrego o polegar no clítoris, as suas ancas abanam a cama em resposta.

Sorrio. Basta um toque e ela já está excitada. Ou talvez tenha ficado excitada quando me estava a fazer um broche que vai ficar para a história.

Passo o dedo pela sua abertura e gemo quando descubro que ela está encharcada.

— Fui eu quem fez isto? — murmuro.

A malícia dança-lhe nos olhos.

— Desculpa, mas não. Estive a imaginar que estava com o Tom Hardy o tempo todo em que estive a fazer-te um broche.

— Tangas. — Enfio um dedo dentro dela e ela geme alto. — Sabias exatamente de quem era o pénis que estava dentro da tua boca.

A Sabrina estremece contra o meu dedo. Eu acrescento outro, enrosco-os e afago-lhe o canal interior, ao mesmo tempo que o meu polegar descreve círculos provocadores no clítoris.

— Está bem, sabia — diz ela. — Quem precisa de imaginar uma estrela de cinema quando já és a concretização de uma fantasia?

O meu ego gosta de ouvir isto. E o meu pénis gosta da forma como a vagina dela se contrai em volta dos meus dedos. Lembro-me de que da última vez ela era bastante apertada, lembro-me da sensação maravilhosa, e uma vez mais esqueço-me de que estou a tentar ser paciente.

Gemo e abro-lhe as coxas com a mão livre, inclinando-me depois para baixo para enterrar o rosto onde o meu pénis quer estar. Quando a minha língua lhe toca, ela geme alto o suficiente para acordar um morto. Espero que o soporífero da avó dela funcione bem, caso contrário vamos ter uma interrupção embaraçosa.

Beijo-a, lambo-a e sugo-a até o meu corpo já não aguentar mais. Até a minha mente desligar novamente e ser ocupada apenas por um pensamento: *Preciso de entrar dentro dela.*

Quando afasto a boca, a Sabrina geme de desapontamento. A minha barba deixou-lhe manchas cor-de-rosa nas coxas, mas ela não parece importar-se. Está a contorcer-se e a cruzar as pernas, com uma expressão excitada no rosto.

— Tucker — implora ela.

— Espera, querida. — Inclino-me sobre a beira da cama, agarro nas calças e tiro o preservativo que está na carteira.

Ela observa-me a colocá-lo. O olhar dela já não revela frustração. É um olhar ardente, carregado de expectativa.

— Entra dentro de mim — ordena ela.

— Sim, senhora.

Com um sorriso, rastejo até chegar a ela e agarro o pénis para me guiar para dentro dela. Gememos os dois quando chego bem fundo. Mas, pelos vistos, não fundo o suficiente. As suas pernas compridas, sedosas e incríveis enrolam-se à volta da minha cintura. Ela crava os saltos no meu rabo e levanta as ancas para aprofundar o contacto, e essa é a melhor sensação do mundo.

Baixo-me até os meus cotovelos ficarem pousados em cada um dos lados da cabeça dela.

— Linda — murmuro, olhando para o seu rosto afogueado. Mergulho a cabeça e beijo-a novamente, enquanto o meu pénis palpita no calor dentro do corpo dela.

Tento ir devagar. Dou o meu melhor. Mas a Sabrina tem outras ideias.

Enfia a mão no meu cabelo e puxa-o para trás até as nossas bocas se afastarem.

— Preciso de mais. — Ela parece tão desesperada quanto eu me sinto.

— Diz-me do que precisas.

— Disto. — Ela agarra-me na mão e puxa-a para o local onde os nossos corpos estão unidos. Os seus dedos tapam os nós dos meus, quando me incita a afagar-lhe o clítoris. — E disto. — Inclina-se para cima e começa a roçar-se em mim.

E esse é o jogo, senhoras e senhores.

O meu ritmo lento e ponderado cai por terra. Em vez disso, passamos a foder como animais. Invisto o pénis dentro dela com tudo o que tenho. A minha mão mantém-se colada ao seu clítoris intumescido enquanto o esfrega a cada investida frenética. No espaço de segundos, estamos os dois suados e ofegantes. O colchão range com a força do sexo. A cabeceira bate contra a parede num ritmo contínuo que se equipara à batida desenfreada do meu coração.

Ela atinge o orgasmo antes de mim, agarrando-me os ombros à medida que estremece debaixo de mim. O broche aliviou a excitação que sentia, por isso aguento mais tempo. Mais tempo do que queria, porque estou ansioso por me vir. Todos os músculos do meu corpo estão tensos e gritam por um êxtase que continua fora do meu alcance.

— Vá lá — murmura a Sabrina.

E depois os dedos dela cravam-se nas minhas nádegas, e um deles desliza pela prega e…

É esse o jogo.

Venho-me com um gemido alto. Esqueço-me do meu nome. Provavelmente tenho uma branca durante um minuto. Sinto-me desorientado e maravilhoso, e continuo a sentir um formigueiro nos testículos, mas acho que sou capaz de estar a esmagá-la, por isso obrigo o meu corpo fraco a afastar-se do dela e deixo-me cair de costas.

— Cum caraças — murmuro, olhando para o teto. — Isto foi…

Uma batida na porta desconcerta-me.

— Estás a divertir-te aí dentro? — pergunta uma voz masculina arrastada.

— Porque parece que sim.

A Sabrina fica paralisada como um veado no meio de uma estrada rural. O brilho do sexo que ela tinha desaparece imediatamente. O seu rosto fica pálido e os dedos enroscam-se na colcha.

— Vai-te embora — diz ela bruscamente para a porta.

— O que foi? Não me vais apresentar ao teu amigo? Não sejas tão indelicada, Rina.

— Vai-te embora, Ray.

Mas o filho da mãe recusa-se a ir embora. Começa a bater novamente na porta, e ouve-se uma gargalhada bêbeda a ecoar pelo corredor.

— Deixa-me conhecer o teu amigo! Vá lá, eu porto-me bem.

A Sabrina salta para fora da cama e começa a recolher as peças de roupa. Eu faço rapidamente o mesmo, porque é óbvio que ficar nu não é opção.

Ela veste uma camisola sem mangas e um par de calções de algodão, depois dirige-se à porta e abre-a.

— Pisga-te da minha porta, Ray. Estou a falar a sério.

O homem que está à porta passa por ela e levanta a cabeça para me ver bem. Quando os nossos olhares se cruzam, ele ri-se novamente.

— Ah, arranjaste um amiguinho desportista! Vê lá os músculos deste! — O cabelo gorduroso cai-lhe sobre a testa quando ele vira a cabeça para a Sabrina. — Gostas de músculos, hã? Sim, gostas mesmo. Ouvi-te da sala de estar a guinchar como uma gaja com o cio.

— Sai — ordena a Sabrina.

— Ficas sensual quando te vens…

Já chega. A raiva ferve no meu estômago quando dou um passo em frente. Estou-me a borrifar se este homem é o padrasto da Sabrina. Este tarado não pode falar-lhe assim.

— Já chega — digo, baixinho. — Ela pediu-te que saísses.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Quem raio és tu para me dares ordens? Esta é a *minha* casa, rapaz.

— E este é o quarto dela — respondo.

— Tucker — começa ela, mas o Ray interrompe-a.

— Rina, diz ao teu desportista que feche a matraca. Ou ainda a fecho eu.

Pois, sim. Eu dava cabo deste sacana com um soco. Está tão bêbedo que as pernas bamboleiam.

— Ray. — A voz da Sabrina é enganadoramente tranquila. — Gostava que te fosses embora, por favor.

O silêncio paira entre os três. Por fim, o Ray revira os olhos de modo dramático e encaminha-se para a porta.

— Credo, és mesmo uma cabra empertigada, não és? Eu estava só a brincar.

— Brinca noutro lugar — digo, friamente.

— Cala a boca, desportista. — Mas ele vai-se embora.

Ouvimos os passos instáveis no corredor. Minutos depois, uma porta fecha-se.

Viro-me lentamente para a Sabrina. O meu estômago contorce-se de preocupação. E de medo também, porque odeio a ideia de aquele imbecil dormir apenas a duas portas do quarto dela.

Antes que eu consiga falar, ela prende o cabelo atrás das orelhas e diz:

— Estou mesmo cansada. É melhor ires agora.

O meu olhar incide no corredor.

— Ele não me vai incomodar — sussurra ela, como se me lesse a mente. — Eu tranco a porta à noite.

Não sei se uma porta trancada consegue impedir aquela besta de entrar. O Ray não é alto e encorpado como eu, mas também não é nenhum lingrinhas. É barrigudo, sim, mas não lingrinhas…

— Eu fico bem — insiste ela, e a expressão no seu rosto indica-me que quer tanto que eu me vá embora como eu quero ficar.

— Tens a certeza de que ficas bem? — pergunto, por fim.

Ela acena com a cabeça.

— Pronto… então vou à minha vida. — Tiro o telemóvel do bolso e abro a aplicação da *Uber*. Depois demoro propositadamente muito tempo na aplicação, na esperança de que ela mude de ideias.

Mas ela não muda. Aguarda em silêncio enquanto eu procuro um carro e depois acompanha-me à cozinha, abre-me a porta e murmura um suave:

— Boa noite.

Nem sequer me dá um beijo de despedida.

10

Sabrina

Tucker: Não sei se me bloqueaste outra vez. Para o caso improvável de não o teres feito, és um estrondo na cama. O teu corpo jeitoso quase se sobrepõe ao teu cérebro sexy. Quase. Quero estar contigo outra vez. Na cama, fora dela. Onde quiseres.

Gosto de fingir que sou superior a coisas mundanas como sentimentos. Que o meu foco é tão preciso que nada me consegue afastar do caminho que tracei para mim própria no 6.º ano. Mas quando olho para o fundo do pátio e vejo uma rapariga qualquer a roçar-se no Tucker, os pensamentos sobre Harvard, sobre as notas perfeitas e sobre toda a inveja que irei provocar são substituídos por uma onda de ciúmes.

Apetece-me chegar lá, pegar no telemóvel e mostrar à rapariga a mensagem picante que ele me enviou. Diria: *Estás a ver? Ele é meu*, e depois puxá-lo-ia para longe dela. Ou talvez o atirasse ao chão e o montasse em frente de todo o *campus* da Briar.

— B, estás com ar de quem não sabe se quer matar a Amber Pivalis ou pinar com o Tucker. Mas qualquer um dos dois é ilegal na faculdade. — A Hope ri-se junto ao meu ouvido.

A Amber? O nome dela vai para a minha lista de inimigos.

— Não tenho tempo para isto — murmuro, erguendo mais os livros nos braços. Não sei se estou a tentar convencer-me a mim ou à Hope neste momento. Talvez às duas.

— Como vamos definir «isto»? A tua obsessão repentina com o Tucker ou a

tua recusa exasperante em permitir-te gozar a vida?

— Se a tua sobrancelha continuar a subir ainda mais para a testa, vai tornar-se oficialmente parte da tua linha capilar — é a minha resposta vaga.

— Estar ao pé de ti provoca em mim estes tiques estranhos. — A Hope agita as sobrancelhas.

— Fazes essas expressões na cama com o D'Andre? É algum fetiche estranho dele?

— Sabes bem qual é o fetiche do D'Andre, e não são as minhas sobrancelhas.

— Valha-me Deus. Pois é. Peço desculpa pelo meu comentário. — A preferência do D'Andre por rabos não passou despercebida a nenhuma das amigas da Hope, mas não é algo de que eu goste de falar, nem sequer para me distrair da Amber.

A Coisinha está a passar os dedos pelo braço do Tucker acima, enquanto ele escuta atentamente todas as palermices que saem da sua boca parva. Quero dizer, ela podia estar a discursar sobre as teorias do niilismo do Nietzsche que, mesmo assim, seria uma parvoíce, porque o Tucker está a escutá-la.

— Vais ficar aí o dia todo a assistir ao espetáculo da Amber/Tucker ou vamos comer?

Os nomes deles nem ficam bem juntos. A alcunha deles seria Tamber ou Aucker, e ambas as opções são parvas.

A junção do meu nome com o do Tucker resultaria em *Sucker*, o que poderia aludir a sexo ou à forma como me sinto neste momento. Uma autêntica idiota. Por que raio está ele a namoriscar com outra rapariga depois de me ter enviado aquela mensagem picante?

— Comer — murmuro, mas as minhas pernas incitam-me a seguir para oeste, que não é a direção do refeitório.

— Sabes que o Carver Hall fica à nossa esquerda, certo? — Parece que a Hope está a tentar não se rir.

Detenho-me, mas é tarde demais. A cabeça do Tucker levanta-se e ele vê-me. Consigo sentir daqui o calor que o seu sorriso emana.

Oh, merda, isto foi um erro. Aquilo que aconteceu há três noites foi um erro. Aquilo que aconteceu há uma semana foi um erro. Atravessar o pátio como se fosse uma namorada ciumenta foi sem dúvida um erro.

Agarro o braço da Hope e avanço rapidamente na direção oposta.

— Estou esfomeada. Vamos comer.

— Tens a noção de que correr é algo que só faço na passadeira com sapatilhas e equipamento de corrida, certo? — Ela caminha ao meu lado e tenta acompanhar-me, com umas botas de camurça caras com tacão tão alto como a minha mão.

Estugo o passo.

— Não te consigo ouvir. A vergonha está a circular no meu sistema nervoso.

— Se estás a passar mal por causa da vergonha, adorava saber o que te levou a atravessar o pátio a correr.

Como se ela não soubesse. Antes que eu consiga responder, o Tucker surge à minha direita.

— Onde é o fogo? — indaga ele.

A Hope estaca.

— Ainda bem que nos alcançaste. — Ela passa uma mão pela testa de forma exagerada. — Não fui feita para passeios no exterior.

— Cala-te, Hopeless — digo entre dentes.

Ela ri-se sem remorsos.

— Vou entrar para guardar uma mesa para nós. Quando acabares, vem ter comigo. — Passa por mim e dá um apertão ao bíceps do Tucker. — Podes juntar-te a nós, bonitão.

Alguém ronca. Espero que pensem que é o meu estômago, mas, a julgar pelo sorriso largo da Hope e pelo sorrisinho do Tucker, sei que fui apanhada. Pelo menos o Tucker tem a decência de esperar que a Hope se afaste para abrir a boca.

— Estás mais uma vez a ignorar as minhas mensagens?

— Foi só uma mensagem e só passaram três dias. — Fito teimosamente o espaço à minha frente, e não o seu belo rosto e olhos castanhos.

— Mas quem está a contar, certo?

Nem preciso de olhar para ele para saber que está a sorrir. Todas as suas palavras o demonstram.

Ficamos ali especados durante uns instantes e nenhum de nós fala. Deduzo que ele esteja a olhar para mim, ao passo que eu estou a olhar para todo o lado menos para ele. Por fim, reúno coragem e enfrento-o.

O sorriso esmoreceu. Ele tem agora uma expressão interrogativa, como se tivesse decidido que eu sou um puzzle que ele está a tentar montar. Uma dezena de perguntas rodopia na minha cabeça, e eu paro um momento para as ordenar até chegar àquela que me incomoda mais: a cena vergonhosa com o Ray antes de o Tucker ter saído de minha casa, na sexta-feira à noite.

— Fui a Harvard no outro dia — começo a dizer, constrangida. — Fiquei sentada no átrio e um aluno confundiu-me com uma pobre que andava à procura de assistência jurídica.

— Merda.

Descarto a pena dele com um aceno de mão.

— Depois de lhe dizer que seria aluna de Harvard no outono seguinte, tive uma reunião com uma professora que é amiga da minha orientadora e ela aconselhou-me a comprar roupas novas. Esse foi provavelmente um dos momentos mais humilhantes da minha vida até este fim de semana. Quero dizer, se não contarmos com o dia no secundário em que me veio o período sem eu estar a contar, durante uma aula de ginástica. Enquanto subia uma corda.

Ele ri-se.

— Au.

— Mas… ouvires tudo aquilo que o meu padrasto disse? — Paro e estremeço. — Essa é uma cena que gostava de apagar.

— Sabrina…

Interrompo-o.

— A minha vida parece um episódio de mau gosto atrás do outro saído das *Real Housewives of South Boston: Edição da Ralé*. E se não continuar a tirar

notas perfeitas, se não estiver em condições de competir… — A minha voz falha um pouco e sou obrigada a parar.

O Tucker mantém-se calado. Está a observar-me com uma expressão indecifrável.

Pigarreio.

— Se não estiver em condições de competir, não consigo sair daqui, o que, para ser sincera, é inaceitável para mim. Por isso, embora o sexo contigo tenha sido incrível, é uma distração. Tu és uma distração — confesso.

Ele deixa escapar um suspiro lento e firme.

— Miúda, achas que és a única que tem um familiar embaraçoso? O meu tio Jim é literalmente um daqueles homens sinistros que dão vida ao estereótipo do tio. Está sempre a tocar de forma estranha nos outros familiares. Nenhuma das minhas primas quer estar perto dele. Se te levasse a uma reunião familiar, ele faria um comentário nojento qualquer e tentaria apalpar-te o rabo. Julgo que não me vês de outra forma por causa disso, pois não?

— Não, mas… — Começo a dizer que não é a mesma coisa, mas ambos sabemos que não é verdade. É a mesmíssima coisa. O Ray não é meu pai. É um idiota com quem a minha mãe se casou e que abandonou como uma bagagem que já não queria. Tal como fez comigo.

— E, apesar do que julgas, não tenho dinheiro. Frequento esta faculdade por causa de uma bolsa do hóquei. Se a Briar não tivesse oferecido a bolsa, eu estaria a frequentar uma faculdade pública no Texas. — Encolhe os ombros. — Tenho algumas poupanças e tenciono usá-las para dar início à minha vida depois de concluir a faculdade, mas não sou o imbecil que julgas que sou.

— Não penso que sejas um imbecil — murmuro, mas não nego que não confio em rapazes com dinheiro.

Ele examina-me por instantes.

— Deixa-me perguntar-te isto. O fundo fiduciário do Dean aumenta mais em juros num trimestre do que o valor de toda a minha herança. A sensação do pénis dele dentro de ti foi diferente?

Estremeço por instantes, porque não gosto de pensar que me enrolei com o

Dean Di Laurentis quando estava bêbeda. Ao mesmo tempo, a ideia de o pénis do Dean ser diferente por causa do dinheiro dele é tão disparatada que não consigo evitar deixar escapar uma gargalhada.

— Não me lembro. Estava perdida de bêbeda e ele também.

— Sentiste que valias um milhão de dólares no dia seguinte?

— Céus, não.

— Então, no fim de contas, o dinheiro não importa. Não importa se a tua carteira é grossa ou fina. Todos sofremos. Todos amamos. Somos iguais. E o teu passado, as pessoas com quem vives, de onde vieste, não tem de importar. Estás a criar o teu próprio futuro, e quero ver aonde a estrada te leva. — O Tucker desliza um dedo por baixo da alça da minha mochila. — É melhor irmos comer. Que te parece se eu levar isto enquanto te acompanho ao refeitório?

Pelos vistos, a aula de Filosofia acabou e ainda bem, porque não estou preparada para responder a nada do que ele acabou de dizer.

Entrego-lhe a mochila. Caminhamos em silêncio por um instante, e depois sinto-me obrigada a perguntar:

— Há alguma coisa que te abale?

Ele assente de modo solene enquanto ajeita a alça da mochila no ombro. Qualquer outra pessoa pareceria um pouco ridícula com uma mochila às costas e uma mochila a tiracolo pendurada no ombro, mas a ele fica-lhe bem, provavelmente por causa do peito largo e da altura.

— Sim, várias coisas, mas tento não deixar que me deitem abaixo. É um desperdício de energia.

— Diz-me uma — imploro. — Uma coisa embaraçosa. Uma falha. Algo que te incomode.

— Não me retribuíres as mensagens incomoda-me.

— Isso é uma coisa irritante, não embaraçosa.

— Deste-me uma nega. Duas vezes — relembra-me ele. — Como é que admitir que isso me incomoda é uma coisa irritante?

— Porque fizemos sexo incrível, por isso sabes que voltaria a dormir

contigo noutras circunstâncias — argumento.

Algures na minha mente, reconheço que esta conversa está a atingir níveis ridículos. Estou a discutir com um rapaz com quem dormi sobre não poder dormir novamente com ele porque ele é demasiado bom na cama. A minha vida é oficialmente uma farsa.

— O que é uma circunstância normal para ti? — pergunta ele, curioso, acompanhando a minha passada mais curta com a sua passada mais longa.

— Não sei. Não consigo ver tão à frente.

Ele para antes da entrada do Carver Hall.

— Tretas.

— O quê?

— Tretas. Sabes bem onde queres estar daqui a cinquenta anos, e não apenas nos próximos cinco.

As minhas faces aquecem, porque ele tem razão.

— Escuta. É assim. — O Tucker estica o braço e agarra uma madeixa do meu cabelo, esfregando-a entre os dedos antes de a prender atrás da minha orelha. — Eu gostei de dormir contigo. Gostei de ouvir aqueles gemidos sexy que fizeste quando te chupei o clítoris, e gostei de te sentir a tremer como varas verdes quando te vieste debaixo de mim. — As suas palavras ordinárias representam um contraste com o tom sério e a forma como me fita intensamente. — Mas não gostei da forma como o teu pai…

— Padrasto — corrijo.

— … padrasto te tratou. Detestei, na verdade. Detesto que vivas com ele e fico contente por teres arranjado uma forma de escapar, porque é isso que estás a fazer, certo? Estás a dar no duro para conseguir notas perfeitas, as melhores classificações, para seres admitida nas melhores faculdades para poderes escapar. — Ele arrasta o polegar pela minha maçã do rosto. — Não quero ser uma distração, mas quero-te a ti. Acho que há aqui qualquer coisa, mas sou um rapaz paciente e estou disposto a aceitar o que tens neste momento. Não quero criar-te ainda mais pressão ou dificultar as coisas. Quero facilitar-te a vida.

O meu coração martela ruidosamente no espaço que nos separa, o espaço que ele encurta com um passo.

— O meu pai morreu quando eu tinha 3 anos — diz ele, sombrio. — Num acidente de viação. Quase não tenho memória dele. Mas lembro-me de acordar e ouvir a minha mãe a chorar à noite. Lembro-me de ver o rosto dela quando não conseguia comprar-me um par de patins novos ou um novo videojogo. Lembro-me de que ela ficou irritada comigo quando eu estava aos murros na sala de estar e espatifei um candeeiro contra a televisão. Deu-me um sermão dos grandes por causa disso. — A expressão dele é pesarosa em vez de irritada. — Ela tinha dois empregos para se certificar de que eu podia jogar hóquei e, quando concluir o curso esta primavera, vou dar-lhe um descanso desse trabalho árduo. Mas também sei que quero alguém para partilhar a minha vida. A minha mãe vive sozinha. Não quero isso para mim. E também não quero isso para ti.

Quando ele me beija, não se assemelha aos nossos encontros anteriores. Esses beijos eram bruscos, quentes e carregados de energia sexual. Este beijo é suave como o doce com que ele cobre as suas palavras. Parece que está a despejar doçura sobre a minha cabeça. Sempre que pressiona os lábios contra os meus, está a repetir a promessa de me dar apenas aquilo que estou a pedir.

E é este beijo. Este beijo doce, terno e atencioso que me assusta mais do que qualquer outra coisa que alguma vez senti.

11

Tucker

Dias depois da minha conversa com a Sabrina no pátio, levanto-me do sofá do Fitzy e preparo-me para um treino brutalmente cedo. Não estava a contar dormir em casa dele ontem à noite, mas a nossa sessão de videojogos durou até às duas da manhã, e não valia a pena ir até casa quando tínhamos de acordar às cinco e meia para o nosso treino às seis.

O Fitzy vive sozinho num apartamento em Hastings que mais parece uma caixa de sapatos. O seu «quarto» é separado da sala de estar por uma cortina que ele pendurou no teto. Para entrarmos na casa de banho minúscula, somos obrigados a trepar por cima da cama dele.

O jogador de hóquei grandalhão e coberto de tatuagens está deitado sobre a barriga, a dormir ferrado, por isso, de modo pouco gentil, dou-lhe uma palmada no rabo enquanto me encaminho para a casa de banho.

— Acorda, meu. Treino — resmungo.

Ele murmura qualquer coisa que não se percebe e rebola para o outro lado.

Encontro uma escova de dentes limpa numa gaveta ao lado do lavatório e abro o invólucro. Enquanto escovo os dentes, vasculho o telemóvel para ver se a Sabrina me enviou uma mensagem quando o telefone estava em silêncio na noite passada.

Não enviou. Caramba. Tinha esperança de que o meu discurso — e aquele beijo do caraças — a tivesse feito mudar de ideias sobre sair comigo, mas parece que não fez.

No entanto, deparo-me com uma conversa de loucos na conversa de grupo que mantenho com os meus colegas de casa. As mensagens são todas de ontem à noite e são bizarras como tudo.

Garrett: Que raio, D?!
Dean: Não é o que pensas!!
Logan: É difícil confundir o teu banho romântico com aquela coisa cor-de-rosa gigante! No teu rabo!
Dean: Não estava no meu rabo!
Garrett: Nem vou perguntar onde estava.
Dean: Tinha uma rapariga comigo!
Garrett: Claaaaaarooooo
Logan: Claaaaaarooooo
Dean: Odeio-vos
Garrett: <3
Logan: <3

Passo a boca por água, cuspo e deixo cair a escova de dentes no copo que está no lavatório. Depois escrevo rapidamente uma mensagem.

Eu: Espera… o que é que eu perdi?

Uma vez que temos treino daqui a vinte minutos, os rapazes já estão acordados e nitidamente estão ao telemóvel. Surgem logo duas fotografias. O Garrett e o Logan enviaram-me fotografias de *dildos* cor-de-rosa. Ainda estou mais confuso.

O Dean envia imediatamente uma mensagem com as palavras: «Porque é que têm fotografias de *dildos* cor-de-rosa à mão?»

Logan: PMNENMR
Dean: ??
Eu: ??
Garrett: Pelo Menos Não Está No Meu Rabo.

Rio-me sozinho, porque começo a juntar as peças.

Logan: Boa, G! Acertaste à primeira tentativa.
Garrett: Passamos demasiado tempo juntos.
Eu: POR FAVOR digam-me que apanharam o D a brincar com *dildos*.
Logan: Pois apanhámos.

O Dean protesta rapidamente.

Dean: TINHA UMA RAPARIGA EM CASA!

Eu e os rapazes continuamos a apertar com ele durante mais uns minutos, mas sou obrigado a parar quando o Fitzy entra na casa de banho e me empurra para o lado. Ele está a dormir em pé e está nu.

— Tenho de mijar — murmura.

— Bom dia — digo, alegremente. — Queres que prepare café?

— Céus. Sim. Por favor.

Rio-me e saio da casa de banho, descendo os quatro degraus até à kitchenette. Quando ele surge finalmente, ponho-lhe uma caneca de café na mão, bebo um gole do meu e digo:

— O Dean enfiou um *dildo* no rabo ontem à noite.

O Fitzy acena com a cabeça.

— Faz sentido.

Rio-me enquanto bebo, entornando café por cima do rebordo da caneca.

— Faz, hã?

Ele volta a acenar com a cabeça e bebe o resto do café. Já estou vestido e pronto para ir, por isso termino descontraidamente a minha bebida enquanto o Fitzy percorre o apartamento à procura de algumas roupas.

Cinco minutos depois, saímos para o ar frio da manhã e encaminhamo-nos para os respetivos carros. Felizmente, tenho o equipamento no porta-bagagens, por isso não sou obrigado a parar primeiro em casa. E por mais estúpido que seja, eu e o Fitzy aceleramos até ao *campus* como dois apressados. Ele vence, porque a minha carrinha é velha e mais lenta do que

um caracol.

Chegamos dez minutos mais cedo ao rinque e ainda bem, porque o meu telemóvel escolhe esse momento para tocar. A pulsação acelera ao pensar que pode ser a Sabrina.

Não é. Fico um pouco desiludido quando vejo o número da minha mãe e depois sinto-me mal, porque adoro a minha mãe.

— Vemo-nos lá dentro — digo ao Fitzy, que está a sair do carro. Ele acena com a cabeça e afasta-se, enquanto eu atendo a chamada. — Olá, mãe. O treino vai começar agora, por isso não tenho muito tempo.

— Ah, também não te vou ocupar muito tempo. Estava só a ligar para saber como estás e para dizer olá.

A sua voz familiar faz com que algo dentro de mim amoleça. Juro que a minha mãe tem sempre esse efeito em mim. Posso estar completamente tenso, mas basta uma palavra dela para ficar com todos os músculos descontraídos. Acho que posso dizer que sou um menino da mamã, mas também não posso ser outra coisa, tendo em conta que não tenho pai.

— Acordaste cedo — comento. São apenas cinco da manhã no Texas, o que até para ela é cedo.

— Não conseguia dormir — admite. — Esta manhã vou tratar do cabelo das convidadas de um casamento. Estou nervosa.

— Ah. Não tens motivos para estar assim. Tu és a encantadora de cabelos, lembras-te?

A minha mãe ri-se.

— Pois sou. Mas da maquilhagem nem por isso. Os cursos que fiz no verão passado ajudaram, mas, caramba, estou em pânico! Como é que posso viver comigo mesma se for a mulher que arruinou o grande dia da noiva ao pintar-lhe a cara como se fosse um palhaço?

— Vais sair-te bem — asseguro-lhe. — Garanto.

— Oh, garantes? Nem sequer fazes uma promessa? Tens muita confiança na tua mãe, John.

— Claro que tenho. Porque a minha mãe é uma estrela de *rock*.

— Criei mesmo um falinhas-mansas, não criei?

— Sim. — Sorrio enquanto equilibro o telemóvel no ombro e saio da carrinha.

— Pronto, explica-me rapidamente o que tens andado a fazer — ordena ela.

Encaminho-me para as grandes escadas da frente do pavilhão de hóquei da Briar.

— Nada de mais — confesso. — Hóquei, escola, amigos… só o mesmo de sempre.

— Continuas sem namorada? — Há uma nota de provocação na voz dela.

— Sim — hesito. — Mas conheci uma pessoa.

— Oh! Conta-me tudo!

Rio-me e enfio a mão no bolso para pegar no cartão de identificação de aluno para desbloquear as portas da frente. A segurança é apertada aqui.

— Ainda não há nada para contar. Mas quando tiver mais pormenores, vais ser a primeira a saber. Tenho de ir. Vou entrar agora no rinque.

— Está bem. Liga-me quando tiveres mais tempo para conversar. Adoro-te, querido.

— Também te adoro.

Desligo a chamada e passo o cartão de identificação no leitor, depois entro no átrio esguio e com ar condicionado, onde há camisolas de hóquei penduradas nas paredes e faixas coloridas dos campeonatos pendem do teto.

Gostava de ter mais tempo para conversar com a minha mãe, mas, no que toca ao hóquei da Briar, não há tempo para relaxar. O treinador Jensen dirige um programa incrível que se orgulha da excelência e do trabalho árduo. Só porque andamos a jogar mal ultimamente, isso não quer dizer que esses valores fundamentais se tenham perdido.

Em passo acelerado, encaminho-me para os balneários. Ainda tenho o telemóvel na mão e, após um momento de hesitação, cedo à vontade de enviar uma mensagem à Sabrina.

Eu: Bom dia, querida. Pensaste no que falámos? Tenho uma proposta de primeiro encontro

em vista com o teu nome escrito…

Depois pouso o telemóvel e vou para o treino.

Sabrina

Já estou atrasada para me encontrar com as meninas, mas quando saio a correr do meu seminário de fim de tarde, percebo imediatamente que vou chegar ainda mais atrasada.

O Beau Maxwell e alguns dos amigos estão reunidos no fundo das escadas, rodeados por meia dúzia de fãs de futebol. Do local onde me encontro, é óbvio que os rapazes estão a gostar da atenção. Apesar de a Briar ser primeiramente uma faculdade de hóquei, os jogadores de futebol também recebem muita atenção.

— S!

O Beau afasta-se do grupo quando me avista nas escadas. Os seus olhos azuis iluminam-se, e as outras raparigas adotam expressões de desdém. É óbvio que não lhes agrada que eu monopolize o *quarterback*/potencial engate da noite, mas pouco me importa. Há semanas que não falo com o Beau, e não posso negar que estou contente por vê-lo.

Desço as escadas enquanto ele as sobe e encontramo-nos a meio para dar um abraço. Braços fortes e musculados envolvem-me e levantam-me. Rio-me, ignorando as fãs que me fulminam com os olhos.

— Olá — digo quando ele me pousa no chão. — Como tens andado?

— Não muito bem, por acaso. Nada bem, aliás. A minha cama está fria e solitária sem ti lá.

Consigo perceber que ele está a brincar, porque o beicinho é exagerado. E mesmo aquela expressão tonta não o torna menos bonito. Com cabelo escuro e feições cinzeladas, o Beau é uma brasa. Conhecemo-nos numa festa na primavera passada e, no espaço de segundos, ele conquistou-me com o seu

sorriso com covinhas e charme descontraído. Acho que fomos para a cama dez minutos depois disso, e ele é um dos poucos rapazes com quem me permiti estar mais do que uma vez.

Só que agora estamos frente a frente e ele não me provoca reação alguma. Nada de formigueiros. Nada de calores. Nem me passa pela cabeça ir outra vez com ele para a cama. Por mais bonito que seja o Beau, não é ele quem quero ver nu por agora.

Essa honra é atribuída ao John Tucker. O rapaz mais querido, mais sensual e mais paciente do planeta. O rapaz que me convidou para sair por mensagem esta manhã e a quem ainda não respondi.

— A sério, querida, o que é que eu fiz para merecer esse castigo? — Ele põe a mão sobre o coração numa dor forçada, e as fãs zangadas ficam ainda mais irritadas.

— Hum-hum. Tenho a certeza de que a tua cama tem estado vazia desde que eu saí dela. Aposto que andas a viver a vida triste e solitária de um monge.

— Nem por isso. — Pisca-me o olho. — Mas podias pelo menos *tentar* fingir que sentes falta de ir para a cama com tudo isto… — Ele passa uma mão à frente do corpo, da cabeça aos pés.

E, sim, «tudo isto» é bastante apelativo. Estou a falar de um peito largo, braços esculpidos, pernas compridas e músculos a dar com um pau.

Mas o Tucker também tem essas coisas todas.

— Vejo que o teu ego continua tão grande como sempre — digo, alegremente.

O Beau acena com fervor.

— Pois está. Não tão grande como a minha pila, claro…

— Claro.

— Mas não me queixo.

— Além da tua pila e do teu ego grandes, como corre a vida? Como está a Joanna? — Conheci a irmã mais velha do Beau, a Joanna, numa das festas dele, e diverti-me muito a vê-los embirrarem um com o outro.

— Está ótima. Continua a fazer aquele espetáculo na Broadway e a arrasar.

— Ele suspira. — Ela está sempre a perguntar por ti.

— Está?

— Sim. Acha que sou um completo idiota por não fazer de ti minha namorada.

— Fazer de mim? — repito secamente.

— Tentei dizer-lhe que sou demasiado homem para ti, mas a Jo insiste que tu é que és demasiado mulher para *mim*. Como é óbvio, está enganada.

Os meus lábios estremecem de divertimento.

— Como é óbvio. E que mais? Como está a correr a temporada?

A sua expressão descontraída abate-se um pouco.

— A equipa já perdeu dois jogos.

Sinto compaixão. Sei que o futebol é importante para ele.

— De certeza que conseguem dar a volta a isso — asseguro-lhe, se bem que não faço ideia se é verdade.

Pelos vistos, não é.

— Não, estamos tramados — diz ele, sombriamente. — Duas derrotas são garantia de que não vamos chegar aos *playoffs*.

Oh, bolas. E é o último ano dele na Briar.

— Mas pelo menos levaste a equipa a um campeonato durante o tempo em que estiveste aqui — relembro-lhe. — Isso conta para alguma coisa, certo?

— Claro que sim. — Mas ele não parece convencido. Pigarreia e oferece-me um sorriso que não revela o brilho de antes. — Ainda bem que nos cruzámos. Prometi não dizer nada sobre o assunto, mas achei que seria bom comentar contigo, uma vez que és parte envolvida.

Franzo a testa.

— Envolvida em quê?

Ele esboça um sorriso largo e, desta vez, chega-lhe aos olhos.

— Da perseguição épica que o Tuck te anda a fazer.

Valha-me Deus.

— De que estás a falar? — guincho.

— Ah. Não te faças de desentendida, miúda. Já lá vai uma semana desde que

ele veio ter comigo ao ginásio, e eu conheço o gajo… Não acredito que ele tenha passado uma semana sem te procurar.

Sinto um baque de ansiedade na barriga. Eu e o Beau podemos ter terminado as coisas de modo amigável, mas isso não quer dizer que me sinta confortável ao falar com ele sobre outros rapazes.

Como se pressentisse isso, ele suaviza o tom de voz.

— Está tudo bem, S. Não precisas de me dar pormenores se não quiseres. — Ele encolhe os ombros. — Só queria certificar-me de que sabes que ele é um tipo impecável.

O quê?

— O quê? — pergunto em voz alta.

O Beau ri-se.

— O Tucker — esclarece, como se eu não soubesse de quem ele está a falar. — Sei que tens uma animosidade contra jogadores de hóquei…

— Não tenho nada! — protesto.

— Porra, tens mesmo! — Ele ri-se ainda com mais vontade. — Queres que te enumere todos os momentos em que eu fiquei a ouvir-te falar mal do Di Laurentis? Aliás, não conseguia dizer-te. Para veres como era frequente.

— Talvez tenha havido algumas ocasiões — acabo por admitir com um resmungo.

— Algumas, uma centena, vai dar ao mesmo, certo? Mas, sim, nem vou tentar defender o Dean, que, já agora, é incrível. Sei que não vais mudar de ideias em relação a ele. Mas o Tucker é boa pessoa. É um dos melhores rapazes que conheço.

Eu penso o mesmo, é o que me vai na cabeça. Mas pergunto em voz alta:

— Porque é que me estás a dizer isto?

— Porque te conheço. — Ele estica o braço e puxa-me uma madeixa de cabelo. Atrás de nós, as fãs soltam um suspiro irritado. — Provavelmente já pensaste num milhão de motivos para não dares uma oportunidade ao Tuck. E se um desses motivos for não gostares dele, então ótimo, não saias com ele. Mas se gostas dele, não deixes que esse cérebro grande — ele dá uma pancada

ao de leve na minha cabeça — te convença do contrário, está bem?

— Devias parar de me tocar. As tuas fãs estão a ficar chateadas.

Ele ri-se.

— Achas mesmo que tocar-te vai impedir que uma, duas ou mesmo todas me chupem a pila esta noite?

Empalideço.

— Que nojo, Beau.

— É verdade, Sabrina. — Ele agita as sobrancelhas. — Sou um deus aqui. Não faço nada mal.

Hum. Deve ser bom viver num mundo em que tudo nos é dado de bandeja e em que os nossos erros não têm consequências.

Guardo os pensamentos cínicos para mim.

— Então, o que é que o Tucker te disse ao certo?

— Que gosta de ti. — O Beau encolhe novamente os ombros. — Ele queria saber se a nossa história seria um problema para ele. Eu disse-lhe que não.

Fico de boca aberta.

— Então ele pediu-te permissão para sair comigo?

— Permissão? — O Beau ri-se tão alto que todos os seus colegas olham para nós. — Pois, sim. Foi mais anunciar que te queria e que, se eu tivesse um problema com isso, era uma pena para mim.

Reprimo o sorriso que está a tentar assomar-me ao rosto. Apesar das palavras doces e dos sorrisos abertos, o Tucker é mesmo um engatatão alfa. Não sei porque é que isso me encanta tanto, mas encanta.

— Não sejas parva — diz o Beau, severamente. — Alguém como o Tuck pode fazer-te bem. Pode impedir que estudes até caíres para o lado.

— Ah! — exclamo. — Antes que me esqueça… Entrei em Harvard!

— A sério? — Ele esboça um sorriso largo de orelha a orelha. — Parabéns, porra!

E depois envolve-me novamente num abraço forte, enquanto as suas belas fãs me fulminam com o olhar.

12

Sabrina

O *BMW* da Hope está à minha espera no parque de estacionamento. Quando entro para o banco de trás, encontro a Hope e a Carin a cantarem uma canção *pop* horrível qualquer, e deixo de me sentir culpada por as obrigar a esperar. Claramente estão a divertir-se.

— Então que sítio novo é este onde vamos? — pergunto quando a canção acaba.

— Já vais ver — responde a Hope do banco do condutor.

As minhas amigas trocam olhares divertidos, o que imediatamente aumenta as minhas desconfianças.

— Se é aquele bar *hippie* estranho a que me levaste em Boston que servia shots de erva-trigo, saio agora mesmo. Nem estou a gozar.

— Vais gostar deste sítio — assegura-me ela. — Tem as tuas bebidas preferidas.

Não preciso de ver as caras delas para saber que estão as duas a sorrir para mim.

— Vou confiar em ti — comunico. — Mas não quebres o código da amizade.

A Carin vira-se.

— Esquece o código da amizade. De que é que tu e o Beau estavam a falar?

Inclino-me para a frente e ponho-as a par da conversa que acabei de ter com o *quarterback* estrela da Briar.

— Caramba, esse rapaz não está para brincadeiras — exclama a Hope.

— O Beau ou o Tucker?

— O Tucker. Dah. Ele falou com um dos teus ex e declarou as suas intenções? Miúda, este rapaz está a dar tudo.

— Isso é estranho, certo? Quero dizer, ele anda mesmo atrás de mim. É *estranho*. — A minha pergunta é sobretudo dirigida à Carin. A Hope é uma romântica. Ela acredita que todos os concorrentes do *The Bachelor* se inscrevem no programa para encontrar o amor, quando o resto do público que está a assistir sabe que são uns zés-ninguém à procura de fama.

Mas a Carin desilude-me.

— Não é estranho… é fantástico. Quero dizer, já tive os meus engates. Já fiz olhinhos a um rapaz que estava na outra ponta da sala ou meti conversa, mas nunca ninguém andou atrás de mim.

— De mim também não — diz a Hope, lançando-me um olhar pelo espelho retrovisor. — O D'Andre convidou-me para sair quando eu estava a andar na passadeira. Ele disse que nunca tinha visto uma rapariga suada tão bonita como eu. — Ela esboça um sorriso sonhador. — Eu aceitei logo. Se houve alguma conquista, durou ao todo cinco minutos. Fui para a cama com ele no segundo encontro, lembras-te?

— Qual é a sensação? — A Carin fita-me como se eu fosse uma nova descoberta fascinante que ela acabou de esmagar numa lâmina de microscópio.

— Quando a Hope abre as pernas? Quero dizer, ela beija bem, mas o resto da técnica precisa de ser melhorada. — A piada não tem graça, mas não estou preparada para reconhecer que me sinto como uma miúda aparvalhada com a perseguição firme e determinada do Tucker.

A Hope levanta o dedo do meio.

— Eu sou ótima no sexo. A minha técnica é perfeita. Se fosse melhor, o D'Andre não conseguiria sair da cama. E eu já tenho de o expulsar de lá.

— É verdade — confirma a Carin. — O D'Andre implora sempre como uma criança triste quando tem de se ir embora de manhã.

— Com o Tucker também é assim? — provoca-me a Hope.

— Queres mesmo saber o que sinto em relação a isso? — Deixo escapar um suspiro lento e pesado, e decido ser sincera com as minhas amigas… e comigo mesma. — Sinto-me fraca e tonta e não gosto. Devia ser imune a isto. Quero dizer, ele é só um gajo. Dormi com muitos rapazes antes e de certeza que dormirei com muitos outros no futuro. Então porque sinto os joelhos fracos e borboletas na barriga quando estou ao pé dele?

— Porque é que sentir algo por alguém é uma fraqueza? — pergunta a Hope. — Eu sei que não achas que eu sou fraca.

— Céus, não. Mas tu és…

És rica, linda e inteligente, *e eu tenho de dar o litro para conseguir tudo.*

Frustrada, enterro o nó do dedo do polegar na têmpora.

— És mais confiante do que eu. Eu sinto sempre que estou à beira de viver um desastre. Na outra noite, sonhei que a professora Fromm entrava no Boots & Chutes enquanto eu estava no palco apenas com brilhantes no corpo e um fio dental. Acordei em pânico, porque estava convencida de que teria um e-mail a informar-me de que a minha admissão em Harvard tinha sido rescindida.

À minha frente, a Hope abana as tranças.

— Miúda, tu própria o disseste. A tua agenda é terrível. Estás tão tensa porque só dás uma hora ou duas por semana a ti própria para descomprimir.

— Ela tem razão — diz a Carin. — E, olha, acho que é ótimo encontrares-te connosco uma vez por semana, mas, a este ritmo, vais ter um esgotamento antes de entrares em Harvard. É isso que o teu sonho te está a dizer.

— A Briar está cheia de alunos excelentes. A Faculdade de Direito não vai ser mais competitiva do que aquilo que já tens de enfrentar. — A Hope lança-me um olhar severo pelo espelho. — Acalma-te, B. Ou pelo menos acalma-te enquanto ainda podes.

— Não precisas de te casar com o rapaz — observa a Carin. — Ir a um encontro ou fazer sexo incrível não é um compromisso. Ele também é aluno, o que significa que tem de estudar. Joga hóquei, o que significa que tem treinos

e jogos. Se vais namorar com alguém, deve ser com alguém que também tem uma vida ocupada, certo?

A Hope arqueia uma sobrancelha.

— Ele tem um jogo esta noite…

Olho para ela de boca aberta.

— Andas a persegui-lo? Como é que sabes que ele tem um jogo?

— Vi o calendário da equipa no site da universidade.

A Carin acena com a cabeça, entusiasmada.

— Quem são vocês e onde estão as minhas amigas? — exijo saber. — Vocês nem gostam de hóquei.

— Eu gosto — protesta a Carin. — O meu pai organiza uma festa da Stanley Cup todos os anos!

Viro-me para a Hope, que encolhe os ombros.

— Nem gosto, nem desgosto. E não me oponho a ir a um jogo, se isso significar que a minha melhor amiga finalmente se vai divertir um pouco.

— Vá lá — incita a Carin. — Não precisamos de ficar até ao fim. Vemos um pouco do jogo e, se calhar, depois podes ir ter com o Tucker e dizer-lhe que ele jogou lindamente e que ficava sexy com o equipamento. Na verdade… — Ela acena para fora do vidro. — Aqui estamos.

— É aqui que vamos jantar? — Olho para o pavilhão de hóquei da Briar, que custou milhões de dólares, e para todos os alunos que estão a entrar.

A Carin sorri.

— Sim. Adoro um bom cachorro-quente, tu não?

— O D'Andre vai ter connosco lá dentro — acrescenta a Hope.

Suspiro.

— Então ele também está metido no teu plano diabólico?

— Claro que sim. É o meu parceiro no crime. — A Hope desliga o motor, e ela e a Carin desapertam os cintos de segurança. — Vamos a isto então. O tempo está a passar, B.

Olho novamente para o pavilhão, sentindo-me estranhamente nervosa.

— Não tenho a certeza disto.

— Oh, vá lá — incita a Carin. — Este lugar está repleto das tuas coisas favoritas: atletas.

Deito-lhe a língua de fora, mas ela limita-se a rir.

— Se não quiseres o Tuck, eu vejo se posso riscar «barba» da minha lista de desejos. — Ela pestaneja de modo inocente. — Quero dizer, se não estiveres a fim deste jeitoso musculado que te deu o melhor sexo da tua vida, então não te deves importar que eu e o Tuck nos enrolemos.

A imagem do corpo franzino da Carin debaixo do corpo grande do Tucker revolve-me o estômago.

— É Tucker. Não Tuck. — Coro quando deteto a rigidez na minha própria voz.

A Hope desmancha-se a rir.

— Se pudesses ver a raiva estampada na tua cara neste momento… — A Carin ri-se. — Querida, estás apanhadinha.

A Hope tira uma garrafa da mala.

— Se o jogo for uma seca, apanhamos uma bebedeira enquanto vemos um monte de rapazes brancos a patinarem com lâminas nos pés.

A descrição do que ela julga ser o hóquei faz com que eu e a Carin nos desatemos a rir. E quando as minhas amigas saem do carro, dou por mim a sair e a seguir atrás delas para a entrada do rinque.

Têm razão em relação a muitas coisas. Preciso de uma pausa e talvez precise do Tucker.

Não vejo muitos jogos desportivos. Não porque não goste, mas porque nunca tive tempo para acompanhar um. Sei um pouco sobre futebol por causa do Beau. E um pouco de basebol, porque o Ray não vê outra coisa na primavera.

Já o hóquei, nem por isso.

Mas sou obrigada a admitir que assistir à equipa da Briar a jogar é mais entusiasmante do que pensei que seria.

Estou sentada entre a Hope e a Carin, com o D’Andre sentado do outro lado da Hope. Não sei se conseguimos bons lugares ou não. A Carin diz que sim,

mas eu teria preferido sentar-me atrás do banco, para poder passar a noite toda a olhar para o Tucker. Mas tenho de me contentar em vê-lo no gelo.

A Hope disse-me que o número da camisola dele é o 46. Deduzo que ela tenha visto no site da universidade. Por isso, colo o olhar à camisola preta e prateada com o número 46 e fico maravilhada com a forma como ele manuseia com confiança o *stick*. Não sei se conseguiria pegar num *stick* de hóquei com aquelas luvas de boxe grossas.

Quando digo isso às minhas amigas, o D'Andre desmancha-se a rir.

— São luvas de hóquei, miúda. Não são luvas de boxe.

— Ah. — Agora sinto-me parva.

Em minha defesa, nunca fui a um jogo de hóquei, por isso não é suposto saber como se chama o equipamento. Sei que há *sticks*, discos e redes. Sei que alguns jogadores são avançados, porque foi isso que o Tucker me disse que era. E sei que outros jogadores são defesas, porque foi isso que o Beau disse que o Dean era.

Para lá disso, sou completamente ignorante em relação a este jogo. Não tinha motivos para o estudar, uma vez que os jogadores de hóquei estão riscados da minha lista.

Os namorados também, já agora.

Bolas. Não acredito que as minhas amigas conseguiram mesmo convencer-me a vir até aqui. Não tenho tempo para um namorado. E mesmo que tivesse, o Tucker não é o rapaz certo. É demasiado simpático. E doce. E fantástico.

A onda de vergonha que senti quando o Ray interrompeu a nossa sessão de sexo agita-se dentro de mim sempre que penso nisso. Foi tão humilhante. E mesmo depois de o Tucker me ter assegurado que isso não mudava a imagem que ele tinha de mim, uma parte de mim não me vê da mesma forma.

Odeio o lugar onde vivo. Odeio o Ray. Às vezes, até odeio a minha mãe. Sei que devia amá-la porque me deu à luz, mas a mulher abandonou-me. Foi-se simplesmente embora.

— Vocês conseguem, rapazes! — grita um fã entusiasmado, arrancando-me aos meus pensamentos vagos.

Olho para o gelo e vejo o Tucker a patinar novamente. Na noite em que nos conhecemos, ele admitiu que era lento por causa de uma antiga lesão no joelho, mas, cum caraças, ele não parece lento. Movimenta-se a toda a velocidade, passando de uma ponta do gelo para a outra antes que eu tenha tempo de pestanejar.

Os seus colegas de equipa são igualmente rápidos, e eu mal consigo acompanhar o disco. Pensava que era o Tucker quem o tinha, mas depois ouve-se um rugido de desapontamento da multidão, e eu viro a cabeça para ver o disco preto a voar contra um dos postes da rede. Deduzo que outra pessoa o tinha, mas o Tucker passa o disco para um dos colegas de equipa e, quando o rapaz o devolve ao Tuck, dou por mim a levantar-me para conseguir vê-lo melhor a tentar acertar na rede.

Ele falha. Gemo de frustração. A Carin ri-se quando volto a sentar-me, mas não goza comigo por causa do meu súbito interesse no jogo.

A partida continua sem golos até ao terceiro período. Mal posso acreditar que já assistimos a trinta minutos de hóquei e ainda ninguém conseguiu marcar. Seria de esperar que estivesse a achar uma seca, mas estou em pulgas para saber qual das equipas irá marcar o primeiro golo.

É a Briar.

Quando a lâmpada acima da rede se acende, ouve-se um hino de *rock* por cima do sistema de som e os adeptos da Briar gritam em jeito de celebração. O anunciante atribui o golo a um rapaz chamado Mike Hollis e a assistência ao… John Tucker.

Volto a levantar-me e aplaudo com entusiasmo. Desta vez, os meus amigos decidem falar.

— Ela está apanhadinha — comenta o D’Andre.

— Eu disse-te — diz a Hope ao namorado.

— O quê? — murmuro na defensiva. — Foi uma boa manobra de marcação.

A Carin dobra-se a rir.

— Manobra de marcação? — repete ela entre gargalhadas. — Credo, B, vê se atinas com o programa. Chama-se *golo*.

— Tu é que és um golo — respondo de modo infantil.

O D'Andre ri-se.

— Boa.

Sento-me, ofegante, e observo o jogo, que se desenrola de modo acelerado. Para meu alívio, a Briar consegue impedir os golos da outra equipa e vencemos por 1-0 quando toca o apito final. Toda a gente está bem-disposta quando saímos do rinque, incluindo eu.

Ainda bem que vim esta noite. Por mais que estivesse indecisa em relação a envolver-me com o Tucker, não posso negar que estou entusiasmada por vê-lo, dar-lhe um abraço e dizer-lhe que fez um bom jogo. Ele vai retribuir-me o abraço. Agradecer-me. Talvez até sugira que entremos na carrinha dele para celebrar com umas quantas cambalhotas…

Se ele fizer isso, sinceramente, acho que desta vez não recuso.

— Pelos vistos, as coelhinhas juntam-se à porta dos balneários — sussurra-me a Carin à medida que entramos no átrio principal. — Por isso, vamos esperar por ele lá fora. Tem menos gente.

— As coelhinhas?

— As coelhinhas do hóquei. As fãs de hóquei. Como quiseres chamar-lhes. — Ela encolhe os ombros. — As raparigas que querem enrolar-se com os jogadores de hóquei.

— Ah. Já percebi. — Encolho os ombros, porque não tenho nada contra as raparigas que querem isso. Afinal de contas, os meus requisitos para me enrolar com alguém é *que sejam atletas*.

Mas quando o atleta de quem estou à espera finalmente surge a sair do edifício, não está sozinho.

A minha coluna endireita-se quando vejo o Tucker a parar nas escadas com o braço à volta de uma loira baixinha. Ele traz o casaco de hóquei e ela está vestida com um casaco vermelho, mas, pela forma como o meu estômago se revolve de ciúmes, seria de supor que estivessem os dois nus e a pinar.

— Vamos — digo às minhas amigas.

Uma mão firme envolve-me o pulso.

— Só estão a conversar — diz a Hope, baixinho.

As minhas faces encovam-se quando ranjo os dentes.

— Ele tem o braço à volta dela.

Não vou fazer figura de parva por causa de um jogador de hóquei, sobretudo um que diz que quer sair comigo e depois decide celebrar a vitória do jogo com o braço à volta de uma rapariga qualquer.

Volto a espreitá-los. Sim. O braço continua à volta dela. E ele está a rir-se de qualquer coisa que a Loira está a dizer.

Os meus molares estão a ser reduzidos a pó, mas não consigo desviar o olhar. A Loira tem os braços à volta da cintura do Tucker e dá-lhe um abraço apertado, inclinando depois a cabeça na direção dele. Ele lança-lhe um sorriso.

E depois o meu coração desfaz-se em pedaços, porque o Tucker inclina a cabeça na direção dela, baixando cada vez mais a boca até finalmente lhe dar um beijo…

13

Sabrina

… na testa.

O Tucker dá um beijo na testa da Loira.

E depois despenteia-lhe o cabelo como se ela fosse uma criança.

— Caramba. Ela recebeu um beijo na testa? — diz em voz baixa o D'Andre. — Que duro.

Como queiram. Não deixou de ser um beijo! E já nem quero saber quem é esta rapariga. Sinto-me parva por ter vindo esta noite.

O Tucker é o Sr. Popular, com o seu grupo de admiradoras, maneiras impecáveis e aquele cabelo castanho-avermelhado que o faz parecer a personagem de uma *sitcom* antiga que retrata uma vida completamente perfeita.

Eu sou a gananciosa, a rapariga que se desunha a estudar e a trabalhar a toda a hora para tentar sair da vida de miséria onde nasceu, para poder estar ao lado dos alunos da Briar sem se sentir inferior.

— Vamos — repito.

As minhas amigas devem ter percebido que estou a falar a sério, porque dão um passo em frente. Estamos a metros do fundo das escadas quando ouço o meu nome.

— Sabrina!

Merda. Fui apanhada.

— Espera. — A voz dele soa mais próxima.

Viro-me para a Carin num pedido de ajuda silencioso, mas ela limita-se a rir. Quando me viro para a Hope e o D'Andre, eles fingem que estão a olhar para o telemóvel dela. Traidores.

Suspiro e viro-me para ir ter com o Tucker.

Ele está visivelmente contente por me ver, com os olhos brilhantes e a boca sexy curvada num sorriso.

— O que estás aqui a fazer?

Digo a primeira parvoíce que me vem à cabeça.

— Estava aqui por perto.

— Estavas? — O sorriso dele abre-se mais. — E por acaso viste o jogo enquanto estavas aqui por perto?

— Por acaso, vi-o todo. Foi uma boa assistência.

— Pensava que não sabias nada sobre hóquei.

— E não sei. Só estou a repetir o que foi anunciado no sistema de som.

— Tuck! — chama alguém do grupo de jogadores. — Vens?

Ele vira-se para responder:

— Encontro-me convosco lá! — Depois volta a lançar-me um sorriso. — Queres vir a minha casa celebrar a vitória connosco?

Abano a cabeça.

— Tenho de ir para casa. Trabalho amanhã. Além disso… — *Não digas isso.* — Não me apetece… — *Porra, não digas isso, Sabrina!* — Fazer de pau de cabeleira — concluo, e sinto vontade de dar um soco a mim própria.

Ele ergue as sobrancelhas ruivas.

— De que estás a falar?

Cerro os dentes.

— Querida — começa ele.

— Da Capuchinho Vermelho que está ali — murmuro, erguendo a cabeça na direção da Loira, que está agora a conversar com um dos amigos do Tucker. — Parecia que estavam num encontro.

— Um encontro? Hum, não. — Ele começa a rir-se. — É a Sheena, uma amiga minha. — Cala-se. — Quero dizer, uma ex.

Reparo no comentário dele.

— Estás a ver?

— O quê? Ela é uma ex, mas também é uma amiga. Sou amigo de muitas ex.

Claro que é. Nenhuma rapariga deste planeta daria uma de Carrie Underwood e riscaria a carrinha dele ou amolgá-la-ia com um taco de basebol. Ele é demasiado simpático. É impossível odiá-lo.

— Estás com ciúmes — provoca-me.

— Não — minto.

— Estás! — A alegria dança-lhe no rosto. — Gostas de mim.

— Não — volto a mentir. — Eu disse-te, estava aqui por perto. Achei boa ideia vir cumprimentar-te.

— És melhor do que isto, querida. Porque não acabas com o nosso sofrimento e aceitas?

— Aceito o quê?

— Um encontro. Aceita.

A minha boca abre-se para formar palavras. Quer dizer, uma palavra. *Sim*. Quero dizê-la, quero mesmo, mas odeio ser posta na berlinda. Consigo sentir os olhares divertidos das minhas amigas pousados em nós, e agora alguns dos amigos dele também estão a olhar. E o Tucker é demasiado bonzinho e simpático, e eu sou rasca e retraída, e o meu padrasto é uma besta, e tudo isso é demasiado avassalador neste momento.

Por isso, quando finalmente respondo, não é com a palavra que ele quer ouvir.

— Os teus amigos estão à tua espera — murmuro, e depois volto rapidamente para junto das minhas amigas antes que ele possa protestar.

A Carin olha para a minha cara e conduz-me ao parque de estacionamento, onde o D'Andre estacionou o carro.

— Argh! — gemo quando nos afastamos do Tucker. — Sou tão estúpida!

— Não és estúpida — contrapõe a Hope.

— Quando muito, és demasiado inteligente — diz a Carin. — O teu cérebro

é o teu pior inimigo.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que pensas demasiado. Todos vimos a tua cara agora mesmo… gostas deste rapaz. Gostas a sério.

— Ele assusta-me — respondo. Três pares de olhos pestanejam, surpreendidos. — Ele é demasiado perfeito, meninas. — Gemo novamente. — E, na maior parte do tempo, eu sou um bico de obra. Tenho medo de que ele veja isso se me conhecer melhor.

— E se vir? — contrapõe a Hope.

Cravo os dentes no lábio inferior.

A Carin toca-me no braço.

— Precisas de sair com ele. A sério, Sabrina, ou vais arrepender-te se não saíres. E eu sei que odeias arrependimentos.

Ela tem razão. Recrimino-me sempre quando deixo passar uma oportunidade.

— Fazemos assim — diz ela quando eu hesito durante demasiado tempo. — Vamos fazer um encontro de casais.

— Um encontro de casais? — repito, sem grande determinação.

— Oh, um *ménage à trois*. — A Hope agita as sobrancelhas. — Que marotas.

— Acalma-te lá, Hopeless — ordena a Carin. — Estou a falar de um encontro de casais normal.

Pondero na proposta dela. Tira efetivamente muita pressão.

— Está bem… Eu consigo fazer isso.

A Carin esboça um sorriso radiante.

— Boa. Agora envia-lhe uma mensagem antes que mudes de ideias. Ah, e é bom que me arranjes um par jeitoso. E certifica-te de que ele sabe usar a língua.

— Estou aqui, sabias? — O D'Andre agita uma mão no ar. — E se parassem de objetificar os homens, suas pervertidas?

A Hope ri-se.

— Quem é que está a objetificar? — responde a Carin. — Só estou a dizer que quero um rapaz que seja habilidoso com a língua. Esse deve ser o pré-requisito de todos os homens, D. Na escola secundária deviam ensinar a ler, a escrever e a movimentar bem a língua.

— Miúda, acho que podes ir presa por pensamentos desses — alerta ele.

A Hope continua a rir-se incontrolavelmente por mais um minuto, depois recompõe-se e aperta-me o braço.

— Isto vai fazer-te bem.

— Se der para o torto, tenho direito a dizer-vos que bem vos avisei?

— Eu escrevo-o na testa a marcador preto — promete ela.

Quando as minhas amigas se dirigem para o carro da Hope, eu ganho coragem e envio uma mensagem ao Tucker antes que mude de ideias.

Eu: Se aceitar, não quer dizer nada.

A resposta dele é imediata.

Ele: Quer dizer que aceitaste.
Eu: Mas não me estou a comprometer com mais nada a não ser um encontro.
Ele: Isso é um pouco presunçoso, não? Só pedi um encontro.

Olho para o telemóvel. Será que interpretei mal a situação? O rapaz falou sobre amor à primeira vista, sobre casar e ter filhos, e só quer estar comigo mais uma vez para me levar para a cama?

Ele: Estou a gozar, querida. Vou esperar pelo terceiro encontro para fazer o pedido de casamento. Quando?
Eu: Vou levar a minha amiga Carin e tu tens de levar o rapaz mais jeitoso que conheces.
Ele: Eu sou o rapaz mais jeitoso que conheço. Vou procurar o segundo rapaz mais jeitoso do *campus*. Ela tem preferência?
Eu: Alguém que saiba usar a língua.
Ele: Uma vez mais, esse alguém sou eu. Não sei como vou descobrir como os outros rapazes usam o equipamento. Não é um tema que costume vir à baila.
Eu: É o preço do meu tempo.

Ele: Vou tratar disso.

Há um compasso de espera e depois surge outra mensagem.

Ele: Não te vais arrepender.

«Tenho uma ideia perfeita para um encontro», diz a Carin por mensagem uma hora depois. São onze da noite e estou a preparar-me para ir dormir, porque tenho de me levantar às quatro da manhã para ordenar correio. A mensagem é seguida de uma imagem um tanto ou quanto desfocada. Aumento-a até conseguir ler algumas palavras.

Eu: Noite de desenho? Não tenho dotes artísticos. Até os bonecos de traços que desenho ficam horríveis. Tu sabes. Gozaste com o meu enforcado uma vez.
Ela: Aquilo NÃO era um enforcado. Era… quero dizer, os braços devem sair do corpo e não do pescoço. De qualquer maneira, é fácil. É uma atividade do género pintar por números. Bebemos, desenhamos, divertimo-nos. Se o encontro for uma seca, podemos beber até esquecer.
Eu: Está bem. Quando? Só estou disponível aos domingos e às quintas.
Ela: Eu sei. Foi por isso que escolhi isto, totó. É em domingos alternados, ou seja, amanhã à noite.

Como é que poderia saber disso? A imagem que ela enviou é pequena e desfocada e até podia anunciar um encontro de igreja numa manhã de sábado.

Eu: Vou ver se o T está disponível.
Ela: Aposto que está.

Não vou fazer essa aposta. Envio uma mensagem ao Tucker.

Eu: Apetece-te pintar por números?

O telemóvel toca com o alerta de mensagem quando estou a vestir a camisola e os calções de dormir.

Ele: Isso é tipo *Twister* sem roupas?
Eu: Não faço ideia.

Envio-lhe a imagem. Talvez ele consiga interpretá-la, porque eu não consigo.

Ele: Foi tirada com uma câmara ou desenhada por duendes?
Eu: A Carin é cientista, não artista. Encontraste alguém?
Ele: Sim. O meu amigo Fitz vem connosco e, antes que perguntes, não faço ideia de quais são as competências orais dele. Mas é inteligente, tem um *slapshot* do caraças e nunca ouvi queixas.

Tiro um *printscreen* da mensagem e envio-a à Carin.

Eu: Está bem assim?
Ela: Posso ver uma fotografia?

Envio uma mensagem ao Tuck a perguntar se ela pode ver uma fotografia.

Ele: De quê?

Valha-me Deus. Este jogo de telemóvel é ridículo.

Eu: O Tucker pergunta: De quê?
Ela: Da cara, abdominais, rabo. Nada de pila.

Tiro outro *printscreen* e envio-o para o Tucker. Enquanto ele considera o pedido, eu lavo o rosto e escovo os dentes. Quando vou para a cama, tenho uma mensagem à minha espera. Uma fotografia de um rapaz lindo de cabelo escuro a fazer um manguito ao Tucker preenche-me o ecrã.

Uau. É incrível como estes jogadores de hóquei da Briar são todos umas brasas. Será uma das exigências para fazer parte da equipa? Conseguir lançar um disco a centenas de quilómetros por hora e ter condições para figurar num

calendário?

Envio a fotografia à Carin, que me responde com um *emoji* com o polegar para cima. Depois envio novamente mensagem ao Tucker.

Eu: É para avançar.
Ele: Local/hora? Não consigo ler esta imagem.
Eu: Amanhã às oito. A Carin diz que há bebida.
Ele: OK.

Estou prestes a pousar o telemóvel quando surgem as reticências. E depois desaparecem. E depois voltam a aparecer. Por fim, recebo a mensagem.

Ele: As fotografias da pila são assim tão más?

Contenho uma gargalhada. É essa a pergunta dele?

Eu: Porquê? Vais enviar-me uma?
Ele: Acho que posso interpretar isso como uma pergunta com rasteira. Queres uma?
Eu: Depende do contexto. Fotos da pila aleatórias = não. Se não for assim, não sei. Não recebi nenhuma da qual tenha mesmo gostado. Já enviaste alguma? Ou várias?
Ele: Os meus polegares estão cansados. Espera.

O telemóvel vibra na minha mão um segundo depois.

— Olá — digo, ao atender.

— Olá. — Ele cala-se. — O que te fez mudar de ideias sobre o encontro?

— As minhas amigas disseram que me faria bem — admito.

— As tuas amigas têm razão. — Consigo ouvir o sorriso na voz dele. — De qualquer maneira, sinto que esta é uma conversa que devíamos ter pessoalmente para eu poder ver a tua cara. Os *emojis* de beringela não servem.

O comentário dele arranca-me uma gargalhada.

— É verdade.

— Mas tu estás em Boston e eu estou em Hastings, por isso temos de falar por telemóvel. Talvez tenha enviado uma fotografia, mas foi-me pedido. Ela

enviou-me uma primeiro.

— A sério? Não gosto disso. Há demasiadas fotografias publicadas na Internet por vingança. — Além disso, nunca passei tempo suficiente com um rapaz para ter vontade de lhe enviar uma fotografia, mas não quero partilhar isso com o Tucker. — Então, há fotos do belo penduricalho do Tucker na Internet?

— Ainda não fui identificado no *Instagram*, por isso espero que não andem a circular. Mas obrigado por chamares belo penduricalho à minha pila. Agradecemos isso. — As suas palavras estão carregadas de divertimento.

— Nós? Queres dizer tu e o teu pénis?

— Sim — diz ele, animado.

Aconchego-me mais debaixo da colcha.

— Tens um nome para o pénis?

— Não têm todos? Os rapazes atribuem um nome a tudo o que é importante para eles: os carros, as pilas. Um dos meus colegas de equipa deu um nome ao *stick*, o que é uma parvoíce, porque os *sticks* estão sempre a partir-se. No final da temporada, já tinha tido doze.

— Quais eram os nomes?

— A questão é mesmo essa. Ele começou a adicionar um número no final, tipo iPhone 6, iPhone 7, só que neste caso era Henrietta 1, Henrietta 2, e por aí adiante.

Rio-me.

— Ele devia ter usado a convenção de nomes de furacões.

— Querida, ele não tinha inteligência para arranjar dois nomes, quanto mais doze.

Querida. O meu coração dá uma cambalhota ao ouvir o nome carinhoso. Quando ele o usou antes, parecia não ter sido propositado. Mas agora que acabou de dizer que os rapazes dão nomes às coisas que são importantes para eles?

Interrompo as minhas interpretações fantasiosas antes que me conduzam a um fim perigoso. *Estamos a namoriscar. Mantém o tom leve.*

— Qual é o nome do teu pénis?

— Nã-nã — repreende ele. — Isso só uma esposa pode saber. Só te posso dizer na lua de mel.

Espero que a inevitável sensação de desconforto comece a provocar-me formigueiros no pescoço, mas isso não acontece. Pelos vistos, as piadas sobre casamento já não me incomodam.

— Então o que faz uma boa foto da pila? — pergunta ele. — Não que te vá enviar uma.

— Isso também é algo que só a esposa pode saber? — provoco-o.

— Diria que é informação para uma noiva.

Afasto esse pensamento e pondero na pergunta dele.

— Não gosto de fotografias completamente gráficas. Preciso de contexto, como disse antes. O teu punho à volta do pénis seria sensual. Tens boas mãos.

Ouve-se um roçagar, passos e depois o trinco de uma porta a fechar-se. Ele foi para um sítio privado, e saber disso faz com que certas partes do meu corpo pulsem com excitação.

— Tive de sair da sala de estar. Temos pessoas cá, e saber que estás a pensar na minha pila é sexy para caraças. Estou demasiado duro para estar em público.

Sinto os seios tão pesados que estou com dificuldade em respirar. Quando me remexo debaixo dos cobertores, noto-o ofegante.

— Em que estás a pensar? — murmura ele.

Engulo um pouco de ar para encher os pulmões, que, de repente, se esvaziaram. Sei o rumo que isto vai tomar. Se ficar ao telemóvel, vamos acabar por nos excitar um ao outro, a ponto de eu ser obrigada a masturbar-me quando terminarmos. O Tucker mantém-se em silêncio, deixando a decisão nas minhas mãos. Enfio a mão no meio das pernas como se a pressão conseguisse fazer desaparecer a tensão, mas o contacto apenas intensifica o meu desejo.

A minha voz está rouca quando começo a falar.

— Tenho na cabeça a imagem de ti a segurar no pénis. Só que agora estás a

mover a mão, a acariciar-te.

Quando não há resposta imediata, coro, pois deduzo que fui demasiado longe para ele. Mas o que ele diz a seguir indica-me que está na mesma onda.

— Estás a dar cabo de mim.

Mordo o lábio e esfrego com mais força.

— Também estou a ficar excitada.

— Isso não ajuda, porque agora estou a imaginar-te toda ofegante e carente. Estás húmida, Sabrina?

Deslizo os dedos pela vagina.

— Bastante.

— Merda. O que estaria eu a fazer se estivesse aí?

— A lamber-me — digo sem demora. Ele tem uma boa língua.

Ouço novamente um roçagar do lado dele e depois a voz rouca.

— Precisas de um brinquedo?

— Sim, dá-me um segundo. — Remexo na gaveta da secretária e encontro a caixa de tampões onde escondo as coisas, para que o Ray não as encontre: algum dinheiro enrolado numa embalagem vazia de tampões e o meu vibrador. Tiro-o e ligo-o. — Pronto — digo-lhe, enquanto encosto o brinquedo a tremer ao meu clítoris. Arqueio as ancas para cima e um pequeno gemido escapa-me da boca.

— Caramba — geme ele. — Enfia-o, devagar mas de modo firme. É a minha mão que está nesse vibrador e a minha língua que está no teu clítoris.

Enquanto ele emite as ordens e pinta uma imagem erótica, eu introduzo e retiro o brinquedo. É um alívio tão grande não ter de pensar, ceder completamente ao controlo dele. Não digo mais nada. Não consigo, na verdade. Estou demasiado concentrada em ouvir, em deixar que o seu sotaque do Sul me cubra como um ácer quente, em escutar as instruções roucas e ordinárias que me dizem que aumente o ritmo do vibrador, que o imagine a lamber-me, a dizer-me que sou sexy e linda, e que ele nunca esteve tão excitado na vida.

Venho-me com os sons dele a acariciar-se enquanto gemo de prazer. A sua

voz enche o meu mundo.

— Boa noite, querida — diz ele quando a minha respiração abranda.

— Boa noite — lá consigo dizer. E depois adormeço, caindo num sono profundo e demorado, totalmente satisfeita.

14

Sabrina

— Pintura de nus? — A desconfiança acomete-me quando abro a porta do Wine and Brush. A tabuleta anuncia alegremente um par de bonecas artísticas envolvidas num abraço sórdido. É adequado para um bar de vinhos de uma cidade universitária, diria eu. — Desfocaste a fotografia de propósito — acuso a minha amiga.

— Claro que desfoquei — diz a Carin, presunçosa. — Não queria que tivesses uma desculpa para dizer que não. — Ela avança e depois para a dois degraus da entrada, com o olhar pregado no bar que fica na outra ponta. — Boa. — Assobia baixinho. — Portaste-te bem, B.

Sorrio.

— Não me importo de ficar com os louros, apesar de não ter sido obra minha.

Tiramos um copo de vinho da bandeja junto à mesa antes de avançarmos. Os nossos acompanhantes estão encostados ao bar a conversar um com o outro. Mesmo curvados, são mais altos do que a maior parte das pessoas que estão no bar. Reparo noutras raparigas a olharem para os seus pares e depois a lançarem olhares de cobiça para o Tucker e o Fitzy.

São esses mesmos olhares que me impelem a atravessar o bar e a pôr-me em bicos de pés para dar um beijo nos lábios do Tucker.

Os cantos da sua boca sensual curvam-se para cima, como se ele soubesse ao certo qual é a minha ideia.

— É bom ver-te, querida. Dormiste bem ontem à noite?

— Dormi. E tu?

— Como um bebé.

A Carin não deixa escapar nada.

— Dormiste em Boston ontem à noite? — espicaça ela.

Ele abana a cabeça.

— Só ouvi uma boa história.

Uso o copo de vinho para esconder um sorriso, enquanto o Tucker apresenta os nossos amigos.

— Carin, este é o Colin, mas todos o tratam por Fitzy.

— Gosto mais desse nome — anuncia ela. — Carin e Colin rimam demasiado.

O rapaz com mais de um metro e oitenta esboça um sorriso tímido e pega na mão da Carin, apertando-a cuidadosamente como se tivesse medo de a magoar. Mas ele não precisa de se preocupar. Ela é pequena, mas rija.

— São colegas de casa? — pergunta a Carin, e não é nada discreta enquanto o admira da cabeça aos pés.

Não posso negar que estou a fazer a mesma coisa. O Fitzy é incrivelmente apelativo. Tem cabelo escuro despenteado pelo qual só dá vontade de passar os dedos. E aquelas tatuagens… apetitosas. Está a usar uma t-shirt que revela os dois braços compridos cheios de tatuagens intrincadas e um monte de imagens do tipo fantástico. Consigo distinguir vários dragões e pelo menos uma espada. E há uma tatuagem a espreitar do colarinho. A Carin não costuma gostar de rapazes tatuados, mas os seus olhos estão pregados nele.

— Não. Vivo sozinho — responde-lhe o Fitzy. — O Tuck vive com os rapazes gloriosos.

— Os rapazes gloriosos? — repito, mas suspeito que já sei a resposta.

A expressão do Tucker torna-se divertida.

— O Garrett e o Logan são as estrelas. Vão tornar-se jogadores profissionais. E tu conheces o Dean.

Torço o nariz ao ouvir o nome dele.

— Nem a faças falar — avisa a Carin.

O Fitzy esboça um sorriso de viés.

— Uma rapariga que não gosta do Dean? Não sabia que existiam.

— Ele teve um 18 porque andava a dormir com a professora assistente! — respondo, irritada.

A Carin põe a mão sobre a minha boca.

— Eu avisei-te. Vá lá, Fitzy. — Ela baixa a mão e chama com o dedo o jogador de hóquei encorpado. — Vamos arranjar um sítio para nos sentarmos. Já ouvi esta história e não é boa. — Ela trauteia uns trechos do *Frozen* enquanto o conduz a uma cadeira.

Emito um som frustrado no fundo da garganta, mas uma vez que metade do meu público já dispersou, viro-me para a única pessoa que resta.

— Vais dizer-me para esquecer?

— Não, podes remoer nisso durante o tempo que quiseres. Não me compete a mim dizer-te com o que deves ficar chateada. — Agarra a parte de trás do meu pescoço com uma palma da mão grande e inclina-se para me sussurrar ao ouvido. — Mas não me importo de te dizer o que fazer logo à noite.

O meu corpo fica tenso imediatamente. O sexo com o Tucker é a coisa menos stressante e mais divertida da minha vida e, enquanto me inclino na direção do seu abraço sólido, apercebo-me de que já não estou interessada em combater a atração que existe entre nós. As minhas amigas têm razão: preciso disto. Não apenas do sexo, mas da companhia. De passar tempo com um rapaz inteligente e bonito que só quer estar comigo, dê por onde der.

Acho que me vou deixar levar e ver o que acontece.

— Está combinado.

Ele pisca o olho.

— Já tenho ideias.

— Como se não as tivesses antes — zombo.

— Tenho mais ideias. Tu és uma grande inspiração.

O seu olhar ardente leva-me a dar um passo em frente e a pousar a mão no seu peito — o seu peito musculado, lindo e ao qual não me importava de dar

umas lambidelas. Debaixo da minha palma, os músculos dele fletem e o coração bate depressa. Ponho-me em pontas dos pés para…

Uma tosse sonora atrás de nós faz-me baixar.

— Sim? — pergunta o Tucker ao Fitzy sem desviar os olhos dos meus.

— Se calhar é melhor sentares-te. Estão todos à tua espera.

Viro-me e apercebo-me de que a maior parte das pessoas da sala está sentada, à espera de que nos sentemos ou esperançosa de que comecemos aos beijos à frente deles. As mesas compridas estão dispostas em forma de C e há uma pequena plataforma elevatória onde deduzo que vai estar o modelo. Cada um tem direito a um cavalete, tela e uma série de pincéis e tintas acrílicas. É muito porreiro.

— A não ser que planeiem despir-se e ser os nossos modelos, venham sentar-se — ordena a Carin.

A mão do Tucker desce até à minha mão e, ao fazê-lo, provoca-me milhares de arrepios. Agarro-a e conduzo-o às cadeiras ao lado da Carin.

— É suposto esperares até depois do encontro para lhe saltares para a cueca — sussurra ela quando eu me sento.

Pouso o copo de vinho e pego num pincel.

— As regras são para totós e para pessoas chatas, Careful.

Ela passa um pincel sobre o meu nariz em jeito de repulsa, mas depois a instrutora começa a falar e calamo-nos, como já estamos habituadas.

— Olá a todos! Sou a Aria e serei a vossa instrutora esta noite! Estou muito contente por ter tanta gente.

Oh, bolas. A nossa instrutora é uma bola de energia e saltita sobre os pés enquanto se dirige à sala. Tem na cabeça uma série de tranças que fazem lembrar uma Medusa, que se mexem como cobras quando ela saltita ao mesmo tempo que fala.

— A primeira coisa que vou fazer é apresentar o nosso modelo! Este é o Spector…

Spector?

O Tucker agita-se na cadeira e eu viro-me para ele, constatando que está a

controlar as gargalhadas. Pouso uma mão no joelho dele para o acalmar.

— Porta-te bem — digo, baixinho.

— Estou a tentar. — Ele ri-se enquanto murmura «Spector» para si mesmo.

Um rapaz alto com um roupão branco avança e acena ao grupo. O seu cabelo preto é mais comprido do que o meu, e ele tem uns olhos semicerrados à James Franco que fazem com que pareça que está sempre pedrado.

— Olá — é tudo o que diz.

Depois, despe o roupão.

Reprimo um suspiro, porque, oh, meu Deus, o pénis dele está mesmo à minha frente. E é impressionante.

Ao meu lado, a Carin também não perde tempo a examinar a mercadoria.

— Assim é que se fala! Olá, Anaconda! — diz ela ao modelo, antes de olhar para as outras mulheres que estão no grupo. — Meninas, acho que o Spector merece uma pequena salva de palmas neste momento, não?

Agora sou eu quem está a conter as gargalhadas, porque as raparigas começam a bater palmas e depois a assobiar. O rosto do coitado do Spector fica tão vermelho que devia ser uma das cores da paleta que está à minha frente.

O Tucker ri-se alto na cadeira ao lado da minha, enquanto o Fitzy se inclina por cima da Carin para me perguntar:

— Ela é sempre assim?

— Normalmente é pior — respondo, animada.

Ele não parece desencorajado por isso. Entretanto, a nossa instrutora começa a ficar irritada.

— Meninas! — Bate palmas. — Concentrem-se! Vamos fazer bela arte! — A sua expressão severa cede e é substituída por um sorriso. — O que, como é óbvio, inclui o equipamento do Spector.

Este é o encontro mais estranho em que já estive.

A Aria explica-nos rapidamente como funciona a aula. Não é muito complicado. Bebemos vinho e pintamos o pénis do Spector. Surpreendentemente, o Tuck, o Fitz e os outros homens da sala alinham logo.

Os tubos de tinta estão abertos, levantamos os pincéis e começamos a criar arte incrível.

Mais ou menos.

Arrasto estranhamente o pincel sobre a tela. Tento misturar amarelo, branco e castanho para criar um tom de pele cor de pêssego para o Spector que estou a desenhar, mas parece que está com um bronzeado pavoroso.

O Tucker passa um dos pincéis secos num nó do dedo que tem uma nódoa negra.

— Consigo lembrar-me de uma dezena de utilizações mais eficazes para dar a este pincel. Talvez o leve para casa.

Reviro os olhos.

— Os pincéis não são brinquedos sexuais.

— Quem disse?

Trabalhamos afincadamente na hora que se segue. A Carin tem um talento incrível para isto. O Fitzy também, sendo que, segundo o Tuck, cria os seus próprios videojogos. O Tucker tem algum jeito, apesar de parecer estar a evitar a região do pénis na tela.

— Mais tarde ou mais cedo vais ter de desenhar o material dele — provoco-o.

Ele pisca-me o olho.

— Estou a guardar o melhor para o fim.

Da outra ponta das mesas, um rapaz com cabelo loiro e uma t-shirt dos Red Sox levanta a mão.

— Professora, não consigo fazer os pelos púbicos! Parecem formigas pequenas.

Uma onda de gargalhadas atravessa a sala. Acho que o tipo dos Red Sox também está num encontro a quatro, porque ele e a parceira estão sentados ao lado de outro casal, que está histérico.

— A sério, Spec — diz o amigo do tipo dos Red Sox. — Não podias ter feito a depilação antes de teres vindo aqui esta noite?

— Não posso — responde o Spector do banco, parecendo entediado. — O

meu contrato não permite.

Ele tem um contrato? Para posar nu numa noite de pintura de um bar universitário?

— Os pelos púbicos conferem textura à pintura — explica a Aria ao grupo. — Mas a arte é uma questão de interpretação, lembram-se? Pintem o que veem aqui — ela toca com uma mão no coração — e não o que veem aqui — aponta para os olhos.

— Que raio quer isso dizer? — sussurro para o Tucker, cujo rosto está vermelho de tanto se rir.

— Como *isto*! — declara a Aria. — *Isto* é interpretação!

Olho para ela e vejo-a retirar a tela do Fitzy do cavalete. O rapagão resmunga, mas ela ignora-o e levanta o quadro com um grande sorriso.

Fico de boca aberta quando vejo o que o amigo do Tucker pintou. É o Spector, mas uma versão dele com um elmo e um escudo. Em vez do muito falado pénis, o Fitzy pintou uma espada elaborada a sair da braguilha do rapaz. Uma espada digna da *Guerra dos Tronos*.

— Meu — exclama o Tucker, impressionado.

— Isso está incrível! — diz a Carin, de olhos arregalados, ao seu acompanhante.

Ele encolhe os ombros.

— Está razoável.

A sua modéstia faz-me sorrir. Só abro mais o sorriso quando a Aria lhe devolve a tela e depois lhe pede que a deixe com ela, em vez de a levar embora.

Retomamos a pintura, soltando piadas e bebendo vinho. De vez em quando, o Tucker inclina-se para o senhor mais velho que está ao seu lado, para ajudar o coitado do homem.

— Não, a sombra tem de ficar *aqui* — aconselha ele. — Imagine que a luz está a incidir no braço dele a partir daqui. Por isso, a sombra estaria aqui em baixo.

O homem resmunga alto.

— Isto tudo é uma perda de tempo.

— Hiram! — repreende a esposa.

— O que foi? É verdade — diz ele, irritado, e depois lança um olhar carrancudo a mim e ao Tucker. — Isto foi ideia *dela*.

— Porque achei que ias gostar — protesta a mulher de cabelos brancos. — Sempre disseste que invejavas os meus dotes artísticos.

O casal parece ter 60 e poucos anos. Ou talvez 70. Nunca tive muito jeito para avaliar idades. Além disso, os idosos parecem mais novos nos dias que correm. A minha avó podia passar por minha irmã mais velha.

— Desculpa, Doris, mas nunca aprendi a desenhar homens nus quando estava a levar com balas no Vietname!

A Doris pousa o pincel em cima da mesa.

— Nós falámos sobre isto! O Dr. Phillips disse que não podias continuar a falar sobre o Vietname. Está a destruir a nossa relação.

— Foi a altura mais difícil da minha vida — diz ele, com um ar teimoso.

— E achas que foi fácil para mim? — desafia ela. — Estar em casa e criar duas crianças de fraldas enquanto andavas a caçar o inimigo?

Ele grasna ao ouvir o insulto.

— Tu andavas a limpar rabos! Eu andava a matar seres humanos!

Mordo o lábio para me impedir de rir, apesar de não ser uma conversa particularmente divertida. Talvez o vinho me tenha subido à cabeça.

— Pronto — intervém o Tucker. — Hiram, meu senhor, a sua mulher é linda e obviamente dedicada a si. E, Doris, aqui o Hiram combateu pelo nosso país para a manter a si e aos seus filhos em segurança. Pense no quanto ele deve amá-la para ter feito uma coisa dessas. Por isso, não discutam, sim? Porque é que não se concentram em desenhar aquele senhor simpático que está ali e em fazer justiça ao equipamento dele?

O Fitzy ri-se do outro lado da Carin.

O Hiram também se ri, e a voz dele torna-se grave quando se dirige à mulher.

— Desculpa, Dorrie. Tens razão. Foi uma ótima ideia.

— E tu foste muito corajoso na guerra — elogia ela, de modo magnânimo.

O Hiram inclina-se e dá uma palmada no ombro do Tucker.

— Pronto. Mostra-me o truque da sombra.

O meu coração derrete-se quando vejo o Tucker a ajudar o senhor. Já a Doris está a corar, provavelmente ao lembrar-se de que ele lhe chamou linda antes.

— Gosto de ti, miúdo — diz o Hiram ao meu par.

Sim. Também gosto dele.

Tucker

Estamos todos a sentir-nos parvos e apatetados quando saímos do bar com as telas envoltas em papel, debaixo dos braços. Exceto o Fitzy, uma vez que a nossa instrutora o obrigou a deixar a obra-prima para trás, para ela poder mostrá-la em aulas futuras.

Cá fora o ar está frio, mas isso não impede o Hiram de dizer:

— Vi uma geladaria ao fundo da rua. Vamos ver se ainda está aberta.

E, sim, o nosso encontro a quatro transformou-se num encontro a seis e, de repente, vamos comer gelado com um antigo veterano de guerra e a sua bondosa mulher.

Agarro na mão da Sabrina quando avançamos pelo passeio. Sinceramente, não contava divertir-me tanto esta noite. Quero dizer, uma aula de desenho? Há um milhão de coisas — mais ordinárias — que preferia ter feito, mas isto nem foi mau de todo. Até o Fitzy se riu mais vezes esta noite do que o ouvi a rir noutras alturas.

A geladaria está quase a fechar quando chegamos, mas o miúdo que está prestes a fechar a porta tem pena de nós e abre a caixa registadora. Agradecemos-lhe muito e pedimos gelados em cones, dirigindo-nos depois ao parque de estacionamento do bar.

Agora que já não estão a discutir, o Hiram e a Doris contam-nos histórias sobre os seus quarenta e seis anos juntos. Passaram momentos complicados,

mas estou mais interessado nas memórias felizes que descrevem.

Quarenta e seis anos. É surreal pensar em estar com alguém tanto tempo. Sou totalmente louco por querer isso?

A Sabrina parece igualmente hipnotizada com as histórias deles e, quando o casal idoso entra para o carro pequeno e se vai embora, ela parece genuinamente desapontada por vê-los partir.

— Vamos terminar o gelado no meu carro — anuncia a Carin, e não há a mínima cautela nas suas palavras. Com um sorriso malicioso, pega na mão do Fitzy e arrasta-o para o carro azul estacionado no parque.

Ele olha por cima do ombro e lança-me um sorriso.

— Eles vão enrolar-se, não tenho a menor dúvida — diz a Sabrina.

— Sim.

Arrasto-a para a minha carrinha. Quando nos sentamos no banco da frente, rodo a chave na ignição e ligo o aquecimento. O gelado foi má ideia. A Sabrina está nitidamente a tremer enquanto esperamos que a carrinha aqueça.

— Então — digo.

— Então.

— Foi divertido.

— Que parte? Quando o rapaz dos Red Sox pintou pelos púbicos que pareciam formigas? Ou quando o Hiram e a Doris descreveram como era viver durante a febre das mamoplastias nos anos 80?

— Cum caraças. Quando ela disse que pensou em dar um «retoque ao peito»?

— Oh, meu Deus. *Morri!* — A Sabrina ri-se ao meu lado, e o som das suas gargalhadas sonoras provoca uma onda de calor que me atinge o peito.

Caramba. Gosto mesmo desta rapariga. Ela é… incrível. Não é a rainha do gelo que o Dean insiste que ela é, nem por sombras. É inteligente, divertida, atenciosa e…

E eu talvez esteja a apaixonar-me por ela.

A minha gargalhada esmorece.

— O que se passa? — pergunta a Sabrina imediatamente.

— Nada — minto. Ou isso ou sou obrigado a contar-lhe no que estou a pensar, e tenho a certeza de que ela não quer ouvir.

Nem quero imaginar qual seria a sua resposta se admitisse que me estou a apaixonar por ela. Fomos duas vezes para a cama e fomos a um encontro. É demasiado cedo para falar de amor.

— Tens a certeza? — Ela parece preocupada. — Tens uma ruga pronunciada… aqui. — Desliza dois dedos sobre a minha testa.

— Não, estou bem. — Remexo-me no assento e aproximo-me mais dela. — Estou a divertir-me muito.

— Eu também. — O seu lábio inferior sobressai um pouco. — Gostava…

— Gostavas de quê?

Ela suspira.

— Gostava que voltássemos a minha casa, mas tenho de me levantar às quatro da manhã. Não é uma boa noite para me deitar tarde.

— Eu também. Tenho treino às sete.

— Por isso, nada de sexo — diz ela, tristemente.

— A não ser que queiras fazer outra vez na carrinha.

Os seus olhos escuros brilham de interesse, mas depois resignam-se.

— É tentador, mas iria sentir-me constrangida a fazer sexo quando a Carin está a uns metros daqui.

— Tenho quase a certeza de que a Carin não nos está a prestar atenção.

A Sabrina abana a cabeça.

— Confia em mim, não vão ficar muito tempo ali. Ela recusa-se a fazer sexo no primeiro encontro. O Fitzy só vai ter direito a uma sessão de marmelada. — Ela sorri. — E talvez fique com os tomates azuis.

— E eu? Os meus tomates vão odiar-me quando chegar a casa?

— Não sei. Diz-me tu. — Depois ela desliza sobre a consola e beija-me.

Quando a língua dela rodopia sedutoramente sobre a minha, sinto uma onda de desejo que me desce aos testículos. Gemo junto aos seus lábios suaves.

— Sim — digo. — Vou ter de lhes pôr gelo esta noite.

— Oh. Coitadinho — sussurra ela, e depois começa a torturar-me com beijos

ávidos e desliza lentamente a palma sobre a minha braguilha.

Beijamo-nos durante algum tempo, mas nenhum de nós está ansioso por ir mais além. Mas não deixa de ser sensual como o caraças. Os vidros da carrinha ficam embaciados, e eu estou duro como tudo quando nos afastamos.

— É melhor ir para casa — diz ela, num tom de voz que denota arrependimento.

Aceno com a cabeça, oferecendo-lhe um sorriso seco.

— Pedra, papel, tesoura para decidir quem bate no vidro deles?

Essa decisão revela-se desnecessária, porque, de repente, ouvimos uma batida no *meu* vidro. Baixo-o e vejo o rosto corado da Carin a olhar para mim. Tem os lábios inchados e o cabelo num emaranhado de caracóis ruivos.

— Desculpa — diz ela com um encolher de ombros tímido. — Mas a B disse que precisava de se ir embora às dez e meia. Já passa da hora.

De forma muito, mas muito relutante, saio da carrinha e depois dirijo-me apressadamente para a porta da Sabrina para a abrir por ela. A sua expressão é tão relutante quanto a minha.

Um Fitzy de cabelo despenteado está inclinado sobre a parte lateral da carrinha, e a Carin dá-lhe uma palmada no rabo quando regressa ao carro dela.

— Repetimos? — murmuro para a Sabrina.

— A noite da pintura de nus? Não sei. Acho que uma vez chega.

— Outro encontro — corrijo-a. — Ligas-me quando tiveres tempo livre?

De certo modo, estou à espera de que ela contraponha, mas limita-se a pôr-se em bicos de pés e a dar-me um beijo nos lábios. Depois afasta-se para dizer:

— Claro que sim.

15

Tucker

Dezembro

Eu: Sinto a tua falta.
Ela: Eu também.
Eu: Podemos mudar isso e encontrarmo-nos? Eu levo a pila…
Ela: LOL. Isso já não é um dado adquirido? Vocês são um *pack*.
Eu: Essa é a palavra certa. Um *pack* bem grande ;)

Pronto, vou ser o mais sincero possível, eu sinto falta desta rapariga. Não a vejo há uma semana, ou seja, sete dias já é muito tempo. Desde o encontro de casais que tivemos no mês passado, tentamos estar juntos pelo menos duas ou três vezes por semana. Com as nossas agendas preenchidas, é um milagre termos encontrado espaço livre, por isso era inevitável que as nossas agendas chegassem a um ponto em que deixassem de encaixar.

Nestas duas últimas semanas, temos andado ocupados com a faculdade. Tive treinos e jogos cansativos, e depois veio o Dia de Ação de Graças e eu já me tinha comprometido a passá-lo com o Hollis e a família dele. Senti-me tentado a cancelar para estar antes com a Sabrina, mas ela estava a trabalhar e admitiu que preferia que eu não fosse ao bar de *strip* enquanto ela servia às mesas. Pelos vistos, é só vagabundos no Boots & Chutes durante os feriados.

Estou ansioso por vê-la, por isso, quando leio a mensagem seguinte dela, dou uma palmadinha nas costas a mim próprio.

Ela: Se não te importares com o trajeto longo, podes vir a Boston esta noite? Estou a fazer o trabalho de Legislação Constitucional, mas posso fazer várias pausas, se me quiseres fazer companhia.

Nem sequer hesito.

Eu: Já vou a caminho.

Já tomei banho e troquei de roupa perante a possibilidade de a ver esta noite. Desço rapidamente as escadas e torço para sair de casa sem que me vejam.

— Tuck, anda cá! Precisamos da opinião de um adulto.

Caramba. Foi por pouco.

Sigo a voz do Garrett até à sala de estar, onde o encontro a ele e à Hannah sentados no cadeirão. Ela está sentada no colo dele, ele tem os braços à volta dela, e parecem tão felizes e descontraídos que sinto uma pontada de inveja. Mas não estão sozinhos. O Logan, o Fitzy e o Morris, o amigo do Logan, estão sentados no sofá com comandos de videojogos nas mãos. O jogo que estão a jogar é posto em pausa na televisão.

— Que se passa? — Tento esconder a minha impaciência. — Estou de saída.

O Logan arqueia uma sobrancelha no sofá.

— Ultimamente andas a sair muito.

Encolho os ombros.

— Tenho sítios aonde ir e pessoas para ver.

— Alguma vez nos vais dizer o nome dela? — pergunta a Hannah num tom de voz animado.

— Não faço a mínima ideia a quem se referem — respondo, de forma inocente.

O Garrett acena com uma mão.

— Não estou preocupado com a rapariga mistério do Tuck neste momento. Preciso de alguém que me apoie… agora.

Sorrio.

— Que te apoie no quê?

— O Dean e a Allie.

Ah. Já me tinha questionado quando teríamos esta conversa. Regressámos das nossas viagens do Dia de Ação de Graças e descobrimos que o Dean e a Allie eram oficialmente um casal.

Não fiquei admirado quando soube, porque já suspeitava que se tinham enrolado, mas estou um pouco surpreendido por namorarem. Desde que conheço o Dean que ele nunca teve uma namorada.

— Pelos vistos, sou o único que acha que essa é a pior ideia desde os cavalos — diz o Garrett, irritado.

— Cavalos? — perguntam o Logan e o Fitzy em uníssono.

— Os cavalos em geral? — pergunta o Morris, confuso.

— A domesticação dos cavalos — resmunga ele. — Eles são selvagens. Fim da história.

— Amor — intervém a Hannah —, estás a dizer isso porque tens medo de cavalos?

Ele fica boquiaberto.

— Não tenho medo de cavalos.

Ela ignora a negação.

— Oh, meu Deus. Agora tudo faz sentido. Foi por isso que não quiseste ir à feira do Dia de Ação de Graças em Filadélfia. — Olha para os restantes. — Os meus tios queriam levar-nos a um festival que tinha umas bancas porreiras e um jardim zoológico… e equitação. E ele disse que lhe *doía a barriga*.

O Garrett cerra visivelmente os dentes.

— Doía-me mesmo a barriga. Comi demasiado peru, Wellsy, porra. De qualquer forma, não gosto disto. Vou-me lixar quando eles terminarem.

— Podem não terminar — comenta ela.

Arqueio uma sobrancelha.

— E de que forma isso te vai afetar?

Uma vez que não estou a perceber a sua lógica, ele explica-ma aos poucos.

— Lados, meu. As pessoas terminam e os amigos têm de escolher lados. O

Dean é meu amigo, por isso o código masculino diz que tenho de ficar do lado dele. Mas esta miúda — ele aponta com o polegar na direção da Hannah — é minha namorada. A namorada é mais importante do que o amigo. A Wellsy vai ficar do lado da Allie e eu, por oposição, tenho de ficar do lado da Wellsy, logo vou ficar do lado da Allie.

— Acho que não estás a aplicar bem a expressão «por oposição» — comenta o Morris.

— Sim, parece-me que devias ter usado «como tal». — Os lábios do Logan estremecem fortemente.

— Não estou à espera de que fiques do lado da Allie por minha causa — protesta a Hannah. — E estás a ser um parvalhão em relação a este assunto. Somos adultos. Se terminarem, podemos continuar a coexistir pacificamente.

— O Ross e a Rachel coexistiram — concorda o Logan.

O Fitzy ri-se.

O Garrett está demasiado ocupado a olhar para a Hannah.

— Não acredito que não te importes com isto. Ela é a tua melhor amiga. Ele vai fazer asneira, sabes disso.

A namorada dele encolhe os ombros.

— Só sei que a Allie está feliz. E se a Allie está feliz, eu também estou.

— Tuck? — inquire o Garrett.

Hesito. Por um lado, o Dean parece gostar genuinamente da Allie, pelo menos das poucas interações entre eles que testemunhei. Por outro lado, ele não tem um pingo de seriedade no corpo. A Allie é boa rapariga. Não quero que saia magoada.

De qualquer forma, esse assunto não me diz respeito.

— A Wellsy tem razão. São adultos. Se querem estar juntos, o que importa isso?

Ele lança-me um olhar carrancudo.

— Traidor.

— Meu, a miúda deixou-o KO ontem — diz o Logan com um sorriso. — Sabes como ele tem um ego grande. Se mesmo depois de ter levado aquela

pancada, ele quer estar com ela, então as intenções dele são sérias.

Começo a rir-me. Merda. Gostava que os rapazes tivessem estado aqui ontem à noite para assistir à confusão que foi. Depois do jogo da equipa em Scranton, eu e o Dean chegámos a casa e estava tudo às escuras, porque a Allie e a irmã do Dean estavam a ver um filme de terror. As miúdas ficaram assustadas e, sem querer, a Allie deu com um pesa-papéis na cabeça do Dean, e agora tenho munições suficientes para o atormentar para o resto da vida.

— Por falar em ontem à noite — diz a Hannah —, a irmã do Dean chegou bem a Brown? Gostava de a ter conhecido.

— Vai por mim — murmura o Fitzy do sofá. — Sorte a tua não a teres conhecido.

O Logan ri-se.

— Coitadinho… Uma loira jeitosa atirou-se a ti. Como se atreve?

O outro rapaz cora.

— Ela pediu para ver a minha pila!

— E isso é um problema porque…?

Quando o Morris e o Garrett se desmancham a rir, o Fitzy limita-se a encolher os ombros.

— Não gosto de raparigas agressivas. Gosto de ir ao meu ritmo, está bem?

Sinto-me tentado a desmascará-lo, porque ele não se importou quando a Carin, a amiga da Sabrina, o arrastou para o carro para uma sessão de marmelada. Mas eu e o Fitz ainda não falámos sobre essa noite, por isso mantenho-me calado. Além disso, se falasse sobre o encontro a quatro, todos quereriam saber com quem eu estive.

Da última vez que nos vimos, a Sabrina provocou-me dizendo que eu não contava sobre nós às pessoas porque tinha vergonha dela. O que não é verdade. Os meus amigos têm o péssimo hábito de meter o nariz nas vidas amorosas uns dos outros, o que se comprova com a obsessão do Garrett pelo Dean e a Allie. Por isso, sim, preferia que os outros não dissecassem a minha relação com a Sabrina, pelo menos enquanto ainda é tão recente.

E eu sei que, secretamente, ela está aliviada por mantermos a relação em

segredo. Da única vez que usei a palavra «relação» para descrever o que se passa entre nós, ela ficou estranha e esquiva.

— Pronto, vou bazar — digo aos presentes. — Há mais assuntos de adultos sobre os quais precisemos de falar, ou posso ir?

— Vai — resmunga o Garrett, produzindo um movimento com a mão. — Não ajudaste nada.

Sabrina

A língua do Tucker entra na minha boca antes de eu conseguir fechar a porta de casa. Apesar das ondas de calor que me assaltam o corpo, obrigo-me a afastar-me do beijo. A minha avó está na cozinha, e eu não preciso que ela entre na sala e nos apanhe.

— A minha avó está em casa — murmuro.

Estou a contar que ele fique desiludido, mas ele limita-se a acenar com a cabeça.

— Fixe. Queres apresentar-me?

Aquilo que aprendi a namorar com o Tucker neste último mês é que nada incomoda este rapaz. Ele leva tudo na desportiva e adapta-se ao que for preciso. Nem sei como fica quando está chateado.

— É melhor avisar-te… A minha avó é uma desbocada. — É a minha forma simpática de dizer que é uma *tipa grosseira*. Enquanto nos encaminhamos para a cozinha, rezo para que a minha avó não seja uma parva com o Tucker.

Ela está sentada à mesa quando entramos, a folhear a revista *Us Weekly*.

— O Ray esqueceu-se outra vez da chave? — pergunta a minha avó sem levantar os olhos.

— Hum, não. — Remexo-me, constrangida. — Avó, este é o Tucker.

A cabeça dela ergue-se e os seus olhos enchem-se imediatamente de interesse. Ela mira o Tucker dos pés à cabeça, fixando de tal forma o olhar que sinto as faces a arder.

— Avó — repreendo.

Ela desperta do devaneio.

— É um prazer conhecer-te, Tucker. — Dá ênfase à palavra «prazer».

Que bom. A minha avó está a fazer-se ao meu… bem, não sei o que lhe chamar. Mas o seu tom sedutor não é simpático.

— Sou a Joy, a avó da Sabrina.

— É um prazer conhecê-la, minha senhora. — Ele estende a mão para um aperto de mãos e ela mantém-no durante demasiado tempo. Tempo suficiente para ele parecer desconfortável quando recua um passo.

— A Sabrina não disse que tinha um namorado.

— Somos só amigos — respondo.

Os ombros do Tucker ficam tensos.

Caramba. Não estava a tentar magoá-lo. Simplesmente não quero que a minha avó se intrometa e nos faça perguntas sobre quando nos vamos casar ou algo do género.

— Pensei que eras demasiado ocupada para teres amigos. — Ela arqueia uma sobrancelha em jeito de troça.

Cerro os dentes.

— Não sou demasiado ocupada para ter amigos. Dou-me com a Hope e a Carin, não é?

Em vez de responder, ela vira-se novamente para o Tucker.

— Então, o que é que os dois *amigos* vão fazer esta noite?

Falo antes que ele tenha oportunidade.

— Vamos ficar um pouco no meu quarto. Talvez ver um filme ou assim.

Um sorriso entendedor curva-lhe os lábios.

— Está certo. Tentem manter o volume baixo, está bem?

E ambos sabemos que ela não se está a referir ao volume da televisão.

Com as faces a arder, arrasto o Tucker para fora da cozinha.

— Desculpa — digo quando estamos no corredor. — Ela consegue ser inconveniente.

O olhar firme dele cruza-se com o meu.

— Porque é que é inconveniente ela perguntar o que somos um ao outro?

Desvio o olhar. Deixou-me sem palavras.

A verdade é que o motivo pelo qual não quero que a minha avó faça perguntas é porque não tenho respostas. Não sei o que eu e o Tucker somos um para o outro. Tudo o que sei é que sinto a sua falta quando ele está longe. Que sempre que recebo uma mensagem dele no telemóvel, o meu coração voa como um monte de balões de hélio. Que, quando ele olha para mim com os olhos castanhos carregados de desejo, me esqueço do meu próprio nome.

Vamos para o meu quarto, onde ele se senta na ponta da cama enquanto fecho e tranco a porta. Passam-se alguns segundos. Depois ele dá uma palmadinha no colo e diz:

— Anda cá, querida.

Atiro-me para cima dele numa fração de segundo e enrolo as pernas à volta da sua cintura, passando-lhe os dedos pelo cabelo.

— Senti mesmo a tua falta — sussurro, colando os lábios aos dele.

Beijar o Tucker é como entrar num banho quente. A minha pele é tomada por formigueiros, as minhas pernas transformam-se em gelatina e eu sinto-me rodeada por um casulo quente do qual nunca quero sair. Ele arrasta a língua pelo meu lábio inferior e depois introdu-la na minha boca. As suas mãos estão quentes e firmes quando deslizam para baixo da minha camisola sem mangas e me afagam as ancas nuas.

Antes que me aperceba, estamos entrelaçados na cama, a arrancar as roupas um do outro com as bocas coladas. Quando ficamos nus, o meu corpo cola-se ao dele à procura de libertação. O Tucker está igualmente excitado. Não há preliminares, nem trocamos nenhuma palavra. Agarro num preservativo que está na mesinha de cabeceira, atiro-lho e ele coloca-o rapidamente.

É o sexo mais silencioso que alguma vez fizemos. Tem de ser, porque a minha avó está ao fundo do corredor. E há algo de excitante e pecaminoso na forma silenciosa como nos enrolamos. Ele preenche-me completamente, entrando e saindo do meu sexo palpitante num ritmo lento e delicado que me deixa louca.

— Não tarda nada venho-me — sussurra-me ele ao ouvido.

Abro os olhos e vejo as suas belas feições, os dentes cravados no lábio inferior enquanto faz um esforço por se manter em silêncio.

A visão bela atenua a tensão que se acumula dentro de mim. Quando o orgasmo vem à superfície, suspiro e agarro-me aos seus ombros largos, mantendo-o junto a mim enquanto ele estremece.

Depois ele rebola e puxa-me para ele. Passa os dedos pelo meu cabelo, enquanto eu enrosco uma perna na parte inferior do seu corpo. Ficamos aninhados durante algum tempo, sem dizer uma palavra, até o Tuck finalmente interromper o silêncio para me contar o que tem andado a fazer. Trocamos mensagens com regularidade, por isso já conheço a maior parte das histórias, mas a voz deste rapaz é tão sexy que não me importava de o ouvir a recitar a ementa de um restaurante, se isso significasse ouvir o sotaque do Sul a ronronar no meu ouvido.

Contenho as gargalhadas com a mão quando ele me conta que a namorada do Dean — vá-se lá entender — o deixou inconsciente com um pesa-papéis ontem à noite. Dou-lhe um beijo no ombro quando ele confessa que está ansioso por estar com a mãe nas próximas férias. E quando eu admito que estou preocupada com os exames finais, ele afaga-me as costas e assegura-me que me vou sair lindamente.

Acabamos por vestir as roupas e pôr um filme, mas só ele é que fica a ver. Eu abro um manual e começo a sublinhar passagens que quero utilizar no meu trabalho. O Tuck ri-se baixinho da comédia picante que está a dar na televisão pequena que está instalada na parede.

De vez em quando, ele inclina-se e dá-me um beijo na têmpora, esfrega-me a face e belisca-me o mamilo.

De vez em quando, eu inclino-me e dou-lhe um beijo no pescoço, afago-lhe a barba e dou-lhe uma beliscadela no rabo.

É a noite mais perfeita que podia imaginar. E, na minha cabeça, uma vozinha não para de sussurrar: *Podia habituar-me a isto…*

16

Tucker

Depois de sair do avião em Dallas, encontro a minha mãe no fundo das escadas rolantes com três balões. Seria de esperar que eu estivesse a chegar a casa de uma batalha em vez de uma faculdade chique da zona este.

— Olha para ti! — choraminga ela.

Pego nela ao colo e faço-a rodopiar antes de a pousar no chão. Ela inclina-se para mim, e o cheiro familiar da laca e amoníaco rodeia-me.

— Para o que devo olhar? — provoco-a.

Ela lança-me um sorriso de mãe e depois passa um braço fino à volta da minha cintura e aperta-a.

— Para como estás lindo. Estás com ótimo aspeto.

Encolho os ombros quando nos começamos a encaminhar para a saída.

— Sinto-me bem.

— Ainda bem. Pensava que estarias deprimido pela forma como está a correr a temporada. — Os nossos jogos passam poucas vezes na televisão, mas ela segue os resultados pela Internet.

— É para isso que são os balões?

— Achavas que os balões eram para ti? Porque não são.

— É por isso que o balão prateado diz «Bem-vindo a casa, filho»?

— Estava com desconto. Teria trazido o balão que diz «Sou a melhor mãe do mundo», mas custava mais cinco dólares.

— Meu, o patriarcado está a arruinar as vendas de balões?

Ela atira os balões na minha direção e ri-se.

— É um mundo terrível, é por isso que precisamos de balões.

— Isto parece-se muito com o incidente do avental cor-de-rosa — digo, num protesto fingido, mas pego nos balões e dobro-me para lhe depositar um beijo no cimo da cabeça. Tal como usar o avental cor-de-rosa que os meus colegas de casa me deram, andar com alguns balões no aeroporto não vai magoar o meu ego.

— Se estivesse no teu lugar, oferecia a todos uma prenda cor-de-rosa, para pagar na mesma moeda.

Penso no *dildo* cor-de-rosa com o qual o Dean gosta de tomar banho.

— Não é má ideia. Tenho de comprar umas prendas antes de regressar. Vou certificar-me de que só compro coisas cor-de-rosa ou com brilhantes. Os dois, se for possível. — O Garrett e o Logan partir-se-iam a rir ao pensar em oferecer um *dildo* cor-de-rosa e com brilhantes ao Dean. Faço uma nota mental para enviar uma mensagem mais tarde aos rapazes.

— Não trouxeste uma mala? — pergunta ela, quando passamos pelo tapete das bagagens.

— Não, senhora. — Não preciso de olhar para o seu rosto para saber que está desiludida. — Sabes que tenho de voltar para treinar. Mesmo que a temporada esteja a ser uma porcaria, tenho de treinar na mesma. É esse o preço da minha bolsa de estudo.

A minha agenda ocupada durante as férias natalícias sempre foi motivo de tristeza para a minha mãe, que adora celebrar os eventos. Ela vive para o Natal, e é por isso que voltei a casa, apesar de muitos dos rapazes terem ficado em Briar.

— Achei que, talvez por este ser o teu último ano e vocês não andarem bem, que poderias passar as férias todas comigo.

— Não funciona assim. Além disso, daqui a uns tempos não te vou largar e vais implorar-me para que me vá embora — aviso-a.

Mas, enquanto digo isto, lembro-me da Sabrina. Ela vai estar em Boston durante os próximos três anos. Não sei como vamos fazer as coisas

resultarem.

Ou será que ela quer sequer que as coisas resultem?

Seria muito mais fácil se nos tivéssemos conhecido no ano passado. Ou até mesmo no semestre anterior, mas só temos uns meses para continuarmos no mesmo código postal e, por motivos que não estou totalmente preparado para analisar, sobretudo com a minha mãe ao meu lado, a futura distância entre nós incomoda-me muito.

Combato a vontade de me meter novamente num avião e regressar a Boston. Mas vou ter de me contentar com as mensagens, as chamadas telefónicas e talvez, se tiver sorte, com uma videochamada. Gostava de ver como ela usa o brinquedo quando não estou por perto.

Quase colido com o SUV da minha mãe, imerso em pensamentos sobre a Sabrina e o seu vibrador. Pigarreio.

— Importas-te de que conduza?

Ela atira-me as chaves.

— Nunca me queixaria por te ter perto de mim. Sabes que adorava que voltasses para casa e vivesses comigo.

— Pois, isso não vai acontecer. Nenhuma mulher quer sair com um rapaz que vive com a mãe — digo, enquanto mantenho a porta aberta para ela entrar.

Ela senta-se com uma expressão carrancuda.

— Qual é o problema de viver com a mãe?

— Tudo. E sabes bem disso. — Inclino-me para a frente e deposito-lhe outro beijo na testa para aplacar o golpe.

Durante a viagem de quatro horas de Dallas até casa, ela põe-me a par das novidades de Patterson.

— A filha da Maria Solis chegou da universidade e está em casa. Agora corta o cabelo em Austin, mas continua a ter uns modos impecáveis. No outro dia, passou pelo cabeleireiro só para me cumprimentar.

Aceno com a cabeça, distraído, enquanto me questiono se a Sabrina teria aceitado caso a tivesse convidado para vir comigo a casa. Deduzo que não acharia piada ao convite, não só porque o interpretaria como um sinal de que

estamos a avançar demasiado depressa, mas porque precisa de trabalhar para ganhar dinheiro. Antes de ter partido, ela estava contentíssima por receber uma compensação.

— Devias convidá-la para sair. — A voz da minha mãe infiltra-se novamente nos meus devaneios.

— Quem? — pergunto.

— A filha da Maria Solis — responde ela, impaciente.

Desvio os olhos da estrada para lhe lançar um olhar de completa incredulidade.

— Queres que saia com a Daniela Solis?

— Porque não? Ela é bonita e inteligente. — A minha mãe recosta-se no assento e cruza os braços.

— Também é gay.

Ela fica de boca aberta.

— A Dani Solis é gay?

— Acho que o termo correto é «lésbica» — digo, relembrando-me da cadeira de Estudos de Género.

— Não — protesta a minha mãe. — É demasiado bonita.

— Mãe, as raparigas bonitas também podem ser lésbicas.

— Tens a certeza? Se calhar é bissexual. Dizem que os miúdos fazem experiências na faculdade.

— Ela convidou a Cassie Carter para o baile de finalistas! Fizeste o penteado das duas.

— Pensava que eram amigas.

— Tiveram de passar por amigas, porque os organizadores do baile não as deixaram comparecer como casal.

A terriola da zona oeste do Texas onde cresci é um nadinha conservadora. A Dani e a Cassie eram *amigas*, mas daquelas que trocam beijos e apalpadelas nos corredores. Sem saber, faziam as fantasias de todos os adolescentes que as olhavam de olhos arregalados. Quando era adolescente, passei muitas noites a fantasiar com as coisas que as duas raparigas faziam em privado. Se calhar era

um pouco inapropriado, mas a maior parte dos meus pensamentos dos 10 aos 17 anos enquadrava-se nessa categoria.

A minha mãe afunda-se no assento. Provavelmente, já tinha traçado na cabeça um plano elaborado para me juntar com a Dani.

— Lembras-te quando disse que tinha conhecido uma rapariga? — digo lentamente, depois de decidir que é melhor arrumar já o assunto, antes que ela comece a juntar-me com todas as raparigas de Patterson.

— Oh. — O seu tom de voz revela-se reservado. — Pensava que não era nada sério.

— Passou a ser. Ias gostar dela. Tem notas impecáveis, tem dois empregos e foi aceite na Faculdade de Direito de Harvard.

— Harvard? Isso não fica em Boston?

A voz dela está carregada de preocupação. Eu percebo. Está com receio de que me apaixone por uma rapariga de Boston e que não volte para casa, e foi por isso que tentou impingir-me a Dani Solis antes mesmo de chegarmos a casa.

— Sim. Cambridge. — Não consigo tranquilizá-la, porque, neste momento, não sei o que vou fazer em relação a Boston, Patterson ou a tudo o resto. A única coisa que sei é que quero estar com a Sabrina.

— Quanto tempo dura a Faculdade de Direito?

— Três anos. — Ou seja, demasiado tempo para estarmos longe um do outro.

— Continuas a tencionar vir para casa e começar um negócio, certo? Estive a falar com o Stewart Randolph no outro dia. Lembras-te dele? Tem uma imobiliária em Pleasant. Está a pensar em reformar-se e o filho dele não quer sair de Austin. Parece que o Randy estaria interessado em ofertas tentadoras.

Aperto o volante com um pouco mais de força. A Sabrina perguntou se alguma coisa me irritava. Deixar a minha mãe triste está no topo dessa lista. Mas a ideia de comprar a imobiliária do Stewart Randolph talvez esteja logo em segundo lugar. Na verdade, a ideia de trabalhar no escritório do Randolph, de usar gravata todos os dias, provoca-me comichão na pele. Tenho algumas

ideias sobre o que vou fazer quando terminar o curso, e ser agente imobiliário não é uma delas, sobretudo em Patterson, uma cidade com dez mil habitantes.

— Eu falo com ele — ouço-me a dizer.

— Boa. — Pelo menos alguém está feliz. — Ah, os Solises vêm cá jantar hoje à noite, já agora.

— Credo, mãe.

— Não sejas malcriado, John.

Respiro fundo e imploro por paciência, ao mesmo tempo que me questiono quando vou conseguir enviar uma mensagem à Sabrina.

— A minha mãe apelidou-te oficialmente de «bom partido». — A Dani senta-se ao meu lado nas escadas traseiras da pequena casa de dois pisos onde vivi toda a minha vida.

Bato com o copo de sangria no dela.

— Boa descrição. Vou pôr isso no meu perfil do *Tinder*.

— Também diz que tens um esconderijo secreto com dinheiro que me vais dar quando eu te der um primogénito. — A Dani esboça um sorriso de orelha a orelha. Ela está a adorar isto, está visto.

— A minha mãe disse que eras inteligente e bonita. — Contenho uma gargalhada, e penso na outra rapariga inteligente e bonita a quem ainda não consegui enviar uma mensagem desde que a informei de que tinha aterrado há umas horas.

A resposta dela foi: «Ainda bem! Fico contente.» E só isso não me satisfaz. Parece que há um fundo de verdade na expressão «longe da vista, perto do coração», porque sinto mesmo muita falta dela.

— E o que é que disseste?

Volto a atenção para a minha amiga.

— Que achava que eras lésbica e a minha mãe respondeu que talvez fosses bissexual.

A Dani dobra-se a rir e entorna sangria por cima do rebordo do copo.

Tiro-lhe o copo da mão, para não levar com a bebida, e pouso-o do meu

outro lado. A Dani demora algum tempo a acalmar-se, por isso termino a minha bebida e bebo o resto da dela.

— Tuck, desculpa — suspira ela, limpando uma mão manchada de vinho no rosto. — A ideia de a mamã Tucker ter esperança de eu ser bissexual para poder juntar-nos é demasiado engraçada.

— Ainda bem que tenho confiança no meu charme — digo, secamente. — Ou os meus tomates eram capazes de encolher com esta risada pegada.

A Dani fica séria imediatamente.

— Oh, ofendi-te? Tens… sentimentos por mim?

— Não, e não estou a dizer que não és bonita, porque és, mas desde que andámos na escola secundária que sei que jogas na outra equipa.

— Sim, sempre soube disso. — Ela morde o lábio. — A tua mãe ficou triste?

— Ela não mudou a opinião que tinha de ti, se é isso que estás a perguntar. Só ficou desapontada.

A Dani acena com a cabeça, pensativa.

— Patterson é uma cidade muito tacanha, percebes? Não me importo de vir cá de visita, mas nunca conseguiria viver aqui. — Pontua a declaração com uma expressão de desagrado. — Admira-me que pretendas voltar.

— Porquê?

— Tuck, tu jogas hóquei. — Ela profere a última palavra como se tivesse um outro significado, mas eu sou burro, por isso vejo-me obrigado a pedir uma explicação.

— Há uma equipa de hóquei em Dallas — relembro-lhe. — Não é assim tão invulgar.

— É. Este é um estado de futebol, mas não, tu, um rapaz do Texas, adoras o gelo e o frio. Admira-me que não queiras ficar em Boston.

Estico as pernas e olho para o céu a escurecer. Patterson é uma daquelas cidades-relíquia — já foi autossuficiente, mas quase todos os pequenos negócios foram esmagados pelas lojas regionais que ofereciam preços mais baixos e mais opções. A maioria dos habitantes que vivem aqui trabalha na

agricultura ou num horto a duas cidades de distância. Já pensei em viver em Boston, mas sempre que falei sobre isso com a minha mãe nos últimos quatro anos, ela rejeitou a ideia.

— A minha mãe adora viver aqui. Esta é a casa do meu pai, que ele comprou quando eram casados. — Bato com a palma da mão nas escadas. — Ela não quer sair daqui.

— Então não conheceste ninguém em Briar? Viveste lá quatro anos e vais simplesmente voltar para casa para assentar e ser o agente imobiliário preferido de Patterson? — Ela levanta o dedo indicador e adota um tom de voz mais profundo.

Tenho de admitir que não soa bem.

— Também sabes desses planos?

— Sim, foi incluído no elogio que te fizeram. Juntamente com a tua conta bancária recheada, poderias dar-me uma vida de luxo durante o resto das nossas vidas, se vendesses casas nesta cidade. As boas notícias para a tua mãe é que todas as raparigas de Patterson dariam a mama esquerda para serem a mulher do John Tucker.

Só há uma mulher a quem quero dar esse título e não sei se ela quer.

— Tenho uma rapariga em Briar — confesso. Quando falo sobre a Sabrina, sinto-a um pouco mais perto. Caramba, estou um piegas. Mas pouco me importa, porque pego no telemóvel. — Queres ver?

A Dani acena com a cabeça, ansiosa.

Abro uma fotografia que tirei da Sabrina num *pub* aonde fomos jantar da última vez que a fui visitar. Ela tem o cabelo escuro solto a cair em cascatas sobre os ombros e os olhos brilhantes, porque tinha acabado de me dar uma palmada no rabo quando estávamos de saída.

— Uau, é jeitosa! — A Dani agarra no telemóvel e faz *zoom*, ampliando primeiro o rosto da Sabrina e depois o resto do corpo. — Tens a certeza de que não é bissexual? Porque é um crime ela ter de sofrer na vida com um homem.

— Ei, eu ajeito-me bem com a língua.

A Dani lança-me um olhar de desdém.

— Nenhum homem tem tanto jeito para o sexo oral como uma lésbica. É uma verdade científica.

— Ah, sim? Então conta lá os teus segredos, Solis. Se não for por mim, que seja pela coitada da Sabrina.

Os lábios da Dani curvam-se num sorriso sexy.

— Sabes que mais? Vou contar.

E depois começa a dar-me uma lição bastante gráfica sobre o que é um bom sexo oral.

17

Sabrina

Ele: Encontrei-me com uma antiga colega da escola secundária. Ela é lésbica. Disse-me que nenhum homem consegue chegar aos calcanhares de uma mulher. Embebedei-a com sangria e obriguei-a a revelar-me os seus segredos. Prepara-te. Vou dar cabo de ti.

Recebo a mensagem do Tucker durante a minha pausa do bar. Quando descalço os saltos altos de quinze centímetros, respondo:

Eu: Promessas. Promessas.

Quando não recebo uma resposta imediata, pouso o telemóvel e tento não ficar desapontada. Ele deve estar ocupado com a mãe e os amigos de infância.

O desconforto que se instalou no meu estômago quando ele partiu hoje aumenta um pouco. Sinto a falta dele. E se for sincera comigo própria, acho que me estou a apaixonar. O John Tucker infiltrou-se definitivamente na minha vida, preenchendo espaços que eu não sabia que existiam.

E ele não é a distração que eu pensei que seria. Quando preciso de silêncio, ele dá-mo. Quando preciso de diversão, ele está lá com um sorriso pronto. E quando o desejo toma conta de todo o meu corpo, ele não se coíbe de fazer sexo comigo até eu ficar sem forças. Ele gosta de passar tempo comigo. E eu gosto de passar tempo com ele.

Aperto a parte de trás do pescoço. Será que já estou perdida de amores? Será melhor fugir já? Posso continuar isto sem que um de nós saia magoado?

O Tucker achou que eu tinha a minha vida toda planeada — e tinha. A visão que tinha de quatro anos de faculdade, seguidos da Faculdade de Direito, seguida de um estágio de verão bem remunerado, para depois iniciar o emprego perfeito numa empresa de advogados dos Big Six, e depois reformar-me num local soalheiro junto à praia… é um plano que nunca incluiu um homem. Não sei porquê. Simplesmente não incluía.

Os homens são para… o sexo. São fáceis de ter e fáceis de esquecer. Ou, pelo menos, *eram* fáceis de esquecer. Agora, nem por isso, porque a ideia de não ter o Tucker faz com que a pedra que sinto no estômago mais pareça um pedregulho. Aliás, a pedra está a deixar-me nauseada. Respiro fundo algumas vezes e tento lembrar-me da última vez que comi alguma coisa.

— Estás bem, linda? — pergunta a Kitty Thompson, preocupada. A Kitty é uma das donas do Boots & Chutes. O bar é gerido por ela e por três outras antigas *strippers*, e é um dos melhores sítios onde alguma vez trabalhei.

Esfrego a têmpora antes de responder.

— Só estou cansada.

— Só faltam mais umas horas. — Ela esboça um sorriso empático. — E está uma noite parada. Provavelmente vou deixar-te sair mais cedo.

Ambas olhamos para a meia dúzia de mesas ocupadas.

Ela acena com a cabeça, decidida, e diz:

— Sim, mais vale ires-te embora. Não ias ganhar muito mais do que vinte dólares. Vai para casa e descansa um pouco.

Não preciso que ela mo diga duas vezes. Ter mais umas horas de sono antes de ter de ir para o posto dos correios para ordenar correspondência parece-me um sonho. Por isso, sigo rapidamente para casa e caio na cama sem olhar outra vez para o telemóvel. Vai continuar aqui de manhã.

O alarme desperta-me às 3h40. Quando me sento, sinto-me tão tonta que quase desmaio. Os conteúdos do meu jantar comido à pressa, ontem à noite no bar, ameaçam sair.

Fecho os olhos e respiro fundo várias vezes. Quando sinto que me aguento em pé sem vomitar para cima dos pés, dobro-me para pegar no telemóvel.

O que se revela um erro crasso.

O meu estômago dá uma volta. Sinto o vómito a alcançar a boca antes de chegar à casa de banho, e já estou a vomitar antes de conseguir abrir a tampa da sanita. Caio de joelhos enquanto deixo sair tudo o que comi durante a última semana.

Valha-me Deus. Sinto-me pessimamente.

Suspiro até só restar bílis líquida e pálida. Ainda de joelhos, pego numa toalha e limpo o rosto. Apercebo-me de que estou a suar. A tremer, a suar e muito doente. A sentir-me fraca, puxo duas vezes o autoclismo antes de me levantar.

Junto ao lavatório, lavo a boca com água e depois olho para o meu reflexo pálido. Tenho de ir trabalhar. Há sempre falta de trabalhadores durante a época natalícia, e os empregados a tempo inteiro recebem uma compensação. Não posso ficar em casa.

Regresso ao quarto e paro junto à porta. Cum caraças. A água que bebi não me caiu bem. O suor escorre-me pela testa, obrigando-me a regressar à sanita.

Quando acabo de vomitar, chego a uma conclusão.

Vou ter de avisar no trabalho que vou faltar. Não posso ir trabalhar assim.

O relógio ao lado da minha cama diz que são 4h05. Já estou atrasada. Pego no telemóvel e marco o número. O meu supervisor, o Kam, atende logo.

— Kam, é a Sabrina. Tenho estado a vomitar…

— Tens uma justificação médica? — exige ele saber.

— Não, mas…

— Lamento, Sabrina, mas tens de vir. Está toda a gente a trabalhar. Tu é que pediste estes turnos.

— Eu sei, mas…

— Nada de mas. Desculpa.

— Tenho estado a vomitar a…

— Olha, tenho de desligar, mas posso fazer-te o favor de picar o teu cartão para não te marcarem o atraso. Mas tens de vir. Temos tantas caixas para ordenar que nem consigo ver o outro lado da sala. Já ninguém faz compras no

centro comercial?

Trata-se de uma pergunta retórica, pelos vistos, porque ele desliga logo a seguir.

Fico a olhar para o telemóvel e depois levanto-me. Parece que vou ter de ir trabalhar.

— Estás com péssimo aspeto — comenta uma das minhas colegas temporárias quando chego, vinte minutos depois. — Não te chegues ao pé de mim. Não quero ficar doente.

Semicerro os olhos na direção dela e sinto-me tentada a vomitar para cima da sua farda impecável.

— Eu também não — apresso-me a dizer.

O Kam chega com uma expressão carrancuda e o *iPad*.

— Vai para o posto quatro e começa a ordenar. Estamos tão atrasados que nem tem piada.

Resisto à vontade de fazer continência. Mas concordo com ele. Não há nada de engraçado nesta situação. Sinto-me pessimamente.

A manhã passa a conta-gotas. Sinto que estou coberta de alcatrão e que cada movimento do meu corpo exige muito esforço. Devo ter apanhado uma constipação. Estou cansada, tal como me tinha avisado a Hope, por ter dois empregos, por estudar e por estar preocupada com Harvard. Esforcei-me demasiado este semestre e agora estou a pagar as favas.

Quando o turno termina, mal tenho energia para entrar no carro e sair do parque de estacionamento. Consigo chegar a casa, mas assim que entro na cozinha, sou acometida por outra onda de náusea. Cubro a boca com a mão e corro para a casa de banho.

— Qual é o vosso problema? — resmunga o Ray, que está de pé junto à porta aberta. Está a usar uma das suas camisolas sem mangas brancas com nódoas por cima de umas calças de fato de treino cinzentas. E tem uma cerveja na mão.

Tu. Tu és o nosso problema.

Depois assimilo o significado das suas palavras.

— Como assim? As duas? A avó está doente?

— Diz que sim. Não acabou de fazer o pequeno-almoço. Sentiu-se doente e foi deitar-se. — Ele indica com a cabeça o quarto da minha avó.

Arrasto-me para lá.

— Avó, estás doente? — pergunto.

O quarto está escuro e ela está deitada na cama com uma máscara sobre os olhos.

— Sim, acho que apanhei uma constipação.

— Merda. Também apanhei.

— Ouvi-te vomitar esta manhã.

— Desculpa.

Ela dá uma palmadinha na cama.

— Vem cá e deita-te à minha beira, fofa. Já terminaste o trabalho?

Aceno com a cabeça, apesar de ela não me conseguir ver.

— Sim, só volto a trabalhar amanhã de manhã. Esta noite não trabalho no bar.

— Que bom. Trabalhas demasiado.

Rastejo até ao espaço que ela deixou para mim. Quando era pequena, costumava dormir com a minha avó. Ficava com medo e ela dava comigo enroscada debaixo dos cobertores, a chorar contra a almofada. A minha mãe tinha saído com o Ray ou com um dos homens que teve antes dele. A minha avó levava-me para o quarto dela e dizia-me que os monstros não me iam apanhar, desde que nos mantivéssemos abraçadas.

Encontro a mão da minha avó e entrelaço os dedos nos dela.

— É só mais uns meses.

— Não te mates antes disso.

— Não.

Ela aperta-me os dedos.

— Peço desculpa por aquilo que disse.

— O quê?

— Que tens o nariz empinado. Que a tua mãe pensou em livrar-se de ti.

Ainda bem que não o fez. Adoro-te, querida.

Sinto as lágrimas a arderem-me nos olhos.

— Também te adoro.

— Peço desculpa por não ser uma avó melhor.

— Fizeste um bom trabalho — afirmo. — Vou para Harvard, lembras-te?

— Sim. Harvard. — A palavra está carregada de incredulidade e admiração.

— E eu? — reclama o Ray junto à porta. — Não acabaste de preparar o pequeno-almoço e já está na hora de almoçar.

Ao meu lado, consigo sentir o corpo da minha avó a tremer, e não sei se é de raiva ou por estar doente. Obrigo-me a sentar.

— Fica aqui, avó. Eu trato disso.

Ela vira a cabeça para o lado oposto ao da porta e do Ray, mas também de mim. Acho que, secretamente, queria que ela mandasse o Ray dar uma curva.

Ele grunhe quando eu passo por ele em direção à cozinha.

— O que é que queres? — Abro o frigorífico e encontro-o surpreendentemente vazio. Pergunto-me se a avó estará doente há algum tempo e só agora eu reparei.

— Sandes de queijo grelhado e sopa de tomate — responde ele. Arrasta uma cadeira para longe da mesa da cozinha e senta o rabo escanzelado.

— Vai ver televisão — digo-lhe, enquanto tiro a manteiga, o leite e um bloco de queijo *cheddar*.

— Nã, eu gosto de te ver na cozinha. É tão bom quanto outro programa qualquer. — Dobra os braços atrás da cabeça e inclina-se para trás. Consigo sentir os olhos brilhantes a seguirem cada um dos meus movimentos lentos.

O pão parece estranhamente convidativo e parto um pedaço, mastigando-o lentamente para ver se consigo mantê-lo no estômago. Quando o meu corpo não o expele, como outro pedaço pequeno. Ao fim de uns minutos, a tontura e a náusea diminuem.

A panela de ferro já está no fogão, e tenho a sanduíche preparada para tostar.

— Não te esqueças da sopa, minha menina.

Esfrego a parte lateral do pescoço com o dedo do meio, antes de atravessar a

cozinha para ir buscar uma lata de sopa que está no armário.

— Porque é que és tão imbecil? — pergunto em jeito de conversa, enquanto me dirijo à gaveta para pegar num abre-latas. — É por seres um imprestável de primeira que nem se consegue olhar ao espelho? Ou é porque a única mulher que conseguiste levar para a cama é uma idosa?

— Tenho as mulheres que quiser, não te preocupes comigo. Um dia destes vais cair do pedestal e vir a rastejar por mim. — Ele produz um som nojento com a boca que faz lembrar um beijo. — E talvez eu aceite foder-te, ou talvez apenas te deixe chupar-me quando me apetecer.

Preferia matar-me.

Não, corrijo-me, matava-o a ele primeiro.

Enquanto utilizo o abre-latas, fantasio que arremesso a tampa afiada pela cozinha e corto o pénis do Ray. Depois, o ácido do tomate chega-me ao nariz e sinto uma vontade avassaladora de vomitar.

Pouso tudo e vou a correr para a casa de banho, onde vomito pela terceira vez hoje.

18

Tucker

Véspera de Ano Novo

Às 02h15, a Sabrina aparece à entrada do bar. Tem o cabelo castanho preso num rabo de cavalo alto e um casaco comprido a tapar a farda diminuta de empregada de mesa. Uma senhora mais velha sai atrás dela. As duas trocam palavras, parando junto à entrada mal iluminada.

O meu coração começa a bater erraticamente. Não a beijei à meia-noite para assinalar a passagem do Ano Novo, mas tenciono passar a noite toda a beijá-la para compensar isso. Senti tantas saudades dela no Texas e, apesar de a minha mãe me ter dado inúmeras tarefas para fazer, a Sabrina nunca me saiu da cabeça.

Prendi a rede da vedação, ajudei a minha mãe a plantar as flores que ela tinha na garagem, mudei cinco lâmpadas e as pilhas de todos os detetores de fumo, limpei o forno e tratei de recados de manhã à noite. Também me encontrei com o agente imobiliário preferido e fiz todos os ruídos que era suposto, mas por mais que tente imaginar a Sabrina em Patterson, a imagem nunca fica nítida.

— Olá, jeitoso — cumprimenta-me ela. — Não sabia que vinhas cá. Pensava que ia estar contigo amanhã.

— Não consegui esperar — digo, sinceramente. — Feliz Ano Novo, querida.

— Feliz Ano Novo, Tuck.

Encosto-a a mim e enterro o rosto no seu pescoço exposto. Ela estremece em resposta à minha carícia, e o meu pénis semirrígido levanta-se.

Com relutância, afasto-a.

— É melhor irmos andando, ou as minhas boas intenções ainda vão por água abaixo.

— Pensava que as tuas boas intenções eram comer-me até amanhã de manhã — provoca-me ela, referindo-se a uma das mensagens que consegui enviar-lhe no intervalo das tarefas que a minha mãe me mandou fazer.

Quase deito a Sabrina no chão, mas, apesar das palavras descontraídas dela, consigo perceber a exaustão em cada linha do seu belo rosto.

Em vez disso, aponto com a cabeça para as outras pessoas que estão a dirigir-se para os carros.

— Para quê dar um espetáculo de borla a estes tipos?

— Bem visto. — Ela roda a chave do carro em volta do dedo. — Mas há um pequeno problema. O meu padrasto está em casa, e não sei se queremos repetir a cena da última vez.

Nem imagino porquê. O pervertido do caraças precisa de levar com um murro na cara e uma bota no rabo, mas não me quero cruzar com ele. Tenho vários eventos planeados e não incluem passar um segundo que seja com aquele idiota.

— Estou a borrifar-me para o teu padrasto — admito —, mas uma vez que estamos na época festiva e não te comprei um presente, pensei em fazermos algo diferente. Porque não entras?

Ela volta a rodar as chaves e depois atira-as para mim.

— Conduz tu. Estou cansada.

Apanho-as com facilidade e destranco as portas. Entro e puxo o assento para trás, para não estar a conduzir com os joelhos quase no pescoço.

A Sabrina entra para o lugar do passageiro.

— Aonde vamos?

— À Baixa.

— Oh, parece um mistério. Gosto de mistérios.

E eu gostava de te comer toda. Fico a olhar para a boca dela durante demasiado tempo, antes de dar um safanão mental na minha cabeça e colocar o carro em primeira.

— Como estão as coisas? Estás melhor?

— Estou bem. Vem e vai. A minha avó sente-se melhor, por isso diria que preciso de esperar mais uns dias até me livrar do bicho.

Estico o braço no carro e encosto a mão à nuca dela. Há muito tempo que não lhe toco e preciso deste contacto.

— Queres que te leve ao médico? — ofereço-me.

— Estou assim com tão mau aspeto?

— Não, estás linda, mas disseste que tens andado doente. — *E pareces frágil, como se fosses vidro, debaixo da minha mão.* — E quero tomar conta de ti.

— Não, não quero ir ao médico.

— É por uma questão de dinheiro? Porque se não quiseres que eu pague, podemos ir à clínica do *campus* em Hastings.

Ela abana a cabeça, lentamente, para um lado e para o outro em cima da palma da minha mão. Baixo mais a mão para lhe massajar o pescoço, e ela solta um gemido. O som desce diretamente ao meu pénis negligenciado.

— Tenho seguro. Só preciso de descansar — insiste ela. — E amanhã é domingo, o que quer dizer que posso passar o dia todo de papo para o ar.

Decido não insistir.

— Que coincidência. Esse é o meu plano.

Desta vez, quando os nossos olhares se cruzam, o dela está tão ardente como o meu. Carrego um pouco mais no acelerador do que pretendia.

— Um hotel? — pergunta ela, quando paro diante do Fairmont dez minutos depois.

Sorrio.

— Feliz Natal.

O arrumador dirige-se à porta dela e abre-a. Eu saio do carro e contorno o

amortecedor da frente, agradecendo-lhe enquanto lhe atiro as chaves. Tudo isto está a custar-me os olhos da cara, mas pouco me importa. Também me estou a borrifar para o facto de o porteiro estar a sorrir ao ver a roupa da Sabrina e o nosso carro. Ele provavelmente julga que vou ser roubado ao levar uma prostituta para o meu quarto.

— O teu presente está em minha casa — diz ela, pesarosamente, quando me junto a ela no passeio.

Passo um braço em volta das suas costas e empurro-a delicadamente para a frente.

— Podes dar-mo amanhã quando estivermos na marmelada.

— Combinado.

Conduzo-a diretamente aos elevadores e depois ponho-me a olhar para o relógio digital, para me impedir de lhe saltar para cima no átrio deste hotel chique.

— Tenho quase a certeza de que todos pensam que sou prostituta — diz ela, secamente.

— Se pensarem, é só porque essa é a única forma de alguém tão sexy como tu permitir que eu ponha as mãos em cima de ti.

— Tretas. Mas é um elogio simpático.

— Dava-te um beijo agora mesmo, mas uma vez que não te vejo há dez dias, provavelmente perderia o controlo e tentaria montar-te aqui no átrio.

— Posso esperar. — Ela fixa o olhar na protuberância das minhas calças. — Se bem que, a julgar pelo contorno do teu monstro, o meu palpite é que ninguém ficaria surpreendido.

O tinido das portas do elevador abafa o meu gemido, mas, tendo em conta o sorriso que se espalha pelo rosto da Sabrina, consigo perceber que ela o ouve.

Saímos no quarto andar. Mal entro no quarto antes de a encostar à porta e enfiar a língua na sua boca, enquanto lhe abro o casaco para lhe apalpar as mamas.

Ela geme, mas não se trata de um gemido de paixão.

Deixo cair as mãos imediatamente.

— Magoei-te?

— Não. — Ela puxa-me rapidamente para junto dela. — As minhas mamas estão muito sensíveis por algum motivo.

Deslizo-lhe as mãos pelas ancas.

— Então vou ter ainda mais cuidado esta noite. — Deixo que ela me puxe para mais um beijo antes de me afastar. Baixo a mão e ajusto-me. — Dá-me um minuto, miúda. Não estava a contar saltar-te para cima mal te visse esta noite, mas, caramba, sabes que me deixas louco.

— Tu também. — Ela passa a palma da mão pela testa, e a mão dela parece estar a tremer bastante.

Questiono-me se parte disso é fome.

— Porque não te sentas? — Aponto para o sofá pequeno que está encostado à parede.

A Sabrina acena com a cabeça e avança mais para dentro do quarto. Pressiono a palma da mão contra o pénis e ordeno a mim mesmo que me comporte como se tivesse feito sexo antes.

— Quanto é que isto custou? — Ela cai no sofá e olha em redor, consternada.

— Nada — asseguro-lhe. — O dono do hotel é um ex-aluno da Briar. Ele cobra-nos uma tarifa especial. Não digas nada à associação que faz a gestão das bolsas universitárias.

— Isso constitui uma violação?

— Não sei. Nem quero saber.

— Percebido. — Ela descalça os sapatos e dobra o casaco sobre o braço do sofá, ficando apenas com os calções curtos e o soutien.

Céus, ela é a mulher mais sexy do planeta.

— O que é isso? — pergunta-me, e o seu olhar incide na caixa embrulhada que está pousada no centro da cama.

— O teu presente. — Fiz o *check-in* mais cedo e deixei o presente no quarto. Estico o braço e levanto o embrulho da cama, juntando-me depois a ela no sofá. — Boas festas.

O rosto dela ilumina-se quando me tira a caixa das mãos. Inclino-me para trás e fico a observar. Mal posso esperar para ver a cara dela quando abrir o presente.

— O que é isto? — pergunta, cautelosa. — Parece caro.

Rio-me.

— Consegues perceber se é caro ou não pelo peso?

— Claro que sim. Quanto mais pesa, mais caro é. — Ela morde o lábio. — Espero que não tenhas gasto uma fortuna comigo.

— Juro que não gastei. — Estou a mentir. Gastei mais dinheiro com ela do que com qualquer outra rapariga, mas não consegui resistir.

Uma das clientes da minha mãe faz produtos de pele e vende-os pela Internet, e ela deixou-me comprar o presente da Sabrina a um preço especial, porque havia um defeito na pele. O defeito fica na parte interior, mas, pelos vistos, aos preços que ela cobra, mesmo isso exige um desconto. Fiquei satisfeito com a compra. Já a minha mãe, nem por isso. Ela achou que era demasiado caro para oferecer a uma rapariga que mal conheço, mas este presente tinha a cara da Sabrina.

Ao meu lado, ela rasga o papel e depois levanta a tampa. Quando o cheiro a pele se faz sentir, a sua boca forma um círculo de surpresa perfeito.

— O que é que compraste? — pergunta, mas não é algo a que eu seja obrigado a responder. As mãos dela afastam o papel para revelar uma mala de pele polida e fivelas de bronze. — Oh, meu Deus. É tão linda!

Não preciso de perguntar se ela gosta. É nítido em todos os gemidos e todas as carícias que ela faz à pele. Oh, sim, arrasei.

— Saí-me bem? — Sorrio quando a vejo levantar todas as abas e abrir todos os fechos-éclair. Ela examina a mala e vira-a de um lado para o outro vezes sem conta. Até se levanta para posar com ela.

— Saíste-te lindamente. — Põe por fim a mala de lado e lança-se nos meus braços. — Lindamente — repete ela, pontuando cada palavra com um beijo. — Agora é a minha vez de te dar um presente.

Lambendo os lábios, começa a descer pelo meu corpo abaixo e a desapertar-

me as calças de ganga.

O meu pénis salta como se fosse uma mola. Ela envolve-me o sexo com a mão e depois esboça o sorriso mais maroto e diabólico, antes de enfiar o meu pénis até ao fundo da garganta.

Cum caraças. Sabe bem. Afago-lhe a cabeça enquanto ela me chupa, admirando a forma como o seu rabo fica espetado quando ela se dobra para a frente para engolir ainda mais o pénis. Estico o braço e deslizo a mão para dentro dos calções dela, até os meus dedos alcançarem a sua vagina húmida.

E, de repente, não é suficiente a sua boca estar no meu pénis. Tenho de entrar dentro dela.

Pego nela e deito-a na cama. Ela agarra-se à minha roupa. Eu rasgo a dela. Somos frenéticos, pouco coordenados e estamos cheios de desejo.

Alcanço o preservativo que tenho nas calças de ganga e entro dentro dela num ápice. Ela vem-se minutos depois.

— Já passou algum tempo — diz ela, ofegante.

Sinto gotas de suor na testa quando abrando o ritmo, tentando prolongar o prazer o mais tempo possível.

Mas, como de costume, a Sabrina tem outras ideias.

— Vá lá, Tuck. Fode-me à bruta.

Ela crava as unhas no meu rabo e eu fico perdido.

Invisto, com o pénis dentro dela, com força suficiente para a empurrar de um lado da cama para o outro. Ela vem-se outra vez e eu finalmente atinjo o êxtase.

Amo esta rapariga. Amo-a de paixão. As palavras estão na ponta da minha língua e mal consigo engoli-las. Ela ainda não está decidida em relação a mim. Preciso de esperar pelo momento certo, mas, enquanto estiver em jogo, não estou preocupado com o resultado.

— Vou tratar do preservativo — murmuro, e ela acena com a cabeça, ensonada.

Quando saio da casa de banho, ela está enfiada debaixo do edredão, a dormir.

Sorrio e meto-me na cama ao lado dela, apoiando-me num cotovelo para ficar a olhar para o seu belo rosto. As pestanas grossas caem-lhe sobre as faces, e nota-se um sorriso de satisfação nos lábios. Para o mundo exterior, a Sabrina James aparenta ser dura e insensível a tudo, mas, na realidade, é vulnerável, bondosa e querida.

Deslizo um braço por baixo do pescoço dela e, mesmo a dormir, ela vira-se para mim e entrelaça as pernas nas minhas. Ficamos a dormir agarrados um ao outro. Duas metades de um todo maior e melhor.

Acordo com o som de vómito. Alguém está a vomitar as tripas na casa de banho. Olho para o relógio e constato que nem sequer são seis da manhã.

Saio da cama aos tropeções, nu e ainda sonolento.

Encontro a Sabrina de joelhos na casa de banho, dobrada e a vomitar para a sanita.

Fico imediatamente preocupado. Pego numa toalha e coloco-a à volta dos ombros dela.

— Do que é que precisas? — pergunto num tom de voz gentil.

Ela abana a cabeça, sem proferir uma palavra, e depois encosta-se às minhas pernas. Afasto-lhe o cabelo da cabeça e sinto a preocupação a fervilhar-me no sangue. Que raio devo fazer?

Sem a mover, estico o braço para trás de mim e encho um copo com água. Depois agacho-me e ofereço-lho.

— Obrigada. — Ela aceita o copo com uma mão trémula.

Afago-lhe as costas enquanto ela bebe um gole pequeno.

— Demora o tempo de que precisares.

Na minha cabeça, já estou a marcar o número de emergência e a levá-la às urgências, mas tenho de a convencer ou já sei que ela vai recusar. Antes que eu consiga mencionar o assunto, ela inclina-se para a frente e vomita a água que acabou de beber.

Espero que ela termine, e depois levanto-a nos braços e transporto-a para a cama.

— Vou levar-te a um médico — anuncio.

— Não. — Ela agarra-me o pulso, mas o aperto é frouxo. — Fico bem daqui a umas horas. Simplesmente exagerei esta semana. — As lágrimas mancham-lhe o rosto. — Céus, que nojo. Desculpa.

— Amor, que é que isso importa? — Mantenho-a junto ao peito enquanto afasto os lençóis.

Depois de a aconchegar nos lençóis, saio para ir buscar um pano e outro copo de água. Quando volto para a cama, pego no caixote do lixo e coloco-o no chão ao lado dela.

Odeio vê-la tão mal, e o meu lado de cuidador entra em ação quando pouso o pano sobre a sua testa.

— Tens andado a vomitar assim todos os dias há quanto tempo?

— Não sei. Há algum. Apanhei um vírus qualquer. A minha avó apanhou-o primeiro e já se curou. Só preciso de esperar que passe. Vou sentir-me melhor daqui a umas horas.

— Estás com febre? É melhor trazer-te uma aspirina? — Encosto a parte de trás da mão ao rosto dela. Não a sinto quente.

— Não tenho febre — murmura. — Só estou nauseada e cansada.

Um alarme soa na minha cabeça.

Mordo a bochecha e penso nos sintomas. O enjoo de manhã, a melhoria de tarde, os seios sensíveis, a sensação de cansaço. Nada de febre. O facto de não ter tido o período, ou pelo menos não o ter mencionado, nos dois meses em que temos andado a fazer sexo.

— Estás grávida? — pergunto.

Ela abre os olhos.

— O quê?

— Grávida. — Enumero os seus sintomas com cada um dos dedos e termino com a falta do período.

— Não, não estou. Tive o período… — Ela cala-se e pensa. O seu rosto fica pálido. — Há quase três meses — sussurra. — Mas… sempre tive períodos leves, mesmo quando tomava a pílula. E tenho tido *spotting* nos últimos

meses. Pensava que…

Baixo-me e recolho as roupas.

— Aonde é que vais? — pergunta ela.

— Comprar um teste de gravidez. — Ou cinco. Tiro um pacote de bolachas do minibar e atiro-lho. — Tenta comer, está bem? Já volto.

Ela continua a protestar quando eu saio do quarto.

Há uma farmácia aberta vinte e quatro horas perto daqui. Corro para lá como se estivesse a tentar qualificar-me para os Jogos Olímpicos, pouco preocupado por me ter esquecido do casaco no hotel.

Dentro da farmácia, encontro três testes diferentes. Compro-os a todos.

O empregado lança-me um olhar de compaixão e abre a boca para dizer qualquer coisa parva. O olhar fulminante no meu rosto obriga-o a calar-se.

Quando regresso, a Sabrina está sentada na beira da cama a comer as bolachas. Sinto que os testes são desnecessários neste momento. Ela podia fazer um anúncio a grávidas.

Estou surpreendentemente calmo quando abro as caixas.

— Aqui está. Três diferentes.

— Fizemos sexo seguro — diz ela, com um tom distante, como se estivesse a tentar convencer-se a ela e não a mim. — Eu tomo a pílula.

— A não ser na primeira vez.

Ela sorri.

— Foi só a ponta.

Solto uma gargalhada involuntária.

— Então fazer chichi nos pauzinhos só nos vai trazer paz de espírito, certo?

Ela termina a bolacha em silêncio. Não sei se devo sentar-me ao lado dela ou no sofá. Escolho o sofá, para lhe dar espaço. Às vezes, a Sabrina consegue ser difícil de ler. Neste momento, não faço a menor ideia do que lhe vai na cabeça.

Devagar, ela levanta-se e aproxima-se das embalagens que estão pousadas na secretária, como se contivessem veneno. Mas chega lá, pega nelas e desaparece para dentro da casa de banho.

Não fico especado na porta com um copo encostado à parede, apesar de me sentir tentado a fazê-lo. Em vez disso, ligo a televisão e vejo duas senhoras a tentarem vender um fato de treino de veludo com vários tipos de estampado animal, por apenas 69,99 dólares.

Fico a ver este anúncio inacreditável durante dez eternos minutos antes de a porta da casa de banho se abrir. O rosto da Sabrina está tão branco como o roupão de hotel que ela está a usar.

— Positivo? — pergunto desnecessariamente.

Ela levanta uma caixa vazia.

— Tens de ir comprar mais dez destes.

Dou uma palmada no sofá ao meu lado.

— Não vou comprar mais. Vem sentar-te.

Como uma criança bem-mandada, ela aproxima-se, depois senta-se ao meu lado e tapa o rosto com as mãos.

— Não posso ter um bebé, Tucker. Não posso.

Uma sensação de mal-estar instala-se no meu estômago. É uma mistura estranha de alívio e desilusão. A palavra «amo-te» — aquela que queria dizer antes, quando estava enfiado dentro dela — está presa na garganta. Não consigo dizê-la agora.

— Faz o que tiveres a fazer — sussurro-lhe na direção do cabelo. — Tens o meu apoio.

É tudo o que consigo dizer neste momento, e sei que não chega.

19

Tucker

Sempre achei que, se engravidasse alguém, conseguiria falar com os meus amigos sobre isso. Mas já passou quase uma semana desde que descobri que a minha namorada está grávida, e não disse nada a ninguém.

Aliás, ninguém sabe que tenho uma namorada.

Nem eu sei.

Desde que a Sabrina fez chichi para os três pauzinhos e recebeu três resultados positivos, tem andado a evitar-me. Trocamos mensagens todos os dias, mas ela insiste que está demasiado ocupada para nos encontrarmos porque quer preparar-se para o novo semestre. Tenho tentado dar-lhe o espaço de que ela claramente precisa, mas a minha paciência está a esgotar-se.

Precisamos de nos sentar para discutir isto. Quero dizer, estamos a falar de um possível bebé. Um *bebé*. Meu Deus. Estou a passar-me. Sou o rapaz a quem nada perturba, o rapaz que está sempre na boa, mas a única coisa que me perturba neste momento é o meu coração — que está a bater ao dobro do ritmo.

Não sei como raio lidar com isto. A Sabrina disse que não podia ter um filho, e eu tenciono apoiar o que quer que seja que ela decida, mas quero que ela me inclua, caramba. Destrói-me pensar que ela está a passar por isto sozinha.

Ela precisa de mim.

— Vais fazer alguma coisa para comer ou simplesmente ficar a olhar para o

fogão para te divertires?

A voz do Garrett arranca-me dos meus pensamentos tristes. O meu colega de casa entra na cozinha com o Logan no seu encalço. Os rapazes vão direitos ao frigorífico.

— A sério — diz o Logan quando olha lá para dentro. — Dá-nos de comer, Tuck. Não há aqui nada que se coma.

Sim, não fui às compras uma única vez a semana toda. E quando vivemos numa casa cheia de jogadores de hóquei, saltar uma ida às compras é problemático.

Fico a olhar para a panela vazia que pousei no fogão. Não tinha a comida pensada quando entrei na cozinha e, com o triste conjunto de ingredientes que temos em mãos, não há muito que eu possa fazer.

— Acho que vou fazer massa — digo, tristemente. Hidratos de carbono a esta hora não é a melhor das ideias, mas a cavalo dado não se olha o dente.

— Obrigado, mãe.

Encolho-me ao ouvir essa palavra. *Mãe*. Mais valia ter dito *pai*. É que a verdade é que posso mesmo vir a ser pai.

Respiro fundo para me acalmar e encho a panela com água.

O Logan lança-me um sorriso radiante.

— Não te esqueças de colocar o teu avental.

Levanto-lhe o dedo do meio quando me dirijo à despensa.

— Um de vocês, seus preguiçosos, faça-se útil e corte algumas cebolas — murmuro.

— Já trato disso — responde o Garrett.

O Logan senta-se à mesa da cozinha e fica a ver-nos preparar um jantar tardio, como se fosse um imbecil.

— Prepara o suficiente para cinco — diz-nos ele. — O Dean vai treinar com o Hunter esta noite. O miúdo é capaz de vir cá com ele.

O Garrett lança-me um olhar divertido.

— Nã, acho que só vamos fazer o suficiente para quatro, certo, Tuck? Se o Hunter vier cá, pode comer o prato do Logan.

— Ótima ideia.

O nosso colega de casa revira os olhos.

— Vou dizer ao treinador que estás a tentar matar-me à fome.

— Faz isso — responde o Garrett, em jeito de graça.

Enquanto espero que a água ferva, procuro qualquer coisa verde no frigorífico. Encontro um pimento e duas cenouras. Tanto faz. Mais vale cortá-los e atirá-los para o molho.

Ficamos a conversar sobre nada em especial enquanto preparamos a refeição. Quer dizer, ficam eles a conversar. Eu estou demasiado preocupado com a Sabrina. Acho que isso comprova a minha capacidade de representação, porque os meus colegas não parecem reparar em nada fora do normal.

Estou prestes a despejar duas embalagens de *penne* na água a ferver quando o telemóvel do Garrett toca.

— É o treinador — diz ele, parecendo um tanto confuso.

Pouso a massa em cima do balcão e fico a ver o Garrett atender a chamada. Não sei porquê, mas sinto um nervosismo a subir-me pela espinha. O treinador Jensen não tem por hábito ligar-nos fora de horas sem motivo aparente. O Garrett é o capitão da equipa, mas não costuma receber chamadas à noite do treinador.

— Olá, treinador. O que se passa? — O Garrett põe-se a ouvir. Arqueia as sobrancelhas escuras e depois fala novamente. De modo cauteloso. — Não percebo. Porque é que o Pat lhe pediu que me telefonasse?

Ele põe-se novamente a ouvir. Desta vez, durante mais tempo.

Seja o que for que o treinador Jensen lhe está a dizer, está a deixar o Garrett com uma expressão transtornada. Quando ele desliga a chamada, está branco como as paredes.

— O que se passa? — exige saber o Logan. A mudança na expressão do Garrett também não lhe passa despercebida.

O Garrett abana a cabeça, em choque aparente.

— O Beau Maxwell morreu.

O quê?

O Logan fica paralisado.

Deixo cair a espátula que tenho na mão. Cai ao chão e, no silêncio da cozinha, soa como uma explosão num filme de guerra. Encolhemo-nos ao ouvir o barulho.

Não apanho a espátula. Fico simplesmente a olhar para o Garrett e, feito parvo, pergunto:

— O quê?

— O Beau Maxwell morreu. — Ele continua a abanar a cabeça, uma e outra vez, como se não conseguisse arranjar sentido para as palavras que saíram da sua própria boca.

— Como assim, ele *morreu*? — O Logan ruge de choque. — Isto é alguma espécie de brincadeira doentia?

O nosso capitão de equipa pousa as duas mãos no balcão. Está mesmo a tremer. Acho que nunca vi o Garrett a perder assim a calma.

— O treinador acabou de falar ao telemóvel com o Pat Deluca, o treinador do Beau. O Pat disse que o Beau morreu.

Sem proferir uma palavra, desligo o fogão e dirijo-me aos tropeções para a mesa da cozinha. Sento-me na primeira cadeira na qual embato e esfrego os pulsos na testa. Isto não está a acontecer.

— Como? — pergunta o Logan, irritado. — Quando?

Ele parece zangado, mas eu consigo perceber que é do choque. O Logan e o Beau são próximos. Não tão próximos como o Dean e o Beau, mas… oh, valha-me Deus. O Dean. Alguém precisa de contar ao Dean.

— Ontem à noite. — A voz do Garrett mal passa de um sussurro. — Um acidente de viação. Ele estava no Wisconsin para festejar o aniversário da avó. O treinador disse que as estradas tinham gelo. O pai do Beau ia a conduzir e desviou-se para evitar embater contra um veado. O carro capotou e saiu disparado da estrada e… — As palavras soam abafadas. — O Beau partiu o pescoço e morreu.

Oh, meu Deus.

O horror revolve-se no meu estômago como veneno. À minha frente, o

Logan está a combater as lágrimas. Ficamos todos sentados em silêncio. Em choque. Nunca… tive um amigo que morreu. Nem sequer parentes. O meu pai morreu quando eu era demasiado novo para chorar por ele. E também foi num acidente de viação. Meu Deus. Por que raio conduzimos carros?

Na minha cabeça, há um pensamento recorrente que me diz que eu devia fazer alguma coisa. Passo uma mão pelos olhos, que ardem, e obrigo-me a concentrar-me.

A Sabrina.

É isso que preciso de fazer, porra. Preciso de ligar à Sabrina a dar-lhe a notícia. Ela namorou com o Beau. Ela preocupa-se com ele.

Antes de conseguir sair da cadeira, a porta da frente abre-se. Ficamos os três tensos.

O Dean chegou a casa.

— Merda — sussurra o Logan.

— Eu conto-lhe — diz o Garrett, secamente.

O Dean tem a cabeça loira voltada para o chão quando entra na cozinha. Está atento ao telemóvel e está a escrever uma mensagem, provavelmente para a Allie. Primeiro, não repara em nós, mas, mesmo quando o faz, acho que não se apercebe das nossas expressões.

— Tudo bem? — pergunta ele, distraído.

Quando nenhum de nós diz uma palavra, o Dean franze o sobrolho e pousa o telemóvel. Olha para o Logan e fica tenso quando vê as lágrimas do nosso amigo.

— O que se passa? — pergunta ele.

O Logan enxuga os olhos.

Comprimo os lábios.

— A sério, se ninguém me conta o que se está a passar neste momento…

— O treinador ligou — interrompe o Garrett, baixinho. — Acabou de falar ao telefone com o Patrick Deluca e, hum…

O Dean parece confuso.

O Garrett continua a falar, apesar de eu não querer. Gostava que não

tivéssemos de contar ao Dean sobre o Beau. Gostava que não soubéssemos o que aconteceu ao Beau.

Gostava… de muita coisa. Mas neste momento, isso não vale nada.

— Parece que o Deluca lhe ligou porque sabe que somos amigos do Beau…

— Por causa do Maxwell? O que tem ele?

Eu e o Logan olhamos para as mãos.

O Garrett tem mais coragem do que nós, porque não desvia o olhar da expressão ansiosa do Dean.

— Ele… hum… morreu.

Sem mais nem menos, o Dean entra em transe. É doloroso de ver, e não faço ideia de como tirá-lo de lá. O Garrett repete o que disse ao Logan e a mim, mas é óbvio que o nosso colega de casa não está a ouvir. Os olhos verdes do Dean estão brilhantes, e tem a boca ligeiramente entreaberta enquanto respira com dificuldade.

Só quando o Garrett diz que o Beau morreu com o impacto é que o Dean começa a pestanejar e a cair na realidade.

— Podes repetir? O que aconteceu, quero dizer.

— Raios. Porquê?

— Porque preciso de ouvir outra vez. — O Dean está determinado, sem dúvida.

Ficamos a vê-lo dirigir-se ao armário e tirar uma garrafa de whisky da prateleira de cima. Dá um gole demorado e depois dirige-se aos tropeções até à mesa, para se sentar ao meu lado.

O Garrett começa a falar novamente. Credo. Não sei se consigo ouvir outra vez esta história pavorosa. O Dean passa-me o whisky e eu bebo um gole pequeno antes de passar a garrafa ao Logan. Não posso apanhar uma bebedeira agora. Tenciono conduzir esta noite.

Quando o Garrett termina, o Dean puxa a cadeira para trás e levanta-se. Agarra a garrafa de *Jack Daniel's* com as duas mãos, como se fosse uma manta de segurança.

— Vou para cima — murmura ele.

— Dean… — começo a dizer, mas o nosso colega de equipa já se foi embora.

Ouvimos passos a subir as escadas. Uma pancada. Uma porta a fechar-se.

O silêncio abate-se sobre a cozinha.

— Tenho de sair — murmuro para o Garrett e o Logan, levantando-me com instabilidade.

Nenhum dos dois me pergunta aonde vou.

Sabrina

Fico a olhar para o Tucker, incapaz de perceber o que ele está a dizer. Quando ele me enviou uma mensagem a dizer que vinha ter comigo a Boston esta noite, estava a contar com uma discussão séria sobre a nossa gravidez não planeada. Entrei em pânico, disse-lhe que estava a estudar e ele limitou-se a responder: «Paciência.» Julgo que a mensagem exata foi: «Vou aí. Vamos conversar.»

Na hora que passei à espera dele, fartei-me de me preparar mentalmente para a conversa. Convenci-me de que tinha de ser uma menina crescida e lidar com esta gravidez da forma como lido com tudo o resto na minha vida: de frente. Recordei-me de que o Tuck prometeu que estaria do meu lado e apoiaria qualquer que fosse a minha decisão.

Mas nada disso conseguiu acalmar o medo que se prende à minha garganta.

Agora o medo está ainda pior, por outro motivo.

— O Beau morreu? — O meu coração bate perigosamente depressa. Tenho receio de que falhe.

Tenho medo da dor que vejo nos olhos do Tucker.

— Sim, morreu, miúda.

Não consigo entender. *Não consigo*. O Beau é o *quarterback* da Briar. O Beau é meu amigo. As covinhas do Beau ficam evidentes sempre que ele esboça um sorriso particularmente travesso. O Beau…

Morreu.

Pelos vistos, num acidente de viação. O pai sobreviveu, mas o Beau morreu.

As lágrimas que tenho estado a combater começam a escorrer pelas minhas faces em catadupa. Tento respirar entre soluços, mas é difícil e acabo por hiperventilar. É nessa altura que o Tucker me envolve num abraço quente e apertado.

— Respira — sussurra-me na direção do cabelo.

Tento, de verdade, mas o oxigénio não está a chegar aos pulmões.

— Respira. — Desta vez é mais firme e move as mãos para cima e para baixo em movimentos reconfortantes.

Consigo respirar uma vez, e depois outra, até deixar de me sentir tão zonza. Mas as lágrimas continuam a cair. E parece que alguém me cortou o peito e está a picá-lo com uma lâmina quente.

— Ele é — engulo em seco — ... *era*. Ele era um ótimo rapaz, Tuck.

— Eu sei.

— Ele era bom, era *novo*, e não devia ter morrido — digo, com determinação.

— Eu sei.

— Não é justo.

— Eu sei.

O Tucker aperta-me com mais força. Encosto-me a ele até não ter mais para onde ir. O seu corpo forte e sólido é a âncora de que preciso neste momento. Posso chorar, praguejar e ralhar com o mundo, porque sei que o Tuck está aqui, a escutar-me, a acalmar-me e a lembrar-me de respirar.

Sobressaltamo-nos ao ouvir uma pancada forte.

— Pouco barulho aí dentro — diz a voz horrível do Ray. — Como posso ver o jogo se te consigo ouvir a chorar baba e ranho da sala de estar? Estás com o período ou assim?

Um soluço abafado escapa-me da boca. Oh, meu Deus. Nada como uma interrupção do Ray para me lembrar de que estou com as emoções à flor da pele — com as emoções à flor da pele e *sem* período. Porque estou grávida.

A minha respiração fica superficial outra vez.

O Tucker continua a afagar-me as costas quando responde ao meu padrasto.

— Se não consegue ouvir a televisão, aumente o volume — diz ele, tenso.

Segue-se:

— És tu, jogador de hóquei? Não sabia que a Rina estava aqui acompanhada.

— Passámos por ele quando me deixaste entrar — murmura o Tucker para mim.

Sim, pois passámos. Mas o Ray está mais bêbedo do que o habitual esta noite. Passou o dia todo num bar de desporto com os amigos, a beber e a ver jogos de futebol.

— Mal conseguia andar direito quando chegou a casa esta noite — respondo num murmúrio.

O Ray intervém novamente, pronunciando as palavras de modo arrastado.

— Não deves ser muito bom na cama se estás a fazer a miúda chorar!

Agarro o braço do Tucker antes que ele tenha oportunidade de se levantar.

— Ignora-o — sussurro. Depois levanto a voz para me dirigir ao Ray. — Vai ver o teu jogo. Nós falamos mais baixo.

Passa mais de um minuto até ouvirmos, por fim, os passos dele a afastarem-se.

As lágrimas mancham-me o rosto enquanto me encosto novamente ao Tucker.

— Ficas… — Pigarreio. — Ficas comigo esta noite?

— Nem se pergunta — murmura ele, antes de me depositar um beijo suave na testa. — Fico aqui enquanto precisares, querida.

20

Tucker

O estádio é um mar de preto e prateado. Milhares de pessoas comparecem e uma boa parte delas está a usar as camisolas de futebol da Briar sob os casacos abertos. Os outros estão a usar as cores da universidade.

No campo, foi montado um palco grande, onde estão sentados os colegas de equipa e os familiares do Beau. Vêm ex-alunos de todos os cantos do país para homenagear o nosso *quarterback* falecido. Estão aqui miúdos que nem conheciam o Beau. Os rostos estão consternados e o ambiente é pesado.

É horrível.

Estou sentado nas bancadas atrás do banco, com o Garrett do meu lado esquerdo. A Hannah está ao lado dele, seguidos do Logan e da Grace e depois da Allie, que está sozinha.

O Dean tem andado uma lástima esta semana. Anda numa espiral destrutiva, a faltar aos treinos e a trancar-se no quarto, passando a maior parte do tempo a beber. Na outra noite, ficou tão pedrado que adormeceu no sofá da sala de estar, com metade do corpo nas almofadas e a outra metade no chão. O Logan transportou-o para o piso de cima e a Allie seguiu atrás dele, à beira das lágrimas.

Estou sempre a querer tranquilizar a Allie dizendo-lhe que o Dean vai ultrapassar esta fase, mas, para ser sincero, esta semana tenho andado com a cabeça a mil.

O motivo para a minha angústia está sentado ao meu lado. Penso que o

Garrett e os outros não se aperceberam de que a Sabrina está aqui. Mantêm os olhares fixos no campo, onde um ecrã de projeção enorme está a exibir os melhores momentos dos quatro anos que o Beau passou na Universidade Briar. Na verdade, são cinco anos. O Beau tirou um ano sabático no primeiro ano, por isso, tecnicamente, é o quinto ano dele. *Era* o quinto ano. Céus, é difícil lembrar-me de que ele morreu mesmo.

Está frio cá fora, por isso consigo disfarçar com a manga do casaco grosso que estou de mão dada com a Sabrina. Apetece-me colocar o braço à volta dela, dar-lhe um beijo na face, abraçá-la, mas acho que o elogio fúnebre do Beau não é o momento certo para anunciar a nossa relação ao mundo. É surreal para mim que a rapariga que está ao meu lado esteja grávida de um filho meu e que ninguém saiba de nada.

Não falamos sobre o bebé. Não sei se a Sabrina está a planear marcar uma interrupção da gravidez. Ela até já pode tê-lo feito. Gostaria de pensar que me incluiria se e quando chegasse a altura, mas ela tem andado muito distante esta semana. A morte do Beau afetou-a bastante. E testemunhar o que isso fez ao Dean deixa-me ainda mais hesitante em forçar a Sabrina a falar, não quando ela está a lidar com a perda de um amigo.

Ouve-se um soluço baixinho vindo de perto. É a Hannah. O ruído abafado alerta-me para o facto de a exibição de fotografias da vida do Beau ter terminado. A Joanna, a irmã mais velha do Beau, levanta-se do lugar.

Fico tenso, porque sei que as coisas estão prestes a tornar-se ainda mais desoladoras.

A Joanna é uma mulher linda, com cabelo escuro curto pelo queixo e olhos azuis iguais aos do Beau. Agora, aqueles olhos parecem estar sem vida. O seu rosto está sombrio. À semelhança dos rostos dos pais dela.

No seu vestido preto simples, ela senta-se no banco à frente de um piano grande e preto do outro lado do palco. Já me tinha questionado sobre a presença do piano, e agora tenho a minha resposta. A Joanna Maxwell formou-se em Música na Briar e conseguiu um emprego na Broadway pouco tempo depois de concluir o curso. A Hannah diz que ela é uma cantora

incrível.

Encolho-me quando o som do microfone percorre o estádio.

— Desculpem — murmura a Joanna, e depois ajusta o microfone e aproxima-se. — Acho que muitos não sabem disto, mas o meu irmão era um bom cantor. Mas não se atrevia a cantar em público. Afinal de contas, tinha a reputação de mauzão para manter.

As gargalhadas ressoam pelas bancadas. É um ruído sombrio em comparação com a onda de dor que paira sobre nós.

— O Beau era um grande apreciador de música. Quando éramos pequenos, entrávamos às escondidas no escritório do nosso pai e mexíamos no gira-discos. — Ela lança um olhar tímido na direção do pai. — Peço desculpa por só estares a descobrir isso agora, papá. Mas juro que não mexíamos no teu armário das bebidas alcoólicas. — Ela cala-se. — Pelo menos, não quando éramos pequenos.

O Sr. Maxwell abana a cabeça, sombriamente. Outra vaga de gargalhadas ressoa pelo estádio.

— Adorávamos ouvir os Beatles. — Ela ajusta novamente o microfone e deixa os dedos pairarem sobre as teclas. — Esta era a canção favorita do Beau, por isso — a sua voz falha — achei boa ideia cantá-la para ele hoje.

Sinto um pesar no coração quando os primeiros acordes de *Let It Be* enchem o estádio. A Sabrina aperta-me a mão com mais força. Os dedos dela parecem gelo. Aperto-os, na esperança de os aquecer, mas sei que os meus estão igualmente frios.

Quando a Joanna termina de cantar, não há ninguém que não esteja a chorar. Começo rapidamente a pestanejar para controlar as lágrimas, mas acabo por ceder e deixá-las escorrer pelas faces sem as limpar.

Depois, a Joanna levanta-se graciosamente do banco do piano e junta-se aos pais. Seguem-se os discursos, e as lágrimas acentuam-se mais. O treinador Deluca sobe ao palco e diz que o Beau era um jogador talentoso e fala sobre a sua dedicação e a força de caráter. Alguns dos seus colegas de equipa fazem um discurso, e rimo-nos novamente ao ouvir as histórias sobre as palhaçadas

do Beau nos balneários. A mãe dele agradece a todos os presentes que vieram apoiar o filho e por serem amigos dele.

Sinto-me destroçado quando o elogio fúnebre termina.

A tristeza torna o ar mais denso quando as pessoas se levantam dos bancos e se encaminham para o corredor. A Sabrina larga-me a mão e caminha à minha frente. A Hope e a Carin ficam de cada um dos lados dela e passam-lhe um braço em volta dos ombros, enquanto descem as escadas.

Ponho-me atrás dela e inclino-me para a frente para lhe sussurrar ao ouvido.

— Queres que vá a Boston esta noite?

Ela abana ligeiramente a cabeça, e a desilusão e a frustração inundam-me o estômago. Deve ser notório nos meus olhos, porque ela morde o lábio e diz baixinho:

— Falamos em breve, está bem?

— Está bem — respondo num sussurro.

Com o coração na garganta, fico a vê-la afastar-se.

— O que foi aquilo? — O Garrett surge ao meu lado e fica a olhar para a Sabrina a ir-se embora.

— Estava só a oferecer as minhas condolências — minto. — É a Sabrina James, ela foi namorada do Beau.

— Oh. — Ele franze o sobrolho. — A Sabrina do Dean?

A minha Sabrina.

Reprimo outra onda de frustração e encolho os ombros de modo descontraído.

— Acho que sim.

Estou farto disto. Completamente farto. Quero contar aos meus amigos sobre a Sabrina. Quero contar-lhes sobre o bebé e receber os conselhos deles, mas ela obrigou-me a prometer que não contaria nada até termos tomado uma decisão. Mas se essa decisão implicar que não vai haver bebé nenhum, então não serve de nada contar-lhes. O que haveria de dizer? *Engravidei uma rapariga, mas ela fez um aborto, por isso não há nada para falar?*

Engulo em seco. Não faço ideia de como me meti nesta embrulhada. Os

meus amigos gozam comigo e chamam-me escuteiro e, para ser sincero, eu achava que estava preparado para tudo. Mas bastou um descuido e agora posso vir a ser pai. Tenho 22 anos, por amor de Deus.

Não sei se consigo fazer isto.

Sinto o pânico a borbulhar na garganta. Sou um rapaz paciente. Sólido como uma rocha. Com uma boa cabeça. Quero ter uma família um dia. Quero filhos, uma mulher, um cão e a porcaria de uma vedação. Quero tudo isso… mas um dia.

Não hoje. Não daqui a seis meses. Não…

Talvez não tenhas escolha.

Credo.

— Vá lá — diz o Garrett, empurrando-me delicadamente para diante. — Vamos voltar todos para casa.

Engulo o pânico que sinto e deixo que os meus amigos me empurrem para fora do estádio, na direção do parque de estacionamento. Vim para o *campus* com o Garrett e a Hannah, por isso entro para o banco de trás do jipe do Garrett. A Allie senta-se ao meu lado. Nenhum dos quatro abre a boca durante a viagem até casa.

Assim que entramos pela porta da frente, a Allie sobe a correr as escadas para ir ao quarto do Dean. Ainda não acredito que ele faltou ao elogio fúnebre do Beau, mas estou com a sensação de que o Dean não sofreu muitas perdas na vida. Acho que ele não sabe lidar com isso, e dou por mim a rezar para que a Allie consiga pôr-lhe juízo na cabeça.

Pousamos os casacos, descalçamos as botas e entramos na sala de estar. A Hannah e a Grace preparam café, e ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. Estamos todos em choque. Perdemos um amigo e não conseguimos aceitar.

O Garrett solta a gravata e depois tira-a, pousando-a no braço do sofá. Com um suspiro cauteloso, diz:

— Acabamos o curso daqui a uns meses.

Todos acenam com a cabeça, se bem que não tenho a certeza se estamos a

concordar ou apenas a reconhecer as palavras dele.

Ele olha em redor da sala de estar com uma expressão triste.

— Vou sentir falta desta casa.

Eu também. E continuo sem fazer ideia de onde vou estar em maio. O plano era voltar para o Texas, mas não consigo fazer isso com tanta incerteza entre mim e a Sabrina. Claro que até maio já terei uma resposta sobre o bebé. Procurei na Internet, por isso sei que, se a Sabrina optar por um aborto, tem de o fazer até ao início de março.

Engulo um gemido abafado. Meu Deus. Detesto não saber em que ponto me encontro. Em que ponto nos encontramos.

— Estou entusiasmada com a ideia de procurar apartamentos — diz a Hannah, mas, apesar das suas palavras, não há o menor vestígio de entusiasmo na voz.

— Vamos encontrar um apartamento incrível — assegura-lhe o Garrett.

Ela olha de relance para a Grace.

— Vocês continuam à procura de um apartamento que fique entre Hastings e Providence?

A Grace acena com a cabeça e aninha-se mais no Logan, que está a passar os dedos pelo cabelo comprido dela, num gesto de ternura.

Sou invadido por uma onda de inveja. Não fazem ideia da sorte que têm por poderem fazer planos para o futuro. O agente do Garrett está em negociações com os Bruins, o que significa que ele e a Wellsy vão viver em Boston quando ele assinar com a equipa. A Grace ainda vai continuar mais dois anos em Briar, mas o Logan já assinou com a equipa B dos Bruins, por isso vai jogar em Providence até ser chamado para os profissionais, esperamos nós.

E eu? Quem sabe?

— Vais regressar ao Texas logo após o fim do curso ou vais ficar aqui durante o verão?

A pergunta do Logan cria um nó de desconforto que se instala no meu peito.

— Ainda não sei. Depende do tipo de oportunidades de negócio que houver.

Não, na verdade depende de se a minha namorada vai ter o meu filho.

Mas a minha resposta não é mentira nenhuma.

— Continuo a achar que devias abrir um restaurante — provoca-me a Hannah. — Podias arranjar nomes engraçados mesmo à Tucker para os teus pratos.

Encolho os ombros.

— Nã. Não quero ser *chef*. E não quero ter um negócio tão enervante. Os restaurantes estão sempre a fechar. É um risco demasiado grande.

Tenciono ser cuidadoso com o dinheiro que recebi do seguro do meu pai. Há anos que ando a guardá-lo e não sei se quero arriscar gastá-lo todo num restaurante. Mas também não tenho outras ideias.

É melhor pensar nalguma coisa… e depressa. Estou quase a acabar o curso. A vida real aproxima-se. A minha namorada está grávida. Tenho de tomar um milhão de decisões, mas, neste momento, estou num impasse.

Não consigo decidir o que quer que seja. Não até a Sabrina tomar a decisão mais importante de todas.

21

Sabrina

Fevereiro

Sinto um ar fresco enquanto percorro o caminho coberto de neve do Boston Common. Tenho as mãos com luvas enterradas nos bolsos do casaco e o gorro vermelho tão puxado para baixo na testa que quase me tapa os olhos.

Hoje está um frio de rachar. De repente, arrependo-me de ter sugerido ao Tucker que nos encontrássemos no parque. Ele queria encontrar-se comigo em minha casa, mas a minha avó e o Ray estão lá, e eu não podia correr o risco de eles nos ouvirem e descobrirem a gravidez. Ainda não lhes contei. Ainda não contei a ninguém, na verdade.

Deduzo que o Tucker vai começar por falar logo sobre a questão do bebé, mas quando chego à Brewer Fountain cinco minutos depois, a primeira coisa que ele me diz é:

— Detesto fontes.

— Hum. Está bem. Por algum motivo em particular?

— Não têm grande propósito. — Depois envolve-me para um abraço demorado, e dou por mim a cair contra ele e a deixar-me levar pelo seu corpo quente e sólido.

Não voltei a vê-lo desde o elogio fúnebre do Beau, que foi há duas semanas. *Duas semanas*. Juro que o John Tucker tem o tipo de paciência que eu só tenho em sonhos. Não me chateou para nos encontrarmos. Não me obrigou a

falar sobre a nossa situação. Limitou-se a ficar à espera e a seguir a minha indicação.

— Mas são bonitas — murmuro em resposta ao comentário dele.

Os seus lábios roçam os meus num beijo rápido.

— Não tão bonitas como tu. — E depois abraça-me com mais força, e eu tento não desatar a chorar.

Ultimamente ando descompensada. Sempre à beira das lágrimas, e não sei se é da gravidez ou se é por sentir falta do Tuck.

Sinto tanto a falta dele que é devastador, mas não sei o que dizer quando estou com ele.

Porra, nem sei o que fazer.

O abraço termina finalmente e recuamos um passo, constrangidos. A expressão dele denota que tem uma dúzia de perguntas para fazer, mas não faz uma única. Em vez disso, diz:

— Vamos caminhar. Se nos mantivermos a andar, talvez não fiquemos congelados.

Rio-me outra vez, deixando que ele me envolva com um braço, e começamos a descer o caminho com as botas a ranger na camada fina de neve debaixo delas.

— Como vão as aulas? — pergunta ele, sombrio.

— Bem, diria eu. — Estou a mentir. Não estão a correr bem. Está a ser impossível concentrar-me em qualquer outra coisa que não nas mudanças subtis do meu corpo. — E as tuas?

Ele encolhe os ombros.

— Nem por isso. Tem sido difícil concentrar-me desde que… — Ele cala-se.

— Desde isto? — Aponto para a barriga.

— Sim. E a situação do Beau. O Dean não está a passar uma boa fase e há muita tensão lá em casa.

— Lamento.

— Vai ficar tudo bem — é tudo o que ele diz.

Gostava de ter a fé dele. E a resiliência. E a coragem. Neste momento não

tenho nada disso. Só de pensar em abrir a boca e falar sobre o elefante cor-de-rosa ou azul que se avizinha dá-me náuseas. Ou talvez sejam apenas os enjoos matinais.

Mas, como de costume, o Tucker não me força a falar sobre o assunto. Limita-se a mudar de tema.

— Vinhas muitas vezes aqui quando eras pequena? — Ele aponta para a natureza fantástica que nos rodeia.

— Quando era pequena — admito. — Vínhamos aqui todos os fins de semana quando era só eu, a minha mãe e a minha avó. Aprendi a andar de patins no Frog Pond.

Ele lança-me um olhar de soslaio.

— Não costumas falar sobre a tua mãe.

— Não há nada para falar. — O ressentimento sobe-me pela garganta. — Ela não era uma mãe presente. Quero dizer, fazia um esforço quando eu era pequena, até aos 6 anos, talvez. Mas depois os homens da vida dela tornaram-se mais importantes do que eu.

A mão enluvada do Tucker aperta-me o ombro.

— Lamento, fofa.

— As coisas são como são. — Olho de relance para ele. — És chegado à tua mãe, não és?

Ele acena com a cabeça.

— É a melhor mulher que conheço.

A emoção aloja-se na minha garganta. O Tucker perdeu o pai quando era pequeno, mas, como é óbvio, a mãe fez tudo o que estava ao seu alcance para compensar essa perda. Daquilo que ele me contou, ela esfalfou-se a trabalhar para que o filho pudesse ter uma boa vida. A minha mãe podia ter umas lições com a Sra. Tucker. E a minha avó também.

— As nossas infâncias foram muito diferentes — dou por mim a dizer.

— E, mesmo assim, tornámo-nos pessoas incríveis.

Ele, talvez. Já eu não me sinto incrível neste momento. Mas guardo o pensamento para mim.

— A tua mãe quer que voltes para o Texas quando terminares a faculdade?

— Sim. — Ele estaca a meio do caminho, soltando um suspiro que soa cansado.

— Queres voltar para lá? — pergunto, e depois sustenho a respiração enquanto espero pela resposta dele.

— Não sei.

Ele passa uma mão pelo cabelo castanho-avermelhado, e eu sigo esse movimento. O cabelo dele parece tão suave ao toque. Quer dizer, é suave ao toque. Sei disto porque passei os dedos por ele várias vezes. Quero fazê-lo outra vez, mas tenho medo de que, se lhe tocar, não consiga parar.

— O meu plano sempre foi voltar depois de terminar o curso. Quero estar perto da minha mãe, tomar conta dela, percebes? Mas quando fui passar lá as férias natalícias… — Ele geme baixinho. — Não há oportunidades em Patterson. Nenhuma. É uma terriola que não evoluiu nada em cem anos. E não poderia fazer a viagem de ida e volta até Dallas, porque são quatro horas de carro. Pensei primeiro em viver em Dallas durante a semana e ficar em Patterson durante o fim de semana, mas, quanto mais penso nisso, mais cansativo me parece.

— Então, o que vais fazer?

— Não faço ideia.

Espero que ele se vire para mim e me pergunte o que tenciono fazer em relação ao bebé, mas ele não o faz.

— Queres ir ver os patinadores? — sugere.

— Pode ser.

Recomeçamos a caminhar. Ele continua com o braço à minha volta. O cheiro familiar enche-me as narinas e faz-me suspirar. Quero beijá-lo. Não, quero arrastá-lo para o lugar onde estacionou a carrinha e *saltar-lhe para cima*. Quero sentir os lábios dele nos meus, as suas mãos nos meus seios e o pénis a mover-se dentro de mim.

Somos recebidos pelos guinchos felizes das crianças antes de chegarmos ao lago. Sou acometida por um sentimento agridoce quando nos aproximamos.

Dezenas de pessoas passam por nós a deslizar na superfície brilhante do rinque. As crianças estão a usar casacos coloridos, cachecóis e luvas. As famílias patinam juntas. Os casais riem-se de mãos dadas.

O Tucker estica o braço para me pegar na mão e entrelaça os nossos dedos cobertos com luvas, e ficamos a olhar para o rinque durante algum tempo. O meu coração palpita, porque parecemos um verdadeiro casal. Duas pessoas felizes a passar a tarde no parque, a desfrutar da companhia um do outro.

— Merda, estás a ver aquele homem ali? — pergunta o Tucker, de repente.

Sigo o olhar dele na direção de um homem alto com cabelo grisalho que está a usar um casaco azul e patins pretos.

— Sim… Conhece-lo?

Ele semicerra os olhos.

— Não. Por instantes, pensei que conhecia, mas é só parecido.

— Com quem? — pergunto, curiosa.

— Com o treinador Death.

Quase me engasgo com a língua.

— OK. Volta lá atrás. Acabaste de dizer *treinador Death*?

As suas gargalhadas provocam-me cócegas na parte lateral do rosto.

— Sim. Nem sequer estou a gozar, fofa. O meu primeiro treinador de hóquei chamava-se Paul Death. Pelos vistos, é um nome inglês antigo. Ou será escocês? Não me lembro.

Remexo-me para ficar de costas para o corrimão.

— Ele era mau como o nome sugere?

— O homem mais simpático que alguma vez irás conhecer — declara o Tucker.

— A sério?

— Sim. Foi a primeira pessoa que me disse que eu tinha potencial. Na altura tinha 5 anos. Implorei à minha mãe por aulas de hóquei, por isso ela levou-me a um rinque que ficava a uma hora de distância, porque Patterson não tem nenhum. O treinador Death agachou-se, apertou-me a mão e disse: «*Yup-yup*, estou a ver, miúdo. Tens potencial.» — O Tucker ri-se. — Era a expressão

icónica dele: *yup-yup*. Comecei a dizê-la quando estava em casa e a minha mãe ficava doida.

Rio-me.

— Então o treinador Death era o teu ídolo quando eras pequeno?

— Basicamente. — Ele inclina a cabeça. — E tu? Quem era o teu ídolo?

— Tinha cinco. — Lanço-lhe um sorriso. — Chamavam-se *NSYNC.

Ele fica de boca aberta.

— Oh, não, querida, diz que não é verdade. Gostavas de *boy bands*?

— Gostava tanto deles que nem tem piada. A minha avó levou-me a um concerto dos *NSYNC quando eu tinha 12 anos. Juro que tive o meu primeiro orgasmo nessa noite.

Ele deixa cair a cabeça para trás e ri-se.

— Eu disse-te que não tinha piada — resmungo. — Era obcecada. Costumava escrevinhar «Sabrina Timberlake» em todos os cadernos da escola.

— Sinceramente, não consigo imaginar isso.

— Porque não?

— Porque és sempre tão séria. Quando te imagino em criança, vejo-te a ler manuais para passares o tempo e a estudar para os exames de admissão quatro anos antes.

Um sorriso forçado assoma-me aos lábios.

— Sim, fiz isso tudo. Mas arranjei sempre tempo para o Justin. Fazia pausas nos estudos e beijava a fotografia dele. Com a língua.

O Tucker apupa.

— Credo, Sabrina. Já não sei se posso ficar contigo.

O meu bom humor dissipa-se perante o comentário dele. Não por causa daquilo que ele disse — sei que está a brincar —, mas porque… por causa do elefante cor-de-rosa ou azul, caramba.

Eu e o Tucker só namorávamos há uns meses quando rebentou esta bomba do bebé. Teríamos sequer um futuro? Adoro estar com ele. É *fácil* estar com ele, mais fácil do que com qualquer outra pessoa. Começava a imaginar um futuro para nós, mas e ele? E se ele estivesse farto de mim e quisesse dar-me

com os pés?

Se ficarmos com o bebé, já sei o que o futuro me reserva. Faremos parte da vida um do outro, quer queiramos quer não. Quer ele queira quer não.

— O que se passa? — pergunta ele, preocupado.

Engulo o nó que tenho na garganta.

— Eu… — Franzo o rosto. — Ainda não tomei uma decisão.

A voz dele torna-se rouca.

— Eu sei.

— Tenho… medo. — Baixo o olhar para as botas. — Tenho muito medo, Tuck.

— Eu sei — volta ele a dizer. Depois passa uma mão pelo rosto. — Eu também.

O meu olhar incide no dele.

— Tens?

— Estás a gozar? Estou apavorado. — Deixa escapar um gemido. — Estou a tentar ser forte por ti, Sabrina. Estou mesmo a tentar, porra.

Pestanejo para controlar as lágrimas.

— Costumo ser a forte. Mas, neste momento, não me sinto nem um pouco com força.

Ele puxa-me para os braços e, de repente, ficamos abraçados. Tenho quase a certeza de que todos os que estão no gelo estão a olhar para nós e a questionar-se porque estamos abraçados como se fôssemos malucos, mas pouco me importa. Tenho as emoções à flor da pele, e talvez seja isso que me leva a dizer:

— Acho que não quero ficar com ele.

O Tucker afasta-se um pouco com uma expressão séria.

— Tens a certeza?

— Não.

— Então precisas de mais algum tempo para pensar nisso — diz ele, baixinho. — Está bem?

— Está bem — murmuro.

Ao fim de uns minutos, ele pega novamente na minha mão.

— Vá lá, vamos continuar a caminhar. Eu conto-te mais sobre o treinador Death e tu podes contar-me sobre os linguados que deste aos pósteres do Timberlake.

Solto uma gargalhada. Céus. Este rapaz… este rapaz. Quero agradecer-lhe. Beijá-lo. Dizer-lhe que ele é incrível.

Mas limito-me a entrelaçar os dedos nos dele e a deixá-lo guiar-me de volta ao caminho.

22

Sabrina

O telemóvel parece um tijolo nas minhas mãos. Tenho de marcar o procedimento para breve, ou ainda corro o risco de deixar passar o prazo. Devia tê-lo feito há um mês, caramba. Estamos quase no fim de fevereiro e estou de quinze semanas. Não sei porque deixei passar tanto tempo.

Quero dizer, eu sei porquê. Porque não me consigo decidir. Metade do tempo, penso que ficarei melhor sem um filho. No resto do tempo, não consigo tirar a imagem do caixão do Beau da cabeça.

A humidade escorre-me pelas faces e eu limpo as lágrimas com uma mão irritada. Ótimo. Estou a chorar em público. Seria de esperar que tivesse derramado as lágrimas todas no elogio fúnebre do Beau. Foi terrivelmente brutal.

Sabia que era má ideia estudar na *Starbucks* hoje, tendo em conta que tenho andado com as hormonas descontroladas ultimamente, mas não queria estar em casa no caso de finalmente ganhar coragem para ligar para a clínica. Ainda não disse à minha avó que estou grávida, e não queria que ela descobrisse sem querer quando decidisse meter o nariz onde não é chamada.

Pela primeira vez na minha vida, sinto-me completamente sem rumo. Não vejo o Tucker desde o dia em que estivemos no parque, e deixei de responder às mensagens dele há uma semana. Ultimamente, não consigo concentrar-me em nada a não ser na decisão pendente que tenho nas mãos.

E não é só o Tucker quem ando a evitar. Só compareci num almoço semanal

com a Hope e a Carin desde a morte do Beau. Culpei o aumento das horas de trabalho, mas acho que elas não acreditam.

— Sabrina?

Levanto a cabeça. A Joanna Maxwell está diante da minha mesa. Tem um copo de café numa mão e uma *clutch* branca elegante na outra. Coberta com um casaco de lã azul, ela parece a estrela da Broadway que futuramente será.

— Joanna. — Levanto-me e dou-lhe um abraço. — Como estás? — Sinto os ossos dela duros como ramos quando a aperto contra mim. Abraço-a mais uma vez e depois solto-a.

Ela esboça um sorriso débil.

— Estou bem.

— O que fazes em Boston? O teu espetáculo está em digressão?

— Não, continua em Manhattan. — Um rubor sobe-lhe ao pescoço. — Eu… hum… despedi-me.

Por instantes, o choque emudece-me.

— Despediste-te?

— Sim. Tive a oportunidade de fazer outra coisa e aproveitei-a. — As palavras dela são uma mistura de desafio e embaraço, como se estivesse cansada de justificar as suas escolhas, o que, certamente, não tem de fazer comigo.

— Ainda bem para ti. — Mas sinto-me confusa, porque quando estive com o Beau, ele disse que a Broadway era o sonho da Joanna.

— Não é? Sou nova, por isso se há uma altura para tentar coisas novas é agora.

Tentar coisas novas assusta-me, mas aceno com a cabeça, porque não sou eu quem perdeu um irmão.

Sou aquela que engravidou.

— Claro que sim. O que estás a fazer?

— Estou a fazer uma demo — admite ela.

Não faço parte do grupo de artes da Briar, por isso não faço ideia do que ela está a falar.

— Oh. Fixe.

O espanto deve ser bem visível no meu rosto, porque a Joanna acrescenta:

— É basicamente uma amostra que posso enviar a várias pessoas do mundo da música. Eles ouvem a amostra e, se tudo correr bem, alguém decide assinar contrato comigo e eu consigo lançar um álbum. Se não funcionar, vou cantar *covers* e publicá-las no *YouTube* para tentar ganhar visibilidade dessa forma. Está tudo em aberto.

— Que bom — digo-lhe, mas, na minha cabeça, não compreendo.

Por que motivo alguém deixaria um trabalho remunerado a cantar por algo que parece bastante arriscado? Se eu tivesse um bom emprego neste momento, talvez ficasse com o bebé. Acho que se engravidasse no final da Faculdade de Direito em vez de no início, veria as coisas de forma diferente.

— É assustador, na verdade. Tive de arranjar um emprego a servir às mesas, o que nunca tinha feito antes. Mas não tenho outra forma de pagar as contas. E, ao deixar agora a Broadway, posso nunca mais ter a oportunidade de voltar.

— Eu, hum, eu… — gaguejo. A possibilidade de perder tudo o que planeei para a minha vida por causa da gravidez paralisou-me. A Joanna dá a entender que saltou de propósito de um penhasco sem rede de segurança. — Espero que sigas o teu sonho — concluo, com uma observação fatela.

— É precisamente isso que vou fazer. — Ela suspira. — E, apesar daquilo em que os meus pais acreditam, não estou a ter uma crise existencial porque o Beau morreu. Na verdade, ele estaria de acordo com isto, não achas?

O Beau adorava a irmã, por isso, se isto a fazia feliz, ele tê-la-ia apoiado.

— Ele haveria de querer que fosses feliz — concordo.

A Joanna morde o lábio inferior.

— Sabias que o Beau não queria entrar para os profissionais? Quero dizer, o desempenho da equipa foi uma desgraça no ano passado, e ele tinha propostas para ir para outras faculdades, talvez até vencer outro campeonato. Isso tê-lo-ia colocado numa posição melhor para ser escolhido, mas ele adorava a equipa e não estava interessado em jogar no nível seguinte. O Beau só queria ser feliz. — Ela começa a emocionar-se, e eu rezo a Deus para que as lágrimas

não comecem a transbordar, porque, se isso acontecer, vou começar a chorar também.

A gravidez transformou-me numa *emo* chorona.

— Então devias fazer isso — digo, firmemente.

— Eu sei.

Ela limpa o rosto com a manga, enquanto eu remexo na mala para ver se encontro um lenço de papel. Descubro um lenço amarrotado no canto, mas está limpo, e a Joanna agradece e aceita-o.

— Ele gostava mesmo de ti — diz ela, baixinho. — Teriam feito um lindo casal, mas talvez seja melhor que não te tenhas apaixonado por ele. — O seu rosto desfaz-se quando a dor que tem estado a controlar toma conta dela. — Assim não ficas um farrapo como eu.

Sem dizer uma palavra, arrasto uma cadeira vazia para o lado da minha e sento-me ao lado dela enquanto ela chora. Alguns dos outros clientes miram-nos de forma estranha. Devolvo-lhes um olhar fulminante por estarem a ser intrometidos.

Felizmente, a Joanna recompõe-se num instante. Começa a assoar o nariz e a lançar-me um olhar envergonhado debaixo das madeixas de cabelo.

— Merda. Não chorei o dia todo — murmura ela. — Foi um novo recorde.

— Se estivesse no teu lugar, nem saía da cama.

— Passei as primeiras semanas assim, mas depois acordei e pensei que o Beau me daria um puxão de orelhas se me visse a desperdiçar a minha vida. Por isso, aqui estou eu, a tentar algo parvo e novo.

— Não me parece parvo. — E já não parece. A Joanna *é* nova. Se seguir outra carreira na música é o sonho dela, é melhor correr atrás dele agora do que mais tarde.

— Acreditas mesmo nisso?

— Claro que acredito.

Ela enfia o lenço de papel no bolso do casaco.

— O Beau sempre disse que eras determinada. Pensava que este seria o tipo de coisa que reprovarias.

Franzo o sobrolho.

— Fazes-me parecer uma cabra insensível.

— Não. Não era isso que queria dizer. Era um elogio. — Ela cala-se. — Eu era igual. Tinha tudo planeado… A ideia era concluir uma licenciatura em Artes Performativas, conseguir um emprego fantástico numa peça da Broadway e tornar-me uma estrela conhecida. Mas depois o Beau morreu e tudo isso simplesmente parece pouco importante agora, percebes o que quero dizer?

Acho que percebo.

— Enfim, é melhor ir andando. — Ela inclina-se para a frente e abraça-me outra vez. Desta vez, o seu abraço é surpreendentemente determinado. — Cuida-te, Sabrina. Espero que vivas a vida de forma que te faça feliz.

Sim. Se ao menos eu soubesse qual o rumo a seguir para isso.

No dia seguinte, dou por mim diante do gabinete da minha orientadora. A professora Gibson tem a cabeça dobrada sobre a secretária e está a avaliar trabalhos. Bato ao de leve para não a assustar.

— Sabrina, entra. — Ela acena com a mão para me indicar que entre com um sorriso acolhedor. — Como está a correr o teu último semestre?

— Fácil. Já sei fazer um teste.

— Ou treinaste para pensares de forma mais crítica e conseguires analisar detalhadamente carradas de informação para encontrares os dogmas simples que sustentam todas as teorias?

— Ou isso. — Rio-me enquanto me sento.

— Estás entusiasmada por ires para Harvard este inverno ou estás ansiosa pelas férias de verão?

— Harvard, sem dúvida. Vou sentir falta desta faculdade. — Observo o gabinete acolhedor da professora Gibson, com a cadeira grande que ela manda restaurar de quatro em quatro anos e a pilha enorme de livros que ameaçam cair a qualquer segundo, mas que nunca caem. Ela tem fotografias espalhadas por todo o lado, com os alunos, com o marido.

E é aí que caio em mim. O motivo pelo qual nunca pensei em ter filhos é porque, assim que conheci a professora Gibson, quis ser como ela. Ela é inteligente, bem-sucedida, bondosa e respeitada. A todo o lado aonde vai, as pessoas admiram-na. E para uma rapariga como eu, que vem dos bairros de South Boston, esse tipo de admiração era um sonho… que persegui incessantemente aqui na Briar.

Não conheço nenhuma mulher com um filho que seja tão bem-sucedida como a professora Gibson. Eu sei que, de um ponto de vista intelectual, a minha conclusão está errada, porque há milhares de mães que são médicas, advogadas, banqueiras e cientistas. Até a Hope e a Carin falam sobre serem mães um dia. Mas esse um dia está reservado para o futuro, ao passo que o meu está na minha barriga neste preciso momento.

— Gostava de ter tido filhos? — A pergunta sai-me quando olho para a fotografia dela e do marido diante de um castelo antigo.

A professora Gibson semicerra os olhos e, sem saber como, ela percebe. Consigo ver na sua cara.

— Oh, Sabrina. — Há uma pergunta implícita no suspiro.

Aceno com a cabeça.

Ela fecha os olhos e, quando os abre, todos os vestígios de julgamento desaparecem. Mas eu vi a desilusão inicial e isso magoa-me.

— Às vezes — diz ela, respondendo à pergunta. — Às vezes gostava e, às vezes, fico feliz por não ter. Tenho sido a tia especial dos meus sobrinhos, e isso satisfez a maior parte dos meus instintos maternais. Tenho os meus alunos e isso enche-me de satisfação, mas não vou mentir e dizer que não me questionei sobre como seria ter um filho.

— Acha que consigo fazê-lo? Ter um filho e estudar em Harvard?

Ela emite um som ligeiro e triste no fundo da garganta.

— Não sei. O teu primeiro ano consome muito tempo e é avassalador, mas tu és muito inteligente, Sabrina. Se há alguém que conseguiria fazer isto, serias tu. Mas isso pode implicar sacrifícios. Talvez não sejas a melhor aluna do curso…

Encolho-me, porque estar no topo da turma da Faculdade de Direito é decididamente um dos meus objetivos.

— … nem figures na *Law Review*…

Engulo um gemido de desilusão.

— … mas não vais deixar de concluir o curso em Harvard. Não tenho dúvidas quanto a isso. — Ela cala-se. — O que diz o pai?

— A decisão cabe-me a mim. Ele apoia-me de qualquer maneira.

O sorriso que se espalha no rosto dela é genuíno.

— Então arranjaste um bom rapaz.

Pois arranjei. O Tucker tem sido muito bom para mim, e isso é parte do problema. Se ficar com o bebé, vou afetar a vida dele de milhares de maneiras diferentes… e nem todas são boas.

— Tenho a certeza de que vais tomar a decisão certa, seja qual for.

— Obrigada. — Ponho-me de pé. — Sei que é estranho, eu vir pedir-lhe conselhos, mas a minha mãe… — Calo-me.

— Fico contente por teres vindo ter comigo — diz a professora Gibson, com firmeza.

Agradeço-lhe novamente e saio do gabinete. Sei que devia conversar com as minhas amigas, mas elas vão dizer as mesmas coisas que a professora Gibson. Na verdade, o motivo pelo qual vim falar com ela foi porque tinha a certeza de que ela me aconselharia a fazer um aborto.

Cinco minutos depois, estou sentada no carro, a olhar distraidamente para o painel. Sinto falta da minha mãe. Ela não foi uma mãe presente e não éramos lá muito chegadas, mas não deixa de ser minha mãe e eu gostava que ela estivesse aqui. Quero saber porque é que ela ficou comigo quando não me queria na sua vida.

Quando chego a casa, pego numa folha de papel e começo a enumerar os prós e os contras. Quando vou a meio dos contras, rasgo a folha a meio e atiro-a para o lixo.

A resposta esteve sempre à minha frente. Não precisava de ver a Joanna, ou a professora Gibson, ou encontrar-me com a minha mãe ausente. Não marquei

o aborto porque não quero fazê-lo. Talvez seja a melhor opção, mas passei a vida toda a sentir-me indesejada.

Pouso uma mão protetora sobre a barriga ainda lisa. Uma rapariga mais inteligente faria a interrupção da gravidez, mas eu não sou essa rapariga inteligente. Não hoje.

Hoje vou ficar com o bebé.

23

Sabrina

Fico à espera à porta da aula das onze horas do Tucker. Em vez de lhe perguntar se nos podemos encontrar, procurei o nome dele na Internet e encontrei uma publicação no fórum da Briar que tinha os horários dos jogadores. Isso não é nada sinistro.

Quando os alunos começam a sair do edifício coberto de hera, reconheço talvez um em trinta, se tanto. O meu tempo em Briar está a acabar, e não tenho muitos motivos para me vangloriar. Alguns alunos acabam o curso com um monte de amigos que levam para a vida pós-faculdade. Já eu tenho a minha licenciatura, a Hope e a Carin. E agora um bebé. Diria que o bebé é mais importante do que toda a amizade formada numa república universitária.

O Tucker sai do edifício acompanhado do Garrett Graham. São os dois lindos, mas é o Tucker quem me chama a atenção. Não é que o Garrett não seja bonito, mas eu só tenho olhos para o Tucker. Ele fez a barba. Não sei o que pensar — eu gostava da barba —, mas não posso negar que o rosto sem pelos é igualmente apelativo. Ele tem uma covinha no queixo que não se via com a barba. Céus, quero explorar aquela covinha com a língua.

O resto do seu corpo é igualmente tentador. Está a usar o casaco do hóquei e uma camisola justa de manga comprida, com um dos cantos enfiado dentro da parte lateral das calças de ganga. Tem um par de óculos de sol pendurados na cabeça com cabelo arruivado, e deixa cair a cabeça para trás quando se ri de qualquer coisa que o Graham está a murmurar pelo canto da boca. Atrás dele,

segue uma linha de raparigas famintas que estão desesperadas por conseguir a atenção destes rapazes. Mas eles estão mais interessados em conversar um com o outro do que em lançar olhinhos às mulheres.

Sou acometida por uma onda de alívio. Desde aquela noite no hotel que não dormimos juntos. Descobri que estava grávida, seguiu-se a morte do Beau, o elogio fúnebre e depois… nada de mais. Não tenho andado bem desde a véspera de Ano Novo.

Mordo o lábio. Não quero arrastá-lo para a lama comigo, mas é isso mesmo que estou a fazer.

Ele interrompe a gargalhada quando me vê. Os seus lábios movem-se e dizem qualquer coisa do género: «Vemo-nos mais tarde, meu. Tenho de tratar de uma coisa.»

O olhar do Garrett incide em mim e ele provavelmente diz: «Ela vai sugar-te a alma. Afasta-te dela.»

Os lábios do Tucker curvam-se para cima. Ele está a responder que sabe dar conta do recado, ou que gosta da forma como o chupo, ou então a dizer: «Tarde demais.» Quando avança na minha direção, o olhar do Garrett passa das costas do Tucker para o meu rosto.

Esboço um sorriso largo, exibindo alguns dentes.

— Andas a evitar-me — murmura o Tucker quando chega ao pé de mim.

Volto a atenção para ele, esqueço o Garrett, as raparigas que o olham com ar de adoração e o resto dos nossos colegas. São uma distração, e eu devo ao Tucker toda a minha atenção.

— Tenho tido muito em que pensar — admito.

— Sim, eu também.

Quando ele arqueia uma sobrancelha, eu inclino a cabeça na direção da multidão.

— Tens um minuto?

— Para ti, sempre.

Sinto um aperto no coração. Tenho andado desaparecida nas últimas semanas e, mesmo assim, ele encontra uma forma de olhar para mim como se

eu fosse a única rapariga do mundo dele. Não o mereço, porra.

Ele pega-me no cotovelo, e eu sigo-o para uma fila de bancos junto ao pátio.

— Andas com alguém? — pergunto, com o tom de voz mais descontraído que consigo produzir.

Ele estaca de modo tão abrupto que quase tropeço nas pedras. Ajuda-me a erguer-me e coloca as duas mãos nos meus ombros para me orientar, de modo que eu fique de frente para ele.

— Estás a gozar comigo?

— Deixaste de me enviar mensagens. — Detesto a incerteza na minha voz.

A expressão dele suaviza-se.

— Tenho tentado dar-te espaço.

Obrigo-me a encolher os ombros.

— Não havia problema se andasses.

Um músculo do seu maxilar salta e ele aperta-me os ombros com mais força, o que se torna desconfortável. Pronto. Esta saiu-me mal.

Por fim, ele suspira e põe os óculos de sol.

— Não, não ando a sair com ninguém. — Em surdina, ouço-o murmurar: — Pelos vistos, nem sequer contigo.

— Desculpa — apresso-me a dizer. — Não queria insultar-te. Só queria que soubesses que isto — formo um círculo com os dedos em volta da minha barriga — não te devia impedir de o fazer.

As feições dele ficam novamente tensas.

— Preciso de comer antes de continuarmos esta conversa. Anda.

— Aonde vamos?

— A um sítio mais resguardado. — Ele não desacelera, mesmo quando me encaminha do auditório para o parque de estacionamento que fica atrás do edifício.

Várias pessoas acenam-lhe quando passamos por elas, mas ele não interrompe a caminhada para conversar com nenhuma delas, nem me dirige a palavra. Quando chegamos à carrinha, faz sinal para o lado do passageiro e depois põe-se a olhar para mim.

— O que foi? — murmuro.

— Cinto de segurança.

— Coloco-o quando entrares na carrinha.

— Agora.

— Isto é porque te perguntei se andavas a sair com alguém?

O músculo do maxilar move-se novamente.

— Não, é porque estás grávida. — Ele arqueia uma sobrancelha por cima da armação dos óculos de sol. — Continuas grávida, certo?

Coro. Mas acho que foi bem merecido.

— Sim. Não faria nada sem falar contigo primeiro.

— Ainda bem. Aperta o cinto de segurança.

Faço o que ele manda, porque é óbvio que não vamos sair daqui até ele ouvir o clique. Depois levanto as mãos e pergunto:

— Está bem?

Ele acena com a cabeça e fecha a porta.

Não proferimos uma palavra quando ele liga o motor e sai do parque de estacionamento. Ele conduz durante cerca de três quarteirões, e depois paramos em frente de um pequeno rinque exterior. O gelo está derretido e, em vez de patinadores, o espaço está cheio de mesas de piquenique. Há poucas pessoas, nenhuma delas estudante, a ocupar as mesas.

— Porque não arranjas um lugar para te sentares? — pergunta o Tucker enquanto me ajuda a sair do carro. — Queres comer alguma coisa? Ou beber?

— Quero uma água.

Ele encaminha-se para a rulote enquanto eu arranjo uma mesa no canto mais afastado, colocando-me de forma a conseguir ver o Tucker a atravessar o pátio.

Se tivesse de escolher um pai para o meu filho, não poderia ter escolhido melhor do que o John Tucker. Ele é lindo, alto, atlético e inteligente. Mas, acima de tudo, é um rapaz às direitas. Aconteça o que acontecer no futuro, ele nunca vai virar as costas ao filho. Nunca vai fazer com que ele ou ela se sinta indesejado. Nunca vai pôr a vida dele ou dela em risco. Aconteça o que

acontecer — mesmo que eu faça asneira, e sei que irei fazer —, o Tucker estará lá para apanhar os cacos.

É por ele ser tão boa pessoa e um tipo às direitas que esta decisão de ficar com o bebé foi tão difícil. Se eu tivesse feito o aborto, acho que ele ficaria triste, mas agora que decidi que vou ficar com o bebé, a vida dele vai mudar para sempre. E tudo por minha causa.

Estou sempre a relembrar-me disso. Não posso apoiar-me demasiado nele ou pedir demasiado dele, porque ele me daria tudo sem nunca se queixar. Mas eu não sou abusadora. Seria demasiado fácil apaixonar-me pelo Tucker e deixar que ele tomasse conta de tudo.

Seria fácil. Mas não é justo.

Um minuto depois, ele senta-se no banco e empurra uma garrafa de água pela mesa. Comprou um cachorro-quente e um café para ele, e nenhum de nós fala enquanto ele mastiga rapidamente a comida. Quando termina, amarrota o guardanapo e enfia-o no recipiente vazio. Baixa os óculos de sol para a zona do pescoço, coloca as mãos grandes e hábeis à volta do copo de café e aguarda. É a minha vez de falar.

Lambo os lábios uma vez, duas vezes, e depois começo:

— Vou ficar com o bebé.

Ele fecha os olhos e esconde seja qual for a emoção que está a sentir. Alívio? Medo? Infelicidade? Quando os abre, o olhar dele é limpo e sem expressão.

— Como posso ajudar?

Um sorriso relutante assoma-me ao rosto. É mesmo um comentário à Tucker. O que reforça a minha vontade de garantir que não o sobrecarrego e que ele é livre de encontrar quem ou o que quiser para o futuro. Quando ele quiser sair desta relação, não o vou impedir.

— Para já estou bem. Tenho seguro por causa do emprego no posto dos correios. Trabalho lá desde que acabei o 12.º ano. Costumava queixar-me do prémio do seguro, uma vez que nunca o usei, mas agora vai dar jeito.

— Está certo. Então o seguro de saúde está tratado. E depois de teres o

bebé? Vais continuar na Faculdade de Direito?

— Claro que sim. — A ideia de desistir da faculdade nem sequer me tinha ocorrido. — É igual à licenciatura. Tenho três ou quatro horas de aulas por dia. No resto do tempo vou estar em casa a estudar.

A boca dele fecha-se, revelando o primeiro indício de emoção.

— Com o teu padrasto?

É difícil não corar de vergonha.

— Ele é um imbecil, mas nunca me tocou.

— Isso não é lá muito tranquilizador.

Rebolo a garrafa de água entre as mãos algumas vezes. O Tucker fica à espera de que eu fale. Ele tem mais paciência do que um santo.

— Fui obrigada a despedir-me do emprego no bar — digo, baixinho. — Estava a contar com o dinheiro para me ajudar a pagar as propinas da Faculdade de Direito. Não tenho dinheiro para viver noutra casa. Além disso, tenho esperança de que a minha avó tome conta do bebé quando eu estiver na faculdade.

— Então e eu? Confias em mim?

Levanto a cabeça e vejo a sua expressão um tanto frustrada.

— Claro que sim.

— Então, porque não tomo eu conta do bebé quando estiveres na faculdade?

— Porque tens de arranjar um emprego, certo? A minha avó não trabalha. Ela vive do dinheiro da segurança social.

O Tucker esfrega a mão pela testa, como se estivesse finalmente a aperceber-se da enormidade da tarefa que está prestes a cair-nos em mãos.

— Tens razão. Preciso de encontrar um emprego.

— Ainda não te decidiste por um negócio?

— Há dezenas deles, mas se há algo que aprendi sobre gestão é que se não gostas do que estás a fazer, a coisa vai correr mal. — Ele bebe um gole do café. — Vou trabalhar para uma empresa de construção no verão. Já fiz isso antes e ganha-se bem. No tempo em que não estiver a trabalhar, vou andar à procura de diferentes oportunidades até encontrar a certa.

— Então até chegar essa altura, faz sentido a minha avó ajudar.

Ele pondera nas minhas palavras, mas não consegue arranjar uma solução melhor.

— Para já. Até arranjarmos uma solução melhor. — Cala-se. — Preciso de contar à minha mãe. E aos meus colegas de equipa.

O ardor que começo a sentir na barriga não tem nada que ver com a gravidez e tudo que ver com a vergonha. O que desencadeia uma irritação comigo própria, porque engravidar não é nada horrível nem vergonhoso. Sou uma adulta. Vou ter um bebé. Não é nada de especial.

— Podes esperar um pouco mais? Quero dizer, não me importo que contes à tua mãe, mas podes não contar aos teus amigos para já? — Hesito, e depois confesso: — Ainda não contei a ninguém.

— A ninguém? — pergunta ele, incrédulo.

Aceno com a cabeça, infeliz.

— Não és a única pessoa que tenho andado a evitar. Quase não tenho visto a Carin e a Hope.

— Então admites que me andas a evitar.

Não consigo olhá-lo nos olhos. Em vez disso, finjo que estou a olhar para a madeira das mesas de piquenique. Quero muito dizer-lhe que senti falta dele. Porque senti. Senti falta de o beijar, de brincar com ele e de o ouvir chamar-me «querida» com o sotaque do Sul.

Sempre fui uma pessoa solitária, evitando a minha avó e o Ray sempre que podia. Na Briar, fiz amizade com a Carin e a Hope, mas não senti a necessidade de um círculo mais alargado. Por isso, a forte solidão que senti por não estar com o Tucker apanhou-me de surpresa.

Mas como posso estar com ele sabendo que fui eu quem virou o seu mundo do avesso? O peso da culpa esmagar-me-ia mais do que o peso da solidão.

Respiro fundo e empurro para fora as palavras que não quero dizer.

— Se quiseres estar com outras pessoas… podes estar. Não pretendo fazê-lo. Não tenho tempo para isso, mas se quiseres, eu não me importo.

O silêncio abate-se sobre nós.

Um dedo comprido encontra o caminho até ao meu queixo e levanta-o, até eu ser obrigada a fechar os olhos ou a olhar para o Tucker. Escolho olhar para ele, mas é impossível ler a sua expressão.

Ele lança-me um olhar demorado e contemplativo antes de dizer:

— Fazemos assim. Eu conto-te se conhecer alguém novo. E tu e eu podemos ser somente amigos. — Suaviza o tom de voz. — Se decidires que queres mais, podemos falar sobre isso na altura.

— Amigos? — repito, debilmente. — Aceito uma amizade. — E depois, como ele é um rapaz às direitas, acrescento: — Nunca tive um namorado. Só me enrolo e vou para a cama com os homens.

— Querida…

Ouvir aquela palavra suave só piora o pânico que sinto.

— Não acredito que vou ser mãe. Céus, Tuck, só pensei numa coisa em toda a minha vida: sair do buraco onde vivia. E agora tenho de arrastar alguém para o buraco comigo e não sei se consigo fazê-lo. — As lágrimas que tenho estado a conter durante semanas começam a escorrer.

O Tucker afaga-me a face com uma mão quente e olha com firmeza para os meus olhos.

— Não estás sozinha — diz ele, com determinação e baixinho. — E não vais arrastar ninguém para baixo. Estou aqui contigo, Sabrina. Em todas as fases.

É disso que eu tenho medo.

Tucker

No hóquei, quase todos jogam com um par. A linha ofensiva é composta pelo ala esquerdo, pelo central e por um ala direito. O defesa joga em pares. Só o guarda-redes está sozinho e ele é sempre estranho. Sempre.

O Kenny Simms, que concluiu o curso no ano passado, foi um dos melhores guarda-redes da Briar e provavelmente o motivo pelo qual vencemos três Frozen Fours seguidos, mas esse rapaz tinha hábitos estranhíssimos. Falava

mais vezes sozinho do que com qualquer outra pessoa, ficava sentado na parte de trás do autocarro e preferia comer sozinho. Uma das poucas vezes que veio sair connosco, passou o tempo todo a discutir. Tive uma troca de ideias com ele sobre se as crianças tinham demasiado acesso às tecnologias. Passámos três horas a discutir o assunto enquanto bebíamos cervejas no bar.

A Sabrina faz-me lembrar o Simms. Não é estranha, mas é reservada como ele. Acha que está sozinha. Basicamente, nunca teve um par com quem patinar — nem sequer as amigas, a Carin e a Hope. De certo modo, compreendo isso. Os rapazes que não pertencem à minha equipa de hóquei e que são meus amigos são rapazes decentes, mas não derramei sangue com eles, não chorei com eles, nem venci com eles. Não sei se me vão apoiar, porque nunca estivemos numa posição em que essa lealdade tenha sido posta à prova.

A Sabrina não sabe o que é ter alguém que a apoie, quanto mais que lhe dê a mão. E é por isso que não cedo à vontade de a abanar como se ela fosse uma pinhata, por dizer merdas como eu estar livre para estar com outras mulheres. O medo nos olhos dela é palpável, e eu relembro-me de que preciso de ter paciência.

— Queres que te siga até casa? — ofereço-me, enquanto paro o carro no parque de estacionamento do *campus*, onde ela deixou o dela. — Podemos conversar um pouco, fazer alguns planos?

Ela abana a cabeça. Claro que não. A rapariga não conseguiu olhar para mim desde que desatou a chorar. Ela detesta chorar à minha frente. Provavelmente, detesta chorar no geral. Para a Sabrina, as lágrimas são um sinal de fraqueza, e ela não suporta que a vejam como algo menos do que uma amazona.

Contenho um suspiro e saio da carrinha. Acompanho-a até ao carro e depois puxo o seu corpo rígido na direção do meu. É como abraçar um tronco congelado.

— Quero ir contigo à próxima consulta — digo-lhe.

— Está bem.

— Não fiques demasiado entusiasmada. Vais acordar o bebé — digo,

secamente.

Ela esboça um sorriso dolorido.

— É estranho, não é? Dizer que vamos ter um bebé?

— Há coisas mais estranhas. O Simmsy, o nosso antigo guarda-redes, costumava comer doces em forma de amendoins antes dos jogos. É bastante estranho. Uma mulher ter um bebé parece-me normal.

As orelhas dela ficam cor-de-rosa.

— Quero dizer, *nós*. — Ela agita o dedo indicador entre os dois. — Nós termos um bebé é estranho.

— Não. Também não acho estranho. És jovem, e fértil para caraças, pelos vistos, e não consigo tirar as mãos de cima de ti. — Debruço-me e deposito-lhe um beijo na boca admirada. — Vai para casa e dorme uma sesta ou algo assim. Envia-me uma mensagem quando souberes quando vai ser a próxima consulta. Vemo-nos mais tarde.

E depois afasto-me antes que ela tenha oportunidade de protestar. Estranho? Não é estranho. É assustador e incrível ao mesmo tempo, mas não é estranho.

Quando chego a casa, não está lá ninguém, o que é bom. Se os meus colegas estivessem aqui, talvez acabasse por lhes contar, e tenho de respeitar os desejos da Sabrina. Agora somos uma equipa, quer ela queira quer não. Ela está apavorada, assoberbada pela culpa e com receio do que irá acontecer a seguir. Diria que neste momento a única coisa que posso fazer é apoiá-la.

Quando temos um colega de equipa novo, ele nem sempre confia logo em nós. Partilha o disco porque é a forma de conseguirmos marcar golo, de ter sucesso. Criar uma criança é um desporto de equipa. A Sabrina tem de aprender a confiar em mim.

Mas, embora tenha decidido que não irei contar aos meus colegas de casa até ela estar preparada, há uma pessoa que precisa de saber.

Por isso, subo as escadas, sento-me na beira da cama e envio uma mensagem à minha mãe.

Eu: Tens um minuto?

Ela: Daqui a vinte minutos, tenho, fofo! Estou a acabar de pintar o cabelo da Sra. Nelson.

Passo os vinte minutos seguintes a pesquisar coisas sobre bebés no *Google*. Não me permiti fazer isso antes. Não sabia se a Sabrina ia ficar com o bebé, e se ela decidisse ir em frente com o aborto, não queria alimentar esperanças e depois ficar destroçado.

Agora, sinto-me livre para abraçar a paternidade. Ao contrário da Sabrina, já não me sinto tão apavorado. Sempre me imaginei a ter uma família. Claro que pensei que ainda esperaria mais algum tempo, pelo menos até acabar a faculdade, até ter um bom negócio e algum dinheiro. Mas a vida está sempre a mudar e nós temos de nos adaptar.

Faço umas contas por alto na margem dos meus apontamentos de Propriedade Comercial para perceber se consigo comprar uma casa em Boston, e rapidamente me dou conta de que não tenho dinheiro para iniciar um negócio e comprar uma casa com os fundos que o meu pai me deixou. As casas são ridiculamente caras. Acho que vou ter de arrendar por uns tempos.

Pronto. Que assim seja. Vou precisar de um sítio para viver, de um emprego, e preciso de perceber o que vou fazer com a porra da minha vida quando terminar a faculdade. Tenho andado à procura de negócios a meio-gás porque não havia urgência, mas com um filho a caminho e a Sabrina a viver no pardieiro onde tem vivido, preciso de organizar a minha vida.

Estou a encomendar uns livros na *Amazon* sobre gravidez e parentalidade quando a minha mãe me telefona.

— Querido! Como vão as coisas? Só faltam uns meses para voltares para casa! — cantarola-me ela ao ouvido.

Sinto um aperto no estômago. Se há pessoa que detesto desiludir, é a minha mãe, e ela vai ficar destroçada por eu não regressar ao Texas. Mas, para ser sincero, há já algum tempo que ando em dúvida em relação a viver no Texas. De certa forma, o bebé está a salvar-me disso.

Faço uma nota mental para dizer isto à Sabrina, porque sei que, na cabeça dela, pensa que me estragou a vida.

— Na verdade, em relação a isso… A minha — hesito, porque não sei o que somos depois da nossa conversa desta manhã — namorada — concluo, à falta de melhor termo. A nossa relação é demasiado complicada para a explicar à minha mãe neste momento. Além disso, não lhe posso dar grandes pormenores, porque ela vai ficar transtornada. — Lembras-te de te ter dito no Natal que tinha conhecido uma rapariga?

— Sim… — Ela parece cautelosa.

Arranco o penso rápido.

— Ela está grávida.

— O bebé é teu? — pergunta a minha mãe de chofre. Há uma centelha de esperança na voz dela, que eu rapidamente despedaço.

— Sim, mãe, é por isso que te estou a ligar.

Segue-se um longo silêncio. Tão longo que chego a questionar-me se ela terá desligado a chamada.

Por fim, pergunta:

— Ela vai ficar com o bebé?

— Sim. Ela está de dezasseis semanas. — Já fiz as contas. A data da conceção foi provavelmente a primeira vez que fizemos sexo, quando estava com tanta pressa de entrar dentro dela que me esqueci de colocar o preservativo.

A Sabrina James faz-me perder a cabeça, de mais do que uma forma.

— Dezasseis semanas! — grita a minha mãe. — Sabias no Natal e não disseste nada?

— Não, claro que não sabia. Só soube mais tarde.

— Oh, John. O que vais fazer?

Deixo escapar um suspiro lento e firme.

— O que for preciso.

24

Sabrina

Março

Quando chego ao Della's, a mesa do canto está vazia. É bom sinal. Tapo a barriga com a parte lateral do casaco. Está a começar a ficar demasiado quente para usar o casaco comprido, mas a barriga começa a notar-se. Ainda bem que existem calças de yoga. Não sei quanto mais tempo vou conseguir usar as minhas roupas normais.

Tenho andado a pesquisar tudo o que consigo sobre gravidez, e um facto triste que descobri é que as experiências são todas diferentes. Para cada mulher que ganhou apenas o peso do bebé acrescido de alguns quilos extra, há cinco outras que juram que engoliram um campo inteiro de melancias. Muitas delas admitiram que, a dado momento, tiveram de deixar de conduzir, porque o volante fazia demasiada pressão sobre a barriga, já para não falar de que os cintos de segurança não são feitos para grávidas. Já consigo comprovar isso.

Está tudo a mudar para mim e estou apavorada. Ainda não contei à minha avó nem às minhas amigas. O Tucker ainda não contou aos amigos dele, porque eu lhe pedi que não o fizesse. Sei que é irracional, mas é como se uma parte de mim acreditasse que, se não dissermos nada, então a vida não tem de mudar. Quando disse isso ao Tucker ontem à noite por telefone, ele respondeu com uma risada gentil e disse: «Já mudou, querida.»

E depois acordei esta manhã e não conseguia apertar as calças de ganga, e a

realidade abateu-se sobre mim como o martelo do Thor. Não posso continuar a esconder a gravidez. Isto é sério.

Por isso, hoje é o dia de largar a bomba do bebé. Espero que, depois de parar de esconder, possa reclamar o controlo da minha vida e começar a guiá-la novamente. Talvez aí consiga dormir uma noite inteira sem acordar com suores frios.

— Queres esperar pelas tuas amigas ou queres que te traga alguma coisa? — pergunta a Hannah quando eu me sento à mesa.

De modo involuntário, o meu olhar recai na sua cintura fina, e sou acometida por uma pontada de inveja. Será que a minha cintura alguma vez ficará igual? O meu corpo começa a parecer-me estranho. Não consigo diminuir o alto na barriga com dietas. Há lá um *ser humano*. E este alto só vai crescer.

— Leite — digo, se bem que de modo relutante. Os refrigerantes estão na lista das coisas que me fazem mal, com tudo o que é bom e saboroso no mundo.

Quando a Hannah se afasta, surge a Hope.

— Que se passa? A tua mensagem parecia preocupante. — Ela despe o casaco e senta-se à minha frente. — O plano de ires para Harvard continua de pé, certo?

— Vamos esperar que a Carin apareça.

Ela franze o sobrolho.

— Estás bem? A tua avó não está doente, pois não?

— Não, está bem. E Harvard continua de pé. — Olho para a porta, à espera de que a Carin apareça.

A Hope continua a bombardear-me com perguntas.

— O Ray caiu de um penhasco? Não, isso seriam boas notícias. Oh, meu Deus, ele partiu a perna e agora tens de lhe fazer a papinha toda.

— Nem digas isso. Não tentes o destino com sugestões dessas.

— Ah, ela ainda consegue brincar. O mundo não vai acabar. — A Hope faz sinal à Hannah antes de fixar o olhar em mim. — Pronto, se não é a tua avó,

Harvard continua de pé e o Ray continua o mesmo imbecil do costume, o que é? Não te vemos há semanas.

— Eu conto-te quando a Carin chegar.

Ela levanta as mãos num gesto de frustração.

— A Carin chega sempre atrasada!

— E tu és sempre impaciente. — Como será o meu filho? Pouco pontual, impaciente, determinado, descontraído? Espero que seja descontraído. Ando sempre ansiosa como a merda. Quem me dera que o Tucker me tivesse acertado com alguma da sua paciência em vez do esperma. Infelizmente, não funciona assim.

— É verdade. — Ela remexe-se. — Como está o Tucker? Vocês já são um casal?

— Somos qualquer coisa — murmuro.

— O que é que isso quer dizer? Andas com ele desde o final de outubro. São mais de quatro meses. Na Terra da Sabrina, já podias estar noiva.

Na verdade, ando com ele há dezoito semanas e três dias, mas quem é que está a contar além de mim e da minha obstetra?

Antes que a Hope consiga continuar a tirar nabos da púcara, a Carin chega e, abraçando-nos com um braço, diz:

— Desculpem o atraso.

A Hannah abeira-se da mesa com o leite e duas ementas, antes de desaparecer para atender a mesa ao lado.

A Hope agarra a Carin pelo pulso e puxa-a para a cadeira dela.

— Nós perdoamos-te — diz-lhe ela. Depois vira-se para mim com um olhar severo. — Desembucha.

— A Carin ainda nem despiu o casaco — protesto, se bem que não sei porque estou a adiar o inevitável. É vergonhoso não saber utilizar corretamente contracetivos, mas ter um bebé é normal. Pelo menos, esse é o meu mantra presente.

— Que se lixe a Carin e o casaco. Ela está aqui. Começa a falar.

Respiro fundo e, como não há uma forma fácil de o dizer, limito-me a

contar.

— Estou grávida.

A Carin fica parada com o casaco no meio dos braços.

A Hope fica de boca aberta.

Com um dos braços presos, a Carin faz sinal à Hope.

— É Dia das Mentiras? — pergunta ela, sem desviar os olhos de mim.

Mesmo quando responde à Carin, a Hope mantém o olhar colado no meu rosto.

— Acho que não, mas tenho as minhas dúvidas.

— Não é nenhuma brincadeira. — Bebo um gole do leite. — Estou quase de cinco meses.

— *Cinco meses?* — A Hope grita tão alto que todas as cabeças se viram para nós. Ela debruça-se sobre a mesa e repete as palavras, desta vez num sussurro. — Cinco meses?

Aceno com a cabeça, mas antes de conseguir acrescentar mais alguma coisa, a Hannah chega para anotar os nossos pedidos. Pelos vistos, a minha notícia arruinou o apetite da Carin e da Hope, mas eu tenho fome, por isso peço uma sanduíche de peru.

— Já se nota? — A Hope continua a parecer atordoada.

— Um pouco. Ainda consigo usar calças elásticas. Mas nada de calças justas.

— Já foste ao médico? — pergunta ela. Ao seu lado, a Carin permanece em silêncio.

— Sim. Tenho seguro por causa do trabalho. Está tudo a correr bem.

— Estavas a contar dizer-nos depois de teres o bebé? — deixa escapar a Carin, com as palavras carregadas de mágoa.

— Nem sabia se ia ficar com ele — admito. — Depois de decidir, fiquei… com vergonha. Não sabia como vos contar.

— Não é tarde demais, sabias? — pergunta a Hope com um sorriso encorajador.

A Carin mostra-se radiante com a ideia.

— Pois é. Ainda podes fazer o A até ao terceiro trimestre.

A falta de apoio delas magoa-me, mas ainda me deixa mais determinada. Passei a vida toda a provar àqueles que duvidavam de mim que eu era capaz.

— Não — digo com firmeza. — Isto é o que eu quero.

— E Harvard? — pergunta a Hope.

— Vou na mesma. Nada mudou.

As minhas amigas trocam um olhar que indica que estou iludida e que nenhuma delas quer ser responsável por me abrir os olhos. Parece que vence a Hope, porque diz:

— Achas mesmo que nada vai mudar? Vais ter um *bebé*.

— Eu sei. Mas há milhões de mulheres que têm bebés todos os dias e, mesmo assim, conseguem ser adultas funcionais.

— Vai ser muito difícil para ti. Quem é que vai tomar conta do bebé quando estiveres nas aulas? Como é que vais estudar? — Ela estica o braço sobre a mesa e aperta-me a mão frouxa. — Só não quero que sintas que estás a cometer um erro.

O meu rosto endurece.

— Vou na mesma para Harvard.

Não sei se é o meu tom de voz ou a minha expressão que as convence de que estou decidida, mas elas percebem a mensagem. Apesar do ceticismo visível nos seus rostos, elas passam à frente.

— É rapaz ou rapariga? — pergunta a Carin. — Espera… o Tucker é o pai, certo?

— Claro que o Tucker é o pai. E não sei. Ainda não fizemos a ecografia.

— O que é que ele disse quando lhe contaste? — pergunta a Hope.

Que não estou sozinha.

— Ele está tranquilo. Não desatou a chorar nem gritou de raiva. Não virou uma mesa nem começou a disparatar sobre a injustiça da situação. Limitou-se a abraçar-me e a dizer-me que não estava sozinha. Acho que ele está um tanto assustado, mas pretende acompanhar-me em todas as etapas do processo. — Engulo o nó que tenho na garganta. — E, por mais que queira protegê-lo, vou

agarrar-me à mão dele o mais que puder. É muito egoísta da minha parte, mas neste momento a ideia de enfrentar o futuro sozinha não me deixa dormir à noite.

— Pelo menos isso é bom — diz a Carin, delicadamente.

— Ele é incrível. Não o mereço. — Céus, se as minhas melhores amigas estão a ter dificuldade em aceitar a gravidez, nem imagino o que vai na cabeça do Tucker.

A Hope franze o sobrolho.

— O que te leva a dizer isso? Não é como se tivesses engravidado sozinha.

— Ele não teve alternativa.

— Tretas. Corres um risco sempre que fazes sexo. Nenhuma forma de contraceção é completamente eficaz, nem sequer uma vasectomia. Se quiseres andar no carrossel, tens de estar disposto a pagar o preço.

— É um preço avultado.

Ela acena com uma mão.

— Que também estás a pagar.

— Podemos parar de ser tão depressivas? — interpõe a Carin. — Vamos falar sobre as coisas importantes. Quando é que vais fazer a ecografia? Quero começar a comprar presentes para bebé.

Abro a boca para dizer que não sei, quando somos interrompidas pelo telemóvel da Carin.

— Merda. — Ela puxa o telemóvel e levanta-se da cadeira. — É a minha orientadora. Tenho de atender.

Quando ela desaparece para dentro da casa de banho, a Hope vira o olhar preocupado para mim.

— Caramba, B. Espero mesmo que saibas o que estás a fazer.

— Eu também. — Sei que ela me adora e é por isso que está tão preocupada, mas, à semelhança da Carin, não quero pensar nas coisas negativas. Já me decidi e este questionamento só me vai fazer sentir mal.

— Só quero que sejas feliz — diz ela, baixinho.

— Eu sei. — Desta vez, sou eu quem estica o braço sobre a mesa. — Estou

com medo, mas é isto que eu quero. Juro.

Ela agarra-me a mão com força.

— Pronto. Então podes contar com o meu apoio. Para aquilo de que precisares.

A Carin regressa e afasta a Hope.

— Vou aprender a tricotar — anuncia ela.

— A tricotar? — repito, secamente.

— Sim, botinhas para bebés. Estás de cinco meses? Isso dá-me quatro meses para aprender a tricotar, por isso prepara-te para ficar abismada e surpreendida com a minha nova habilidade.

Sorrio finalmente.

— Considera-me preparada.

De várias maneiras. Tenho amigas e tenho o Tucker, que é mais do que alguma vez pensei que teria e mais do que provavelmente mereço.

Mas aceito-o.

25

Tucker

A cozinha está tão silenciosa que sinto que estou na igreja. Não que vá muitas vezes à igreja. A minha mãe arrastava-me para algumas missas ao domingo quando eu era pequeno, até finalmente admitir que preferia dormir aos fins de semana. Eu estava totalmente de acordo com esse plano.

Mas, neste momento, não é Deus nem o padre Dave quem me está a julgar, mas sim os meus amigos mais chegados.

— Por que raio não nos contaste mais cedo? — pergunta o Garrett.

— Vais mesmo ficar com a criança? — inquire o Logan.

— A porra da Sabrina James? — contrapõe o Dean.

Aperto a garrafa de cerveja com mais força e lanço um olhar carrancudo ao Dean. Culpo-o por esta conversa. Dois segundos depois de lhe ter contado a ele e à Allie, ele enviou um SOS ao Garrett e ao Logan a mandá-los vir imediatamente para casa. Eles estavam nas residências com as namoradas, e agora sinto-me um imbecil por estragar a noite deles.

— Pessoal, porque não o deixam falar em vez de o bombardearem com perguntas? — pergunta a Allie num tom de voz cauteloso.

Consigo perceber que ela não quer estar presente na conversa, mas o Dean arrastou-a para a cozinha connosco, agarrou-lhe a mão e não a larga desde então. Não percebo porque é que ele está tão chateado com isto. Até parece que é *ele* quem vai ser pai. E eu sei que ele já não gosta da Sabrina, porque só tem olhos para a Allie. Os dois passaram uma fase complicada depois da

morte do Beau, mas têm vivido os últimos meses tão apaixonados que até enjoa.

— Tuck? — pergunta a Allie, prendendo uma madeixa de cabelo loiro atrás da orelha.

Bebo um gole de cerveja, tenso.

— Não tenho muita coisa a dizer. Eu e a Sabrina vamos ter um filho. Fim da história.

— Há quanto tempo andas com ela? — pergunta o Logan.

— Há algum tempo. — Eles franzem o sobrolho, o que me indica que não gostam da resposta, por isso acrescento: — Desde o início de novembro.

O Logan parece espantado, já o Garrett não, o que me leva a olhar para ele com os olhos semicerrados, numa expressão interrogativa.

— Bem suspeitei — admite ele.

Os outros rapazes viram a cabeça para ele em jeito de acusação.

— Como assim, suspeitaste? — pergunta o Logan.

— Quer dizer que já suspeitava. — O Garrett olha de relance para mim na outra ponta da mesa. — Vi-te de mãos dadas com ela no elogio fúnebre do Beau.

Quando uma pontada de culpa perpassa os olhos do Dean, sei que ele está a lembrar-se de que ficou perdido de bêbedo no quarto, em vez de comparecer ao elogio fúnebre de um dos seus melhores amigos.

O Logan vira-se para mim.

— Então a vossa relação é séria?

Solto uma gargalhada.

— Vamos ter um bebé. Claro que é séria.

Ou, pelo menos, eu tenciono que seja. Mas a Sabrina continua a precisar de tempo. Tempo para lidar a fundo com a questão da gravidez. Tempo para baixar a guarda e perceber que pode confiar em mim. Tempo para baixar ainda mais a guarda e perceber que me ama. Porque eu sei que ela ama. Só está demasiado assustada para admitir ou reconhecer, perante mim e perante ela mesma.

— Porque é que ela não fez um aborto?

A pergunta do Dean dá origem ao suspiro da Allie, às expressões carrancudas dos rapazes e ao meu olhar furioso.

— Porque decidimos ficar com o bebé — digo duramente.

Todos se encolhem. Tenho quase a certeza de que nunca me viram saltar a tampa com alguém. Não costumo fazê-lo, mas o Dean está perigosamente perto de levar uma tareia. Eu percebo que ele não goste da Sabrina, mas exijo que mostre respeito por ela, mesmo quando ela não está presente.

— Vamos descontrair, está bem? — O Garrett prova por que motivo é o capitão da equipa, ao falar num tom de voz calmo e pacífico.

Se bem que, apercebo-me agora, ele já não é o capitão do Dean, porque o Dean foi expulso da equipa em janeiro. Acho que o resultado positivo no teste de drogas foi um dos motivos que o levaram a decidir ficar sóbrio. Isso e a Allie.

— Esta é a vida do Tuck — prossegue o Garrett. — Não temos o direito de julgar as decisões dele. Se é isto que ele quer fazer, então vamos apoiá-lo. Certo?

Ao fim de uns minutos, o Logan acena com a cabeça.

— Certo.

O maxilar do Dean fica tenso.

— Isto vai estragar a tua vida, meu.

É cada vez mais difícil controlar a raiva que fervilha dentro de mim.

— A vida é minha — digo, com frieza na voz. — Não tens voto na matéria.

— E Harvard? — insiste ele. — Ela vai na mesma?

— Sim.

Ele abana a cabeça.

— Ela tem noção de que a Faculdade de Direito consome bastante tempo?

— Claro que sim.

Ele volta a abanar a cabeça.

— Então ela vai atirar-te as responsabilidades todas para cima?

Vou imediatamente em defesa da Sabrina.

— Não, vamos partilhar as responsabilidades.

Ele abana novamente a cabeça.

Juro por Deus, se ele não parar de fazer isso, vou arrancar-lhe a cabeça loira do pescoço.

— Dean — avisa a Allie.

— Desculpa, mas eu acho que isto é um disparate — anuncia ele. — Aquela miúda é mais fria do que gelo. Gosta de criticar os outros. Ela é…

— A mãe do meu filho — resmungo.

O Dean responde:

— Como queiras. Vai em frente e destrói a tua vida. Quero lá saber.

Fico de boca aberta quando ele sai da cozinha. A sério?

Segue-se um longo silêncio, e depois a Allie também se levanta.

— Vou falar com ele — diz ela com um suspiro. — Ignora-o, Tuck. Ele está a ser um idiota.

Não respondo. Estou demasiado irritado para falar.

— Vale o que vale, mas tens o meu apoio. Acho que vais ser um ótimo pai. — Ela pousa a mão ao de leve no meu ombro e depois encaminha-se para a porta.

Quando ela se vai embora, olho para os meus amigos que ficaram na cozinha.

— Estavam a falar a sério? Tenho o vosso apoio?

Acenam os dois com a cabeça. Mas os lábios do Logan estremecem, como se ele estivesse a tentar não se rir.

— Qual é a graça? — pergunto, cautelosamente.

— Meu, tens noção das coisas nojentas com que vais ter de lidar?

Pestanejo, confuso.

— Vai ver vídeos de partos no *YouTube* — aconselha ele. — Fomos obrigados a ver vídeos desses para a cadeira de Estudos sobre as Mulheres que fiz no primeiro ano. São aterrorizadores. — O Logan arrepia-se. — Sabias que oitenta por cento das mulheres cagam na maca?

O Garrett solta uma gargalhada.

— Estás a inventar essa estatística.

— Pronto, talvez não seja oitenta por cento. Mas acontece e é *nojento*. Ah, e a placenta? Um saco enorme com sangue que cai para o chão depois de a criança sair? Depois de veres isso, garanto que nunca mais queres enfiar lá a pila.

— Agora fiquei com muita pena da Grace — comenta o Garrett.

— Vou tentar insistir numa cesariana — diz o Logan, num tom altivo, mas o brilho no seu olhar indica-me que ele está a brincar. Podemos contar sempre com o Logan para aligeirar o ambiente.

— Olhem — digo —, eu sei que é um grande choque. E vão por mim, também ainda não me consciencializei. Mas am… gosto da Sabrina. — Corrijo-me antes que a palavra começada por A me saia da boca. Recuso-me a dizê-la diante dos meus amigos antes de a dizer a ela. — O Dean está enganado em relação a ela. É determinada, sim, mas não é fria, nem faz juízos de valor. Tem o coração maior do que qualquer pessoa que alguma vez conheci. É… incrível, porra.

Sinto um nó na garganta. Raios. Gostava que a Sabrina se visse com os meus olhos. Ela acha que me está a arrastar para o fundo com ela, mas está enganada. Está a dar-me algo que sempre quis: uma família. Claro que isso está a acontecer mais cedo do que previa, mas a vida nem sempre segue um plano.

— Então vais mesmo para a frente com isto, hã? — O Garrett soa um pouco espantado.

— Sim.

— Posso ser o padrinho?

— Nem penses! — protesta o Logan. — Ele vai escolher-me a mim. Claro.

— Tretas. Sou claramente melhor.

— És claramente o maior convencido, isso sim.

Rio-me.

— Se continuarem com este despique, não escolho nenhum dos dois. Mas é bom saber que ambos querem essa tarefa. Acho que vou organizar uma

espécie de concurso e obrigar-vos a concorrer.

— Eu venço — diz o Garrett sem demora.

— Nem penses!

Eles continuam a discutir quando saio da cozinha. O Dean pode ter-se comportado como um idiota ao saber da notícia, mas sinto-me aliviado por saber que pelo menos tenho o apoio do G e do Logan.

Pois certamente vou precisar dele.

*

Ele: Cheguei. Onde estás?

Recebo a mensagem do Fitzy quando estaciono no parque em frente do Malone's. Vim direto de casa, porque contar aos meus colegas que vou ser pai não é a única tarefa na minha lista de afazeres. Ainda preciso de encontrar um sítio para viver, e espero mesmo que o Fitz me consiga ajudar com isso.

Escrevo rapidamente uma resposta.

Eu: Acabei de chegar. Vou sair do carro agora.
Ele: Na mesa de canto das traseiras.

Guardo o telemóvel, tranco a carrinha e encaminho-me para o bar. O Fitzy está a beber uma cerveja quando me sento à sua frente. Ele também pediu uma cerveja para mim, e eu aceito e agradeço.

— Olá. Obrigado por te encontrares comigo.

Ele encolhe os ombros.

— Não há problema. Já estava a dar em doido de qualquer forma. A porra do meu apartamento é demasiado pequeno.

Hum. Não estava a contar com uma abertura logo no início da conversa, mas vou aproveitá-la.

— É precisamente por isso que queria falar contigo.

O Fitzy arqueia uma sobrancelha.

— Sobre o meu apartamento pequeno?

— Mais ou menos. — Passo o dedo pelo copo. — Disseste que o teu contrato de arrendamento terminava em maio, certo?

— Certo. Porquê?

— Já pensaste no que vais fazer depois disso? Vais assinar outro contrato? Ou vais mudar de casa?

Um sorriso prende-se nos cantos da boca dele.

— Porquê tantas perguntas?

— Só estava a tentar perceber o que tencionas fazer. — Bebo outro gole. — Não vou voltar para o Texas depois de acabar o curso.

Ele fita-me por cima do rebordo da cerveja.

— Desde quando?

— Desde que vou ter um filho em agosto.

Ele engasga-se. Provavelmente não devia ter-lhe dado a notícia enquanto ele bebia um gole. Sinto-me mal por vê-lo a tossir com tanta força.

— Tu… — Ele tosse outra vez. Aclara a garganta. — Vais ter um filho?

— Sim. A Sabrina está grávida.

— Oh. — Ele levanta um braço tatuado para esfregar a têmpora. — Merda. Bem, parabéns, acho eu.

Um sorriso inadvertido forma-se nos meus lábios.

— Obrigado.

Ele examina-me cuidadosamente.

— Pareces estar na boa.

— Porque estou — limito-me a dizer. — Mas, sim, decididamente preciso de encontrar uma casa em Boston. E lembro-me de teres dito que não te opunhas a viver na cidade, por isso… — Encolho os ombros. — Achei que não faria mal perguntar se andas à procura de um colega de casa.

— Ah. — A expressão dele denota arrependimento. — Decidi não fazer isso. Estava convencido de que não me importaria de andar para trás e para a frente, mas falei com o Hollis e ele recordou-me que é uma chatice fazer a viagem de carro de Boston para Hastings no inverno, por isso vou ficar por

aqui no último ano.

Escondo o desapontamento.

— Oh, está bem. Faz sentido.

— É uma pergunta parva, mas… porque não vais viver com a Sabrina?

Não é uma pergunta parva. É uma boa pergunta.

— Ainda não estamos nessa fase — respondo, porque a alternativa é embaraçosa. *Porque ela não quer ficar comigo.*

— Pronto. Bem, se estás a pensar a sério em mudares-te para Boston, eu conheço uma pessoa que precisa de um colega de casa.

Fico radiante.

— Quem?

— Não vais gostar — avisa ele.

— Quem? — insisto.

— O irmão do Hollis. O senhorio aumentou-lhe a renda e ele não sabe se consegue manter a casa sozinho.

Merda. O Brody Hollis, rei dos idiotas? O rapaz que fala como se fosse um puto? Preferia que não. Mas não tenho preferências. Não estou propriamente a nadar em opções de momento. O Brody pode ser… um chavalo, mas o apartamento dele era grande e limpo e tinha dois quartos.

E só fica a cinco minutos de carro da casa da Sabrina.

Por mais que deteste a ideia, não posso negar que é uma opção boa e conveniente.

Bebo outro gole demorado de cerveja e depois pergunto:

— Posso ficar com o número dele?

26

Sabrina

Abril

— Estou nervosa. — Sussurro as palavras ao ouvido do Tucker, para que as outras mães que estão na sala de espera não consigam ouvir-me. Têm um brilho de entusiasmo e felicidade no rosto, e não quero estragar-lhes isso. Só porque estou uma pilha de nervos, não quer dizer que deva assustar toda a gente.

Mas estou assustada. Esta é a primeira consulta a que o Tuck me vai acompanhar e é a consulta que vai revelar o sexo do bebé. Isto é, se conseguirmos chegar a um acordo. Eu quero saber. Ele quer ser surpreendido. E este é o exemplo perfeito do tipo de pessoas que somos.

Eu sou aquela que gosta de controlar. Se souber o sexo do bebé, posso planear as coisas. Comprar roupas giras para menina ou roupas giras para menino. Pensar em nomes.

O Tucker é um rapaz que gosta de andar ao sabor da maré. Ele acha que devíamos comprar roupas amarelas e pronto.

— Não há motivo para nervosismo. — Ele aperta-me a mão e inclina-se para me dar um beijo na face.

Arrepio-me involuntariamente. Os seus lábios são suaves e quentes, e quero senti-los contra a minha boca, não na minha face. Quero beijar-lhe o pescoço e sugá-lo até ele gemer. Quero deslizar a mão para dentro das calças dele,

agarrar-lhe o pénis e afagá-lo até ele se vir na minha mão.

Já disse que estou cheia de tesão?

Não sei se é de estar mais sensível ou dos três ou quatro meses de abstinência sexual, mas, cum caraças, preciso de dar uma queca. Mesmo o roçar acidental da minha mão nos seios me desperta o desejo. Li que as mulheres costumam ficar bastante excitadas durante o primeiro trimestre, mas só no segundo trimestre é que o meu desejo sexual atingiu o pico. Sempre que vejo o Tucker, apetece-me arrancar-lhe as roupas.

E ele sabe disso.

— Estás pronta para sermos mais do que amigos? — murmura ele.

Encaro-o.

— Estou a dizer-te que estou nervosa e estás a pensar em sexo?

— Não, *tu* é que estás a pensar em sexo. — Ele sorri. — Os teus olhos estão a implorar-me que te coma.

Olho em redor para garantir que ninguém ouviu aquilo, mas as outras grávidas estão a conversar com os parceiros ou com as cabeças enfiadas em revistas de bebés.

— Não — minto. — Os meus olhos estão preocupados com o que vão ver na ecografia. Li que talvez consigamos ver o rosto do bebé e os dedos dos pés e das mãos. — Sinto novamente o pânico a borbulhar na barriga. — E se ele só tiver três dedos, Tuck? E se não tiver nariz? — A minha respiração fica ofegante. — Oh, meu Deus, e se tivermos um bebé mutante?

O Tucker debruça-se e começa a tremer. Demoro um segundo a perceber que ele está a tremer por causa de gargalhadas silenciosas e histéricas. Maravilhoso. O pai do meu filho está a rir-se de mim.

— Oh, raios. Caramba, querida. — Ele continua a rir-se quando levanta a cabeça. — Eu sabia que não te devia ter deixado ver o filme *Terror nas Montanhas* ontem à noite.

— Não estava a dar mais nada — reclamo. *E não queria que te fosses embora.*

Sou tão patética. Esta semana que passou, dei por mim a arranjar motivos

para que o Tucker viesse a minha casa. Do género «precisamos de pesquisar aulas de respiração», «as minhas costas estão a dar cabo de mim… O que achas de vires cá dar-me uma massagem?» e «se calhar, devia ter um parto na água». Ele pediu-me que reconsiderasse esta última ideia, mas eu não estava a falar a sério. A ideia de estar grávida dentro de uma banheira cheia de água e de fluidos de bebé dá-me náuseas.

Mas porque ele é o Tucker, meteu-se no carro e veio a Boston sempre que lhe liguei. No meu íntimo, tenho medo de estar a abusar dele, mas ele está sempre a assegurar-me de que isto faz parte de ser pai.

— Não vamos ter um bebé mutante. — Ele parou de se rir e está novamente de mão dada comigo. — Não te preocupes, ele ou ela vai ser perfeito. Prometo.

Aceno com a cabeça, sem grande força.

— Sabrina James? — chama uma voz da porta.

— Sou eu. — Levanto-me tão depressa que, por instantes, cambaleio. O Tucker agarra-me e põe um braço musculado à volta dos meus ombros.

— Somos nós — corrige ele.

Seguimos a enfermeira com bata cor-de-rosa por um corredor largo e bem iluminado. Ela guia-nos para uma sala de exames e pede-me que me sente na maca. O ecógrafo já está preparado, e o meu coração dá uma pequena cambalhota de entusiasmo.

— Quero mesmo saber — deixo escapar quando a enfermeira sai da sala.

O Tucker faz beicinho.

— Mas pensa como vai ser entusiasmante quando o médico gritar «é um menino!» ou «é uma menina!».

Este é o argumento habitual dele. Mas, para ser sincera, não preciso de mais entusiasmo na minha vida neste momento. A situação em casa já é complicada, uma vez que todos os dias a minha avó me dá um sermão por ter engravidado, me repreende por ficar com o bebé e me lembra constantemente de que ela não vai tomar conta dele de borla só por eu ser sua neta. E, como é óbvio, ainda tenho de lidar com o Ray, com os seus comentários mordazes

sobre a minha promiscuidade, a minha barriga proeminente e a minha estupidez por não saber usar um preservativo.

Mas estou a borrifar-me para o Ray. Já a minha avó… Bem, tenho a certeza de que ela vai mudar de ideias quando tiver o bisneto ou bisneta nos braços. Ela sempre adorou bebés.

— Quero saber *agora* — queixo-me, sem me preocupar por soar como uma criança de 5 anos a fazer uma birra.

— E que tal fazermos assim? Fazemos o pedra-papel-tesoura para decidir.

Sim, vamos ser ótimos pais, está visto.

— Está bem. — Estalo os nós dos dedos e ele ri-se. — Estás pronto?

— Pronto.

Contamos ao mesmo tempo. Quando chegamos aos três, revelamos as mãos. Ele escolheu papel. Eu escolhi a pedra.

— Ganhei — diz ele, presunçoso.

— Lamento, querido, mas perdeste.

— O papel cobre a pedra!

Sorrio.

— A pedra impede o papel de se mexer. Encurrala-o.

Um suspiro sonoro enche a sala.

— Não vou vencer nisto, pois não?

— Não. — Mas ele está tão giro que estabeleço um compromisso. — E que tal fazermos assim? Podes sair da sala enquanto o médico me conta e eu juro que não te digo. Escondo as prendas todas para o bebé no armário, para que não vejas o que ando a comprar.

— Combinado.

Somos interrompidos pela chegada da técnica, que me cumprimenta calorosamente e depois pede que puxe a camisola larga para cima, para que ela possa espalhar gel frio na minha barriga.

— Tem a bexiga cheia? — pergunta ela.

— A minha bexiga está sempre cheia — respondo, secamente.

Isso arranca-lhe uma gargalhada.

— Não se preocupe. Não vai demorar muito tempo. Em breve, já pode fazer o chichi todo que quiser.

— Fantástico. Estou a viver o sonho.

Já fiz uma ecografia, por isso não fico preocupada quando a técnica se cala para dar início ao exame. De vez em quando, ela comenta qualquer coisa, como por exemplo a espinha do bebé parecer um fio minúsculo de pérolas ou como — graças a Deus — temos dez dedos das mãos e dez dedos dos pés.

O Tucker fica de pé num espanto silencioso, a observar as imagens granulosas no ecrã. A dado momento, dobra-se e dá-me um beijo na testa, e eu sinto ondas de calor dentro do corpo. Estou contente que ele esteja aqui. Estou mesmo.

— Pronto, já terminámos. — Depois de limpar o gel da minha barriga, a técnica carrega num botão e a máquina emite um zunido quando tira uma impressão da ecografia. Ela não a entrega logo e, em vez disso, diz: — A médica já vem falar convosco. Se precisar de esvaziar a bexiga, a casa de banho fica duas portas à esquerda.

O Tucker ri-se quando eu me levanto logo da maca.

— Já volto — digo-lhe, saindo da sala.

Faço chichi, lavo as mãos e, quando regresso à sala de exames, a Dra. Laura já lá está a conversar com o Tuck. Quando nos conhecemos, não sabia o que pensar. É estranho para mim tratar um médico pelo primeiro nome. Acho que talvez tenha pensado que era um sinal de falta de profissionalismo ou algo do género, mas a médica parece ser competente. Tem 30 e poucos anos e é assertiva, o que eu aprecio.

— Então aqui o papá diz que têm andado a discutir se querem ou não saber o sexo do bebé — provoca ela quando eu entro.

— O papá está a ser casmurro — resmungo.

O Tucker fica de boca aberta.

— Nã-nã. A mamã é que é casmurra e não gosta de surpresas.

Passo uma mão sobre a barriga proeminente, que cresceu bastante no último mês.

— Isto não foi surpresa suficiente para ti? — pergunto, com aparente formalismo.

A Dra. Laura ri-se antes de olhar para a pasta que tem na mão.

— A ecografia apresenta uma imagem bastante nítida. Uma vez que a Sabrina é quem é minha paciente e não o John, vou dizer-lhe o sexo, se é isso que ela quer.

— Traidora — diz ele com um olhar de troça.

— Quero saber — digo à médica, antes de inclinar a cabeça na direção do Tucker. — Podes sair agora da sala, papá.

— Não. Mudei de ideias. Quero saber.

Fito-o com ansiedade.

— Tens a certeza?

Ele responde com um aceno de cabeça sincero.

— Está bem. Diga lá — peço à médica.

Os olhos dela cintilam.

— Parabéns. Vão ter uma menina.

Suspiro, e sinto o oxigénio todo a entrar nos pulmões e a ficar lá encurralado. A minha pulsação acelera e é como se tudo o que me rodeia, todo o meu mundo, tivesse ficado mais nítido. As cores parecem mais vivas e o ar parece mais leve e, de repente, toda esta experiência — a vida que cresce dentro de mim — parece *real*.

— Vamos ter uma menina — murmuro, virando-me para o Tucker.

O olhar dele é quase reverente.

— Vamos ter uma menina — sussurra.

A Dra. Laura deixa-nos apreciar em silêncio este momento antes de pigarrear.

— Parece estar tudo ótimo. A bebé é saudável, o batimento cardíaco é forte e estável. Continue a tomar as vitaminas pré-natais, tente não fazer demasiados esforços e vemo-nos daqui a quatro semanas. — Ela para junto à porta e pisca o olho ao Tucker por cima do ombro. — Quanto à outra questão que me colocou, está tudo em ordem.

Depois de ela se retirar, olho para ele com o sobrolho franzido.

— Que outra questão?

Ele encolhe os ombros, o epítome do mistério.

— Era só uma pergunta de pai. — Ele pega-me na mão. — Vá lá, vamos andando. Quero mostrar-te uma coisa antes de te deixar em casa.

Franzo a testa.

— Mostrar-me o quê?

— É surpresa.

— Já não estabelecemos que não gosto de surpresas?

Ele ri-se.

— Confia em mim, vais gostar desta.

27

Sabrina

— O que estamos aqui a fazer? — pergunto quinze minutos depois, ao examinar a rua para onde o Tucker acabou de virar. Este bairro é manhoso. Quero dizer, fica apenas a cinco minutos de carro de minha casa, por isso claro que é manhoso.

— Paciência — diz ele, estacionando no passeio diante de um prédio de tijolo de dez andares.

Decido ser paciente e espero que ele me abra a porta. Este rapaz recusa-se a deixar-me abrir as portas. Parece que não entende que tenho mãos.

Quando as minhas sabrinas tocam no chão, o Tucker pega-me na mão e conduz-me à entrada do prédio. Contenho-me para não fazer um milhão de perguntas, porque sei que ele não vai responder, e, de modo obediente, sigo-o para o pequeno átrio, que tem um elevador ainda mais pequeno. Entramos no elevador e subimos até ao décimo andar, percorremos um corredor curto e paramos diante do apartamento 10 C.

O Tucker puxa uma chave do bolso e destranca a porta.

— Quem é que vive aqui? — pergunto.

— Eu.

— O quê? Desde quando?

— Há três dias — admite ele. — Tecnicamente, só me mudo para cá no final da semana, mas chegámos a acordo há três dias.

— Chegámos?

— Eu e o Brody Hollis, o irmão de um colega de equipa.

— Oh. — Estou tão confusa, porque esta semana ele não mencionou uma vez que fosse que se ia mudar para Boston. — E a tua casa em Hastings?

— O contrato termina em junho. Teria de mudar de casa de qualquer forma. — Ele encolhe os ombros. — Fazia mais sentido encontrar uma casa aqui, em Boston. Assim posso estar perto de ti e do bebé. — Estende uma mão. — Queres uma visita guiada?

— Hum. Pode ser. — Continuo um pouco espantada.

O Tucker entrelaça os dedos nos meus e conduz-me pelo apartamento. Embora o exterior do prédio seja um pouco velho, o interior é surpreendentemente agradável. O apartamento tem uma boa luz exterior, pavimentos de pinho e uma estrutura aberta. No fundo do corredor, há três portas que conduzem à casa de banho e a dois quartos.

— Ainda não trouxe as tralhas — diz ele.

Entramos num quarto grande e vazio com uma janela enorme que deixa entrar tanta luz solar, que mais valia estar de óculos de sol.

— A sério? — provoco-o, enquanto admiro o quarto vazio. Aproximo-me da janela e espreito para fora. — Oh, que bom. O teu quarto tem escadas de incêndio.

— E o melhor é que tem um pátio coberto. Só os apartamentos do décimo andar têm acesso ao pátio. Tem um churrasco e muita mobília de exterior.

— Uau, isso é fantástico.

Regressamos à cozinha, onde o Tucker abre o frigorífico para ver o que tem dentro.

— Queres alguma coisa para beber? Há sumo de laranja, leite e água. E cerveja a dar com um pau, mas não podes beber isso.

— Aceito uma água. — Quando ele tira a garrafa e me serve um copo, eu passo uma mão sobre as bancadas imaculadas. — A casa está impecavelmente limpa.

— Uma das qualidades do Brody é que ele gosta das coisas limpas. Porque as miúdas não gostam de ver roupas espalhadas pelo chão.

— Ele tem razão.

— Para tomar uma decisão, este tipo tem de pensar: «Vou conseguir dar uma queca assim?»

Sorrio.

— A previsibilidade pode ser agradável.

— Importas-te de que beba uma cerveja?

— Diverte-te. Onde é que ele está, já agora? No trabalho?

— Sim. Ele trabalha das nove às cinco na Morgan Stanley. Trabalha na área de planeamento financeiro, o que, daquilo que consegui perceber, é basicamente vender anuidades a velhotes.

Bebo um gole de água enquanto o Tucker abre uma cerveja para si. Em cima do balcão ao lado do micro-ondas, há um monte de folhetos coloridos empilhados sobre capas grossas.

— O que é isto? — Passo os dedos por cima da capa de cima, que diz: «Exercício físico. O teu tempo. O tempo dela. Qualquer tempo.»

— Mais folhetos. Trouxe-os no outro dia, quando estava a fazer uma expedição de pesquisa comercial. — Ele dá uma palmadinha na pilha de folhetos e entrega-me um. — Este é sobre o setor da depilação e do tratamento a laser para mulheres. O Hollis disse que é como ser ginecologista sem ter de passar pela Faculdade de Medicina. Vaginas a rodos.

Os meus lábios tremem.

— Ele sabe que só porque está a depilar as partes privadas de uma rapariga isso não quer dizer que possa tocar-lhes, certo?

— Sim, ele sabe. Mas não posso prometer que ele não ofereça o número no fim da sessão.

— Que bom.

Folheio algumas fotografias lustrosas de pernas compridas sem pelos, acompanhadas de letras grossas que anunciam que este laser específico é o melhor do mercado. Hum. Se o Tucker comprar um salão de depilação a laser, talvez me oferecesse os serviços. A minha barriga proeminente já começa a dificultar-me a vida. Sou obrigada a sentar-me para me depilar, porque tenho

receio de tropeçar no chuveiro ao depilar uma perna, tipo flamingo.

O Tucker entrega-me outro folheto.

— Este é o folheto sobre venda de pás. Porta a porta.

Sorrio.

— Isso parece horrível. Dá dinheiro?

— Segundo os documentos do *franchise*, sim, mas tenho as minhas dúvidas.

— Que mais tens?

— Brinquedos sexuais, lavandarias, ginásios e uma batelada de opções com comida. O *fast casual* está na moda.

— Não pareces entusiasmado com nenhum deles.

— Eu sei. — Coloca os folhetos numa pilha e atira-os para dentro do caixote da reciclagem. — Talvez um *franchise* não seja para mim.

Mordisco o lábio inferior e hesito por instantes.

— O que estarias a fazer se não fosse por isto? — Coloco a mão em volta da barriga.

— Seria um engravatado — diz ele. — A minha mãe queria que eu comprasse o negócio do agente imobiliário da cidade…

Mordo o lábio com mais força.

— … mas eu preferia depilar o rabo de um homem qualquer a vender casas em Patterson, por isso podes tirar esse ar ansioso da cara.

O seu olhar incide novamente na minha barriga. Desde a ecografia que ele não para de olhar para ela. Não estou muito melhor. Estou sempre com a mão pousada na curva da barriga ou debaixo dela, e agora a sensação é ainda mais especial por saber que a minha menina está mesmo debaixo da palma da minha mão.

Subo para o banco e faço sinal para que ele se aproxime mais.

— Queres tocar?

— Sempre. — Ele contorna a bancada para se agachar diante de mim, colocando as mãos de cada lado da barriga. — Olá, linda. O papá está aqui. — Olha para mim, com o cabelo castanho-avermelhado despenteado e os olhos castanho-claros cheios de afeto. — Ela já deu algum pontapé?

— Alguns. — Puxo a mão dele para a parte lateral onde a bebé costuma dar pontapés, para ver se sai. — Experimenta aqui.

Ficamos à espera e sustemos a respiração. O Tucker pressiona a mão contra a minha barriga, e o calor da sua palma infiltra-se na minha pele, espalhando-se até todas as terminações nervosas começarem a formigar.

Inapropriado! Ele está a criar ligação com a filha dele, e não a tentar acariciar-te.

Só que… a sensação é boa. Há meses que eu e o Tucker não dormimos juntos. E, ultimamente, só penso em ter sexo com ele.

Claro que foi isso que me deixou neste imbróglio, mas à noite, quando a bebé me mantém acordada, lembro-me da sensação de o ter no meio das minhas pernas. Da sensação das coxas com pelos a arranharem a minha pele quando ele entrava dentro de mim. Lembro-me do seu pénis grosso e da forma deliciosa como a minha vagina se esticava para o receber. Lembro-me dos dentes dele no meu seio até apanhar um mamilo com a boca. Lembro-me de tudo, fico ofegante e sinto a pele sensível.

Os dedos na minha barriga ficam tensos.

— Sabrina — diz ele, bruscamente. — Em que estás a pensar, querida?

O meu olhar distraído incide no rosto dele. Quando lambo os lábios, lembro-me do peso do seu pénis na minha língua.

— Em ti.

A respiração dele fica ofegante.

— Como teu amigo ou como outra coisa?

— Outra coisa — sussurro.

Ele arrasta lentamente as mãos da minha barriga até à parte superior das minhas coxas. As pernas afastam-se involuntariamente, e os seus polegares roçam o elástico das minhas calças de yoga.

— Sê específica — sussurra ele também.

De repente, sou transportada para a primeira noite que passámos juntos, quando ele se sentou na sua carrinha como se fosse um sultão e ordenou que eu reclamasse o que queria.

— Estou a pensar no teu pénis na minha boca.

Ele crava os dedos nas minhas coxas.

— A sério? Porque eu estou a pensar que quero baixar-te as calças e lamber-te aí em baixo, até te tirar toda essa preocupação da cabeça.

A minha região a sul encolhe-se quando ouço as palavras dele.

— Eu… bolas, estou gorda.

— Não. És perfeita. — Depois ele levanta-se e pega-me ao colo.

— Espera. — Contorço-me nos braços dele. — Estou demasiado pesada.

— Só dizes disparates — responde ele e dirige-se à sala de estar sem me largar, deitando-me depois no sofá preto de cabedal.

Guincho em protesto.

— Este é o sofá do teu novo colega de casa!

— O que o meu novo colega de casa não sabe não lhe faz mal. Agora despe-te. Estou com fome, mulher.

Todo o sangue do meu corpo pulsa debaixo do seu olhar ardente. Ficamos a olhar um para o outro por instantes, e depois despimos rapidamente as roupas. Ele tira a camisola e atira-a para a outra ponta da divisão, e eu faço o mesmo com a minha roupa. Em seguida, ele despe as calças e os boxers. Quando tiro o soutien, ele pragueja.

— Cum caraças. — Há uma nota de espanto na sua voz quando se junta a mim no sofá. O seu pénis duro abana a cada passo que dá.

— Eu sei. Cresceram.

Ele ajoelha-se no meio das minhas pernas e estica o braço para me apalpar as mamas pesadas.

— Estão incríveis, porra.

Estremeço quando ele roça o polegar pelos meus mamilos eretos.

— E muito sensíveis — acrescento, ofegante.

Os olhos dele iluminam-se com um brilho diabólico.

— Achas que te vens se os chupar?

— Não faço ideia. — Arrasto uma mão pelo seu cabelo. — Vamos descobrir.

Sem esperar mais, a boca dele prende-se a um seio enquanto a mão aperta o outro. Arqueio o corpo por cima das almofadas devido à forte sucção da boca. Oh, meu Deus. Parece que há uma linha direta entre a língua dele e a minha vagina. Quando ele geme, eu sinto-o em todo o lado. Levanto as ancas do sofá e procuro pressão para aliviar o desejo, mas não encontro nada.

— Fode-me — digo, ofegante.

Ele aterra de rabo e puxa-me para cima dele, sem nunca perder o contacto com os meus seios. Coloco-me em cima dele e tento esfregar o sexo húmido no seu pénis, mas a parva da minha barriga mete-se no caminho e deixo escapar um gemido de frustração.

Em resposta, ele enfia uma mão entre nós. Puxa-me as cuecas para o lado até os dedos encontrarem a minha pele húmida e começa a esfregar. Dois dedos deslizam pelo meu sexo, enquanto o polegar me acaricia o clítoris como a corda de uma guitarra. E, de repente, a sensação é quase demasiado insuportável. Venho-me numa onda apressada de prazer, gemendo o nome dele, e mesmo quando desço do sétimo céu, continua a não ser suficiente. Baixo a mão e afago de modo desesperado o pénis.

— Isto — digo, enquanto solto um gemido. — Quero isto.

— Sim, senhora.

Com um olhar vidrado e faminto, ele despe-me as cuecas e deita-me de costas. Depois agarra no pénis e guia-o para a minha entrada. Respiro fundo quando ele insere a cabeça larga dentro de mim.

Ele para abruptamente.

— Estás bem?

Consigo ver os braços dele a fazerem força quando o desejo ultrapassa o autocontrolo. Mas eu quero sexo à bruta. Quero que ele me relembre que sou bonita, que me deseja e que continuo a abalar o seu mundo.

Enrolo as pernas em volta das ancas dele e tento puxá-lo mais para dentro.

— Estou mais do que bem. Preciso que me fodas. Por favor.

O olhar destemido que lhe perpassa o rosto é avassalador. Ele começa a investir dentro de mim de modo brusco, chegando bem fundo e preenchendo-

me com o pénis dele até eu não saber mais nada. Há muito tempo que não o sinto tão perto de mim. Parece que… estou a regressar a casa.

A sua boca encontra o meu pescoço e a pele suave atrás da orelha. Ele deposita-me beijos húmidos pelo ombro e clavícula. Chupa-me novamente o mamilo, e eu vejo estrelas diante das pálpebras fechadas. Desliza uma mão por baixo do meu rabo, impedindo-me de cair do sofá, e move as ancas, afagando-me até chegar ao ponto que me provoca um gemido.

Ele está imparável, continuando a entrar vezes sem conta dentro de mim. A cabeça do seu pénis estimula os nervos da minha vagina até eu estar a gemer e a contorcer-me.

— Senti a tua falta — diz ele, numa voz embargada. — Muita mesmo.

Não digo o mesmo, porque me esqueci de como se fala. O prazer é demasiado intenso e entorpece-me o cérebro. Ele continua a acariciar-me os seios, um de cada vez. E depois senta-se, agarra-me as ancas e começa a investir com mais rapidez e força do que antes.

O cabedal debaixo dos ombros queima-me a pele. Tenho o cabelo colado ao rosto e estou com dificuldade em respirar, mas nada disso importa, uma vez que estou a deixar-me levar por esta sensação incrível. Tudo o que vejo, tudo o que sei, é *ele*. A sensação do seu corpo, quanto o meu corpo o deseja, quanto o meu coração bate por ele.

Como estou perdidamente apaixonada por ele.

— Vem-te para mim — diz ele. — Vem-te na minha pila, Sabrina.

O prazer acumula-se dentro de mim até finalmente explodir, destruindo a minha compostura e derretendo o meu corpo. O Tucker deixa cair a cabeça para trás e geme ao atingir o clímax, enquanto eu permaneço debaixo dele totalmente destruída.

Não sei onde é que ele arranja força para se levantar e ir à cozinha. Estou demasiado fraca para fazer qualquer coisa que não seja murmurar um agradecimento, quando ele regressa com folhas de papel molhadas e limpa delicadamente a humidade que escorre pela minha coxa.

Antes que eu consiga protestar, ele junta-se novamente a mim no sofá e atira

um cobertor por cima dos nossos corpos nus. Coloca um braço sob a minha cabeça e aninha-me no calor dele, enquanto eu rezo para que este não seja o dia em que o Brody Hollis decide vir mais cedo para casa do trabalho.

Enquanto o Tucker me afaga o cabelo, as palavras afetuosas que assentam como chumbo na minha garganta lutam para sair, mas eu engulo-as. Foi apenas sexo. Precisávamos ambos de sexo, só isso. Não posso alimentar esperanças, nem posso confiar nos meus próprios sentimentos, não com as hormonas descontroladas da gravidez a circularem no meu sangue.

Aninho-me no seu corpo humedecido de suor. Isto chega-me. O que quer que seja que ele me possa dar chega-me. Não peço mais.

— Sobre o que é que tu e a médica estavam aos cochichos quando eu cheguei? — acabo por perguntar.

Ele ri-se.

— Sobre isto.

— Isto?

— Sim, *isto*. — Ele enfia a mão debaixo do cobertor e belisca-me um dos mamilos. — Perguntei-lhe se podíamos fazer sexo.

Fico de queixo caído.

— Pediste permissão à nossa obstetra para fazeres sexo comigo?

— Queria garantir que não ia magoar a bebé — protesta ele. — Credo. Peço desculpa por ser um pai preocupado.

Não consigo deixar de sorrir.

Ficamos os dois descontentes quando o telemóvel vibra. É o dele e, com relutância, ele inclina-se sobre a parte lateral do sofá para procurar as calças. Puxa o telemóvel e, depois de se aninhar ao meu lado outra vez, passa um dedo sobre o ecrã para ler a mensagem.

A sentir-me curiosa — pronto, estou mesmo a querer meter o bedelho —, espreito o ecrã.

E solto um grito de horror.

Sento-me e arranco o telemóvel da mão do Tucker.

— Oh, meu Deus! — grito. — O que é isso?

28

Tucker

Sei que não me devia rir. A mãe da minha filha está transtornada. A última coisa que devo fazer é rir-me dela, mas a expressão de horror no seu rosto é impagável.

— Tucker! — Ela dá-me um soco no ombro. — Para de te rir e diz-me que raio é isto.

Olho de relance para a fotografia e rio-me novamente.

— É um aconchego — justifico.

A Sabrina dá-me novamente um soco.

— O Logan — respondo, com um soluço estrangulado. — Ele fez isto para a bebé. É o teste do aconchego.

— Juro por Deus, Tuck, que se não começas a fazer sentido, vou enviar esta fotografia à polícia e dizer-lhes que sou vítima de um crime de ódio.

Começo a soluçar de modo incontrolável.

— Tucker!

Lá consigo sentar-me por entre as gargalhadas. Passo um minuto inteiro a tossir para acalmar as risadas. Depois olho para o boneco de peluche que está no ecrã.

Acho que é suposto ser um ursinho, mas, durante o processo, a coisa deu para o torto. A costura parece saída de um filme do Tim Burton. Um dos olhos é composto por um botão e o outro tem um X ao estilo assassino em série cosido com linha preta. Há um pedaço de pelo a faltar na parte lateral da

cabeça, e os braços e as pernas têm tamanhos diferentes.

Debaixo da fotografia, o Logan escreveu:

«A Grace acha que isto vai assustar a bebé. Está enganada, certo?»

Ela não está enganada.

— Porque é que o Logan nos fez uma coisa destas? — inquire a Sabrina.

Rio-me.

— Ele quer ser o padrinho.

— Começa a fazer sentido!

Controlo outra vaga de gargalhadas e apresso-me a clarificar.

— Ele e o Garrett querem ser o padrinho da bebé. Eu fiz uma piada parva sobre eles competirem pelo título e eles decidiram que era uma ótima ideia. Por isso, agora andam a competir.

A Sabrina arqueia uma sobrancelha.

— E alguma vez te passou pela cabeça que eu posso não querer que algum deles seja o padrinho da bebé?

— Claro que sim. Deduzi que, mais tarde ou mais cedo, iríamos falar sobre o assunto, mas, para ser sincero, acho que o Garrett e a Hannah dariam padrinhos incríveis.

— Vão ter de competir com a Hope e a Carin. Mas já excluíste o Logan?

O meu olhar incide novamente no telemóvel.

— Hum. Sim.

Ela finalmente esboça um sorriso.

— Tudo bem. Então como funciona a competição deles?

Suspiro.

— É complicado. Uma parvoíce complicada.

— Isso não me surpreende nem um pouco — diz ela, animada.

— Diria que há cinco categorias. Cada uma delas vai ser criada para mostrar uma aptidão parental necessária. — Credo. Nem acredito que estou a dizer isto. Já tive de ouvir a explicação ridícula do Logan. Sinto que estou a apoiar esta parvoíce ao repeti-la.

Contudo, a Sabrina parece fascinada.

— Quais são as categorias?

Ponho-me a matutar.

— Aconchego. Desenrasque sob pressão. Sistema de apoio sólido. Hum… finanças. E… merda, não me lembro da última.

— Como é que comprar um animal de peluche é um sinal de aconchego?

— Comprar? Querida, essa criatura foi feita à mão. Eles compraram *kits* para fazer o próprio animal de peluche.

Ela fica boquiaberta.

— Oh, meu Deus. Isso é… dedicação.

— São jogadores de hóquei. Faz parte do nosso ADN.

— Como é que eles sabem quem vence? Recebem pontos?

— Tenho de escolher um vencedor para cada categoria. — Porque, pelos vistos, os meus amigos me odeiam.

— Mostraram-te os recibos de vencimento para determinar quem vence no departamento das finanças? — pergunta ela, secamente.

— Não. Mas essa categoria é uma chatice, porque eles vão os dois jogar para os profissionais. O mesmo acontece com o sistema de apoio, por isso recuso-me a escolher entre a Hannah e a Grace. Gosto de ter os tomates no sítio onde estão.

Ela ri-se.

— Então quem vence na categoria aconchego?

— A não ser que o Garrett decida coser algo ainda mais aterrador do que aquilo — aponto para o telemóvel com o polegar —, tenho a certeza de que ele vai vencer esta ronda.

— Os teus amigos são estranhos como o raio, Tucker. Sabes disso, certo?

— Sei bem disso. — Hesito por instantes. — Amanhã de tarde vais trabalhar para o posto dos correios?

— Não. Porquê?

— Queria que viesses a minha casa para me ajudar a empacotar alguns pertences. Os rapazes também vão lá estar. E a Hannah, a Grace e talvez a Allie. Aluguei uma carrinha de mudanças, por isso todos vão ajudar-me a

carregar a mobília que vou levar comigo. — Apresso-me a acrescentar: — Como é óbvio, não vou deixar que pegues em nada pesado, mas lembrei-me de que podias ajudar com as coisas leves, tipo roupas. Vamos encomendar algumas pizzas, por isso vai haver comida… — Deixo que a palavra «comida» paire de modo aliciante, porque sei que ultimamente ela anda com um apetite voraz.

Mas a Sabrina franze a testa com relutância.

— Tens a certeza de que não se vão importar se eu for?

— Claro que não. Eles querem mesmo conhecer-te. A Wellsy estava a dizer no outro dia que era uma pena tu nunca vires.

— A Wellsy? — pergunta ela, sem perceber.

— A Hannah. O apelido dela é Wells, por isso o Garrett trata-a por Wellsy. — De repente, fico incomodado por estar com a Sabrina desde o inverno e ela não saber quase nada sobre os meus amigos mais chegados.

— Não sei, Tuck…

— Por favor? — Lanço-lhe o meu sorriso mais convincente. — Seria muito importante para mim.

— Oh. — A expressão dela derrete como manteiga ao sol. — Está bem. Eu vou.

A Sabrina mantém-se fiel à sua palavra e aparece em minha casa por volta das duas da tarde no dia seguinte. Quando ela chega, quase leva com o colchão que o Logan e o Fitzy estão a carregar para a carrinha das mudanças. Está aqui uma balbúrdia dos diabos.

Afasto-a do perigo e deposito-lhe um beijo nos lábios.

— Olá, querida. Obrigado por teres vindo.

Um rubor sobe-lhe pelas faces quando ela percebe que a Hannah e a Grace estão mesmo atrás de mim e que viram o beijo. Já eu estou-me a marimbar se elas nos veem a fazer sexo contra a porcaria da parede. A Sabrina está linda, com um vestido azul com estampado floral e o cabelo escuro apanhado num rabo de cavalo baixo. Nos últimos meses, as faces dela andam sempre

ruborizadas, o que lhe confere aquilo a que chamam brilho especial de gravidez.

— Olá — diz ela, com um tom de voz estranhamente acanhado.

Apresento-a às raparigas. Elas cumprimentam-na calorosamente, e a Sabrina rapidamente se mostra confortável ao pé delas. Pelos vistos, ela já conhece a Hannah do restaurante, e a Grace tem o hábito engraçado de divagar quando está nervosa, por isso começa a falar pelos cotovelos com a Sabrina antes de as apresentações acabarem.

— Queres beber alguma coisa? — ofereço, guiando-a para a cozinha enquanto a Hannah e a Grace seguem atrás de nós.

— Não, estou bem. Põe-me a trabalhar.

— Íamos agora fazer uma pausa. O Fitzy apareceu mais cedo do que o combinado e tem de se ir embora daqui a uma hora, por isso já tirámos a mobília toda do meu quarto. Só falta esvaziar o roupeiro e as gavetas. — Aponto com a cabeça para uma cadeira. — Senta-te. Queres água?

— Pode ser.

Quando a Hannah e a Grace se juntam a ela à mesa, não deixo de reparar que os olhares delas não param de incidir na barriga da Sabrina. É notório que ela está grávida, mas a barriga ainda não se assemelha a uma melancia. Talvez a uma bola de futebol?

De qualquer forma, é a minha filha que está ali e, sempre que penso nisso, o meu peito enche-se de orgulho. A minha filha. Bolas. A vida é estranha, imprevisível e completamente incrível.

— Como te sentes? — pergunta a Hannah à Sabrina. — Continuas a ter enjoos matinais?

— Não, já pararam há uns meses. Ultimamente, ando só cansada e com fome, e estou sempre a correr para a casa de banho. Ah, e é cada vez mais difícil conseguir ver os pés. O que, provavelmente, vem a calhar, porque acho que estão tão inchados que duplicaram de tamanho.

— Oh, que porcaria — diz a Grace, compadecida. — Mas pelo menos vais ter um milagre amoroso e com bochechas rechonchudas que vai compensar

toda a dor e sofrimento. É uma boa troca, não?

— Ah! — A Sabrina esboça um sorriso. — E se eu te ligar às três da manhã quando o meu milagre com bochechas rechonchudas estiver a gritar desalmadamente, e depois aí dizes-me se é uma boa troca.

A Hannah ri-se.

— Ela tem razão, Gracie.

Entrego um copo de água à Sabrina e depois inclino-me sobre o balcão e sorrio, enquanto as raparigas continuam a gracejar sobre todas as coisas «maravilhosas» que eu e a Sabrina podemos esperar: privação de sono, mudança de fraldas, cólicas e rompimento dos dentes.

Para ser sincero, nada disso me assusta. Se não temos de nos esforçar por algo, então como é que podemos ter a recompensa?

Ouço passos a aproximarem-se da cozinha. O Garrett entra e limpa o suor da testa. Quando repara na Sabrina, fica radiante.

— Oh, ainda bem que estás aqui. Espera… vou buscar uma coisa.

Ela vira-se para mim como se pretendesse perguntar: *Ele está a falar comigo?*

Ele já saiu, apesar de continuarmos a ouvir os seus passos a ressoarem nas escadas.

Na mesa, a Hannah passa uma mão pelo cabelo e lança-me um olhar suplicante.

— Lembra-te de que ele é o teu melhor amigo, está bem?

Isto não me cheira bem.

Quando o Garrett regressa, traz um caderno e uma esferográfica na mão, que depois coloca sobre a mesa para se sentar em frente da Sabrina.

— Tuck — diz ele. — Senta-te. Isto é importante.

Estou bastante confuso. A expressão resignada da Hannah não ajuda a diminuir a confusão.

Depois de me sentar ao lado da Sabrina, o Garrett abre o caderno, com uma atitude profissional.

— Pronto. Vamos falar sobre os nomes.

A Sabrina arqueia uma sobrancelha na minha direção.

Encolho os ombros, porque, para ser sincero, não faço ideia de que raio ele está a falar.

— Criei uma lista sólida. Acho mesmo que vão gostar destes. — Mas quando ele olha para a página, o rosto dele desaba. — Oh, merda. Não podemos usar os nomes de rapaz.

— Espera. — A Sabrina levanta uma mão com a sobrancelha arqueada. — Andas a escolher nomes para a nossa bebé?

Ele acena com a cabeça, entretido a folhear as páginas.

A mãe da minha filha olha para mim, admirada.

Encolho novamente os ombros.

— Só por curiosidade, quais eram os nomes de rapaz? — pergunta a Grace, claramente a conter um sorriso.

Ele anima-se novamente.

— A primeira escolha era Garrett.

Rio-me tão alto que fico admirado por o copo de água da Sabrina não abanar.

— Hum-hum — digo, alinhando na brincadeira. — E qual era a segunda escolha?

— Graham.

A Hannah suspira.

— Mas não há problema. Os nomes de rapariga também são bons. — Ele bate com a esferográfica no caderno, olha-nos nos olhos e murmura duas sílabas. — Gigi.

Fico de boca aberta.

— Estás a gozar comigo? Não vou chamar *Gigi* à minha filha.

A Sabrina fica perplexa.

— Porquê Gigi? — pergunta ela, lentamente.

A Hannah suspira outra vez.

De repente, o nome faz sentido na minha cabeça. Oh, por amor de Deus.

— G.G. — murmuro para a Sabrina. — De Garrett Graham.

Ela fica calada por instantes. Depois desata-se a rir, arrancando gargalhadas à Grace e depois à Hannah, que continua a abanar a cabeça na direção do namorado.

— O que foi? — responde o Garrett em modo defensivo. — O padrinho devia ter voto na matéria. Está no livro das regras.

— Que livro das regras? — pergunta a Hannah. — Tu é que inventas as regras!

— E daí?

— Além disso, ainda não foste convidado para padrinho — comento com um sorriso, quando o Fitzy e o Logan estão a entrar na cozinha. Aponto um polegar na direção do Logan. — Este palerma continua na corrida.

— Por acaso — o Garrett lança-nos um sorriso —, o Logan está fora da corrida.

Viro-me na cadeira para olhar para o nosso colega de equipa.

— Desde quando?

O Logan mostra imediatamente uma expressão desolada.

— Decidi sair — murmura ele. — É uma grande responsabilidade.

Ouve-se uma risada alta vinda do Garrett.

— Decidiste desistir? É isso que lhe vamos chamar?

O Logan lança-lhe um olhar irritado.

— É o que lhe vamos chamar porque é verdade.

— Ah, sim? — O Garrett põe-se de pé. — Já volto.

Eu e a Sabrina trocamos olhares admirados quando ele sai da cozinha. Ouço-o a movimentar-se na sala de estar. Minutos depois, ele emerge e levanta as mãos diante do rosto do Logan.

— Então, como é que explicas *isto*?

A Sabrina grita de horror.

Já eu fico bastante curioso em saber porque é que o Garrett está a segurar um boneco recém-nascido minúsculo.

Que, já agora, está sem cabeça.

— Trouxeste-o para casa? — O Logan parece furioso.

— Podes crer que trouxe. Que uso lhe dariam lá? Não tem cabeça, meu.

— «Lá» onde? — pergunto, cuidadosamente, apesar de não saber se quero ter a resposta.

— Na reanimação cardiopulmonar de recém-nascidos — explica o Garrett. — Fizemos um curso no centro de saúde do *campus* esta manhã.

— Reanimação cardiopulmonar de recém-nascidos? — A Sabrina abana a cabeça, atónita.

— Era o teste do desenrasque sob pressão. — O Garrett esboça um sorriso presunçoso. — Em que ele falhou. Já eu passei com distinção.

— A culpa é minha por não conhecer a minha própria força? — protesta o Logan.

— Sim! — responde o Garrett, desatando-se a rir. — A culpa é toda tua. — Ele levanta a boneca e agita-a num gesto provocador. — Mostra-me na boneca onde está o teu cérebro. Oh, pois é, não consegues. Porque a decapitaste.

A Sabrina vira-se para mim.

— Podemos subir para empacotar as coisas?

— Vocês estão a assustar a Sabrina — resmunga a Hannah aos dois idiotas implicativos. — Amor, guarda a boneca. E, Logan, lembra-me de nunca te pedir que tomes conta dos meus filhos um dia. — Com aquele comentário, ela centra novamente a atenção na Sabrina. — Pronto, deduzindo que Gigi está fora de questão, que outros nomes têm em mente?

Eu e a Sabrina trocamos outro olhar.

— Ainda nem falámos sobre isso — admite ela.

— Há algum nome de que gostem no geral?

A Sabrina pondera na pergunta dela.

— Gosto do nome Charlotte.

— Oh, adoro! — exclama a Grace. — Charlotte Tucker. Soa bem.

— Charlotte James — corrige a Sabrina.

Olho para ela.

— O apelido vai ser Tucker.

— Não, não vai. Vai ser James.

— E que tal Tucker-James? — pergunta o Fitzy enquanto tira uma cerveja do frigorífico.

— Não — respondemos ao mesmo tempo. Não porque sejamos contra nomes com hífenes, mas porque somos dois imbecis teimosos.

Não sabia que fazia tanta questão de que a minha filha tivesse o meu apelido, mas faço. Caramba, se dependesse de mim, a Sabrina também teria o meu apelido. Mas para isso teríamos de nos casar, e para isso eu teria de a pedir em casamento, e tenho a certeza de que ela fugiria para outro continente se eu o fizesse. Podemos andar a fazer sexo novamente, mas eu consigo perceber que ela rejeita a ideia de termos um relacionamento.

Por algum motivo que desconheço, a tontinha pensa que tem de fazer tudo sozinha.

— Está bem. — A Hannah sorri. — E que tal se adiarmos a discussão do primeiro nome até estar resolvida a questão do apelido?

Parece uma boa ideia. A última coisa que quero fazer é discutir com a Sabrina em frente dos meus amigos.

— Vamos para cima empacotar algumas coisas — digo à Sabrina.

Ela acena com a cabeça e deixa que eu a ajude a levantar-se da cadeira.

De cima da bancada, a expressão do Garrett torna-se triste.

— Não acredito que vais sair daqui.

Reviro os olhos.

— Vocês também vão sair.

— Sim, mas só daqui a duas semanas.

Reparo que o Logan está igualmente cabisbaixo com a ideia de eu me ir embora hoje. Eles queriam organizar-me uma festa de despedida, mas eu recusei, porque, tecnicamente, isto não é uma despedida. Só me vou mudar para Boston, e eles também se vão mudar para lá daqui a uns meses.

Já o Dean vai mudar-se para Nova Iorque. Desistiu da ideia da Faculdade de Direito e arranjou um emprego como professor numa escola preparatória. A Allie conseguiu um papel num programa televisivo com gravações em Manhattan, por isso acho que a ideia é morarem juntos.

Para ser sincero, por um lado estou triste e por outro estou aliviado por o Dean se mudar para outro estado. Ele não tem mostrado grande apoio à minha paternidade, mas continua a ser um dos meus melhores amigos.

— Já decidiram quem vai ficar com o quarto principal?

O Garrett está a falar com o Fitzy, que encolhe os ombros tatuados.

— Eu. Como é óbvio.

— Não sei — alerta o Logan. — O Hollis e o caloiro vão tentar competir por ele.

O Fitzy arqueia uma sobrancelha e depois flete os bíceps grandes.

— Que venham.

Contenho uma gargalhada. Sim, o Hollis e o Hunter não têm hipótese contra o Colin Fitzgerald. Se bem que, tendo em conta que ele é uma pessoa reservada, continuo admirado por ter concordado em dividir a casa com eles. Deduzi que ele procuraria uma casa sozinho, mas acho que o Hollis lhe deu a volta.

Eu e a Sabrina subimos para o piso de cima, onde eu perscruto o quarto vazio. A cama já foi retirada e não há lugar para nos sentarmos. Reparo que a Sabrina está a esfregar o fundo das costas, por isso faço uma nota mental para a impedir de ficar demasiado tempo em pé.

— Pronto — diz ela num tom de voz decidido quando abre a porta do roupeiro. — Queres que dobremos tudo em condições? Ou podemos simplesmente atirar para dentro das caixas?

— Quais caixas? — Arrasto uma caixa cheia de sacos do lixo. — As roupas vão para aqui.

— Oh, meu Deus. És mesmo gajo.

— Sou? — Sorrio, passo a mão pelos abdominais e depois aperto o instrumento por cima das calças. — Queres inspecionar o material para ter a certeza?

— Chamaste-me aqui para empacotar ou para pinar?

— Ambos?

Ela abarca o quarto com uma mão.

— Não há cama.

— Quem precisa de cama?

— O meu pobre corpo de grávida precisa — responde a Sabrina com um sorriso autodepreciativo.

— Que tal assim? — contraponho. — Vamos empacotar as coisas o mais depressa que conseguirmos, e depois eu sigo-te até Boston e podemos dar uma valente queca na tua cama grande e confortável.

Ela põe-se em bicos de pés e deposita um beijo nos meus lábios.

— Combinado.

Sabrina

Estava nervosa por passar tempo com os amigos do Tucker, mas, na verdade, não tinha motivo de preocupação, porque eles são incríveis. É fácil conversar com a Hannah e a Grace. O Garrett e o Logan são hilariantes e muito mais relaxados do que julgava. Quero dizer, são jogadores de hóquei lindos de morrer. Não podem ser todos extremamente convencidos como…

— Precisamos de conversar.

Como *este* rapaz.

Fico hirta quando o Dean Di Laurentis surge junto à soleira da porta. O Tucker acabou de sair para se despedir do Fitzy, deixando-me sozinha a esvaziar a última gaveta da cómoda, mas eu paro o que estou a fazer quando o Dean entra e fecha a porta atrás de si.

Basta-me vê-lo para ficar irritada. Não é justo que alguém tão idiota seja tão ridiculamente atraente. De modo objetivo, o Dean é provavelmente o rapaz mais bonito que vi fora de um ecrã de cinema. Tem cabelo loiro, feições cinzeladas como as de um modelo e um corpo espetacular. E é tremendamente charmoso; foi assim que me levou para a cama. Quero dizer, assim e com os três daiquiris que eu bebi. Até podia ter dormido com ele mais uma vez, se não tivesse descoberto que ele andava enrolado com a professora assistente

em troca de boas notas.

— Precisamos? — pergunto. — E sobre o que é que precisamos de falar, Riquinho?

Ele encolhe-se, como costuma fazer quando uso a alcunha de troça. Apelidei-o de Riquinho depois de descobrir que ele usa o dinheiro e a beleza para subir na vida.

— Sabes bem sobre o que é que precisamos de conversar.

Franzo o sobrolho.

— Se te referes a *isto* — aponto para a barriga —, não há nada para conversar. Eu e a minha bebé não somos contas do teu rosário.

— O Tucker é — diz ele, calmamente, cruzando os braços diante do peito musculado. — Caramba, Sabrina, sempre soube que eras uma miúda ambiciosa, mas não achei que fosses egoísta.

A raiva sobe-me à garganta.

— Uau. O Beau sempre me tentou convencer de que eras um tipo às direitas, mas estava claramente enganado.

O Dean suspira.

— Deixa o Beau fora disto. Estamos a falar sobre ti e o Tuck.

— Queres mesmo discutir com uma grávida agora? Porque estou a avisar-te de que as minhas hormonas andam em polvorosa. Sou capaz de te arrancar os olhos.

Ele mostra-se indiferente.

— Estás a arruinar a vida do rapaz. Achas mesmo que vou ficar de braços cruzados e ver-te fazer isso?

Cerro os dentes, fecho a gaveta da cómoda com força e imito a pose dele, cruzando os braços com firmeza sobre os seios fartos.

— O Tucker já é crescido. E também é o pai desta bebé. Se ele quer ajudar a criá-la, não posso impedi-lo.

A frustração ensombra-lhe o rosto.

— Isto vai estragar-lhe a vida. Não percebes isso? Ele está a desistir de tudo pelo qual lutou por uma miúda que nem sequer o ama.

O meu queixo quase toca no chão. Quem é que ele julga que é para me dizer uma coisa destas?

— O que te leva a pensar que não o amo? — respondo em jeito de desafio.

— Porque se o amasses, então já terias um anel no dedo. O Tuck não faz as coisas pela metade. Ele ama-te, vais ter uma filha dele e se, por um momento que fosse, ele achasse que tu também o amavas, estarias a casar-te na Conservatória antes de essa criança nascer. Em vez disso, vai ficar em Boston, quando já desde o primeiro ano fala em voltar para o Texas…

Sinto um ardor de culpa na garganta. Forte.

— … e agora vai aceitar o primeiro emprego que encontrar, em vez de abrir um negócio para o qual perdeu tempo a pesquisar e a projetar. — O Dean abana a cabeça. — Não vês isso?

Vacilo. Ele tem razão. O Tucker não faz as coisas pela metade. E, no entanto, aqui está ele a mudar-se para a casa de um rapaz que mal conhece, a considerar *franchises* pouco interessantes dos quais não gosta, e tudo porque uma noite eu fiquei dominada pelo desejo e me esqueci de que, para engravidar, «só a ponta» é tão eficaz quanto ter um rapaz a ejacular dentro de mim.

Ele está a mudar a vida toda por mim. Está a mudar os objetivos, os planos e o estilo de vida para cuidar desta bebé. E sou eu quem está a obrigá-lo a fazer isso.

Apesar da ameaça que fiz de arrancar os olhos do Dean, já não me sinto feroz. Sinto-me… destroçada.

Tão destroçada que não consigo travar o soluço que se desprende de mim. Tão destroçada que desmorono mesmo em frente do maldito Dean Di Laurentis.

Deixo-me cair no chão e enterro o rosto nas mãos, chorando com tanta força que nem consigo respirar. Tento fazê-lo enquanto as lágrimas quentes me escorrem pelas faces e me molham as palmas das mãos. Pareço uma desgraça grávida e patética, e não paro de tremer. Só quando uma mão firme me toca no ombro é que percebo que o Dean está sentado no chão ao meu lado.

— Merda — murmura ele, parecendo tão desesperado quanto eu. — Não era minha intenção fazer-te chorar.

— Eu mereço chorar — respondo entre soluços estrangulados.

— Sabrina… — Ele volta a tocar-me no ombro.

— Não! — Afasto-me da sua mão e fico a olhar para ele com os olhos rasos de lágrimas. — Tens razão, está bem? Estou a estragar a vida dele! Achas que estou feliz com esta situação? Porque não estou! — Engulo em seco rapidamente, tentando lembrar-me de como se respira. — Ele é bondoso, querido e incrível, e não merece ter o mundo virado de pantanas desta forma! Ele devia estar a fazer planos e a aguardar com expectativa o fim da faculdade e por começar um novo capítulo na sua vida e, em vez disso, parece que a vida dele acabou, porra! O melhor rapaz de todo o planeta vai ser obrigado a lidar comigo, *para sempre*, por causa daquilo que era suposto ser um caso de uma noite!

Concluo, ofegante, e limpo viciosamente as lágrimas. Ao meu lado, o Dean parece total e completamente abismado.

— Bem — diz ele, por fim —, tu ama-lo afinal.

Deixo cair a cabeça.

— Sim.

— Mas não lhe disseste.

— Não.

— Porque não?

— Porque… — O meu rosto abate-se novamente. — Porque estou a tentar simplificar isto ao máximo para ele. O amor complica as coisas, e as coisas já estão complicadas que cheguem. E…

— E o quê? — pergunta o Dean.

E não sei se ele também me ama.

Às vezes, acho que sim, mas, no meu íntimo, há sempre uma réstia de dúvida. Não sei se o Tucker quer ficar comigo porque me ama ou porque acha que devemos ficar juntos para bem da bebé.

— Não importa — digo, secamente. — Tens razão. Esta bebé está a estragar

os planos dele. — Limpo novamente o rosto. — O mínimo que posso fazer é garantir que não estraga mais do que o necessário. Eu vou assumir a maior parte da responsabilidade. Assim, ele vai ficar com muito tempo livre para poder abrir um negócio de que goste.

O Dean hesita.

— E Harvard?

— Vou na mesma. — A amargura junta-se à mágoa que se prende à minha garganta. — Não te preocupes, vais ter mais três anos para me odiar e para me chamar cabra.

— Por acaso, não vou frequentar essa faculdade — confessa ele.

Franzo o sobrolho.

— Desde quando?

— Aceitei um emprego como professor numa escola privada em Manhattan. — Ele encolhe os ombros. — Cheguei à conclusão de que a advocacia não é a área que quero seguir.

— Oh. — Questiono-me por que motivo o Tucker não me contou isso, mas diria que não me surpreende. Ele já admitiu que o Dean não tem sido grande apoio com a questão da bebé.

— Depois de o Beau morrer — começa o Dean, mas a voz falha-lhe e ele cala-se para pigarrear. — Depois de ele morrer, eu passei uns tempos perdido. Mas depois saí do buraco onde me enfiei e retomei o controlo da minha vida, percebes?

Aceno com a cabeça lentamente. A Joanna Maxwell fez a mesma coisa. E eu também. A morte do Beau fez-me perceber como a vida é importante e como pode ser curta. Questiono-me se abriu os olhos de todos os que o conheciam e que gostavam dele.

— Também mudou a minha forma de ver a vida — confesso.

É a vez do Dean de acenar com a cabeça.

— Dá para ver. — Ele cala-se. — Às vezes, nem acredito que tu e eu nos enrolámos. Parece que foi há uma eternidade.

Consigo soltar uma gargalhada.

— Sim.

— Amas mesmo o Tuck, hã?

— Amo.

Ele deixa escapar um suspiro pesado.

— Devias dizer-lhe.

— Não. — Engulo em seco. — E também não lhe vais dizer nada.

— Ele precisa de saber…

— Não — repito, desta vez com mais firmeza. — Estou a falar a sério, Dean. Não lhe digas nada. Deves-me isso.

Os olhos dele brilham de divertimento.

— Como assim?

Empino o queixo.

— Não merecias aquele 18 em Estatística no segundo ano.

— Ah. Então ficar de bico calado é o meu castigo pela nota que não mereci?

— Com que então admites que não mereceste!

— Claro que admito. — O seu tom de voz revela-se atormentado. — Acredita em mim, fiz tudo o que podia para que o professor me reprovasse.

— Tretas.

— É verdade. Depois de ter tido boa nota no projeto que fizemos os dois e de só teres tido um 14, cheguei à conclusão de que a professora assistente andava a subir-me as notas. Pedi ao professor que revisse os meus exames e os trabalhos e, afinal de contas, eu devia ter sido reprovado à cadeira.

— Oh, meu Deus. Eu sabia. — Se bem que não me sinto tão satisfeita quanto achava que sentiria. De repente, a minha desavença com o Dean parece pouco importante. E, tal como ele disse, é como se tivesse acontecido há uma eternidade.

— Bem, eu não sabia — diz ele, sinceramente. — Sei que achas que andava a comer a professora assistente por causa das notas — esboça um sorriso —, mas, na verdade, andava a comê-la porque ela tinha um peito incrível e um rabo jeitoso.

Finjo vomitar antes de adotar uma expressão séria.

— Porque é que nunca me disseste isso?

Ele ri-se.

— Porque não somos amigos.

Rio-me.

— É verdade. — Fico a matutar. — Talvez esteja na hora de fazermos umas tréguas.

— Credo. O Inferno congelou ou quê?

O embaraço provoca-me cócegas na barriga.

— És um dos melhores amigos do Tucker. Vou ter uma filha com ele. Faz sentido tentarmos coexistir.

— Faz sentido — concorda ele.

O Dean levanta-se e estende-me uma mão.

Hesito por um segundo e depois permito que ele me ajude a levantar-me.

— Obrigada.

Segue-se um silêncio embaraçoso, que eu não tento preencher com conversa. Ainda não estou convencida de que o Dean não seja um *playboy* superficial, e tenho a certeza de que uma parte dele continua a achar que eu sou uma cabra. Mas a hostilidade acabou e, embora nunca venhamos a ser melhores amigos, sei que o Tucker vai ficar contente se eu fizer um esforço por me dar com o Dean.

É o mínimo que eu posso fazer, tendo em conta o que o Tucker sacrificou por mim.

29

Sabrina

Junho

— Caramba, os bebés precisam de muita tralha. — A Carin entra no meu quarto carregada com três sacos. — Acho que a tua bebé tem mais roupa do que a Hope.

— Não é possível — diz o namorado da Hope, que convencemos a trazer o berço que comprei numa venda de garagem em Dunham.

Ele e o Tucker montam as peças e olham em redor do espaço exíguo.

— Caberá tudo aqui? — pergunta o D'Andre, sem certezas.

Passo uma mão pela barriga. Já não parece caber mais nada. Nem sequer as minhas roupas. Nem os meus sapatos. E agora, nem o berço. O meu quarto tem espaço para uma escrivaninha e uma cama, mas não uma escrivaninha, uma cama e um berço.

Suspiro.

— Acho que vou ter de tirar a escrivaninha.

O Tucker fica de boca calada, mas eu vejo a frustração espelhada nos seus olhos. Já discutimos este assunto. Ele quer que eu saia daqui, mas eu recuso-me.

Criámos uma rotina agradável neste último mês, na qual eu tenho feito exatamente o que disse ao Dean que faria: tentar facilitar o mais possível a vida ao Tucker.

Não lhe peço nada. Não deixo que ele pague nem que divida os custos dos produtos de bebé que ando a comprar. Não lhe ligo a meio da noite quando a bebé não para de dar pontapés e me mantém acordada e sinto uma dor insuportável nas costas. E certamente não vou concordar em mudar-me para um apartamento com ele. Nunca teria dinheiro para arrendar um apartamento em condições, e precisamos de dividir as despesas ou isto nunca vai funcionar.

Mesmo assim, pedir ao John Tucker que não ajude é como pedir ao Sol que não se ponha. Ele vai às consultas com a médica, faz-me massagens nas costas e nos pés sempre que estamos deitados no sofá, lê o máximo de livros de bebé que consegue e está sempre a comprar-me docinhos: uma embalagem de gelado de bolacha, uma embalagem de *Oreos* com recheio duplo e um frasco de azeitonas. Comecei a guardar para mim os meus desejos aleatórios, porque basta sugerir que algo parece apetitoso para que o Tucker se meta na carrinha e vá ao supermercado.

— Onde vais estudar? — pergunta a Carin, alarmada.

O D'Andre resmunga e tenta agarrar melhor o berço.

— Na cozinha — respondo. Aponto para a porta do roupeiro e peço aos rapazes que pousem as peças. — Ali, e depois acho melhor pormos esta escrivaninha na rua, na esperança de que alguém a leve.

Quando os dois homens tentam levar as peças do berço para dentro do quarto, eu começo a limpar as gavetas da escrivaninha e a pousar os papéis em cima da cama. A Carin aproxima-se para ajudar.

— Boa decisão a de irmos a Dunham — digo ao Tucker. Foi ideia dele ir àquela cidade, que fica a vinte minutos de Boston.

Ele encolhe os ombros como se não fosse nada de especial.

— Vi as casas lá e a mais barata custava seis dígitos. Presumi que encontraríamos coisas boas.

— O que andavas a fazer em Dunham? — pergunta o D'Andre.

— À procura de alguns negócios que estivessem à venda. Vou comprar um com o dinheiro do seguro do meu pai. — O Tucker agacha-se ao meu lado e começa a montar as peças do berço.

— Encontraste alguma coisa interessante?

— Muitos *franchises*, mas nada que me parecesse adequado. Não consigo imaginar-me a preparar sanduíches para o resto da vida, mesmo que renda dinheiro. Podia comprar algumas propriedades para arrendar. Dá um dinheiro estável.

O D'Andre acena com a cabeça.

— Sim. Também poderias encarregar-te da maior parte da manutenção. O que mais viste?

— Que esteja dentro do que quero gastar? Sobretudo pequenos negócios. Há alguns ginásios, muitos restaurantes e algumas outras coisas que penso que vão ser um desperdício de dinheiro.

— Tens de encontrar um negócio de que gostes.

— Claro. — O Tucker põe-se de pé. — Vou buscar o resto das tralhas à carrinha.

Aceno com a cabeça, distraída, enquanto ele se retira. Esvaziamos rapidamente a escrivaninha. Eu e a Hope começamos a transportá-la, mas o D'Andre aproxima-se e afasta-me para o lado.

— Estás a gozar com a minha cara? Vai sentar-te. — Ele abana a cabeça. — Sua tonta. Está do tamanho de uma casa e continua a tentar fingir que não está grávida — murmura ele, mas alto o suficiente para todos o ouvirem.

Encaminho-me para a cama para começar a ordenar as coisas. Vou ter de esvaziar o roupeiro e as gavetas da cómoda porque, como disse a Carin, os bebés precisam de muitas coisas. Já tenho fraldas empilhadas no canto do roupeiro, que a Hope ofereceu. Não consigo imaginar-me a gastá-las todas, apesar de os livros dizerem que as fraldas são trocadas seis a dez vezes por dia.

Os livros que comprei na livraria de livros usados eram antigos, por isso algumas das informações devem estar desatualizadas. Porque seis a dez vezes por dia? Quem tem tempo para isso? O Tucker tem alguns livros mais recentes; logo comparo apontamentos com ele.

A Hope senta-se ao meu lado na cama.

— O aluno com maior probabilidade de vir a ser advogado, 8.º ano. — Ela faz um esgar. — Eras uma diversão quando eras miúda, não eras?

Arranco-lhe a porcaria do certificado da mão.

— Era péssima a Ciências, mas não me importava de dizer na cara das pessoas o que pensava delas, por isso excluíram a hipótese de ser médica e acharam que tinha pinta de advogada.

— Acho que essa descrição se adequa mais a uma apresentadora e não a uma advogada. — Ela estica o braço para passar a mão pela minha barriga. — Como está a nossa bebé hoje?

— A dormir.

— Quero senti-la a dar pontapés. Acorda-a.

A Hope adora bebés. Sempre que a vejo, ela quer passar a mão pela minha barriga como se eu fosse uma estátua do Buda da sorte de um restaurante chinês. Infelizmente para a Hope, eu e a bebé não estamos em sintonia. Quando eu estou a mexer-me, ela está a dormir. Assim que me deito na cama, ela decide acordar. A Dra. Laura disse-me que isso se devia ao facto de o movimento embalar a bebé. Por mim, tudo bem, mas uma boa noite de sono vinha a calhar, não vinha?

— Como é suposto fazer isso? Começando aos pulinhos?

— Isso não pode fazer com que a bebé caia? Se estivesses perto da data do parto, podias começar a abanar-te? — A Carin agita os braços como se fosse uma dançarina da Taylor Swift.

Fico a olhar para ela.

— Diz-me que, seja qual for o ramo de ciências que vais tirar na pós-graduação, não é nada de importante.

A Carin faz-me um pirete e atravessa o quarto para pegar num dos sacos que enchemos na loja solidária. Ela pousa-o no chão e começa a separar os brancos das cores. Concordámos na loja que tudo seria lavado com a temperatura da água mais elevada possível, dado o cheiro de alguns dos artigos.

— Sabias que se chama movimentos fetais[1] ao momento em que a bebé

começa a mexer-se? — pergunta a Hope.

Rio-me.

— Então, ela vai sair da minha barriga com uma espada na mão a declarar que só há espaço para um?

— Possivelmente. Há mulheres que morrem no parto, certo? O bebé é essencialmente um parasita. Alimenta-se dos teus nutrientes, esgota-te a energia. — Ela encosta a ponta do cabide ao lábio. — Por isso, sim, acho que o lema do *Duelo Imortal* assenta bem.

Eu e a Carin olhamos para ela, horrorizadas.

— Hopeless, podes calar-te quando quiseres — ordena a Carin.

— Estava só a dizer que, do ponto de vista médico, é uma teoria possível. Não aqui, mas talvez noutras nações menos desenvolvidas. — Estica o braço e dá-me uma palmadinha na barriga. — Não te preocupes. Estás segura. Devias ter comprado mais roupas pré-mamã — diz ela, passando para outro assunto, enquanto eu continuo a assimilar a ideia de que a minha bebé é uma parasita.

Abano a cabeça.

— Não. Essas coisas são horríveis. Já pareço um barco. Não preciso de parecer um barco feio.

— Acho que se estivesse grávida iria usar vestidos compridos ou casacos longos como a Lucille Ball — comenta a Carin.

— Ainda se usam sequer? — pergunta a Hope.

— Deviam usar-se.

Aceno com a cabeça em concordância, porque, sim, usaria uma coisa dessas por cima das calças de ganga pavorosas e das calças de poliéster com aquelas bolsas de cintura brancas elásticas. Sei que daqui a duas semanas vou dar graças a Deus por terem sido criadas, mas neste momento não estou nada desejosa de parecer ainda maior.

— Tentei dobrar-me para tocar nos dedos dos pés esta manhã — digo às meninas. — Caí para a frente e bati com a cabeça na escrivaninha, e depois tive de chamar a minha avó para me ajudar a levantar-me. Estou do tamanho de um Oompa Loompa.

— És o Oompa Loompa mais bonito do mundo — declara a Hope.

— Mas ela não é cor de laranja.

— Os Oompa Loompas eram cor de laranja? — Tento lembrar-me deles, mas só me vem à cabeça a imagem dos seus macacões brancos.

A Carin comprime os lábios.

— Era suposto serem doces? Tipo gomos de laranja? Ou talvez aquelas gomas em forma de grãos de milho?

— Era suposto serem nozes gigantes, ou algo para atrair esquilos — informa-nos a Hope.

— Impossível — dizemos ao mesmo tempo.

— Não. O meu irmão disse-me isso quando eu tinha 10 anos. Acho que o leu na parte de trás de um doce *Laffy Taffy*. Depois disso, passei anos com medo de esquilos.

— Merda. Aprendemos algo novo todos os dias. — Levanto o corpo, tarefa que exige uma certa força na parte superior nos dias que correm, e inclino-me para inspecionar o berço.

— Não acredito em ti — diz a Carin à Hope. — O filme é sobre doces. Chama-se *Charlie e a Fábrica de Chocolate*. Desde quando há doces em forma de esquilos? Se fosse um coelho, ainda acreditava, por causa dos coelhos de chocolate da Páscoa, mas não um esquilo.

— Procura, Careful. Tenho razão.

— Estás a estragar a minha infância. — A Carin vira-se para mim. — Não faças isso à tua filha.

— Não queres que crie a minha filha para que ela pense que os Oompa Loompas são esquilos?

— Não.

A Hope ri-se.

— Esta é a minha teoria sobre a parentalidade: vamos fazer asneira. Da grossa. Muitas vezes mesmo. E os nossos filhos vão precisar de terapia. O objetivo é reduzir a quantidade de terapia de que vão precisar.

— É uma forma pessimista de encarar a parentalidade — comento. — Como

é que estas coisas se encaixam? Está a passar-nos alguma coisa ao lado? — Há duas peças iguais, mas o resto das tábuas que estão no chão parece um conjunto de peças de Lego sem instruções.

A Carin encolhe os ombros.

— Sou cientista. Consigo estimar o volume e a massa das peças, mas não me vou magoar a tentar montá-las.

O D'Andre surge junto à porta, com o suor a brilhar na sua pele escura. Viramo-nos as três para ele com um olhar suplicante.

— Porque é que estão a olhar assim para mim? — pergunta ele, desconfiado.

— Consegues montar este berço? — pergunto, esperançosa.

— E se conseguires, importas-te de despir a camisola? — implora a Carin.

O D'Andre franze o sobrolho.

— Tens de parar de me tratar como se fosse um pedaço de carne. Eu tenho sentimentos.

Mas ele despe a camisola de qualquer das formas, e aproveitamos todas para agradecer a Deus por ter criado um espécime como o D'Andre, cujo peito parece ter sido esculpido em mármore.

Ele sorri.

— Já chega?

— Não, nem por isso. — A Carin pousa o queixo na mão. — Porque não despes os calções também?

Admito que também estou curiosa. O D'Andre é um rapaz corpulento. Não me oponho a ver o equipamento dele.

A Hope levanta a palma da mão no ar.

— Não, nada de despir os calções. Estamos aqui para ajudar a montar o berço. Amor, o que consegues fazer?

— Estou a tirar um curso de Contabilidade — relembra-lhe ele. — Lembras-te? Tenho jeito para números e para levantar pesos. O Tucker monta-o. Ele está a tentar convencer um estranho qualquer a transportar a escrivaninha. — Olha para a minha barriga. — Por isso, é melhor esperar pelo teu homem.

— Ela não precisa de um homem — diz a Hope. — Tem-nos a nós.

— Então porque é que estou aqui?

— Porque me amas e não queres dormir no sofá — responde a Hope, numa voz doce.

— Aquilo não é um sofá, Hope. É um pedaço de madeira com alguma espuma.

Rio-me. O novo apartamento da Hope em Boston está cheio de tralha do sótão da avó, que tem mobília suficiente para encher três casas.

— É um *Saarinen* original.

— Mesmo assim, continua a não ser um sofá — insiste ele.

— Sentas-te nele. Tem três almofadas. Logo, é um sofá. — Ela funga. A conversa acabou. — Precisamos de um amigo engenheiro. — Aponta um dedo à Carin. — Volta para a Briar e engata um aluno de Engenharia.

— Pode ser, mas vou ter de fazer sexo com ele antes, por isso só volto — ela finge que consulta as horas — às dez ou assim.

— Somos alunas universitárias — proclamo. — Conseguimos montar este berço.

Bato palmas e faço sinal para que todas se sentem no chão ao meu lado. Depois de três tentativas para me baixar e de a Hope e a Carin quase fazerem chichi nas calças de tanto rir, o D'Andre compadece-se de todas nós e ajuda-me a pôr-me de joelhos. É assim que estamos quando o Tucker entra no quarto.

— Isto é algum ritual de fertilidade novo? — pergunta ele da soleira da porta, com um ombro encostado à ombreira. — Porque ela já está grávida, caso não saibam.

— Senta-te aqui, Tucker, e monta esta coisa — diz o D'Andre, bruscamente. — Isto é ridículo.

— O que é que é ridículo? — O Tucker coloca-se ao meu lado, e eu aproveito a oportunidade para me encostar às pernas dele. Com mais quinze quilos em cima, até ajoelhar-me é complicado. — Separámos as peças. Como é que não consegues voltar a montá-las?

O D'Andre repete a desculpa anterior.

— Estou a tirar um curso de Contabilidade.

O Tucker revira os olhos.

— Tens uma chave Allen?

— Estás a gozar com a nossa cara? — resmungo. — Não tenho chaves, quanto mais com nomes.

Ele sorri.

— Deixa isto comigo, querida. Eu arranjo.

— Quero ajudar — oferece-se a Hope. — Isto é como uma cirurgia, só que com madeira e não com pessoas.

— Deus nos valha — murmura o D'Andre.

— Vá lá. — A Carin agarra-me no braço. — Vamos começar a lavar algumas das coisas que comprámos.

Com uma ajuda do Tucker, ponho-me de pé e sigo a Carin.

— Qual é a sensação de não estar a servir às mesas? — pergunta ela quando nos encaminhamos para a lavandaria.

— Estranha. É difícil encontrar um emprego para três meses que não exija algum tipo de trabalho físico. Fui a uma agência de trabalho temporário para ver se tinham algum emprego para mim, mas não foram grande ajuda. Pelos vistos, as grávidas não estão no topo da lista de candidatos.

— Então o Tucker não vai mesmo voltar para o Texas?

— Não. Ele quer ficar perto da bebé. — Esboço um sorriso. — Mas a mãe dele… Ele é muito chegado a ela. Acho que há problemas nesse sentido.

— Oh, meu Deus. Não é boa ideia meteres-te com um menino da mamã do Sul — avisa a Carin. — Já ouvi um sem-fim de queixas da Hope sobre as papas de milho[2].

Eu também já ouvi. Mas que alternativa tenho?

— Achas que devo deixar Harvard e mudar-me para o Texas?

— Não. Limita-te a comer as papas. Sempre que ela tas oferecer. Por mais enjoada que te deixem.

— Isso é mórbido.

— Já pensaste no que vais fazer com a bebé quando estiveres nas aulas? —

pergunta ela enquanto colocamos a roupa na máquina de lavar.

— Ainda não sei. A creche de Harvard tem uma lista de espera interminável. Vou tentar encontrar uma ama, acho eu.

Estou a ficar enervada só de pensar em todos esses problemas, mas não me quero queixar demasiado. A Carin e a Hope já se sentem culpadas por não poderem ajudar mais, mas elas também têm de se preocupar com a sua própria vida.

— E a tua avó?

— Chiça. Devias ter visto a cara dela quando lhe pedi. Disse-me que já criou uma criança — aponto o polegar na direção do meu peito — que não era dela e que não estava disposta a criar outra.

— Duro.

Passamos para a cozinha e começamos a lavar os biberões.

— É duro, mas é verdade. Não a posso sobrecarregar dessa forma.

— E o Tucker? — A Carin agita um biberão vazio e pousa-o no escorredor.

— O que tem?

— Ele é o pai. Tem de ajudar. Podes levá-lo a tribunal e obrigá-lo a pagar-te pensão de alimentos.

Fico de boca aberta.

— Não vou fazer uma coisa dessas. E ele vai ajudar. — Calo-me. — O máximo que eu deixar.

A Carin produz um som de desagrado.

— És tão teimosa. Não tens de fazer isto tudo sozinha, B. Dás a entender que ele faz o que quiser. O que se passa convosco?

Pego num dos biberões limpos e giro a tetina, enquanto tento imaginar-me com a bebé nos braços e a alimentá-la com um dos biberões.

— A intenção dele nunca foi ficar aqui. Só vai ficar por minha causa e da bebé, e eu sinto que estou a estragar-lhe a vida.

Ela zomba.

— Ele também tem culpas no cartório. Não és a Virgem Maria. Não se tratou de uma conceção imaculada.

— Eu sei. Mas, mesmo assim, podia ter feito um aborto. — Para ser sincera, esse é um pensamento que me atormenta em todos os minutos que passo a tentar descortinar como vou fazer com que isto funcione.

— Mas não fizeste, por isso para de olhar para trás.

— Eu sei — volto a dizer.

— Tens sentimentos por ele.

Ocupo-me a encontrar um lugar para os biberões limpos e para as outras roupas da bebé.

— Eu gosto dele.

— Podes dizer a palavra começada por A. Não morres por isso.

Irritada, olho de relance para a Carin.

— Olha quem fala, menina Fobia-a-Compromissos. Desde quando é que dizes aos rapazes com quem te enrolaste que os amas?

— Nunca, mas não tenho medo disso como tu.

— Não tenho medo. — Ou será que tenho?

Ela revira os olhos.

— Como queiras. Não importa também. O Tucker quer ser um pai participativo porque está apaixonado pela bebé, e isso basta-me.

A Carin abre a boca para contrapor, mas o Tucker entra na cozinha antes que ela consiga proferir uma palavra que seja.

— Estás pronta? — pergunta-me ele.

Olho para o relógio do micro-ondas. Merda. Temos vinte minutos antes de a aula começar.

— Vocês têm de se ir embora — digo à Carin. — Eu e o Tuck vamos a uma aula sobre respiração.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— De quê?

— Para a ajudar quando estiver no parto — explica a Hope quando entra na cozinha com o D'Andre atrás dela. Aproxima-se e dá-me um beijo na face. — Liga-nos depois, está bem?

— Sim. E obrigada por terem vindo ajudar hoje. Todos vocês.

— Não é preciso agradecer — responde a Hope, e a Carin e o D'Andre acenam em sinal de concordância. — Estamos aqui para te apoiar, B. Agora e sempre.

A emoção acumula-se na minha garganta. Não faço ideia de como consegui amigas tão fantásticas, mas não me queixo.

*

— Não pareces muito empolgada com isto — comenta o Tucker vinte minutos depois. Ele mantém a porta do centro comunitário aberta para eu entrar.

— E tu estás? — Somos recebidos por uma tabuleta amarela decorada com balões. — Este processo é assim tão difícil que preciso de aprender a respirar? Isso não é normal.

— Viste algum daqueles vídeos do *YouTube*?

— Credo, nem pensar. Não queria entrar em pânico. Tu viste?

— Alguns.

— E?

Ele vira o polegar para baixo.

— Não os recomendo. Não sei porque é que usamos a expressão «tomates de aço» para descrever alguém que é muito forte, porque, depois do segundo vídeo, os meus tomates começaram a tentar recolher-se para dentro do corpo. Além disso, o meu histórico do *YouTube* é oficialmente um descalabro.

— Pois, foi exatamente por isso que não vi. — Abano um dedo em sinal de aviso na direção dele. — Mantém-te junto à minha cabeça durante o parto, ou nunca mais vais querer fazer sexo comigo outra vez.

— Não, eu consigo separar as duas coisas. — Ele desliza a mão pela minha coluna abaixo e assenta-a no meu rabo, que, à semelhança das mamas, está a aumentar de tamanho. — Este rabo foi feito para levar umas palmadas.

— Então, depois do parto só me vou poder contentar com sexo anal?

Ele esboça um sorriso largo.

— Porque não os dois?

Antes que eu consiga responder, uma senhora de cabelo encaracolado com uma saia comprida das cores do arco-íris aproxima-se para nos cumprimentar.

— Sejam bem-vindos ao curso da Labor of Love! Eu sou a Stacy!

— John Tucker e Sabrina James. — O Tuck apresenta-nos aos dois.

A Stacy não lhe dá um aperto de mão, optando por fazer um sinal de prece.

— Sentem-se num dos tapetes que estão no chão.

— Vou virar excêntrica — murmuro, enquanto nos encaminhamos para as três filas de tapetes de yoga que estão espalhados pelo chão. A sala está praticamente cheia, mas conseguimos encontrar um tapete vazio na parte de trás.

— É uma aula sobre respiração. Acho que essa é a definição de excentricidade. — O Tucker ajuda-me a sentar. — Preferes que treine dar-te injeções?

— Talvez? — Em parte, estou a brincar. Li que há complicações associadas à medicação, e ainda não decidi se vou aceitar a epidural.

As luzes diminuem de intensidade, e a Stacy avança para o meio da sala com as mãos ainda unidas em posição de prece.

— Acho que ela sabe alguma coisa que nós não sabemos — murmura o Tucker ao meu ouvido. — É por isso que está sempre a rezar.

— Ela sabe que não há medicação que torne o parto indolor.

O homem ao nosso lado pigarreia. O Tucker ri-se baixinho, mas calamo-nos.

Na parte da frente da sala, a Stacy liga um projetor, que exibe as palavras «Sejam bem-vindos à Labor of Love». Em seguida, começa a ler o diapositivo.

— Vamos ajudá-la a suportar o processo do parto. Os meios de comunicação social e as organizações de saúde alimentam o medo e a paranoia, mas a verdade é que o parto não tem necessariamente de ser uma experiência dolorosa. Hoje, vamos iniciar a viagem para um parto radioso e agradável. Estas três aulas foram concebidas para a ajudar a recentrar os seus sentimentos negativos, tirando partido da serenidade e afastando o medo.

— Viemos a uma aula de respiração ou a um culto? — sussurra o Tucker.

Culto. Decididamente um culto.

— Parceiros, ajudantes, coloquem-se atrás da mamã.

— Já odeio esta mulher — murmuro, enquanto ele se agacha atrás de mim.

— Porque ela te chamou «mamã» ou porque diz que não é uma experiência dolorosa?

Um homem que está sentado num colchão ali perto levanta a mão.

— Onde colocamos as mãos?

— Ótima pergunta, Mark.

Valha-me Deus, ela lembra-se dos nossos nomes.

— Durante o parto, a posição correta é ao fundo das costas, mas hoje vamos concentrar-nos na respiração, por isso coloquem as mãos nos ombros da vossa parceira.

Ao meu lado, uma mulher está a tirar apontamentos, como se a Stacy, que traz uma saia comprida, fosse um oráculo da maternidade e estivesse a proferir os dez mandamentos do parto.

— Se ela disser, «Não há nada a temer a não ser o próprio medo», pisgamo-nos daqui — digo, um pouco alto demais.

A grávida e o parceiro igualmente sério viram-se para me lançar um olhar furioso. Uma gargalhada ameaça escapar. Podemos ser presos por perturbar a paz numa aula de respiração?

A Stacy aponta para o ecrã de projeção.

— Primeiro, vamos assistir a um vídeo curto sobre o padrão de respiração correto e depois vamos praticar.

O vídeo tem a duração de cinco minutos e mostra uma mulher ofegante, com os lábios a adotar diferentes formas enquanto o parceiro conta o tempo.

— Achas mesmo que ela tem ali um bebé ou é uma daquelas almofadas de espuma? — pergunta o Tuck, com as mãos a apertar-me ligeiramente os ombros.

— Espuma — respondo sem demora. — Ela nem sequer está a suar. Eu suo só de calçar os sapatos.

Quando o vídeo termina, a Stacy contorna a sala para verificar as nossas

posições de respiração.

— Respire mais fundo, Sabrina. John, por favor, esfregue com um pouco mais de força. Coloque os dedos mais perto do pescoço dela. O pescoço precisa de mais atenção.

Ele começa a esfregar com os dedos por um longo caminho na parte lateral do meu pescoço, e eu solto um gemido baixo. Bolas, isto sabe bem. Acho que a Stacy tinha razão. Precisava de mais atenção no meu pescoço.

— Bom trabalho, John — arrulha a Stacy. Ela endireita-se e dirige-se à sala. — Agora gostava que imaginassem uma memória favorita. Algo de muito bom na vossa vida. Fechem os olhos e imaginem essa memória. Prendam-na na parede do olho da vossa mente.

— Estou a imaginar que um de nós é um ciclope. — A respiração do Tucker provoca-me cócegas no ouvido, e começo a sentir algo completamente inadequado na região sul.

— Talvez o olho seja a tua pila — respondo.

O casal ao nosso lado bufa ruidosamente. Ignoramo-los desta vez.

— O pessoal a mandar calar os outros faz-me lembrar uma biblioteca. — Os lábios dele roçam-me o lóbulo. — Por acaso, é pior do que na biblioteca, porque não há mesas para poder enfiar a minha mão às escondidas dentro da tua saia.

Contorço-me.

— Cala-te.

— Ela disse-me que me lembrasse da minha memória favorita. A maior parte delas envolve a minha cabeça grande ou a minha cabeça pequena no meio das tuas pernas.

Erguendo a voz e lançando um olhar irritado na nossa direção, a Stacy diz:

— O mais importante é encontrar paz. Agora, fechem os olhos e encontrem o vosso lugar feliz.

O Tucker geme.

Tenho de admitir que os meus bons momentos mais recentes também incluem o Tucker, mas este não é o lugar certo para ficar excitada. Por isso,

decido resguardar-me e tentar canalizar a euforia das notícias da minha admissão na Faculdade de Direito. Essa também é uma boa memória.

— Parceiros, enquanto a mamã está a praticar a respiração, deem-lhe uma boa massagem em volta do pescoço e dos ombros. Muitas mamãs acumulam tensão aí. Não sejam demasiado delicados. As vossas mamãs são pilares de força. O vídeo que vamos ver a seguir é do parto.

A Stacy toca em qualquer coisa no portátil que está ligado ao projetor. Surge no ecrã uma imagem de um par de pinças de cozinha gigantes. Pronto, talvez não sejam mesmo pinças de *cozinha*, mas são muito parecidas. A câmara amplia a imagem e vemos um cirurgião com máscara a segurar nas pinças. À medida que a cena se desenrola, um suspiro enche a sala.

Vemos uma mulher de pernas abertas e a imagem não é agradável. Tapo os olhos. O Tucker aperta-me o pescoço com mais força.

A voz animada da Stacy narra a cena.

— Lembrem-se do vosso lugar feliz quando virmos os próximos vídeos. O objeto usado não é um objeto de tortura, mas sim um fórceps. Se não conseguirem fazer força suficiente, o médico é obrigado a usá-lo para puxar o bebé, o que pode afetar o formato da cabeça da criança e, possivelmente, provocar danos cerebrais. Continuem a respirar, mamãs. Parceiros, continuem a massajar. É isto que acontece quando não conseguem dominar a vossa dor. Lembrem-se de que a vossa mente consegue controlar o resultado.

Respiramos novamente em conjunto quando a cena mostra um bisturi a cortar a carne de uma mulher.

O Tucker aperta-me com mais força.

— Estás a esganar-me — murmuro.

Ele não me solta. Quando muito, aperta-me ainda com mais força.

— E aqui temos a cesariana. O bebé afasta-se da luz quando a cavidade da barriga é cortada. O médico é obrigado a enfiar o braço e tirar o recém-nascido de dentro da vossa barriga. Uma vez mais, se não conseguirem cumprir o vosso dever de mãe e empurrar o bebé pelo canal vaginal, o médico é obrigado a cortar-vos a barriga para retirar a criança.

Aperto os dedos do Tucker.

— Estás a esganar-me — repito.

A Stacy passa para outra cena. Um fluxo de fluido e sangue, e *aquilo é merda?*, sai da mulher que está deitada na maca.

— Esta é a coisa mais natural do Universo, como comprovam os partos na natureza — diz ela, num tom de voz sonhador.

Segue-se uma montagem de cenas de parto repletas de sangue de diferentes mamíferos.

Agarro o dedo do meio do Tucker e torço-o com o máximo de força que tenho.

— Que foi? — pergunta ele, recolhendo imediatamente as mãos.

— Estavas a esganar-me! — respondo, bruscamente.

— Pensava que estavas a dizer que te estava a enganar!

Ficamos especados a olhar um para o outro, igualmente horrorizados e divertidos.

— A comunicação é sempre a chave — diz a Stacy da parte da frente.

Deixo escapar uma gargalhada. Eu e o Tucker embatemos um contra o outro. Não conseguimos parar de rir e, depois de uns segundos a chamar os nossos nomes e a pedir que olhássemos para ela, a Stacy pede-nos que abandonemos a sala.

[1] «Quickening», no original, trata-se de uma referência ao filme *Highlander II: The Quickening*, que em português recebeu o título *Duelo Imortal: Parte II*, e designa ao mesmo tempo o momento em que uma grávida sente os primeiros movimentos do bebé. [*N. T.*]

[2] Refeição tipicamente consumida ao pequeno-almoço no sul dos Estados Unidos. [*N. T.*]

30

Tucker

4 de julho

— De um a estou-pronta-para-dar-de-frosques, como te classificas numa escala de pavor?

A Sabrina afasta a cabeça do vidro do carro. Ela tem estado a olhar para as ruas de Boston como se nunca as tivesse visto antes, apesar de ter vivido aqui a vida toda.

— Dá para ver que estou ansiosa? — Ela sorri, tornando lisos os seus lábios grossos.

— Os teus dedos estão brancos, por isso ou sofres de uma doença grave que necessita de cuidados imediatos ou estás a apertá-los tanto de propósito que o sangue se esvaiu todo.

Pelo canto do olho, vejo-a a desenroscar aos poucos os dedos até estarem esticados e cor-de-rosa novamente.

— Nunca conheci os pais de um rapaz — admite ela, remexendo na estação de rádio.

— Ainda bem que só há um — gracejo. Depois assimilo as palavras dela. — Espera… nunca?

Lembro-me de ela me ter dito que nunca tinha tido um namorado, mas pensei que se referia à faculdade. A Sabrina é deslumbrante. Se a visse na escola secundária, ter-me-ia plantado em frente do cacifo dela todos os dias

até ela concordar em sair comigo.

Agora faz sentido o motivo pelo qual ela tem estado tão ansiosa desde que lhe disse que a minha mãe vinha conhecê-la. Primeiro, tentámos arranjar um plano para eu e a Sabrina viajarmos até ao Texas, mas o custo de dois bilhetes de avião acrescidos de um carro de aluguer não fazia sentido, apesar de a minha mãe ter sido obrigada a mudar alguns planos. Além disso, descobrimos que muitas companhias aéreas não dão apoio às mulheres grávidas que viajam. Acho que não lhes agrada muito a ideia de os bebés poderem nascer no voo.

O ponto positivo de ficar na cidade é que posso passar este fim de semana de feriado a trabalhar e receber a tal compensação de que a Sabrina tanto gosta. Tenho trabalhado a tempo parcial numa empresa de construção da cidade a ganhar algum dinheiro, o que é ótimo, uma vez que estou a tentar não usar as minhas poupanças, a não ser que seja mesmo obrigado.

— Já te disse — murmura a Sabrina do lugar do passageiro. — Não tinha namorados.

Ela para de mexer no rádio e recosta-se com um suspiro. A sua barriga está grande o suficiente para a impedir de cruzar os braços, a não ser que os pouse em cima da barriga. Que não é uma prateleira, como ela me lembrou várias vezes.

— Pensava que estavas a dizer durante a faculdade. Os rapazes da tua escola secundária eram surdos, burros e cegos?

— Não. Eles andavam atrás de mim, mas eu não tinha tempo para eles. — Estica o braço, distraída, e esfrega a curva da barriga.

Sempre que olho para ela, fico espantado por a minha filha estar dentro daquele corpo. E igualmente excitado. Ainda bem que voltámos a fazer sexo regularmente.

— Eu estava sempre aflita para ter dinheiro para as propinas — continua ela. — Trabalho praticamente a tempo inteiro no posto dos correios desde os 16 anos. No verão, servia às mesas à noite e trabalhava no posto dos correios durante o dia. Os rapazes eram… desnecessários. Além de… tu sabes. —

Aponta vagamente para a braguilha. — Além disso, não sabiam o que haviam de fazer com o equipamento. Eu tratava melhor de mim em casa.

O meu pénis estremece contra o fecho-éclair. A ideia da Sabrina a brincar consigo própria deixa-me zonzo, e sou obrigado a esperar um pouco para que parte do sangue migre novamente para o meu cérebro.

— E tu? Namoraste muito na escola secundária? Eras o rei do baile de finalistas? — provoca-me ela.

— Não. Namorei com três raparigas. E os reis do baile de finalistas no Texas são sempre os jogadores de futebol.

— Não jogaste futebol?

— Só até ao 9.º ano. Joguei hóquei o ano inteiro. O rinque do treinador Death ficava uma hora para norte, e eu ia para lá de carro todos os dias.

— Então fala-me sobre essas três raparigas.

— Estás assim tão desesperada por te distraíres?

— Sim — diz ela, ansiosa.

Bato com os dedos no volante e reproduzo as minhas memórias antigas.

— Namorei com a Emma Hopkins no 7.º ano, até um aluno do 9.º ano a convidar para o baile. Depois disso, ela só se mostrava interessada em rapazes mais velhos.

— Isto é fascinante. Conta-me mais.

Sorrio. Não me importo de me envergonhar, se isso a distrair da preocupação com o encontro com a minha mãe.

— A June Anderson foi a minha paixoneta do 9.º ano. Tínhamos quase todas as aulas juntos, mas o que me atraiu nela foi conseguir dar um nó a uma haste de cereja com a língua. No 9.º ano, isso era tão impressionante quanto andar em cima de uma corda no Grand Canyon.

A Sabrina ri-se.

— Acho que, para alguns rapazes, isso continua a ser uma das maiores conquistas da humanidade. Aposto que é um dos requisitos do Brody para alguém se enrolar com ele.

O seu tom desdenhoso não me passa despercebido. A primeira vez que a

Sabrina e o Brody se conheceram não correu bem. Ele começou por sugerir que a vagina dela ficaria destruída no parto e acabou com ela a dizer-lhe que, independentemente de como ficasse a sua vagina, ele nunca seria convidado a vê-la.

— Esse rapaz é tão idiota — resmunga ela. — É mau viver com ele?

Sim.

— Já tive colegas de casa melhores. — Com tristeza, recordo os momentos incríveis que vivi na faculdade com o Dean, o Logan e o Garrett.

O meu problema com o Brody não é o facto de ele ser um engatatão que corre atrás de rabos de saias do momento em que se levanta até ao momento em que se deita. Quero dizer, os meus antigos colegas de casa também eram libertinos. Até eu tive a minha quota-parte de aventuras sexuais, incluindo sexo a quatro numa véspera de Ano Novo, quando estava embriagado. No nosso nível, é difícil não cometermos algumas loucuras quando jogamos hóquei. Havia um sem-número de raparigas em nossa casa.

E, mesmo assim, depois de experimentar três pares de mamas a esfregarem-se contra mim e três línguas na minha pila, escolheria sempre a Sabrina, em vez de uma orgia num momento de embriaguez. Contudo, isso não é algo que possa dizer a uma rapariga. Nem sequer o *Hallmark* consegue fazer um cartão de felicitações que transmita a mensagem de que já foste para a cama com três raparigas, mas que nenhuma delas lhe chega aos pés.

O problema do Brody é que ele não tem o mínimo respeito pelo sexo oposto.

— Ele recusa-se mesmo a tirar *selfies* com uma rapariga, ou estava a inventar isso para gozar comigo? — pergunta a Sabrina.

— Não, estava a falar a sério. Ele acha que uma fotografia com uma rapariga colada a ele pode afugentar outros possíveis engates. As *selfies* são um sinal de compromisso. — Ele desenvolveu este assunto depois de sugerir que eu mantivesse a conta do *Tinder* ativa e não dissesse a ninguém que ia ter uma filha.

— Blhec. Ele é tão nojento.

— Criei uma conta de *Instagram* falsa para poder gozar com ele. Quando ele

publica alguma coisa, eu espero um dia ou assim e depois comento que é engraçado que ele e o meu avô estejam a usar a mesma camisola. Fiz isso duas vezes e, de cada vez que o fiz, reparei que ele enfiou a camisola no caixote do lixo do prédio.

A Sabrina deixa cair a cabeça para trás e ri-se.

— Não fizeste isso.

— Todos temos de nos divertir de alguma forma, certo? Para mim, é dar cabo da cabeça ao Brody no *Instagram* e esganar a mãe da minha filha nas aulas de respiração.

Ela ri-se com mais intensidade, e a barriga sobe e desce. Estico o braço e afago-lhe a curva da barriga. É bom vê-la a rir-se novamente.

— A minha mãe vai adorar-te — asseguro-lhe. — Vais ver.

A minha mãe odeia-a.

Ou, pelo menos, está a fazer um bom trabalho a esconder o amor que sente. O encontro inicial não correu assim tão mal. Fomos buscar a minha mãe ao Holiday Inn e levámo-la ao meu apartamento, onde, felizmente, o Brody não se encontra neste momento. Ele e o Hollis estão a festejar o feriado do 4 de Julho em New Hampshire com a família.

Na viagem para cá, a minha mãe e a Sabrina trocaram algumas palavras envergonhadas, mas a tensão esteve controlável.

Agora, a tensão está quase a sufocar-me.

— Onde vives, Sabrina? — pergunta a minha mãe, enquanto contempla o meu apartamento de três assoalhadas.

— Com a minha avó e o meu padrasto.

— Hum.

A Sabrina estremece ao aperceber-se do olhar de desaprovação notório.

Lanço uma expressão irritada à minha mãe.

— A Sabrina está a poupar dinheiro, para não ter uma dívida muito grande quando sair da Faculdade de Direito.

A minha mãe arqueia uma sobrancelha.

— E de quanto será a dívida?

— De demasiado — graceja a Sabrina.

— Espero que não estejas a contar que o John ta pague.

— Claro que não — exclama a Sabrina.

— Mãe! — exclamo ao mesmo tempo.

— O que foi? Estou a olhar por ti, querido. Tal como vais ter de olhar pela tua filha. — Ela inclina a cabeça na direção da barriga da Sabrina.

A Sabrina esboça um sorriso tenso e decide mudar de assunto.

— Gostava que pudéssemos ter ido a Patterson. Aposto que é uma ótima cidade para criar um filho. Fez um trabalho incrível com o Tucker.

A sinceridade está marcada em todas as palavras, e até a minha mãe consegue notá-la. Felizmente, ela amolece um pouco.

— Sim, é uma cidade incrível. E têm um ótimo piquenique do 4 de Julho. Este ano, a Emma Hopkins foi a organizadora.

— A tua ex-namorada, Tuck — provoca a Sabrina enquanto se encaminha para o frigorífico. — Devíamos ter-nos esforçado mais para apanhar o voo.

— A companhia aérea não permitia. Além disso, posso apanhar uma bebedeira e lançar foguetes de garrafas aqui, e vai ser como se estivéssemos lá — digo, secamente. — Por falar em beber, queres um copo de vinho, mãe?

— Tinto, por favor — diz ela, sentando-se num banco junto à bancada.

A Sabrina pega nos hambúrgueres de carne que preparou cuidadosamente. Sou capaz de cozinhar, mas ela não me deixou levantar um dedo. Preparou tudo, da salada de batata aos feijões cozidos.

Conseguimos chegar a meio do jantar sem nenhuma hostilidade, visto que a Sabrina fez um chorrilho de perguntas à minha mãe sobre Patterson, sobre o cabeleireiro dela e até sobre o meu pai. A minha mãe solta a língua quando começa a falar dele.

— Ele disse que o carro avariou, mas não acreditei — declara, enquanto trinca o hambúrguer.

A Sabrina arregala os olhos.

— Acha que ele fingiu para poder ficar lá e conhecê-la melhor?

A minha mãe sorri.

— Não acho. Tenho a certeza.

Já ouvi esta história milhares de vezes, mas continua a ser divertida. Aliás, ainda é mais divertida porque, desta vez, a Sabrina é o público e ela não acredita no amor. Mas a devoção da minha mãe ao meu pai é inconfundível.

— O John Senior, o pai do Tucker, admitiu-o quando fiquei grávida do Tucker. Ele disse que tirou a vela de ignição do carro e que teve essa ideia por ter visto o *Música no Coração* com a mãe. Até cheguei a perguntar ao Bill, o mecânico da cidade, que confirmou que o único problema do carro do John era uma vela em falta.

— Essa é a história mais romântica que alguma vez ouvi.

Reparo na forma como a Sabrina está a remexer a salada. Ela fez um bom trabalho a esconder o nervosismo, mas a falta de apetite denuncia-a. Faço uma nota mental para lhe preparar um prato depois de tratar da loiça.

— Lamento muito a sua perda — acrescenta a Sabrina, com um tom suave marcado pela empatia.

— Obrigada, querida.

Sorrio. A minha mãe começa a ser conquistada.

A Sabrina vira-se para mim.

— Que idade tinhas quando o teu pai morreu? Tinhas 3 ou 4?

— Tinha 3 — confirmo, enfiando uma batata na boca.

— Eras muito pequeno. — Ela passa a mão pela barriga sem prestar grande atenção.

— Não sabias? — pergunta a minha mãe, novamente com um tom de voz gélido.

— Não, eu sabia — responde a Sabrina. — Só me esqueci da idade exata.

— Vocês falaram sobre alguma coisa importante, ou é puramente algo físico? Porque não podem criar uma criança apenas com base no desejo.

— Mãe — respondo, bruscamente. — Sim, falámos sobre coisas importantes.

— Vão viver juntos? Como vão partilhar as despesas? Quem vai tomar

conta da criança quando estiveres nas aulas?

A Sabrina revela um olhar de apreensão.

— Eu… eu… A minha avó vai ajudar.

— O John diz que ela está relutante. Não sei se uma cuidadora relutante é boa ideia.

A Sabrina lança-me um olhar de traição.

— Eu disse que não sabíamos que tipo de ajuda ela iria oferecer. — Pouso o garfo. — Vai correr tudo bem. — Este comentário é dirigido às duas, mas nenhuma delas o recebe bem.

— Não podes criar uma criança sem te preparares devidamente, John. Eu sei que queres fazer o que é correto, como de costume, mas, neste caso, se não conseguirem tratar disso, deviam pensar noutras opções. Já pensaram na adoção?

O rosto da Sabrina fica pálido com o insulto implícito de que ela não está preparada para ser mãe.

Estico o braço na direção dela.

— Sabrina, vai correr tudo…

Mas ela já saiu disparada da cozinha, com um soluço preso na garganta enquanto murmura algo que soa a «casa de banho» e «peço desculpa». Os pés batem contra o soalho de madeira, quando ela caminha mais depressa do que o recomendado para uma grávida de oito meses.

Levanto-me da cadeira.

— Sabrina…

— Dá-lhe algum tempo — diz a minha mãe atrás de mim.

Uma porta fecha-se com força, e eu encolho-me ao ouvir o estrondo. Começo a encaminhar-me para a porta, mas depois detenho-me a meio da cozinha e dou meia-volta.

— A Sabrina é boa pessoa — digo, bruscamente. — E vai ser uma boa mãe. E mesmo que fosse a pior mãe do mundo, tinhas de a aceitar na mesma, porque aquela bebé que ela tem na barriga é metade minha.

Desta vez, é o rosto da minha mãe que empalidece.

— Isso é uma ameaça? — A voz dela estremece.

Passo uma mão agitada pelo cabelo.

— Não. Mas não é preciso estarmos em polos opostos do gelo. Estamos todos na mesma equipa.

A minha mãe inclina o queixo para cima em jeito de desafio.

— Isso é o que ainda vamos ver.

Abano a cabeça em sinal de desilusão, e depois percorro o corredor para ver se a Sabrina quer falar comigo.

Ela tem os olhos encarnados quando surge atrás da porta da casa de banho.

— Peço desculpa por ter saído a correr daquela forma.

— Não há problema, querida. — Empurro-a para dentro e fecho a porta atrás de mim. Ela deixa-me aproximar dela, ou o mais perto que conseguimos estar com uma bola de bowling entre nós. — Vais ser uma ótima mãe. Eu acredito em ti.

O seu corpo parece leve apesar do peso que ganhou.

— Não fiques zangado com a tua mãe — sussurra ela junto ao meu peito. — Ela está a olhar por ti. Quer o melhor para ti. Eu sei disso.

— Ela vai mudar de ideias. — Mas pareço muito mais confiante do que me sinto.

31

Tucker

Agosto

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Brody! Sim! Sim, sim, sim, *sim*! Aí mesmo, lindo. *Oh, meu Deeeeuuuuussss!*

Nem mesmo a televisão em altos berros consegue abafar os sons de sexo que vêm do quarto do Brody. Se tivesse comigo um par de alicates, arrancava os ouvidos só para não continuar a ouvir isto. Infelizmente, o Brody não tem uma caixa de ferramentas. Descobri isso quando me mudei e andava à procura de ferramentas para arranjar a torneira da cozinha, que estava a pingar. O Brody encolheu os ombros e disse: «As merdas pingam, meu. A vida nem sempre nos dá as ferramentas.»

Tive vontade de lhe dizer que sim, que a vida nos dá as ferramentas e que é por isso que temos a merda da *Home Depot*. Mas argumentar com a lógica do Brody é um exercício fútil.

Não sei se consigo aguentar isto muito mais tempo. É impossível viver com o irmão do Hollis. Ele tem uma rapariga diferente todas as noites, e ou são estrelas porno ou têm muito jeito para articular o que adoram e *amam* na cama. Ele deixa toalhas molhadas no chão da casa de banho. A sua ideia de cozinhar é atirar uma pizza congelada para o forno, para depois anunciar que continua a não estar satisfeito e pedir uma pizza a sério.

— Oh, sim! Com mais força, lindo!

— Com esta força?

— Com mais força!

— Oh, sim, sua porca!

Cruz credo! Odeio este apartamento com o fogo de milhares de sóis.

Levanto-me do sofá e encaminho-me para a porta, para depois enviar uma mensagem à Sabrina enquanto calço uns chinelos.

Eu: Olá, querida. Queres que te vá fazer uma massagem às costas?

Ela deve ter o telemóvel à mão, porque me responde logo.

Ela: Esta noite, não. O Ray tem aqui os amigos do póquer e estão bêbedos.

Franzo o sobrolho na direção do telemóvel. Caramba, não suporto que ela continue a viver naquela casa com aquele patife. Mas sempre que falo em arranjarmos uma casa juntos, a Sabrina descarta o assunto. E tem andado um pouco distante desde que a minha mãe voltou para o Texas.

Adoro a minha mãe, mas estou chateado com ela, para ser sincero. Eu percebo que ela esteja preocupada comigo e que pense que ter um bebé na minha idade é uma péssima ideia, mas não gostei da forma como interrogou a Sabrina. E não apenas nesse primeiro dia. A visita inteira ficou marcada por comentários passivo-agressivos e críticas disfarçadas. Acho que a Sabrina se sentiu derrotada quando a minha mãe se foi embora, e não sei se a culpo.

Envio-lhe outra mensagem.

Eu: Sinceramente? Não gosto da ideia de estares perto desses bêbedos. O parto está marcado para daqui a quatro dias. Tens de estar perto de adultos responsáveis.
Ela: Não te preocupes. A minha avó está sóbria. Ela não bebe, lembras-te?

Já é alguma coisa. Mesmo assim, detesto não estar lá com ela.

— Uuuuuuh! Vou viiiiiir-me!

Pronto. Já chega. Não consigo ficar aqui nem mais um minuto a ouvir o

Brody Hollis a dar uma queca.

Enfio o telemóvel e a carteira no bolso e saio do apartamento em direção ao elevador, para descer ao átrio. Já passa das nove, por isso o sol de agosto já se pôs e uma brisa agradável provoca-me formigueiros no rosto quando saio.

Avanço pelo passeio sem destino em mente, para outro sítio que *não o meu apartamento*. Com o trabalho nas obras a tempo parcial, a visita da minha mãe e as viagens entre a casa da Sabrina, não tive oportunidade de explorar devidamente o meu novo bairro. Agora aproveito para o fazer e descubro que não é tão manhoso como pensava inicialmente.

Passo por vários cafés com esplanadas, por alguns escritórios em edifícios baixos, por cabeleireiros e por uma barbearia. Faço uma nota mental para a visitar um dia destes. Acabo por me deparar com um bar e ponho-me a admirar a fachada de tijolo vermelho, o pátio pequeno separado por uma grade de ferro e o toldo verde sobre a porta.

A tabuleta é antiga e está ligeiramente entortada. Tem as palavras «Paddy's Dive» e, quando me aproximo da porta de madeira que range, encontro efetivamente um interior decrépito. O bar é maior do que parece no exterior, mas tudo aqui parece ter sido construído, comprado e trabalhado nos anos setenta.

Além de um cliente que está ao fundo do balcão comprido, o bar está vazio. Numa sexta-feira à noite. Em Boston. Nunca fui a um bar em lado nenhum que não estivesse à pinha numa sexta-feira à noite.

— O que quer tomar? — pergunta o homem atrás do balcão. Tem 60 e poucos anos e cabelo grisalho, pele enrugada e bronzeada e os olhos marcados pela exaustão.

— Vou tomar um… — Calo-me, pois apercebo-me de que não me apetece álcool. — Café — concluo.

Ele pisca-me o olho.

— Andas a viver no limite, não, filho?

Rio-me e sento-me nos bancos altos de vinil, dobrando as mãos em cima do balcão. Pronto, foi má ideia tocar neste balcão. A madeira está tão desgastada

que tenho quase a certeza de que acabei de enfiar uma lasca na mão.

Tiro distraidamente o pedaço de madeira que se enfiou no meu polegar, enquanto espero que o barman prepare a bebida. Quando ele coloca uma chávena de café à minha frente, eu agradeço e olho em redor do bar.

— A noite está fraca? — pergunto.

Ele esboça um sorriso irónico.

— A década é que está fraca.

— Oh, lamento.

Mas consigo perceber porquê. Tudo neste bar é antiquado. A *jukebox* só aceita pagamentos em moedas — quem é que continua a usar moedas? Os alvos estão perfurados com buracos tão grandes que acho que nenhum dardo conseguiria acertar no tabuleiro. Os bancos têm rasgões na pele. As mesas estão tortas. O chão parece capaz de desabar a qualquer momento.

E não há televisões. Que bar não tem uma televisão?

No entanto, apesar dos seus defeitos óbvios, vejo potencial neste bar. A localização é fantástica, e no interior há tetos altos com vigas expostas e um painel de madeira lindo nas paredes. Bastaria umas renovações e uma modernização do espaço, e o dono conseguiria dar a volta a este bar.

Bebo um gole de café e estudo o empregado por cima do rebordo da minha chávena.

— É o dono?

— Sou.

A hesitação emudece-me por um segundo. Depois pouso a chávena e pergunto:

— Já pensou em vender?

— Por acaso, vou…

O meu telemóvel toca antes que ele consiga terminar.

— Desculpe — digo rapidamente, e depois enfio a mão no bolso. Quando vejo o nome da Sabrina, fico imediatamente alerta. — Preciso de atender. É a minha namorada.

O velhote esboça um sorriso entendedor e afasta-se.

— Claro.

Pressiono a tecla e encosto o telemóvel ao ouvido.

— Olá, querida. Está tudo bem?

— Não! Não está tudo bem!

O guincho dela quase me rebenta os tímpanos. A minha pulsação acelera ao aperceber-me da sua angústia.

— O que se passa? Está tudo bem? — Será que o pulha do Ray lhe tocou?

— Não — geme ela, e noto uma pontada de dor. — Não estou bem. As águas rebentaram!

32

Tucker

Não há pior sensação no mundo do que vermos a mulher que amamos a sofrer e sermos incapazes de fazer o que quer que seja.

Nas últimas oito horas, tenho sido tão útil quanto um peixe fora de água. Ou um peixe *dentro* de água, porque o que é que os peixes têm mesmo a oferecer à sociedade?

Sempre que tento encorajar a Sabrina a praticar os exercícios de respiração, ela lança-me um olhar furioso, como se eu tivesse abatido o seu adorado animal de estimação. Quando lhe ofereço lascas de gelo para trincar, ela diz-me que as enfie pelo rabo acima. A única vez em que espreitei por cima do ombro da Dra. Laura para as partes baixas da Sabrina, ela disse-me que, se voltasse a fazê-lo, me partia o *stick* de hóquei e me espetava com ele.

Esta é a mãe da minha filha, pessoal.

— Tem uma dilatação de quatro centímetros — comunica a Dra. Laura durante a última observação. — Ainda temos de esperar, mas está a progredir bem.

— Porque é que está a demorar tanto tempo? — pergunto, preocupado. — As águas rebentaram há horas. — Oito horas e seis minutos, para ser mais preciso.

— Algumas mulheres têm os filhos horas depois de as águas rebentarem. Outras só começam a ter contrações quarenta e oito horas depois disso. Todos os partos são diferentes. — Ela dá-me uma palmadinha no ombro. — Não se

preocupe. Havemos de chegar lá. Sabrina, avise a enfermeira se a dor se tornar insuportável, e nós damos-lhe a epidural. Mas não espere muito tempo. Se o bebé tiver descido demasiado no canal vaginal, não servirá de nada. Eu volto daqui a bocado para ver como está.

— Obrigada, doutora. — O tom da Sabrina é meloso como açúcar, mas provavelmente porque é a Dra. Laura quem tem o controlo dos medicamentos.

E, sim, assim que a doutora se retira, o sorriso da minha mulher desvanece-se e ela lança-me um olhar carrancudo.

— Foste tu que me fizeste isto — resmunga ela. — Tu!

Contenho uma gargalhada.

— Para conceber são precisos dois, querida. Pelo menos, de acordo com a ciência.

— Não te atrevas a vir com conversas sobre a ciência! Importas-te sequer com o que está a acontecer ao meu corpo neste momento? Eu… — Um gemido escapa-lhe da garganta. — Nãooooo! Oh, Tuck, outra contração.

Entro em ação e começo a esfregar-lhe o fundo das costas como a *hippie* da Stacy me ordenou. Digo-lhe que respire e conto cada respiração, enquanto controlo diligentemente o monitor ao qual ela está ligada, que está a medir e a controlar as contrações.

A contração passa rapidamente e a próxima demora algum tempo, o que me desanima. Li sobre o processo do parto, e parece que a Sabrina ainda está na fase inicial. Ela ainda nem chegou ao parto em si, e eu rezo a Deus para que esta bebé não demore dias a sair.

— Dói — geme ela quando termina outra contração. Há uma película de suor no seu rosto e os lábios estão tão secos que estão a ficar brancos.

Esfrego uma lasca de gelo sobre a boca dela e debruço-me para lhe dar um beijo na têmpora.

— Eu sei, querida. Mas em breve vai acabar.

Estou a mentir. Passam mais quatro horas antes de ela chegar aos cinco centímetros de dilatação, e depois mais três antes de chegar aos seis. No total, já passaram quinze horas, e eu consigo ver a energia da Sabrina a começar a

esgotar-se. Além disso, a dor está a ficar pior. A última contração leva-a a agarrar-me a mão com tanta força que sinto os ossos a estalar.

Quando termina, ela deixa-se cair novamente sobre a cama, suada, e anuncia:

— Quero a epidural. Merda, até aceito os fórceps do Inferno. Mas tirem-me esta bebé do corpo!

— Está bem. — Afasto-lhe o cabelo molhado da testa. — Vamos dizer à Dra. Laura quando ela regressar para…

— Agora! — grita a Sabrina. — Vai dizer-lhe *agora*.

— Ela deve estar quase a regressar, querida. E as contrações têm três minutos de espaçamento. Ainda temos tempo suficiente antes da próxima…

Antes que eu consiga terminar, uma mãozinha letal agarra-se à minha camisola. A Sabrina silva como um gato selvagem encurralado e fulmina-me com os olhos.

— Juro por Deus, Tucker, se não fores procurá-la *agora*, eu arranco-te a porcaria da cabeça da porcaria do pescoço e DOU-A DE COMER À BEBÉ!

Aceno calmamente com a cabeça, afasto-lhe os dedos do meu colarinho e deposito-lhe um beijo na testa. Depois, pisgo-me dali para procurar a médica.

As horas continuam a passar.

Tempo do trabalho de parto: dezanove horas.

Tempo entre contrações: sessenta segundos.

Número de vezes que a Sabrina ameaçou matar-me: trinta e oito.

Número de ossos partidos na minha mão: sei lá.

A parte positiva é que estamos finalmente na meta. Apesar de receber a epidural, a Sabrina continua a sofrer. Tem o rosto corado e está a chorar desde que a Dra. Laura a mandou começar a fazer força. Mas recusa-se a gritar. Na cama? Sim. No parto, nem por isso. O único som que faz são gemidos angustiados e suspiros baixos.

A minha miúda é uma valente.

Há umas horas, consegui sair do quarto para ir à casa de banho e enviar uma

mensagem à minha mãe e aos meus amigos, mas desde que começou a parte complicada que a Sabrina não me deixa sair do lado dela. Eu não me importo, porque não vou a lado nenhum até a nossa bebé estar segura nos nossos braços.

— Pronto, Sabrina, faça força mais uma vez — ordena a Dra. Laura no meio das pernas da Sabrina. — Consigo ver a cabeça. Faça força mais uma vez para conhecer a sua filha.

— Não consigo — geme a Sabrina.

— Consegues, sim — digo gentilmente, enquanto lhe prendo o cabelo atrás das orelhas. — Tu consegues. Basta fazeres força outra vez. Tu consegues.

Quando ela começa a chorar novamente, eu afago-lhe o queixo e olho-a nos olhos.

— Tu consegues — repito. — És a pessoa mais forte que conheço. Trabalhaste enquanto tiravas o curso, deste o litro para entrares na Faculdade de Direito e agora vais ter de te esforçar um pouquinho mais para dares à luz esta bebé. Está bem?

Ela respira fundo e a coragem endurece-lhe as feições.

— Está bem.

E depois de quase vinte horas a bufar, a arfar e a deitar a casa abaixo, a Sabrina dá à luz uma linda bebé saudável.

Depois de a Dra. Laura pegar naquele ser pequeno e pegajoso, segue-se um segundo de silêncio, e então um choro agudo enche a sala de partos.

— Os pulmões parecem saudáveis — comenta a médica com um sorriso. Ela vira-se para mim. — Quer cortar o cordão, papá?

— Merda. Sim.

— Não digas asneiras — repreende a Sabrina, e a Dra. Laura ri-se.

Sinto o coração na garganta quando corto o cordão que liga a minha filha à mãe. Vejo um vislumbre de uma coisa viscosa vermelha, mas a enfermeira leva-a tão rapidamente que eu solto um protesto. Mas eles estão a pesá-la e, enquanto o fazem, a médica cose discretamente a pele entre as pernas da Sabrina.

Lamento tudo o que ela passou, mas a Sabrina parece mais serena do que alguma vez a vi.

— Três quilos e duzentos gramas — anuncia a enfermeira, enquanto coloca delicadamente a bebé nos braços da mãe.

O meu coração aumenta para o triplo do tamanho.

— Oh, meu Deus — sussurra a Sabrina, olhando para a nossa filha. — Ela é perfeita.

Pois é. É tão perfeita que estou à beira das lágrimas. Não consigo tirar os olhos do seu rosto pequenino e do tufo de cabelo castanho-avermelhado da sua pequena cabeça. Já não está a chorar, e fita-nos sem pestanejar com grandes olhos azuis curiosos. Tem os lábios vermelhos e as bochechas coradas. E os dedos são tão pequeninos.

— Portaste-te bem, querida. — A minha voz soa rouca quando acaricio o cabelo da Sabrina.

Ela olha para mim com um sorriso maravilhoso.

— *Portámo-nos* bem.

Horas mais tarde, estamos os dois deitados na cama de hospital, maravilhados com a pequena criatura que trouxemos ao mundo. Já passaram vinte e quatro horas desde que a Sabrina me ligou para me contar que tinha entrado em trabalho de parto. É suposto ficarem no hospital duas noites para que os médicos possam monitorizá-las, a ela e à bebé, mas parecem estar as duas saudáveis.

Uma perita em amamentação veio ao quarto há uma hora para ensinar as técnicas corretas à Sabrina, e a nossa filha já provou que é melhor do que qualquer outro bebé, porque se agarrou logo à mama e sugou com satisfação, enquanto ficámos os dois a observá-la, completamente maravilhados.

Agora está satisfeita e sonolenta, e deitámo-la nos braços da Sabrina e nos meus. Nunca na minha vida me senti mais em paz do que neste momento.

— Amo-te — sussurro.

A Sabrina fica um tanto hirta e não responde.

De repente, apercebo-me de que ela provavelmente julga que estou a falar com a bebé. Por isso, acrescento:

— Amo-vos às duas.

— Tucker… — Há uma nota de aviso na voz dela.

Arrependo-me logo de ter aberto a boca. E uma vez que não quero ouvi-la dizer que não me ama ou que invente desculpas sobre o motivo pelo qual não pode dizê-lo, esboço um sorriso animado e mudo de assunto.

— Precisamos mesmo de escolher um nome.

A Sabrina morde o lábio.

— Eu sei.

Passo delicadamente o polegar pela boquinha perfeita da nossa filha. Ela faz um som de quem funga e agita-se nos nossos braços.

— Devemos escolher o nome ou o apelido?

Espero que ela diga que será o primeiro. Ainda nem discutimos os nomes, porque temos andado demasiado ocupados a discutir o dilema dos apelidos James-Tucker.

A Sabrina surpreende-me ao dizer:

— Sabes… acho que James-Tucker não é má ideia.

A minha respiração fica ofegante.

— James Tucker.

— Foi isso que eu disse.

— Não, esse devia ser o nome dela: James Tucker.

— Estás maluco? Queres que ela se chame James?

— Sim — digo, lentamente. — Porque não? Podemos tratá-la por Jamie. Mas na certidão de nascimento vai estar James Tucker. Assim, ela é parte de nós os dois, sem o hífen que ambos detestamos.

Ela ri-se e inclina-se para dar um beijo na bochecha perfeita da nossa bebé.

— Jamie… Gosto.

E assim fica.

33

Sabrina

A pequena James está na parte de trás da carrinha. A enfermeira acena-nos do átrio. Tenho um saco cheio de coisas oferecidas junto aos meus pés. As mãos do Tucker estão no volante. Mas não saímos do lugar.

— Porque é que não saímos daqui?

O Tucker vira os olhos raiados de sangue na direção do assento traseiro.

— Temos uma bebé nesta carrinha, Sabrina.

— Eu sei.

Ele engole em seco.

— Isto é de loucos. Não devia ser permitido que nos deixassem sair do hospital com uma criança. Eu nunca tive sequer um animal de estimação.

Não é correto rir-me da tristeza do Tucker. Na verdade, dói fazer qualquer outra coisa que não seja estar sentada numa posição ligeiramente reclinada. Mas a sua expressão frustrada e um tanto aterrorizada é tão pouco característica dele que não consigo impedir-me de soltar uma gargalhada. Tapo a boca para abafar o som, pois aprendi rapidamente nas quarenta e oito horas desde o parto que dormir é um bem precioso e demasiado raro para os pais de primeira viagem.

— Adoro que sejas tu quem está em pânico. Liga o carro, Tuck. A família atrás de nós quer ir-se embora.

Ele vira-se para espreitar pelo vidro traseiro.

— Já têm dois filhos. Vamos segui-los até casa.

— Não vamos nada.

Estico o braço para a cadeirinha da Jamie e puxo o cobertor para baixo, porque, apesar de estar a dormir e de não ser boa ideia acordá-la, não consigo deixar de olhar novamente para o seu rosto enrugado e lindo. A sua boquinha de bebé está um pouco entreaberta e os punhos pequenos de bebé estão fechados junto aos flancos.

— Vamos para casa — digo, com firmeza. — Quero pegar nela ao colo.

Sinto os braços vazios. Sim, eu e o Tuck só temos 22 anos. Nenhum de nós tem emprego fixo. Estou a viver com a minha avó com cara de poucos amigos e com o idiota do meu padrasto. O Tucker está a viver com um rapaz cujo sonho é ser figurante do *Entourage*. E agora temos uma filha.

Mas ao olhar para o rosto enternecedor da Jamie, só consigo pensar no quanto a amo a ela… e ao Tucker.

Recosto-me no assento e observo o Tucker a colocar a carrinha em marcha-atrás e a recuar aos poucos. Consigo caminhar mais depressa do que ele está a conduzir a carrinha, mas, pelo menos, estamos a movimentar-nos. Mesmo assim, demoramos quase quarenta e cinco minutos a chegar a casa, porque o Tucker mantém uma velocidade constante de oito quilómetros abaixo do limite de velocidade.

— Admira-me que não aceleres mesmo depois de o polícia de Boston te ter feito um manguito e te ter apitado.

— Aquele imbecil devia ser denunciado — comenta ele. — Fica aí, que eu vou ajudar-te a sair.

Aprendi nos últimos dez meses que o Tucker gosta mesmo de me ajudar a sair da carrinha, e não vou mentir, estou a acostumar-me a isso.

Ele tem uns gestos cavalheiros à moda antiga. Por exemplo, abre-me sempre as portas. Obriga-me a caminhar na parte de dentro do passeio, não vá alguém disparar de dentro de um carro. Até me segura no casaco.

A mãe Tucker ensinou-o bem. Podia aprender muito com ela. E uma vez que estamos unidos por esta criança, decidi pelo filho dela que nos vamos dar bem. Por mais setas que ela lance na minha direção, vou recebê-las e provar-

lhe que sou boa o suficiente para ser mãe da neta dela.

— Será que devia arranjar um daqueles autocolantes de bebé a bordo? Assim, os idiotas que vão a conduzir atrás de mim podem aprender a ser um pouco pacientes, em vez de começarem a carregar na buzina como se estivéssemos todos a enfrentar a merda de uma urgência — resmunga o Tucker enquanto me ajuda a sair.

— O que vai acontecer quando um desses idiotas vier à tua porta para levar a Jamie a sair num encontro?

O Tucker estaca abruptamente, e eu colido com as suas costas rígidas.

— Ela vai frequentar uma escola só de raparigas.

— Pronto. Então o que vai acontecer se um desses idiotas for uma rapariga que quer levar a Jamie a sair num encontro?

— Nada disso seria problema se nos mantivéssemos no hospital como eu sugeri — acusa ele.

Rio-me e puxo-o para o lado para pegar na minha menina.

— Ela continua a dormir.

O seu corpo sólido pressiona as minhas costas quando ele se debruça para espreitar lá para dentro.

— Ela é tão linda. Não acredito que fomos nós que a fizemos — diz ele, baixinho, junto ao meu ouvido. — Vou comprar um cinto de castidade.

— Acho que ela ainda não precisa de um.

— Estou a pensar mais à frente. — Ele afasta-me delicadamente para tirar a cadeirinha da base.

Arqueio uma sobrancelha.

— Ouvi dizer que já fizeste sexo a três.

Ele quase tropeça num buraco do passeio que nem existe. A sua resposta é antecedida por um leve tossicar.

— Sexo a três? Onde ouviste isso?

Ah! Ele não nega. Divertida, passo por ele para chegar à porta.

— Foi a Carin quem ouviu. Disse que são sempre os calados.

— Nada de sexo a três para a Jamie — declara ele. — Se calhar, devíamos

dar-lhe aulas em casa até ela ter 30 anos.

— Estamos a tornar-nos uns hipócritas.

O Tucker acena com a cabeça, entusiasmado.

— Sim, e não me sinto minimamente culpado. — Antes mesmo de entrar em casa, murmura: — Já agora, foi sexo a quatro.

Arquejo.

— Dois rapazes e duas raparigas?

Ele sorri.

— Três raparigas e eu.

— Uau. — Estou mais impressionada do que chateada. — Que bom para ti, garanhão.

Ele ri-se e entra, tirando depois os chinelos.

O interior da casa está surpreendentemente silencioso. O Ray deve estar na cama, porque a televisão está ligada, mas o volume está baixo e, em vez da ESPN, está a dar um programa de jogos.

— És tu, Sabrina? — pergunta a minha avó da cozinha.

— Vou levar a bebé para o quarto — diz o Tucker, tentando fazer o menor barulho possível.

Dirijo-me à cozinha.

— Olá, avó. Eu, hum, sobrevivi. — Ergo as mãos numa pose de vitória ridícula.

Ela limpa as mãos a um pano. Atrás dela, o bacon está a grelhar na frigideira e o cheiro a ovos e baunilha enche o ar. O meu estômago ronca em sinal de apreciação. A comida do hospital é horrível.

— A bebé está a dormir?

— Sim. — Abro a porta do forno. Fatias grossas de rabanadas douradas estão pousadas numa calda de sumo de pêssego. Fico com água na boca. — Isto tem um aspeto delicioso.

— Devias comer e ir deitar-te. As primeiras semanas não são fáceis. — Ela aponta para a mesa, e o seu tom e toque são surpreendentemente atenciosos.

— Queres ver a Jamie? — pergunto, tentando não soar demasiado

esperançosa. A Carin e a Hope visitaram-na ontem, ao passo que a minha avó preferiu não aparecer. Isso magoou-me, mas uma vez que a minha avó é a principal cuidadora a quem pretendo recorrer, prefiro não me chatear com isso.

— Ela está a dormir — diz a minha avó, descartando a ideia. — Vai haver tempo suficiente para pegar nela quando estiver acordada. Os bebés nunca dormem muito tempo, temos de aproveitar enquanto podemos. O teu homem está aqui?

— Estou aqui, Sra. James. Em que a posso ajudar? — O Tucker entra, enchendo a cozinha pequena com o seu corpo alto e ombros largos. Seja qual for a preocupação que se apropriou dele quando saímos do hospital, parece ter desaparecido.

— Senta-te também. Estamos a tomar o pequeno-almoço. Rabanadas e bacon.

— Gostava de poder ficar, mas tenho mesmo de ir. O meu patrão ligou e um dos trabalhadores da equipa caiu de uma escada num trabalho. Ele disse que me pagava horas extraordinárias se eu fosse trabalhar.

— As horas extraordinárias são boas — diz a avó, acenando com a cabeça.

O Tucker debruça-se para me dar um beijo na face.

— Acompanhas-me lá fora?

Levanto-me sem questionar e sigo-o até à carrinha. Agora que não há uma barriga proeminente entre nós, o ambiente ficou estranho. Ele viu-me no meu pior e, mesmo assim, continua aqui.

— Obrigada por tudo.

— Não fiz grande coisa.

— Estiveste lá comigo. Isso é muito.

Ele passa o polegar pelo meu maxilar.

— Estavas desorientada no hospital. Lembras-te de muita coisa?

Como quando disseste que me amavas?

— Não me lembro de muito — minto. — Estava exausta.

O rosto dele contrai-se de desapontamento.

— Tudo bem. Se queres brincar assim, para já eu alinho. — Ele abre a porta do condutor. — Vemo-nos depois do trabalho. Liga-me se precisares de alguma coisa.

Quero dizer-lhe que preciso que ele me diga que me ama quando não estou a gritar desalmadamente de dores ou quando não estou a chorar por estar com medo da maternidade.

Sou percorrida por uma dezena de emoções, que palpitam debaixo da membrana fina do meu autodomínio. Sentindo-me vulnerável, recuo.

— Vamos ficar bem. Vem quando puderes.

Pela forma como o seu maxilar fica duro como granito, percebo que essa não é a resposta que ele quer.

Com um ligeiro aceno de mão, dirijo-me apressadamente para o interior, pois não quero vê-lo a ir-se embora. Na sala de estar, encontro a minha avó com a Jamie ao colo.

— Ela estava a chorar — diz a minha avó, em modo defensivo.

— Não faz mal — digo-lhe, contendo um sorriso. — Importas-te de que vá tomar banho? Sinto-me nojenta.

— Vai lá. — O olhar dela está colado ao rosto da Jamie. — Esta pequena adora a bisavó, não adoras? Não adoras?

Com o coração mais leve, encaminho-me para o chuveiro. A minha avó está claramente a caminho de se apaixonar pela Jamie. Quem não estaria? Ela é a coisa mais maravilhosa do mundo.

Tomo um bom duche demorado com água morna, que me foi proibido no hospital por causa da epidural. Apesar da dor, sabe bem sair da cama do hospital. Depois de me secar, visto um par de calças velhas e uma t-shirt e depois examino o meu reflexo ao espelho.

O meu corpo continua a parecer estranho, como se não me pertencesse. Os capilares dos meus olhos rebentaram durante o parto, por isso tenho um ar demoníaco, com os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado. Podia ser gémea da Helena Bonham Carter. A minha barriga continua grande e redonda, só que agora está flácida e mole. Os meus seios aumentaram para tamanhos cómicos

e enormes.

Ainda bem que não posso fazer sexo durante seis semanas. Nem consigo olhar para o meu corpo depois do parto sem me encolher, quanto mais querer que o Tucker olhe para ele.

— Continuas a amamentar? Sempre usei leite em pó, e tu e a tua mãe cresceram saudáveis. — A minha avó fita-me com expectativa quando me junto a ela na sala de estar.

— Eles disseram que é melhor.

— Hum. Acho que li algo do género na *People*. Então é melhor alimentares a coitada da bebé.

Ela entrega-ma, e eu encosto delicadamente a Jamie ao meu peito e levo-a para o quarto. Sento-me na beira da cama e levanto um lado da camisola, encostando-a ao meu peito com o queixo, e depois aproximo a Jamie da minha mama. Ela abre a boca como se fosse um animal pequeno até encontrar o mamilo. Felizmente, agarra-o logo.

Suspiro de alívio e chego-me para trás no colchão, até os meus ombros tocarem na parede. A perita em lactação avisou-me de que a amamentação é difícil para caraças — bem, ela não usou mesmo estas palavras, mas o sentido era esse —, por isso fico grata que esteja a correr bem para já.

Pego no telemóvel e escrevo uma série de mensagens com uma mão.

Eu: Já estou em casa.
Hope: Quando posso ir aí?
Carin: NÃO!!!!!! Ainda não terminei de tricotar as botinhas. Volta para o hospital!
Eu: Pareces o Tucker. Ele também não queria sair de lá.
Carin: Dá ouvidos ao pai da tua bebé.
Hope: Ela não vai voltar para o hospital porque não acabaste de tricotar. Os hospitais só permitem um internamento de dois dias para partos vaginais. Como te sentes?
Eu: Cansada. Assustada. O Tucker confessou que me amava no hospital.
Hope: Oh, meu Deus.
Carin: Oh, meu Deus.
Hope: E o que é que disseste?
Carin: Ela disse que não acredita no amor, certo?

Ponho a língua de fora na direção do telemóvel.

Eu: Fingi que não o ouvi.
Hope: Oh, meu Deus.
Carin: Estás a ver?
Hope: Isso é do piorio.

Será mesmo? Será mesmo?

Eu: Foi um momento emotivo. Não quer dizer nada.
Hope: És burra. Vou terminar a amizade contigo.
Carin: Ela está a ser altruísta.
Eu: Obrigada, C.
Hope: Não deixas de ser burra.
Eu: Não sou burra. A mãe dele detesta-me. O T é obrigado a viver em Bos. Não quero prendê-lo. O T devia andar por aí, a ir a bares, a dar umas quecas.
Carin: Retiro o que disse. És burra.
Hope: Estás a ver?
Carin: Matavas qualquer miúda que olhasse duas vezes para ele.

Forma-se na minha cabeça uma imagem do Tucker com outra mulher, a pegar noutro bebé que não a Jamie, e sinto um baque no peito. A Carin tem razão. Não estou preparada para que o Tucker siga em frente, por mais despreocupada que tente soar.

A Jamie começa a chorar, e eu olho para a linda boquinha de bebé a tremer de desespero.

Eu: Tenho de ir. A bebé está a chorar.
Hope: Boa sorte.
Carin: Não lhe desejes boa sorte. Não é um evento desportivo.
Hope: :P Qual é a pior resposta para <3?
Carin: Silêncio e depois: «Gostava de sentir o mesmo.»
Hope: Estou a pensar em: «Porquê?»
Carin: E que tal «Que simpático»?
Hope: Brutal.
Eu: Já chega desta conversa.

A Jamie abre a boca e o volume que sai dos seus pulmões até a mim me surpreende. É como se tivesse um amplificador na garganta.

— Chiu. Chiu. — Dou uma volta e tiro o cobertor do carrinho dela. São precisas algumas tentativas antes de conseguir aconchegá-la como se fosse um burrito. Enquanto isso, continuo a mandá-la calar. Há muitas pessoas na Internet que defendem um sistema chamado os Cinco A, que consistem em apaziguar, acalentar, acalmar, aconchegar e… raios, não me lembro da outra.

A Jamie não gosta que eu me tenha esquecido. O rosto dela contorce-se numa expressão de desagrado, ao mesmo tempo que expressa audivelmente a sua opinião sobre as minhas competências enquanto mãe.

— Apaziguar, acalentar, acalmar, aconchegar e assobiar? — Assobio um pouco.

A Jamie continua a chorar.

— Por amor de Deus, que raio se passa aí? — O Ray começa a bater à minha porta.

— Vá lá, pequena Jamie. Para de chorar. A mamã está aqui.

A Pequena Jamie está-se nas tintas. Ela grita ainda mais alto.

— Agarrar! — grito em jeito de triunfo. — Agarrar é a outra!

Dirijo-me ao armário do canto, onde está guardada toda a parafernália da Jamie. A porta abre-se e a minha avó irrompe pelo quarto.

— O que estás a fazer a essa criança? — grita ela mais alto do que a bebé.

— Eu disse-te que ela ia fazer asneira. — O Ray está mesmo atrás dela e está mortinho por mandar o seu bitaite.

— Ray, já chega. Vai comer a tua rabanada. — A minha avó empurra-me para o lado. — De que andas à procura?

— Da chupeta. — Remexo os babygros, os cobertores e os panos de bolsar até a encontrar.

— Pensava que davas de mamar — comenta a minha avó, enquanto eu tento enfiar a chupeta na boca da Jamie. A língua dela é mais forte do que a da namorada do 9.º ano do Tucker. Desisto depois de ela a cuspir pela quinta vez.

— O que faço? — pergunto à minha avó, desesperada.

— Ela quer a mama — diz o Ray da porta.

Será isso? Em pânico, levanto a camisola, sem me preocupar que o Ray esteja a ver o meu seio nu. A Jamie agarra-o e todo o seu corpo abana do choro. A mamada é interrompida por pequenos soluços, mas pelo menos ela para de chorar. Sento-me na cama, aliviada.

No meio do quarto, a minha avó abana a cabeça.

— Não devias tê-la habituado à mama. Agora não vai querer outra coisa.

— Eu gosto. — O Ray vira o polegar para cima. — Belas mamas, Rina.

— Sai daqui — respondo de modo brusco, largando a camisola. A Jamie chora um pouco quando o tecido cai sobre o seu rosto. — A sério, sai daqui. Avó, por favor.

— Devias ter usado um biberão — comenta a minha avó.

— Devias despir a camisola — é o comentário útil do Ray.

Cerro os dentes.

— Preciso de um pouco de privacidade. Por favor.

— Como vais amamentá-la enquanto estiveres nas aulas? — pergunta a minha avó.

A Jamie começa a chorar novamente. Levanto a camisola, apesar de o Ray continuar a olhar para mim. Lanço outra vez um olhar de súplica à minha avó, que finalmente se dirige para a porta.

— Vai-te embora, Ray. O teu pequeno-almoço vai ficar frio.

— Isto não vai funcionar, Joy — murmura ele. — Aquela miúda não pode passar o dia todo agarrada à mama da Rina.

— Deixa-as em paz. — A minha avó lança-lhe um olhar irritado, antes de se dirigir a mim. — Os bebés choram.

Mesmo antes de a porta se fechar, dispo a camisola. A Jamie sossega quando enfio o mamilo na sua boca. Quando ela se agarra outra vez, a tensão começa a dissipar-se.

Cum caraças.

Não sei se consigo sobreviver a isto. Ela tem a cabecinha colada à minha mama, mas quando abre os olhos e a sua mão começa a tocar-me, sinto tanto

amor a percorrer-me o corpo que me deixa fraca.

O processo de amamentação demora menos de quinze minutos. São os únicos minutos de paz que tenho nas duas horas seguintes. Não posso pousá-la. Sempre que tento, ela começa a chorar, o que desencadeia também uma gritaria entre mim, o Ray e a minha avó. Acabo por andar sempre com ela ao colo, e sou obrigada a aprender a comer com uma mão e a mudar-lhe a fralda gastando três, porque rasgo os autocolantes das primeiras duas.

Quando o Tucker liga ao meio-dia, sinto-me exausta.

— O teu papá está a ligar — digo à Jamie enquanto ela me fita com os olhos semiabertos. Sentei-me no chão e tenho-a aconchegada nos meus braços.

— Como está a correr? — pergunta ele quando eu atendo.

— Já tive dias melhores. — Levanto um pouco a Jamie na direção do meu ombro. Ela enterra o rosto no meu pescoço. — Mas acho que tens razão. Não devíamos ter saído do hospital.

— Agora não há volta a dar.

— Nem fazes ideia.

— Conta-me como foi a tua manhã.

Sinto-me tão grata por ouvir a voz pacífica dele que quase desato a chorar. Consigo controlar-me e conto-lhe que a Jamie vai vencer as medalhas olímpicas no levantamento de pesos, porque já é forte para caraças, ou que pode vir a tornar-se mágica, porque consegue desembaraçar-se de todos os cobertores onde tentei aconchegá-la.

O Tucker ri-se e dá-me algum alento, e quando desligo o telemóvel, estou convencida de que consigo fazer isto.

34

Sabrina

Setembro

A maternidade é difícil. Mais difícil do que imaginei que alguma coisa pudesse ser. É mais difícil do que estudar para os exames de admissão à faculdade. Os meus exames de admissão à Faculdade de Direito. É mais desafiante do que o trabalho que tive de escrever para a cadeira de Estudos sobre as Mulheres no primeiro ano, que me foi devolvido como se duas esferográficas vermelhas tivessem cometido um homicídio seguido de suicídio por cima das palavras que escrevi. É mais cansativo do que manter dois empregos e fazer um monte de cadeiras durante quatro anos.

O meu respeito pela minha avó não poderia ser maior. Se tivesse de criar uma criança a seguir à outra, também estaria um pouco rabugenta. Mas com a ajuda dela e do Tucker, criei uma rotina que parece funcionar, e quando chegamos à segunda semana de aulas, estou convencida de que consigo dar conta do recado. Afinal de contas, só tenho três horas de aulas — no máximo — por dia. E já não tenho dois empregos.

Isto é canja.

Canja.

Até sair da minha última aula de sexta-feira da segunda semana, a abarrotar de biberões, tubos, dois quilos de livros e o computador com um trabalho de casa que exige ler mais de mil páginas durante o fim de semana. Os trabalhos

não param de se acumular. Quando o professor Malcolm anunciou que teríamos de ler um capítulo inteiro sobre culpabilidade e intenção, esperei que alguém — quem quer que fosse — protestasse, mas ninguém o fez.

Depois da aula, nenhum dos meus colegas pareceu ter ficado afetado pelo facto de sermos obrigados a ler em dois dias aquilo que poderia ser descrito como trabalho para um semestre inteiro. Em vez disso, três alunos da minha fila decidiram encetar um debate aceso sobre o sistema de classificação de Harvard, do qual já deviam estar a par antes de se terem inscrito.

Espero pacientemente que eles terminem a conversa para podermos sair todos da sala de aula. Preciso de dar início à leitura, mas, mais importante do que isso, parece que os meus seios vão explodir. Há quase três horas que não dou de mamar à Jamie e, se não me dirigir à sala de lactação da biblioteca, vou acabar por sujar a porcaria da camisa.

— Não gosto deste sistema de classificação sem letras. Aprovado com distinção, Aprovado, Aprovado com nota baixa e Reprovado? — comenta o loiro com nariz afiado que está ao meu lado.

— Ouvi dizer que os professores não são incentivados a dar a classificação «Aprovado com nota baixa», mas sim a classificação «Aprovado com distinção» ou «Aprovado». É preciso ser um zero à esquerda para receber uma classificação de «Reprovado» — diz a rapariga ao lado dele. As bochechas dela revelam-se tão aguçadas que podiam cortar o meu manual.

Começo a recolher os meus pertences e a enfiá-los na mochila, mas ninguém se mexe. Outra rapariga, que está a usar uma saia comprida que me desperta más memórias da Stacy *hippie*, intervém.

— O meu primo terminou o curso aqui há um ano e disse que as empresas da BigLaw calculam as suas próprias notas com base nos AD, A e ANB, para que funcione sempre da mesma forma. A AD corresponde a um 18, e por aí fora.

— A minha maior queixa é que apenas uma pessoa pode ser considerada a melhor do curso. Em qualquer outra Faculdade de Direito, se tivermos notas para isso, recebemos a designação. Só ter uma pessoa a usufruir disso é uma

porcaria — declara a rapariga das bochechas.

A rapariga da saia tranquiliza-a.

— Mas podes conseguir a bolsa na mesma.

— Apenas uma mão-cheia de pessoas consegue a bolsa do reitor.

— São muito picuinhas com o quadro de mérito — acrescenta o rapaz.

Pigarreio. Eles continuam a ignorar-me.

— Mas estamos a falar de Harvard, por isso os mandachuvas vão andar de olho em ti na mesma — diz a rapariga das bochechas, com a descontração de alguém que está segura das perspetivas quando acabar o curso. — Com que antecedência podemos começar a licitar o EIP?

— O *Early Interview Program*? — pergunta a rapariga da saia, com um sorriso. — Tem lá calma. Só no segundo ano. Primeiro tens de aprender a escrever um memorando.

Ela troca um olhar de escárnio com o rapaz, e a rapariga das bochechas cora ligeiramente. Não é divertido ser motivo de chacota e, de modo pouco sensato, decido intervir.

— Não estou tão preocupada com as notas como estou com a quantidade de leitura que vamos ser obrigados a fazer. Gostava de iniciar esta tarde. — Fica a dica, vão à vossa vida, pessoal.

A rapariga das bochechas ergue o queixo, satisfeita por poder atacar em vez de ser atacada.

— Isso não é difícil. Difícil é escolher o tema certo para o artigo da *Law Review*. Ler e digerir uns quantos casos é canja.

Ela vira-se com uma abanadela de cabelo em sinal de desdém, reúne os livros e deixa-me de boca aberta atrás dela. Os outros dois alunos seguem-na. O rapaz sussurra para a rapariga da saia comprida:

— Ouvi dizer que há um grupo de estudo onde só se entra por candidatura. Como posso entrar?

Ela funga.

— Se tens de perguntar, é porque não é o lugar certo para ti.

Que simpática. Pelo menos estão a ir-se embora.

Os seios doem-me como se o meu corpo estivesse a preparar-se para deixar sair o leite todo. Precipito-me para a porta e passo a correr por dois colegas de turma que pararam para conversar com outro aluno. Estes miúdos não têm nada melhor para fazer do que ficar a tagarelar?

Um aluno está a entregar panfletos no exterior. Pego num e detenho-me. É um convite para comparecer num curso informativo sobre como ser escolhido para a *Law Review*. A reunião acontece dali a quinze minutos. Sinto o peito a latejar.

— A tua camisa está manchada — diz uma alegre voz masculina.

Baixo o queixo para ver do que ele está a falar e empalideço ao deparar-me com duas manchas húmidas em redor dos mamilos.

— Não sei o que se passa, mas se calhar devias consultar um médico por causa dessa infeção. É nojenta.

Reconheço-o logo. É o Kale qualquer coisa, o imbecil da clínica jurídica. Tem um cabelo penteado à boneco Ken, colado à parte lateral do rosto. Tudo nele grita dispendioso e privilegiado. Ele dá uma cotovelada ao rapaz que está ao seu lado, que parece verdadeiramente enojado.

Atiro-lhe o panfleto para o peito.

— Estou a amamentar, idiota.

Juro que ouço o som de um mugido atrás de mim, mas, quando me viro, os rapazes estão a afastar-se.

Demoro quinze minutos a atravessar o *campus*. Começo a pingar mais a cada passo que dou. As minhas emoções são um misto de vergonha, raiva e frustração. Vergonha por estar a pingar leite. Raiva por me preocupar com o que aquele pulha pensa. E frustração por estar a encher as copas do soutien com o meu precioso leite materno e por estar a sujar a camisa. Cruzar os braços sobre o peito não ajuda em nada. A pressão faz com que o leite saia mais depressa.

Quando chego à biblioteca, estou num estado lastimoso. A funcionária que guarda as chaves da sala de lactação entrega-mas com cuidado, para não me tocar.

Uma mulher está de saída quando eu chego.

— É toda sua — diz ela, animada.

— Obrigada — é a minha resposta seca.

Ela segura a porta quando eu entro.

— Está a ser um dia mau, hã?

A voz dela é tão gentil e compreensiva que quase me vou abaixo.

— Nem faz ideia — respondo, mas depois apercebo-me de que, até pode fazer. — Ou talvez faça. Mas sim, tem sido um dia mau.

— Espere um segundo. — Ela remexe na mala. — Tome. — Entrega-me uma embalagem de plástico pequena. — Tenho outra e nunca os usei.

— O que é isto? — Viro a embalagem e examino as almofadas de silicone em forma de pétala.

— Cola-as aos mamilos e param de pingar.

— A sério? — Olho perplexa para ela.

— Sim. Não são perfeitas e, se esperar muito tempo, o leite acaba por reduzir a aderência, mas funcionam.

Aperto a embalagem com força na mão e sinto-me inundada por um forte alívio. Sou obrigada a conter novamente as lágrimas.

— Até lhe dava um abraço neste momento se não estivesse toda suja. Mas muito obrigada. — Vislumbro um manual vermelho característico, com letras pretas e douradas na lombada, a sair da mala dela. — Primeiro ano? — pergunto.

— Por acaso, estou no terceiro. Queria esperar até concluir a faculdade antes de ter acontecido isto. — Ela aponta para a lancheira térmica que tem na mão. Deve ter o leite lá dentro. — E tu?

— Primeiro ano.

Ela sorri.

— Boa sorte, querida. Lembra-te só de que todos os anos se tornam mais fáceis depois do primeiro. E o primeiro ano é apenas um ano de desgaste constante. — Ela dá-me uma palmadinha nas costas. — Vais ficar bem.

Entro na sala e prendo a bomba médica aos meus seios. O trajeto entre a

Faculdade de Direito e a Biblioteca Widener ainda é longo, mas a biblioteca tem uma das poucas bombas de tirar leite no *campus*, o que significa que só tenho de trazer os biberões, os funis e os tubos, e não tive de gastar dinheiro numa dispendiosa bomba de tirar leite portátil. A minha conta bancária já sofreu um rombo por causa da compra dos manuais.

Desabotoo a camisa de seda e dispo o soutien. Devia sentir-me enojada, mas estou demasiado exausta e vagamente irritada, uma vez que a porcaria da máquina demora vinte minutos a extrair um nico de leite das minhas mamas, que a Jamie nem sequer vai beber do biberão.

Embalo-me na cadeira e pego no telemóvel para ler as mensagens. A Hope e a Carin enviaram-me uma cada, mas passo-as à frente e carrego no nome do Tucker.

Tucker: Fui ver a J durante a pausa de almoço.

Debaixo da mensagem, encontra-se uma fotografia da Jamie a dormir na dobra do braço dele. Sinto um aperto no coração e o local no meio das minhas coxas — que eu pensava que tinha morrido no parto — palpita fortemente. Não há nada mais sexy do que um pai afetuoso.

O Tucker deixa as minhas hormonas em polvorosa.

Eu: Ela é mesmo um anjo.
Tucker: Odeio deixá-la.
Eu: Pinguei leite pela camisa toda. Foi uma vergonha pavorosa.
Tucker: Oh. Coitadinha. Mais tarde vou a tua casa fazer-te uma massagem nas costas.
Eu: Tenho de ler umas mil páginas e nem sequer estou a exagerar.
Tucker: Eu trato da J. Tu estudas.
Eu: Vou aceitar a oferta.
Tucker: Boa. Nunca me deixas fazer o suficiente.

Porque não te quero afugentar.

Mas é claro que não escrevo isso.

Eu: És o melhor pai que a J podia pedir.
Tucker: Tens padrões baixos, querida, mas eu gosto.
Eu: :)
Eu: Vou dormir uma sesta agora, enquanto me sugam o sangue. Parece que entro no *Matrix* e que estou ligada a uma máquina.
Tucker: Tomaste o comprimido azul ou o vermelho?
Eu: Qual é o que faz a Jamie adormecer? É esse que vou tomar.
Tucker: Vou comprar um soporífero.
Eu: É uma pena não poder tomá-lo.
Tucker: A minha mãe disse que a mãe dela costumava esfregar-lhe *brandy* nas gengivas para a adormecer.
Eu: Espero que a Segurança Interna não esteja a espiar estas mensagens. Funcionava?
Tucker: Não sei. Vou deixar-te uma garrafa de *brandy* ao lado do soporífero.
Eu: Estás a ver? O melhor pai de sempre.
Tucker: LOL. Vai dormir, querida.

A Hope e a Carin compraram-me um livro que se chama *Vai Dormir, F*da-se*. Li-o à Jamie centenas de vezes. Não funciona. É uma porcaria. No fim de semana, a Jamie decide que é alérgica ao sono. A única vez em que fecha os olhos é quando me estou a mexer.

Embora consiga ler e caminhar ao mesmo tempo, dormir e caminhar vai além das minhas capacidades, e é por isso que começo a minha terceira semana de Faculdade de Direito com oitocentas páginas de atraso. Arrasto-me para as aulas, sem ter lido uma única palavra para a minha cadeira de Contratos. Consegui ler o material para Direito Criminal, mas foi só isso.

Se tudo correr bem, o professor Clive não vai chamar o meu nome hoje.

— Na semana passada, estudámos os primeiros dois elementos que constituem um contrato. Sr. Bagliano, partilhe com a turma quais são esses dois elementos e a deliberação do processo *Carlill* de 1898.

O Sr. Bagliano, cuja aparência e apelido soam italianos, recita obedientemente os dois princípios que aprendemos antes.

— Oferta e aceitação. O processo *Carlill* de 1898 debatia se um anúncio podia ser interpretado como uma oferta. O processo foi deliberado pelo Tribunal Inglês, que afirmou que se tratava efetivamente de uma oferta unilateral vinculativa que podia ser aceite por qualquer pessoa que

respondesse ao anúncio.

— Excelente, Sr. Bagliano. — O professor Clive consulta a folha que eu presumo conter todos os nomes.

Fecho os olhos e rezo para que o meu nome desapareça por artes mágicas.

— Menina James, diga-nos qual é o terceiro elemento de um contrato e a deliberação do processo *Borden*.

Quando o coração me cai ao estômago, perscruto a sala, desesperada, como se conseguisse ler a resposta nos olhos de algum dos meus colegas de turma. Não aparece nenhuma lâmpada sobre a cabeça de ninguém, muito menos sobre a minha.

Ao meu lado, um rapaz cujo nome não me dei ao trabalho de memorizar murmura qualquer coisa pelo canto da boca. Soa a *confederação*. Não me parece a resposta correta. Ele tosse a palavra «confederação» novamente na direção da mão. Ouve-se uma gargalhada nervosa pela sala, enrubescendo as minhas faces como duas chamas.

Na frente do auditório, o professor Clive cerra os lábios numa linha fina.

— O Sr. Gavriel está a dizer *consideração*, menina James. — Ele desloca o olhar para o pobre coitado que está ao meu lado. — Sr. Gavriel, uma vez que sabe a resposta, podia partilhar qual é a deliberação do processo?

O Sr. Gavriel lança-me um olhar empático, antes de ler os seus apontamentos perfeitamente escritos e de começar a debater mutualidade e promessas ilusórias, e outras tretas quaisquer.

Sem dar nas vistas, ponho um caderno em cima dos rabiscos onde a tinta está esborratada, por causa de ter adormecido e de ter derramado uma dose generosa de leite e cuspo de bebé.

É difícil ouvir o resto da palestra com a vergonha a martelar-me os ouvidos, mas tiro extensos apontamentos na esperança de que, quando revir esta palha mais tarde, tudo faça sentido.

Depois de a aula terminar, o professor Clive faz sinal para que me junte a ele na parte da frente da sala.

Ele coloca os dedos debaixo do queixo.

— Menina James, a professora Fromm partilhou comigo as circunstâncias da sua vida doméstica e, embora consiga perceber quão difícil deve ser, os padrões da cadeira não se alteram por causa da maternidade.

Rígida, respondo:

— Não acho que devessem mudar. Peço desculpa por hoje e prometo que não haverá lapsos de futuro.

— Espero que não, mas, uma vez mais, a classificação assume a forma de uma curva e alguém tem de ficar em baixo.

Levanto a mão para coçar o pescoço, não porque tenha comichão, mas devido à forte vontade que sinto de lhe fazer um pirete.

— Não vou ser eu — asseguro-lhe.

Ele olha para mim durante um segundo demorado e desconfortável, e depois descarta-me com um ligeiro aceno de cabeça.

— Veremos.

35

Tucker

A Sabrina aparece no meu apartamento na sexta-feira à tarde com tralha suficiente para encher uma loja de bebés inteira. Desde que a Jamie nasceu que eu descobri que não posso voltar a sair de casa apenas com a carteira, o telemóvel e as chaves.

Não. Mesmo para levar a Jamie a dar um passeio curto, é preciso levar um saco de fraldas carregado de tudo, de toalhitas de bebé a chupetas e até mesmo o pato de peluche pequeno, sem o qual ela desata num pranto. Já para não falar do carrinho, do chapéu e de mudas de roupa para o caso de ela bolçar.

E, mesmo munido desta tralha toda, metade do tempo acabo por não usar mais do que uma fralda e um biberão, o que torna tudo o resto inútil.

Mas não me importo. Adoro ser pai. Quem me dera estar todos os dias, o dia todo, com a Sabrina e a bebé, mas, neste momento, só consigo alguns dias completos por semana e as minhas visitas noturnas a casa da Sabrina. Sempre que lá estou, ofereço-me para passar a noite e ela abana gentilmente a cabeça. Acho que não se sente confortável por eu estar perto do ordinário do padrasto dela, e quanto mais conheço o Ray, mais o odeio. O tipo é sacana, safado e mal-educado. Não é um bom achado. Sim, o Dr. Seuss podia escrever uma série de livros de rimas para adultos sobre este cretino.

— Olá. — A Sabrina empurra o carrinho pela porta da frente estreita, e eu reparo nos círculos escuros debaixo dos seus olhos.

Quando falámos esta manhã, ela disse que não tinha conseguido pregar olho

porque a Jamie a acordava de hora em hora. A nossa filha tem um apetite voraz, e sei que adora as mamas da Sabrina tanto quanto eu, porque, sempre que tento dar-lhe o leite pelo biberão, demora o dobro do tempo.

— Olá. Como está a minha menina hoje? — pergunto com um sorriso.

— Surpreendentemente feliz, tendo em conta que me manteve acordada a noite toda.

— Estava a falar de ti, querida. — Reviro os olhos e inclino-me para a beijar.

Está a usar um batom com sabor a fruta — morango, penso eu. E é tão delicioso que desço a boca para o saborear novamente. Deslizo a língua sobre o seu lábio inferior e gemo baixinho.

Caramba. Apetece-me ficar aqui a beijá-la para sempre. Ou, melhor ainda, arrancar-lhe as roupas e perder-me no corpo dela durante uma semana. Mas as nossas seis semanas ainda não acabaram e, mesmo que tivessem acabado, não sei se a Sabrina iria querer sexo. Ela está sempre cansada e prestes a tornar-se um zombie.

Não sei como consegue ir às aulas, adiantar as leituras, redigir trabalhos e, mesmo assim, tomar conta da nossa filha. Diria que é prova da sua força e determinação, se bem que gostava que ela me deixasse fazer mais para lhe aliviar o stress. Mesmo para vir hoje, o que lhe daria a oportunidade de estudar em silêncio enquanto eu tomo conta da bebé, foi preciso um debate de trinta minutos para conseguir convencê-la. Ela está a ver-se aflita para estudar em casa, com a avó sempre a encher-lhe os ouvidos com histórias sobre as Kardashians e o Ray a fazer viagens constantes à cozinha para ir buscar uma cerveja fresca.

Eu tenho um colega de casa que trabalha durante o dia, por isso o ambiente é tranquilo e silencioso. Além disso, não tenho feito grandes trabalhos nas obras devido às chuvadas ininterruptas, por isso tenho passado esta última semana em casa, a pesquisar diferentes negócios.

Quando se ouve um guincho de desagrado vindo do carrinho, eu rio-me baixinho.

— A princesinha não gosta de ser ignorada, é? — Agacho-me diante do carrinho e abro os vários cintos que mantêm a Jamie presa. Depois pego nela, segurando-lhe o rabinho com uma mão e apoiando-lhe o pescoço com a outra, erguendo-a à minha frente.

Como de costume, vê-la arrebata-me o coração. É a bebé mais linda do mundo. Até a minha mãe o diz. Envio-lhe fotografias todos os dias, e ela mostra-se sempre maravilhada com a perfeição que é a Jamie Tucker. A minha mãe está ansiosa por conhecer pessoalmente a neta, mas tem de esperar pelas férias, que ainda demoram uns meses. Para já, as fotografias diárias parecem reconfortá-la.

— Como está o anjinho do papá esta manhã?

A Jamie gorgoleja e lança-me um sorriso sem dentes. E, sim, é mesmo um sorriso. A Sabrina continua a insistir que são gases, mas eu acho que sei perceber quando a minha filha está a sorrir para mim.

Beijo-lhe a face impossivelmente suave e ela encosta o rosto doce ao meu peito. Um ardor forte percorre-me logo o mamilo. Grito quando a boca faminta dela tenta agarrá-lo.

Merda. Esqueci-me de que não estou a usar camisola. O Brody não gosta de ligar o ar condicionado se não for necessário, por isso, na maior parte do tempo, deixamos as janelas abertas. Comecei a andar de calções de basquetebol e sem mais nada.

— Calma, querida — digo, afastando o rosto dela.

Ela abre a boca e fecha-a rapidamente enquanto tenta sugar o ar, o que me derrete o coração.

Levanto a cabeça para trocar um sorriso com a Sabrina, e vejo-a de olhos vidrados e de boca aberta.

Franzo a testa.

— O que foi?

Demora um segundo a responder. Quando o faz, a voz dela está um pouco rouca.

— Acabaste de me fornecer centenas de horas de material para me

masturbar.

Solto uma gargalhada.

— Credo, Sabrina. Excita-te ver a nossa filha a tentar mamar nos meus mamilos?

— Não, *isso* é que me excita. — Ela aponta para nós.

Continuo sem perceber.

— Um homem lindo em tronco nu a pegar numa bebé? — diz ela. — É a coisa mais sensual que alguma vez vi.

Raios me partam se o meu pénis não endurece debaixo dos calções.

— Ah, sim? — pergunto, lentamente.

— Oh, sim. — Ela suspira. — Caramba, Tuck. Agora nunca mais vou conseguir concentrar-me nos contratos.

— Eu visto uma camisola — ofereço, graciosamente.

— Sim, faz isso. — A Sabrina pousa o saco das fraldas, mas agarra a mochila que está pendurada no outro ombro. Dirige-se para a mesa da sala de estar, pousa a mochila e começa a tirar os manuais.

Assobio baixinho. Fogo, ela tem andado a carregar aquele saco de fraldas pesado numa mão e aqueles manuais todos na outra? Porra, parece o Hulk.

— Como foram as aulas esta manhã?

— Demoradas. — Ela olha por cima do ombro. — É melhor estudar aqui ou no teu quarto?

— É melhor ficares aqui. — Passo a Jamie para o outro braço, e adoro quão leve ela é e ter a sua bochecha encostada ao meu ombro nu. — Estava a pensar em levar a princesa a dar um passeio pelo bairro.

A Sabrina acena com a cabeça.

— Está bem, mas não te esqueças de não a deixar apanhar sol.

Assinto com a cabeça. Lemos os mesmos livros, por isso sei que a luz solar direta faz mal aos bebés. Sempre que saio com a Jamie, certifico-me de que ela usa um chapéu e que está escondida em segurança debaixo da sombrinha do carrinho. Basicamente, trato-a como se fosse um vampiro.

— Importas-te de segurar nesta carga preciosa para eu vestir uma camisola?

A Sabrina abre os braços, e eu entrego-lhe a Jamie. O meu peito fica quente quando vejo a Sabrina a dobrar-se para depositar beijinhos nas faces e na testa da nossa filha. Em resposta, a Jamie abana-se como uma minhoca e levanta os punhos no ar. Ainda não aprendeu a rir-se, pelo menos com as cordas vocais, mas descobri que quando ela se abana é sinal de que está a divertir-se.

Dirijo-me ao quarto e visto uma camisola sem mangas, depois calço umas peúgas de desporto e enfio a carteira e o telemóvel nos bolsos de trás. No corredor, aperto os atacadores das sapatilhas antes de pegar na Jamie e na sua montanha de tralha. Depois de ela estar presa no carrinho, empurro-o para a porta enquanto a Sabrina nos faz adeus com a mão.

— Estuda muito, mamã — provoco-a.

— Divirtam-se — responde ela, distraidamente. Já está a escrevinhar qualquer coisa num bloco amarelo, com o olhar colado num dos manuais de Direito.

É precisa alguma manobra estratégica para conseguir empurrar o carrinho para dentro do elevador apertado. Minutos depois, eu e a Jamie percorremos o passeio. O sol decidiu esconder-se atrás de uma nuvem cinzenta grossa, deixando o céu escuro, por isso levanto uns centímetros a sombrinha da Jamie para que ela possa apreciar o cenário.

E ela não é a única a apreciá-lo. Outra coisa que descobri desde que tenho uma filha é que as mulheres ficam doidas quando me veem com a bebé.

Sempre que estou a empurrar o carrinho pela rua, dou por mim com uma dezena de fãs. As raparigas interpelam-me onde quer que esteja para falar sobre a Jamie e para se deliciar com ela. Quase sempre inspecionam a minha mão à procura de um anel de casamento e depois acenam, satisfeitas, quando não encontram um. As mais atrevidas não têm problema em perguntar diretamente se eu ainda estou com a mãe da anjinha.

Ficam sempre desiludidas quando as informo de que continuo com a mãe. Aí esboço um sorriso cordial, dou-lhes os bons-dias e sigo caminho. Quando o Logan se juntou a mim num destes passeios, abanou a cabeça, incrédulo, e comentou que era uma pena que nenhum de nós fosse solteiro, porque a Jamie

é um íman para as miúdas.

Os meus amigos adoram-na. Eu sei que eles gostavam de a ver mais vezes, mas todos temos vidas ocupadas. Uma vez que a temporada do hóquei já começou, o Garrett tem dado duro nos treinos e está sempre em viagem para os jogos nas outras cidades. O Logan anda a treinar com o mesmo afinco com a equipa, e ele e a Grace ainda se estão a instalar no novo apartamento. Apesar disso, sempre que têm tempo livre, vêm ver a Jamie. Sobretudo a Hannah, que agora só trabalha a tempo parcial e aproveita o restante tempo livre para escrever canções.

— Olha para aquilo, querida — digo à minha filha quando paramos no passeio. — É um cãozinho.

O animal tenta cheirar o carrinho quando ele e a dona se aproximam de nós. Mais valia ter ficado de boca fechada, porque agora atraí a atenção da dona.

— Valha-me Deus! Olha para este anjo precioso!

Ela agacha-se e começa a dar palmadinhas na Jamie, o que faz os meus pelos eriçarem-se. Isto é normal? Os estranhos estarem constantemente a tentar tocar na bebé? Porque acontece mais vezes do que eu gostaria.

A mulher deposita um beijo nos dedos pequenos da Jamie, e eu faço uma nota mental para os lavar assim que nos afastarmos. Até lhe dava uma mangueirada se achasse que isso não a iria magoar. Não quero aqueles germes todos na minha filha.

— Como se chama? — pergunta a mulher.

— Jamie. — Olho fixamente para o sinal da passadeira, desejando que o homenzinho verde apareça antes que a rapariga comece a namoriscar.

— E como se chama o papá?

Tarde demais.

— Tucker, mas a minha mulher trata-me por Tuck.

Ela cala-se num ápice. Normalmente não costumo ser indelicado nestes engates de rua, mas não gosto da forma como ela tocou na minha filha sem autorização. Não apreciei.

Quando a luz fica verde, empurro rapidamente o carrinho e murmuro um

adeus à mulher e ao cão.

— Pelo menos o cãozinho era giro, não era, querida?

Ela não responde, mas isso pouco importa. Habituei-me a ter conversas completas com a bebé. Para mim é tranquilizador.

— Estás a ver aquilo? É um baloiço — informo-a quando passamos por um parque pequeno. — Quando fores um pouco mais velha, o papá vai levar-te ali e empurrar-te no baloiço.

Caminho mais dois quarteirões, acelerando quando nos aproximamos de uma loja de brinquedos para adultos.

— E esta é uma loja onde nunca vais entrar — digo, animadamente. — Porque nunca, mas nunca, vais fazer sexo, certo, princesa?

Ouço uma gargalhada sonora.

Olho por cima do ombro e vejo um casal de idosos ao meu lado. Fazem-me lembrar o Hiram e a Doris. Caramba, como será que estão esses dois? Gostava que tivéssemos ficado com o contacto deles depois do nosso encontro incrível a pintar aquele homem nu.

— Boa sorte com isso — diz-me o homem com um sorriso de esguelha.

— Quatro filhas — confirma a mulher. — O coitado do Freddie não conseguiu convencer nenhuma delas a ficar virgem.

Sorrio.

— Como é óbvio, ele não tentou com força suficiente. Pensou em comprar uma espingarda?

O casal desmancha-se a rir.

Eu e a Jamie continuamos a passear mais uns minutos, até me deter junto de uma esquina conhecida. Não voltei ao Paddy’s Dive desde a noite em que a Sabrina entrou em trabalho de parto, mas acabei por vir cá ter novamente.

E há uma tabuleta a dizer «Vende-se» na janela.

36

Sabrina

— Peço desculpa pelo atraso — digo, enquanto me sento numa cadeira do Della's.

A Carin e a Hope já pediram as bebidas e, pela quantidade de copos em cima da mesa, estou mais atrasada do que pensava. Ou elas é que chegaram cedo. Desde que a Jamie nasceu que tenho dificuldade em chegar a tempo aonde quer que seja.

— Onde está a bebé? — pergunta a Carin, descartando o meu atraso com um aceno de mão.

— Está com a minha avó. — Pego na ementa e examino-a rapidamente para procurar a peça de carne mais suculenta.

As meninas fazem beicinho.

— Queríamos ver a bebé! — exclama a Hope.

— Sim. A ideia era tu trazeres a Jamie para podermos apaparicá-la. Estou quase a terminar as botinhas. — A Carin puxa um emaranhado de fios que não se assemelha minimamente a uma bota ou mesmo a uma peúga.

— O que é isso? — Pouso a ementa para conseguir ver melhor o objeto que ela levantou. Parece o equivalente em lã ao boneco horripilante do Logan.

— É uma peúga. É demasiado grande ou demasiado pequena? — Ela estica-a e eu vejo vagamente algo que se assemelha a um navio.

— É… Tens a certeza de que é uma peúga?

A Hope ri-se por detrás da ementa.

A Carin lança-me um olhar carrancudo.

— Já tentaste tricotar? É extremamente difícil, muito obrigadinha. — Ela funga e enfia o emaranhado de fios dentro da mala.

— Além de tricotar, o que eu agradeço, como está a correr o MIT?

A Hope resplandece.

— A Carin riscou «gajo com barba» da lista de desejos.

— Boa. — Levanto o polegar na direção dela. — Conta-me lá.

— Não, não é nada de especial. — A Carin levanta a ementa para esconder o rosto.

— O Sr. Barba é o professor assistente da Carin — explica a Hope. — Ela acha que vais ficar fula.

— Não é o meu professor assistente — protesta a Carin.

— Pronto — cede a Hope. — É o professor assistente de outra cadeira, que o mais provável é a Carin fazer para o ano.

— Hum, não tenho problemas com isso. — Pego novamente na ementa e estudo as opções.

Estou indecisa entre o hambúrguer com queijo azul e a sanduíche de carne e queijo. Será que posso sequer comer queijo azul? Baixo a ementa para perguntar à Hope e constato que as minhas amigas estão a olhar para mim.

— O que foi? — Baixo o olhar para o peito em sinal de pânico. — Estou a pingar? — Não, a minha camisa está seca, graças a Deus. As pequenas almofadas de silicone estão a funcionar às mil maravilhas.

— Achámos que ficarias chateada com isto por causa da situação com o Dean — explica a Carin.

— Eu e o Dean já fizemos as pazes, de certo modo. — Se é que ir-me abaixo e o Dean consolar-me conta como fazer as pazes. O que, para mim, conta. Além disso, pelo que me é dado a saber, ele não disse uma palavra que fosse ao Tucker sobre eu estar loucamente apaixonada por ele.

— Ainda bem.

A empregada aproxima-se e todas fazemos os pedidos. A Hope pede uma salada, a Carin pede sopa e uma salada, e eu peço a sanduíche de carne e

queijo, acompanhada de batatas fritas, porque estou faminta.

— Como está a correr a Faculdade de Medicina? — pergunto à Hope.

— Está a correr bem. Os trabalhos do curso são uma loucura.

— Como eu te entendo.

— A Faculdade de Medicina está a esgotar toda a minha energia e já nem tenho tempo para o D'Andre. Ele não para de falar sobre irmos fazer esqui nas férias de Natal, e a única coisa que me apetece fazer é deitar-me em frente à lareira e dormir. Não sei como consegues.

— Não conseguiria sem o Tucker. Ele está sempre presente. Quero dizer, na maior parte do tempo — corrijo-me. Porque, ultimamente, ele tem andado bastante ocupado e, sem dar muito nas vistas, começo a entrar em pânico.

A Hope franze o sobrolho.

— Oh, não. Há problemas no paraíso?

— Não, nem por isso. Ele ajuda-me mais do que eu poderia sonhar, para ser sincera. Sinto-me culpada.

— Nem penses — diz a Carin. — A filha também é dele. Ele tem estado a desleixar-se? Porque eu dou-lhe um enxerto de porrada.

— Não, de todo. É que… — Calo-me, hesitante ao exprimir o meu medo, como se ao dizer as palavras elas se tornassem verdade. Mas elas são as minhas amigas mais próximas, por isso cedo à vontade que sinto. — Acho que ele encontrou outra pessoa.

— Não. — A Hope nega imediatamente. — Quando é que ele teria tempo? Disseste que ele vai a tua casa quase todas as noites e que também estás com ele ao fim de semana.

— É precisamente por isso. Antes ele estava sempre presente, mas nas últimas semanas tem andado muito ocupado.

— Talvez haja muitos empreiteiros a querer adiantar os projetos antes da queda da neve — sugere a Carin. — E andam todos a fazer turnos duplos ou assim.

— Talvez. — Solto um suspiro. — Não é só ele não estar tão presente. Ele anda distraído e calado, mais do que o habitual. Sinto que quer dizer-me

alguma coisa, mas tem medo de como vou reagir.

— Diz-lhe que o amas — ordena a Hope, enquanto abana o garfo na minha direção. — Por acaso, estou chocada por ainda não te teres descosido. Mesmo que seja por mensagem.

— É muito difícil — admito. — No outro dia, ele estava a pegar num copo de água e a camisola dele subiu, e eu quase caí de joelhos de tanto desejo. E quando ele está com a Jamie? Torna-se quase impossível. Na outra noite, ele estava sentado no sofá a dar-lhe de comer. E eu comecei a dizer «Amo-te», mas depois só consegui dizer as três primeiras letras. Acabei por dizer: «Amo as tuas peúgas.»

— Amo as tuas peúgas? — exclama a Carin.

— É ridículo. Eu sei.

— Porque não lhe dizes de uma vez?

— Porque, se lhe disser, ele vai sentir-se preso a mim. Ele é um homem às direitas e decente, e nem sequer vai conseguir olhar para outra mulher.

— Pergunta-lhe se ele anda a sair com alguém. Se ele disser que não, diz-lhe que o queres todo para ti — aconselha a Carin. — Se ele disser que sim, pelo menos ficas a saber. É melhor saberes do que dares em doida com a dúvida.

— É mesmo melhor — concorda a Hope.

Esboço um sorriso tenso e mudo de assunto, fazendo mais perguntas à Carin sobre o professor assistente bonzão e com barba com quem ela tem ido para a cama. Ela mostra-se feliz com isso, se bem que falar sobre sexo me faz lembrar o pouco que tenho feito ultimamente. Era difícil encontrar uma posição que fosse confortável antes de ter a bebé, e agora que acabou o período de seis semanas em que estávamos proibidos de fazer sexo, não sei se quero que o Tucker veja o meu corpo. Ele está habituado às universitárias jeitosas sem gordura corporal e com abdominais de aço. E, neste momento, os meus abdominais mais parecem gelatina.

A nossa comida chega por fim. Começo a comer avidamente, com a desculpa de que estou esfomeada, mas, acima de tudo, estou a esconder-me das minhas amigas, porque não concordo com o conselho delas. Descobrir que

o Tucker está apaixonado por outra pessoa vai dar cabo de mim.

Preferia passar a minha vida inteira num impasse a ouvi-lo dizer-me que se apaixonou por uma mulher que não sou eu.

Quando chego a casa, a minha avó está a dormir a sesta com a Jamie, o que me dá umas horas de estudo antes do jantar. O Ray está no sofá, a ver televisão, o que significa que não posso ler na cozinha. Estou a ficar cansada de ficar fechada no meu quarto atravancado com o berço, a cama e milhares de produtos de bebé, mas não tenho grande alternativa. Enfio um par de auriculares nos ouvidos e consigo ler o material todo de Direito Criminal, antes de ouvir o choro agudo da minha filha esfomeada.

— Estás em casa, Sabrina? — chama a minha avó através da porta.

Levanto-me e cumprimento-a.

— Sim. Cheguei a casa há umas horas. Estavam a dormir. — Estico a mão e tiro-lhe a Jamie dos braços. A minha bebé geme e contorce-se, abrindo a boca por cima da minha camisa. — É melhor dar-lhe de mamar.

— Sim, faz isso. Vou ao supermercado comprar umas coisas. Estamos quase sem leite e queijo.

— Está bem. — Começo a fechar a porta, mas ela trava-me.

— Devias sair daqui — diz, espreitando por cima do meu ombro para o espaço confinado. — Vais dar em doida.

— Não há problema — respondo, apesar de ela ter razão. O quarto parece mais pequeno a cada dia que passa.

Ela encolhe os ombros, e a sua linguagem corporal indica-me que o problema é meu.

Antes de fechar a porta, ouço-a gritar com o Ray.

— Essa televisão está demasiado alta, Ray. Vai ferir os ouvidos da bebé.

Ele murmura qualquer coisa impercetível. Tenho quase a certeza de que é alguma variação de «que se lixe a bebé».

Mais três anos. Mais três anos para conseguir um emprego na BigLaw e sair desta espelunca.

A minha avó e o Ray trocam mais algumas palavras tensas — a voz dela é acutilante e ele está furioso. A energia nesta casa é muito negativa.

Aproximo mais a Jamie do meu corpo.

— Em breve, vamos sair desta casa.

Ela chora, com fome. Desabotoo a camisa e puxo-a para o lado, abanando a bebé nos meus braços enquanto o faço. Mas ela continua a chorar.

Um minuto depois, o Ray vem bater-me à porta.

— Cala essa bebé. Está a dar o jogo.

Fecho os olhos e rezo por paciência. A Jamie grita, irritada, e, quando baixo o olhar, descubro que a almofada de silicone do mamilo está a prejudicar os esforços dela para se alimentar. Arranco-a e atiro-a para o armário.

O Ray volta a bater à porta.

— Estou a falar contigo, Rina!

Abro a porta de rompante, com a Jamie encostada à mama, e confronto o idiota.

— Ela é um bebé, não é uma máquina. Não posso ligá-la e desligá-la quando quero, está bem? Também não gosto de a ouvir chorar, seu idiota. Estou a fazer tudo o que posso para que ela esteja feliz.

— Parece que não tens jeito para mais nada exceto ser um brinquedo de mamar — resmunga ele. Sinto o seu hálito quente a cerveja no rosto.

Sinto a raiva a ferver-me nas entranhas. Fecho a porta, mas ela bate contra mim quando ele a empurra com a mão.

— Sai — ordeno. Não quero este homem perto da minha filha, e pouco me importa se tenho de lhe dar um pontapé nos tomates para deixar isso claro.

O Ray é pouco mais alto do que eu e é um pau de virar tripas, mas consegue afastar-me a porta da mão e avançar para dentro do quarto.

Recuo um passo e as minhas pernas batem no colchão.

— Sai — repito.

O meu coração começa a martelar rapidamente. O Ray nunca foi violento, nunca me levantou a mão, mas, neste momento, a expressão nos seus olhos faz com que todos os pelos do meu corpo se ericem. Aproximo mais a Jamie

de mim. Ela geme, e eu obrigo-me a afrouxar o aperto.

— As tuas mamas estão enormes. — Vê-se a língua pelo meio dos lábios dele.

Baixo uma parte da camisa, mas a outra continua com a Jamie colada a ela.

— A que sabe esse leite?

Um arrepio percorre-me a espinha. O meu leite é doce, mas o medo faz-me sentir um sabor a cobre na língua.

— Tens de sair agora — resmungo.

— Tens duas mamas e apenas uma boca numa delas. — Ele estica o braço na minha direção, de modo sinistro e lento.

Dou um passo atrás e mantenho uma mão protetora sobre a minha filha.

— Afasta-te de nós, Ray. Estou a falar a sério. Se te aproximares mais, juro que te arranco os olhos.

— Porque não me deixas provar? Tenho estado a pensar que deves ser sumarenta. E já comi a tua mãe e a tua avó. Porque não a mais nova? Vai ser o *hat trick* do Ray Donaghy.

Procuro uma arma atrás de mim, mas não encontro. Em vez disso, a porta abre-se com um estrondo e surge um torpedo de um metro e noventa que se lança sobre o Ray e o faz dar meia-volta.

O Tucker desfere um murro na direção do rosto do Ray, antes que o sacana tenha sequer tempo de perceber que há outra pessoa no quarto connosco.

Encosto-me ao canto e coloco um cobertor por cima do peito, para tapar os olhos da Jamie e impedi-la de ver a cena que se desenrola diante dela. O Tucker empurra o Ray contra a parede e levanta o rabo escanzelado do meu padrasto, encostando uma mão forte à garganta dele.

— Seu pervertido. Tens sorte por a minha filha e a minha mulher estarem neste quarto, senão eu dava cabo de ti.

Ele aperta-o com mais força, e, por mais que ache que o Ray merece esta gravata para aprender uma lição, não quero que a Jamie tenha de visitar o pai numa prisão de Massachusetts nos próximos vinte anos.

— É melhor esperares que eu termine a Faculdade de Direito para matares o

Ray — digo ao Tucker, sentindo-me fraca tal é o alívio.

Ele aperta uma vez mais o pescoço do Ray, antes de deixar o sacana cair no chão.

— Vá lá — diz o Tucker, virando-se para mim. As suas pupilas estão dilatadas e as narinas estão abertas enquanto ele se debate para se recompor. — Vamos embora daqui.

Eu não protesto.

— Há quanto tempo acontece isso? — pergunta o Tucker enquanto tira o carro da entrada da casa. Desvio o olhar do rosto sorridente e gorgolejante da Jamie e encaro a sua expressão sombria.

— Há quanto tempo é que o Ray é um nojento? Desde que nasceu. Há quanto tempo é que tenta apalpar-me enquanto eu dou de mamar à Jamie? Foi a primeira vez.

Se bem que nunca me esqueci de que ele era nojento, caso contrário não me sentiria obrigada a esconder-me no quarto o tempo todo.

— Não podes ficar lá — diz o Tucker, sem rodeios.

Passo uma mão trémula pelo rosto.

— Neste momento, não tenho outra escolha. Os bebés dão muita despesa e a minha conta bancária está a ficar vazia. A Hope ofereceu-me um bolo composto por fraldas que tinha cerca de duzentas e cinquenta; ri-me quando as contei. Bem, esgotaram-se nas primeiras três semanas. E tu estás a viver com o Brody, que finge que o quarto dele é um ensaio do Cirque du Soleil, com banda sonora a acompanhar.

— Eu sei. — O Tucker morde o lábio. — Não estava preparado para fazer isto porque queria esperar pela altura certa, mas vou ter de o fazer.

Mordo a parte de dentro da bochecha com os nervos.

— A altura certa para quê?

Será que ele vai acabar comigo?

Oh, meu Deus.

Luto contra a vontade que sinto de vomitar sobre a carrinha limpa do

Tucker.

— Para isto. — Ele estaciona a carrinha diante de um bar que fica numa esquina. É um bar clássico de Boston com exterior de tijolo vermelho, relvado e um pátio retangular nas traseiras.

— Não posso beber álcool enquanto estou a dar de mamar — relembro-lhe.

— Sim, não te esqueças disso — diz ele, e depois sai da carrinha.

Enquanto está a tirar a Jamie da cadeirinha, eu saio do carro e junto-me a ele no passeio.

— Não podemos levar uma bebé a um bar.

— Não vamos levar. — Ele pousa uma mão no fundo das minhas costas e conduz-me para a parte lateral do edifício pequeno. Há um conjunto de escadas que conduzem ao segundo piso. — Entra — diz ele quando eu hesito.

— Arrendaste um apartamento? — Tento não revelar a preocupação na minha voz. O dinheiro é dele e ele deve fazer com ele o que quiser, mas arrendar um apartamento sozinho porque estou a ter problemas em casa parece-me um desperdício de dinheiro. — Porque o Ray é só garganta.

— Certo. Como quando ele te atacou no quarto foi só garganta.

— Ele estava bêbedo. — Credo. Porque é que estou a arranjar desculpas para aquele psicopata?

O Tucker empurra-me novamente.

— Vais arrastar o rabo até ao piso de cima ou tenho de vos carregar às duas?

— Eu vou. — Cedo. A maçaneta da porta vira-se debaixo da minha mão, e reparo num teclado eletrónico acabado de instalar.

— Funciona através de comunicações próximas do campo — informa-me o Tucker.

— Em língua que se perceba, por favor.

— Destranca quando aproximamos um dispositivo emparelhado. Assim, mesmo que tenhas as mãos ocupadas, consegues entrar.

— Fixe — digo, debilmente. E essa é apenas a primeira de muitas surpresas.

No piso de cima, encontro um apartamento enorme de três assoalhadas. A cozinha é pequena e os eletrodomésticos são antigos, mas há janelas

espalhadas por todo o lado. A sala de estar está coberta de pó e tijolo exposto.

— Tenho estado a tirar a placa de gesso. — O Tucker aponta para as paredes. — Não toquei no quarto porque achei que quererias ter uma palavra a dizer, mas a decoração estava a apodrecer. Anda.

Desta vez, eu sigo atrás dele. No fundo do corredor há dois quartos. Ele abre o primeiro, pousa a alcofa lá dentro e agacha-se para pegar na Jamie, que está a dormir. A pequerrucha adormeceu durante a viagem.

Aproximo-me da porta como se houvesse um assassino em série atrás dela. Mas aquilo que encontro é um quarto de bebé com uma decoração magnífica.

— Oh, meu Deus — exclamo, ofegante.

Está pintado de cor-de-rosa-claro. Há cortinas brancas penduradas em janelas amplas. Há um berço branco encostado a uma parede e um armário com um trocador encostado a outra. No meio deles, há uma cadeira reclinável almofadada pela qual andava a suspirar e que publiquei na minha conta do *Instagram*.

Lanço um olhar embasbacado ao Tucker, mas ele está demasiado ocupado a contemplar a Jamie. Meu Deus, ele é tão lindo que nem tenho palavras. Os seus bíceps são maiores do que a cabeça dela, mas ele fica pelo beicinho com a bebé.

Se bem que isso faz parte da imagem do Tucker. Forte, estável, com o toque certo para fazer as mulheres derreterem-se. Eu sei que me derreto.

Afasto o olhar da sua cabeça para não me lançar sobre o seu pobre corpo incauto. À minha direita, no fundo do quarto, há uma porta ligeiramente aberta. Aproximo-me para investigar e encontro uma casa de banho. É demais.

— O que se passa? Ganhaste a lotaria ou quê?

Ele esboça um sorriso de viés.

— Não. Comprei um bar. E isto vinha incluído.

— Isto? — Abano a mão de forma a abarcar a sala. — O quarto cor-de-rosa, o berço, a entrada com teclado eletrónico?

— Pronto, o edifício vinha com um apartamento. Ainda não terminei as remodelações. Isso ainda vai demorar um pouco. Queria surpreender-te por

volta de novembro, quando o bar abrisse.

Sentindo-me fraca, encosto-me à parede.

— Não sei o que dizer.

Ele atravessa o quarto e põe uma mão debaixo do meu queixo.

— Diz que este é o nosso lar. Para ti, para a Jamie e para mim.

Fecho os olhos, para que ele não consiga ver a emoção que eles espelham: alívio, gratidão, amor inabalável por ele. Não o mereço. Nem um pouco, mas, por algum motivo, ele quer-me na sua vida.

Viro o rosto para a palma da mão dele e pressiono os lábios contra a pele quente.

— Adoro este apartamento. É incrível. Tu és incrível. — E porque não consigo controlar-me, ponho-me em bicos dos pés e atiro os braços em redor do seu pescoço. — Obrigada.

Um braço musculado puxa-me para mais perto dele, enquanto o outro segura a nossa bebé.

— Isto vai funcionar — murmura ele. — Vais ver.

Espero que sim. Meu Deus, espero mesmo que sim.

37

Tucker

Novembro

— Cum caraças. Este bar é brutal.

Coro de orgulho com o elogio do Logan. Semanas de trabalho árduo culminaram neste momento, mas dou ainda mais valor a todo o meu esforço ao testemunhar as reações dos meus amigos.

E sinto-me comovido por terem vindo todos esta noite. O Dean e a Allie apanharam um comboio de Nova Iorque, e o treinador Jensen cancelou um treino noturno, para que todos os meus ex-colegas de equipa da Briar pudessem comparecer na minha grande abertura.

Mas os convidados mais importantes são as minhas duas meninas. A Jamie está presa ao meu peito com um marsúpio da *BabyBjorn* e está a usar um babygro cor-de-rosa personalizado, com as letras douradas a formar as palavras «Bar do Tucker».

A Sabrina está ao meu lado, vestida com umas calças de ganga gastas e uma camisola verde justa, num visual mais descontraído. Os seus seios fartos quase saem do decote profundo em V e, sempre que olho para ela, o meu pénis fica duro. Quase desejava que ela continuasse a lamuriar-se do peso que ganhou com a gravidez e se recusasse a deixar-me tocar-lhe, porque, apesar de ainda não ter recuperado o corpo que tinha antes da gravidez, eu estou excitado vinte e quatro horas por dia.

— Vou à casa de banho — diz o Logan. — Já volto.

Quando ele desaparece no meio da multidão, o Garrett percorre o bar à pinha com o olhar.

— Não acredito que as remodelações ficaram tão bem — diz ele, maravilhado.

Olho em redor e tento ver a sala pelos olhos dele. Depois de ter remodelado completamente os painéis de madeira e as vigas expostas, comecei à procura de artigos desportivos antigos para pendurar nas paredes brilhantes. Tecnicamente, não é um bar desportivo, mas eu sou um jogador de hóquei. Não posso não ter fotografias de atletas penduradas no meu bar.

E ajuda ter amigos influentes. O Garrett conseguiu-me camisolas assinadas de vários dos seus colegas de equipa — muitos dos quais estão cá esta noite. Uma das raparigas que está junto à mesa de bilhar não perdeu tempo a espalhar a notícia nas redes sociais e, uma hora depois de ter aberto as portas, tinha pessoas a fazerem fila para entrar, na esperança de conseguirem um autógrafo ou conversarem com os jogadores de hóquei profissionais.

Já as fãs têm sido surpreendentemente calmas, deixando os colegas de equipa do Garrett beberem em paz sem os incomodar demasiado, o que agradeço, porque pretendia um ambiente de «bar da esquina». Um local aonde as pessoas pudessem ir depois do trabalho (ou dos treinos de hóquei) para relaxar. Um sítio que não fosse demasiado barulhento e demasiado desordeiro.

Até ao momento, está a ser exatamente o que eu pretendia.

— Obrigado pela tua ajuda — digo ao Garrett, que encolhe os ombros quando eu expresso a minha gratidão. Mas ele merece. Abdicou de demasiados dias livres para vir cá ajudar-me a arrancar o soalho e a remodelar as casas de banho. — Tu também — digo ao Fitzy, que veio a Boston todos os fins de semana depois de eu comprar o bar, dormiu no chão do quarto da Jamie e acordou a horas indecentes para me ajudar.

Contratei pessoas para fazer os trabalhos que eu e os meus amigos não conseguíamos fazer. Também contratei funcionários, uma vez que não tenciono servir no bar a não ser que seja preciso. Prefiro a parte da gestão. A

Samira e o Zeke, os dois empregados que trabalham esta noite, são incríveis. Já discutem como um casal antigo e é apenas a primeira noite em que trabalham aqui.

— Foi divertido — responde o Fitzy, antes de beber um gole da sua cerveja *Coors*.

— Meu — diz o Dean, que dá uma palmada no ombro do Fitz. — Aquilo é que foi um jogo e peras no fim de semana passado. Vocês arrasaram Yale.

O Fitzy franze o sobrolho.

— Viste o jogo em Nova Iorque? Não sabia que o tinham passado na televisão.

— Não. Houve alguém que transmitiu o jogo em tempo real pelo *Twitter*. Eu estava a acompanhar as publicações.

Por acaso, eu também. Queria ir vê-lo ao vivo na Briar, mas a Jamie tinha passado mal na noite anterior, e eu e a Sabrina estávamos exaustos. Mas a equipa está a arrasar esta temporada. O recorde péssimo do ano passado já foi esquecido, agora que a Briar venceu cinco jogos de enfiada.

— O Hunter marcou um golo lindo no terceiro período — diz o Hollis do banco. — Quase me vim nas calças.

— Não sejas nojento em frente à bebé — digo imediatamente.

— Meu, trouxeste uma bebé para um *bar*. Estás a atirar pedras de vidro para o teu telhado. — Quando todos se riem, o Hollis fica visivelmente confuso. — O que foi?

— A expressão não é assim — diz a Hannah, com o intuito de ajudar.

— Claro que é.

— Não é, não.

O Hollis acena com uma mão.

— Não sabes nada, Jon Snow.

Ela suspira e encaminha-se para a mesa onde a Allie, a Hope, a Carin e a Grace estão sentadas.

— Vens? — pergunta ela à Sabrina por cima do ombro.

— Sim. — A minha miúda olha para mim. — Queres que a leve?

— Nem pensar — responde o Dean sem demora. — Não podes afastá-la de nós! Ela quase não passa tempo com os tios! — Tira a Jamie do marsúpio e encosta-a ao peito dele. — Dá um beijo ao teu tio Dean, princesa.

A Sabrina revira os olhos quando o Dean encosta a boca da nossa filha à face dele e começa a fazer sons de beijos como se ela estivesse mesmo a dar-lhe um beijo.

— Vou ter com as pessoas normais — diz a Sabrina, secamente, e depois encaminha-se para a mesa das raparigas.

Os meus amigos passam a Jamie entre eles, até que ela acaba nos braços do Fitzy. Uma vez que ele está a usar uma t-shirt, as tatuagens estão completamente à mostra e, por algum motivo, fascinam a bebé. Sempre que ele pega nela, ela fica a olhar de olhos arregalados para as tatuagens e forma um O com a boca vermelha em forma de botão de rosa.

— Fogo, esta miúda é gira — diz o Garrett, abanando a cabeça.

O Logan regressa da casa de banho e ouve o comentário do Garrett.

— Não é? Juro que estava cheio de medo de que ele tivesse uma bebé feia e eu tivesse de fingir. No dia anterior ao nascimento, passei uma hora diante do espelho a praticar: «Ooooohhhh! Ela é tão gira!»

Faço-lhe um pirete.

— É verdade. Pergunta à Gracie. E tem lá calma, meu. Não tive de mentir, pois não? Ela é uma beleza.

— O Tuck tem esperma mágico — concorda o Dean.

O Hollis ri-se.

— Não, o Tuck tem é uma mãe da filha podre de boa. São os genes, meu.

— Por falar em mãe da filha… — O Dean arqueia uma sobrancelha de modo pronunciado.

Franzo a testa.

— Que tem ela?

— Vocês já são um casal oficial ou quê?

— Vivemos juntos. — É tudo o que me ocorre dizer.

— Está bem. Mas isso não responde à minha pergunta.

O meu olhar atravessa o bar. A Sabrina desmancha-se a rir com qualquer coisa que a Hope acabou de dizer. Com os seus olhos escuros sem fundo e rosto perfeito, ela é a mulher mais bonita que está neste bar. Sinto desejo por ela. E, sim, amo-a. Tanto que até dói.

Mas raios me partam se vou voltar a dizê-lo, depois de ela me ter descartado na noite em que a Jamie nasceu.

— Estamos juntos — digo, por fim. — Se é sério? — Encolho os ombros. — Eu quero que seja. Mas estou a seguir as indicações dela.

O Dean adota uma expressão preocupada, mas não se pronuncia mais sobre o assunto. Opta por mudar completamente de tema, virando o sorriso para o Fitzy.

— Estou sempre a esquecer-me de te enviar mensagem, mas é melhor avisar-te de uma coisa.

— De quê?

— Lembras-te da Summer?

— Que tem?

O Dean ri-se.

— Não estou a falar da estação. Estou a falar *dela*. A minha irmã Summer.

Escondo um sorriso quando vejo o Fitzy a semicerrar os olhos. Não é segredo nenhum que ele ficou escandalizado com a última visita da Summer Di Laurentis no inverno. Eu não estive presente, mas, pelos vistos, a incrivelmente atiradiça irmã do Dean atirou-se ao grandalhão.

— Que tem?

— Ela vai mudar-se para a Briar no próximo semestre.

O rosto do Fitzy fica tão branco quanto o vómito da Jamie. Que, já agora, está a acumular-se na manga da t-shirt dele. Ele ainda não reparou, e espero que alguém o avise para não ter de ser eu.

— Porquê? — O Fitzy está claramente a resmungar entre dentes cerrados.

O Dean suspira.

— Foi oficialmente expulsa da Brown. Quer dizer, foi educadamente convidada a sair, como ela gosta de dizer. Mas, sim, o meu pai é amigo do

diretor de admissões da Briar, por isso pediu um favor. A Summer vai começar em janeiro.

— Ela continua a querer ver a pila do Fitzy? — pergunta o Hollis.

O dono dessa pila passa-me a bebé, depois pega na garrafa de cerveja e bebe-a de uma assentada.

Dou por mim a sorrir. Coitado. As raparigas ficam loucas com o Colin Fitzgerald, mas, em todos os anos em que o conheço, ele tem sido incrivelmente seletivo sobre com quem sai. Acho que, no fundo, é tão antiquado quanto eu.

— Tuck! — chama o Zeke de detrás do balcão. — Tenho uma pergunta rápida para ti sobre a carta das bebidas!

Volto a prender a Jamie no marsúpio e indico aos meus amigos que vou demorar um minuto. Depois, apresso-me a ir tratar do assunto. Do *meu* negócio.

— Olá — diz a Sabrina horas depois, lançando-me um sorriso enquanto eu entro aos tropeções no nosso quarto.

Ela está deitada no meio da cama com um manual no colo, visão que não me surpreende. A Sabrina estuda sempre que pode, e as melhores alturas para ela o fazer é quando a Jamie está a dormir. Passa a maior parte das noites com o nariz enfiado num livro muito depois de eu ter adormecido.

A parte positiva é que, agora que as remodelações do bar estão terminadas e o estabelecimento está oficialmente aberto, posso tomar conta da Jamie durante o dia enquanto a Sabrina está nas aulas e depois trocamos: ela toma conta da bebé enquanto eu desço para trabalhar. Não temos horários fáceis, mas estamos a fazer o nosso melhor. E as coisas estão muito mais fáceis desde que ela veio viver comigo.

Quero dizer, mais fáceis *e* mais difíceis ao mesmo tempo. Ainda não sei em que ponto estamos. Não fazemos sexo há três meses, apesar de dormirmos na mesma cama. Por norma, um de nós anda de um lado para o outro no quarto da bebé com a Jamie, enquanto o outro põe o sono em dia, de que tanto

precisa. Ela não disse que gosta de mim, quanto mais que me ama. Às vezes, acho que me ama, mas outras vezes parece que somos apenas duas pessoas que, por acaso, estão a criar uma filha juntas.

Mas se há coisa que sei sobre a Sabrina é que puxar por ela tem o resultado oposto daquilo que quero. Mas eu percebo. Ela esteve sozinha a vida toda. O pai deu à sola antes de ela nascer. A mãe abandonou-a. A avó, por mais que afirme amá-la, sempre agiu como se tivesse feito um grande favor à Sabrina ao tê-la criado.

A Sabrina James não está habituada a que as pessoas a amem. Às vezes, questiono-me se ela sabe sequer como retribuir o amor de alguém, mas depois, quando a vejo com a nossa filha, a forma como o seu rosto amolece com o amor e a adoração sempre que olha para a Jamie, percebo que ela é capaz de amar profundamente.

Só gostava que ela me amasse da mesma maneira.

— Porque estás tão sério? — provoca-me ela, pousando o manual. — Arrasaste esta noite. Devias estar com um sorriso de orelha a orelha.

Desaperto as calças de ganga e deixo-as cair no chão.

— Estou a sorrir por dentro. — Em seguida, desaperto a camisa aos quadrados. — Estou demasiado exausto para mexer os músculos faciais.

— A sério? É uma pena, porque eu não estou nem um pouco cansada.

A nota sedutora da sua voz faz com que o meu corpo ganhe vida. Oh, caraças. Por favor, por favor, *por favor*, digam-me que ela está a dizer o que eu acho que está.

— A Jamie está a dormir profundamente no outro quarto — acrescenta ela, abanando o intercomunicador de modo aliciante. — Ultimamente, ela consegue ficar a dormir duas horas, antes de começar a berrar a plenos pulmões…

Duas horas.

O meu pénis endurece e tenta escapar-me dos boxers.

A Sabrina apercebe-se da resposta do meu corpo. Lambe os lábios e agarra a bainha da camisola, puxando-a por cima da cabeça.

— Querida — começo a dizer, roucamente.

— Hum?

— Se esta for alguma brincadeira doentia e não tencionares foder-me neste momento, preciso que me digas. O meu pénis não vai conseguir lidar com a desilusão.

Ela desata-se a rir, e depois põe uma mão sobre a boca para abafar o som. Felizmente, o intercomunicador mantém-se tranquilo.

— Não é uma piada — assegura-me ela. Depois desaperta o soutien e, cum caraças, as mamas dela estão incríveis. — Passei a noite toda a querer saltar-te para cima.

Avanço para ela como se fosse um predador.

— Ah, sim?

— Hum-hum. Passei o dia todo a pensar nisto. E, esta noite, o pensamento tornou-se uma obsessão. Não fazes ideia de quão sexy ficas quando dás ordens aos teus empregados. — Ela já está a despir as calças de yoga e as cuecas.

A minha respiração para quando olho para ela. Está completamente depilada. Oh, sim, isto não é um ato impulsivo. Ela preparou-se para isto.

Antes que consiga pestanejar, ponho-me em cima dela e desço a boca sobre a dela num beijo que nos deixa ofegantes. Mas por mais que adore a sua boca, não é isso que quero beijar neste momento.

Três meses. Passaram três meses *penosos* desde que a minha língua tocou no paraíso. Afasto a boca e deslizo pela cama abaixo até o meu rosto estar ao nível da vagina. Da sua vagina húmida e belíssima.

— Mantém-te aberta, querida. Há muito tempo que não como e estou com uma fome do caraças.

A Sabrina desce as mãos e afasta os lábios. Eu mergulho a língua e arrasto-a uma vez de frente para trás, revestindo as minhas papilas gustativas com o sabor. O meu pénis, que já está em sofrimento, palpita de desejo. Céus, senti falta disto. Senti falta dela.

— Tucker, por favor — implora ela.

O meu pénis está tão duro que é capaz de se partir a meio, mas pouco me importa, porque o meu rosto está enterrado no meio das coxas da minha mulher. Ela crava os calcanhares nos meus ombros, incitando-me a continuar. Faz os sons mais sexy de sempre.

Vá lá, amor. Vem-te para mim.

— Sim, oh, sim. Aí mesmo. — Ela geme e depois volta a tapar a boca com a mão.

Ficamos os dois imobilizados à espera de um pio vindo da porta ao lado. Quando não acontece nada, suspiro de alívio, pego numa almofada e atiro-lha.

Esboço um sorriso diabólico.

— Por mais louco que me deixem os teus gemidos sensuais, é melhor abafares os gritos com a almofada.

Ela deixa cair a cabeça para trás, coloca a almofada sobre o rosto e levanta o polegar. Eu rio-me e retomo a tarefa que tenho em mãos, mas, assim que volto a encostar a boca, a minha gargalhada esmorece rapidamente.

Cada vez que sinto o sabor dela, fico mais voraz. As suas coxas contraem-se debaixo das palmas das minhas mãos e a vagina vibra contra a minha língua, indicando que ela está perto de atingir o orgasmo. Sugo com mais força. Sugo mais rapidamente. Mordo-a e beijo-a até ela gritar para a almofada e se vir no meu rosto.

É maravilhoso.

Endireito-me e limpo a boca com uma mão.

— Preservativo? — pergunto.

Ela atira a almofada para o lado.

— Estou a tomar a pílula. Consegui a receita na última consulta.

Agarro o pénis e deslizo a ponta pela sua vagina húmida. A respiração da Sabrina fica ofegante quando a cabeça larga toca na sua abertura. Há muito tempo que não entro dentro dela e, apesar de ela ter expelido uma bola de bowling pela vagina, continua bastante apertada. O que acontece no corpo da mulher é pura magia.

Quando entro, não consigo impedir-me de soltar um gemido. A sensação é

maravilhosa. Quando estou completamente dentro, detenho-me. Os seus músculos interiores palpitam em redor do meu pénis.

— Foda-se. Devia ter batido uma antes de abrir o bar — digo. — Sou capaz de me vir em menos de dez segundos.

— Por favor, não. A sensação é incrível. — O seu tom de voz revela algum espanto.

— Pensavas que ia ser uma porcaria? — Puxo-lhe as pernas para cima em redor dos meus ombros para conseguir chegar mais fundo.

— Tive um bebé.

— O teu corpo é perfeito. — Beijo um tornozelo bonito. — Mais perfeito e eu estaria morto. Continuas apertada para caraças, húmida como o céu.

Ela ri-se.

— O céu é húmido?

Giro as ancas e gememos os dois.

— O meu céu é húmido e quente e pertence a uma miúda chamada Sabrina.

Ela sorri e contrai os músculos em redor do meu pénis.

— Para com isso — suspiro. — Queres vir-te outra vez, ou queres que eu passe uma vergonha?

Ela responde contraindo ainda mais os músculos. Fecho os olhos e procuro o meu autocontrolo. Quando a vontade de me vir dentro dela passa, começo a mover-me num ritmo lento e firme.

O olhar dela prende-se ao meu e registo tudo o que sinto, tudo o que não posso dizer, tudo o que sinto no meu coração por ela.

És a única mulher para mim.

O meu sol nasce e põe-se no teu sorriso.

O meu coração bate porque o teu também bate.

Ela avança as ancas, recebendo cada investida.

— Agarra-te a mim, amor. — Formam-se gotas de suor na minha testa, enquanto cravo um joelho no colchão para chegar mais fundo dentro dela e para me mover com mais velocidade.

Ela puxa-me para baixo, até o meu peito roçar nos seus seios a cada

investida.

— Estou quase — sussurra ela. — Beija-me. Quero sentir a tua língua na minha boca quando me vier.

Cum caraças.

A minha boca embate contra a dela. As nossas línguas ávidas entrelaçam-se. Isto é tudo o que alguma vez irei querer. O corpo dela debaixo do meu. O sabor dela nos meus lábios. O cheiro dela nos meus pulmões.

Ela geme junto à minha boca quando se vem. Engulo o seu gemido de êxtase e depois deixo que o orgasmo percorra o meu corpo, começando a investir dentro dela com tanta força que o mais provável é deixar-lhe nódoas negras. Depois de o prazer finalmente diminuir, mal consigo arrastar o corpo para o lado sem cair em cima dela.

— Dá-me dez minutos e estou pronto para outra — murmuro junto ao colchão.

Uma mão suave desliza pelas minhas costas e afaga-me o rabo, enviando-me arrepios por todo o corpo. O meu pénis estremece de interesse.

— Diria antes cinco.

Ela ri-se.

Deito-me de costas e ponho um braço debaixo dos ombros dela, para a puxar para mim.

— Deste cabo de mim, Sabrina. Estou morto.

Ela desliza um dedo pelo interior da minha coxa. Como seria de prever, o meu pénis endurece.

— Se és assim morto, tenho algum receio de quanto tempo durará a nossa segunda ronda.

— Talvez seja melhor ires buscar uma sanduíche. Vou manter-te na cama durante muito tempo.

Ela entrelaça as pernas nas minhas, como se não conseguisse estar separada de mim nem por um centímetro. O que, por mim, não é um problema.

— Parece estar tudo a funcionar — murmura ela, com os lábios a moverem-se contra a parte lateral do meu peito. Parece novamente admirada.

— Porque não haveria de funcionar? Ambos queremos que isto funcione, certo?

Sustenho a respiração enquanto espero pela resposta. Tenho-a pressionado nos últimos dias e, de certo modo, estou a contar que ela se levante e fuja a sete pés.

Pelo contrário, ela respira fundo.

— Sim, queremos.

— Isso significa que posso parar de procurar outra mulher?

— Quer dizer que *tens* de parar — declara ela. Crava os dedos delicados de modo possessivo na minha pele, e eu gemo de prazer.

— Ainda bem. Já disse a umas quantas mulheres que sou casado.

— Porquê?

— A Jamie é um íman para as raparigas. Nunca tive tantas mulheres a fazerem-se a mim.

E depois, como se fosse propositado, o meu telemóvel toca para anunciar que a Jamie está a chorar no quarto ao lado.

— O que é isso? — A Sabrina senta-se e afasta o cabelo do rosto.

— Foi o Fitzy quem o programou. Há monitores no berço que enviam um alerta para o meu telemóvel para nos avisar de que ela parou de se mexer ou que está a chorar. Vou instalar a aplicação no teu telemóvel depois. — Levanto-me da cama. — Fica aqui — digo-lhe quando ela se põe de joelhos. — Vou buscar a Jamie.

Quando chego junto à porta, olho para trás. A Sabrina encostou-se à cabeceira almofadada e colocou as almofadas nas partes laterais, enquanto se prepara para dar de mamar à nossa bebé. Ela levanta a cabeça e sorri, como se fosse a porcaria de um anjo.

Não foi assim que planeei que seria a minha vida, pelo menos não tão cedo, mas não a trocaria por todo o ouro do mundo.

De coração na garganta, e sentindo-me mais feliz do que qualquer homem tem o direito de se sentir, vou buscar a nossa menina.

38

Sabrina

Dezembro

Entro a coxear no apartamento depois do grupo de estudo, uma hora atrasada e a sentir-me culpada por isso. Peço desculpa ao Tucker quando entro com os braços cheios de livros e um saco pequeno de compras, que contém apenas metade dos produtos que fiquei de comprar há uma hora.

— Peço muita desculpa. Tinha o telemóvel desligado e…

O resto do pedido de desculpa morre-me na garganta quando encontro a mãe do Tucker na minha cozinha.

Ela lança-me um olhar mortífero e responde de detrás do balcão.

— O John saiu para ir comprar umas coisas ao supermercado. Ele tentou enviar-te uma mensagem para saber se podias trazer os produtos quando viesses para casa, mas não chegaste a responder.

As palavras dela são mais gélidas do que os ventos de inverno. Estremeço debaixo do blusão acolchoado.

— Pensava que só vinha na sexta — gaguejo.

— O casamento para o qual me contrataram para tratar dos cabelos foi adiado, por isso decidi aproveitar e vir mais cedo. Assim posso passar mais tempo com a minha neta.

— Ah. Boa. Isso é… bom.

Tornei-me uma idiota. Mas não consigo evitar. A mãe do Tucker é tão

intimidante. Não voltei a vê-la desde a visita desastrosa no verão, e, apesar de o Tucker lhe enviar mensagens todos os dias e fazer videochamadas entre ela e a Jamie, ela não pediu nenhuma vez para falar comigo.

— Porque é que te atrasaste? — Trata-se de uma acusação e ambas sabemos disso.

Engulo em seco.

— Estive a participar num grupo de estudo. Os exames finais estão à porta.

Ela aponta com a cabeça para a sala de estar.

— Se calhar é por isso que a casa não está tão limpa quanto deveria.

Sigo o olhar dela com desânimo. Esta semana foi complicada, e o apartamento revela a minha distração. Os armários da cozinha estão vergonhosamente vazios. Os pratos — que, pelo menos, estão limpos — estão empilhados na bancada. Ia guardá-los esta noite, depois de dar de mamar à Jamie. Na sala de estar, os manuais, os apontamentos e os suplementos de estudo ocupam todas as superfícies disponíveis. Parece que passou um furacão pela casa de banho da Jamie, aquela que a Sra. Tucker irá usar. Está tudo em pantanas, porque eu pensava que tinha mais dois dias para tratar do assunto.

E é isso mesmo que lhe digo.

— Tencionava arrumar tudo antes de a senhora chegar.

A sua sobrancelha arqueada indica que a minha desculpa é uma vergonha.

— Estás a dar o teu melhor, não estás?

A punhalada chega fundo. O meu melhor não é suficiente aos olhos da Sra. Tucker.

Com a respiração tensa no peito, descalço devagar os sapatos e faço o trajeto curto que separa a sala em *open space* da cozinha, arrastando os pés tapados com peúgas a cada passo que dou. O apartamento é maior do que a minha casa de infância e, na maior parte dos dias, eu aprecio o espaço, mas a Sra. Tucker consegue aspirar o ar todo da sala.

Em silêncio, guardo o leite, os ovos e a manteiga. A loja de conveniência cobra preços mais avultados, mas fica perto e eu sentia-me um pouco desesperada. Agora? Sinto-me pequena e incompetente.

— A Jamie está com o Tucker? — pergunto. O apartamento está silencioso como uma biblioteca de Harvard.

— Está no berço a dormir — responde a Sra. Tucker, secamente, sem levantar os olhos das cebolas que está a cortar.

Esboço uma tentativa de sorriso.

— Gostou de a ver pessoalmente pela primeira vez?

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que gostei. É a minha única neta.

O meu sorriso pouco entusiasta desvanece-se. Volto a engolir em seco. Céus, esta visita vai ser penosa.

— Vou ver como ela está. — Enfio uma embalagem de sumo no frigorífico antes de me escapulir da cozinha.

No quarto da bebé, a cama por fazer que o Tucker e o Fitzy deixaram aqui no último fim de semana deixa-me perturbada. Os lençóis presos apenas numa ponta servem para destacar a minha inépcia como mãe e dona de casa. Se esses são os traços que a Sra. Tucker valoriza numa nora, então estou a falhar miseravelmente.

A Jamie está a dormir, feliz, no berço, embrulhada num cobertor. Resisto à vontade de pegar nela, apesar de saber que me sentirei muito melhor se pegar neste corpo suave e que não me vai julgar. Mas ela precisa de dormir e eu tenho assuntos para tratar.

Com o máximo de silêncio que consigo, faço a cama e depois junto-me à Sra. Tucker na cozinha.

— Posso trazer-lhe alguma coisa para beber? — ofereço-me. Ela colocou as cebolas numa panela, e o apartamento enche-se do cheiro forte das ervas doces e do alho.

— Não, estou bem.

— Posso ajudá-la a fazer o seu… — Aponto para o fogão.

— Chili? — completa ela. — Não.

Está certo. Lambo os lábios e pondero nas minhas opções. A minha primeira preferência é esconder-me no quarto até o Tucker chegar a casa, mas quando o meu olhar recai sobre a pilha de pratos, decido que devo arrumá-los primeiro.

Mesmo que tenha de fazer conversa fiada com alguém que claramente me acha inferior.

— O Tucker já lhe mostrou o bar? — pergunto, enquanto guardo primeiro as tigelas. — Ele fez um ótimo trabalho e já está a ganhar bom dinheiro. — O bar do Tucker tem estado cheio desde que abriu as portas.

— Ainda é cedo. A maioria dos bares fracassa ao fim de uns anos. Não era onde eu queria que ele gastasse o dinheiro do seguro que recebeu do pai. — Ela franze os lábios. — Eu ter-lhe-ia dito isso se ele me tivesse perguntado.

Ainda bem que não perguntou. O Tucker está claramente enamorado pelo bar. Já anda a falar sobre comprar outro, visto que o dinheiro que prevê ganhar no primeiro ano lhe dará lucro suficiente para investir noutro negócio. Ele é um homem de negócios, não um empregado de bar, como pode comprovar qualquer pessoa que fale com ele durante cinco minutos. Ele fala sobre riscos, retornos sobre o investimento, margens de lucro e oportunidades escondidas.

— Acho que vai ser um grande sucesso — declaro, confiante.

— Seria de supor que sim. — Ela bufa. — O Tucker podia ter comprado a imobiliária na cidade onde nasceu. O lugar dele é num escritório, e não a trabalhar num bar.

Ela profere a palavra «bar» como outra pessoa poderia proferir a palavra «bordel».

— E agora está a viver por cima do bar. — Deixa escapar outro suspiro demorado e desiludido. — Não era isto que o pai dele quereria.

Não sei o que responder, por isso desvio a conversa para a Jamie, porque, certamente, não haverá críticas para ela.

— A Jamie estava acordada quando chegou a casa? Ela é tão inteligente. Temos estado a ler para ela todos os dias. Encontrei um artigo que diz que, se lermos para um bebé pelo menos duas horas por dia, a criança vai tornar-se uma leitora avançada.

Credo. Começo a parecer a minha avó, a cuspir pseudofactos que leu nos artigos de *clickbait* como se fossem verdades absolutas.

A mãe do Tucker ignora os meus comentários.

— O Tuck diz que amamentas e que ela está apenas no quinto percentil do peso. Parece-me perigosamente abaixo do peso. Antigamente, todas usávamos leite em pó. Enchia-lhes as barriguinhas e ajudava-os a crescer.

Resigno-me ao facto de não haver nada que eu faça a que a Sra. Tucker não consiga apontar um defeito.

Agarrando-me aos resquícios da minha frágil paciência, digo:

— A maior parte dos médicos defende a amamentação, nos dias que correm. O leite da mãe está calibrado para dar resposta às necessidades da criança, e há estudos que…

— Há estudos que provam tudo — diz ela, com desdém. Baixa o lume e dirige-se ao lava-loiça, onde começa a lavar as mãos vigorosamente. — Ouvi dizer que há um estudo que diz que os miúdos que crescem rodeados de álcool têm mais problemas em adultos. Espero que esse não seja o caso da Jamie.

Ponho um pé em cima do outro e faço pressão, na esperança de que a dor sirva de distração, uma vez que ranger os molares não está a funcionar. Lembro-me de que a Sra. Tucker adora o filho e que todo este julgamento, algum dele com fundamento, é motivado pelo amor. Não por mim, mas pelo filho. Eu devia respeitar isso.

— Não vamos viver aqui para sempre — digo, com uma animação fingida.

Termino de guardar os pratos e depois dirijo-me à sala de estar. Talvez a distância me impeça de dizer uma parvoíce por estar irritada. Isso só causaria mais danos à relação já de si difícil que tenho com a mãe dele.

Se vou ficar com o Tucker, preciso que a minha relação com ela funcione.

— A Faculdade de Direito está a correr bem. Juntei-me a um ótimo grupo de estudo. São muito importantes, porque nos ajudamos mutuamente a perceber o contexto. Quando comecei, pensei que não ia fazer amigos, mas todos nós sofremos o nervosismo do primeiro dia. — Ponho-me a divagar enquanto arrumo o material da faculdade. — Há um rapaz no meu grupo… o Simon… que é um génio. Tem memória fotográfica, além de uma capacidade incrível de assimilar as questões mais importantes. Eu perco-me demasiado nos pormenores.

— Simon? Estudas com outros homens?

Endireito as costas ao aperceber-me do seu tom desconfiado.

— Sim, há homens na minha turma — respondo, de modo cauteloso.

— O John sabe disso? — Ela cruza os braços sobre o peito e olha para mim como se eu tivesse acabado de confessar que dormi com outro aluno em frente do filho dela.

— Sim. Ele já conheceu o Simon. Estudámos aqui. — Na verdade, estudámos no bar. O meu grupo de estudo adora vir aqui.

Ela abana a cabeça, e a luz que vem da cozinha atrás dela destaca-lhe os caracóis vermelho-dourados.

— Isto é — outro abanar de cabeça — exatamente o que eu esperava — conclui ela.

Franzo a boca.

— Como assim?

— Tu aproveitas-te do meu filho e tem-no feito desde que vocês se conheceram.

Sustenho a respiração.

— O quê...?

— Quanto tempo depois de descobrires que ele tinha uma herança é que decidiste caçá-lo, Sabrina? — A expressão dela é mais fria do que gelo. — É muito conveniente ele pagar tudo, enquanto tu vais *estudar* com outros homens.

Estão. A. Gozar. Comigo.

Endireito completamente as costas e sinto a indignação a infiltrar-se na minha corrente sanguínea.

Uma coisa é criticar a minha arrumação. Sou péssima dona de casa.

Consigo lidar com a objeção dela ao facto de eu amamentar. Também estou preocupada com o peso da Jamie, apesar de a médica me ter assegurado que os bebés tendem a ter crescimentos desiguais e que o mais provável é a Jamie aumentar de peso na próxima consulta.

Pouco me importa se ela grita aos quatro ventos sobre a minha incapacidade

como mãe e dona de casa.

Mas não lhe permito — porra, *não* permito mesmo — que ela insinue suspeitas terríveis e infundadas aos ouvidos do Tucker.

Consigo sobreviver sozinha. Não preciso do Tucker, *desejo-o*. Desejo-o tanto que daria tudo para o ter a ele e à Jamie.

Com o máximo de dignidade que tenho, encaro a Sra. Tucker.

— Tenho muito respeito por si. Só há quatro meses é que entrei neste mundo da maternidade, e o mais certo é já ter posto os pés pelas mãos uma carrada de vezes. É difícil, e eu tenho o Tucker, o seu filho incrível, a ajudar-me em todos os momentos. Não faço ideia de como conseguiu sozinha. Mas não vou deixar que insulte tudo o que faço nesta casa. Esta é a minha casa. Sim, não sou perfeita, mas estou a tentar. Amo a Jamie e amo o Tucker e se, em algum momento, Harvard ou o trabalho ameaçar a felicidade deles, seja de que forma for, abdicaria disso num abrir e fechar de olhos.

Ela arregala os olhos castanhos.

Mas eu não terminei.

— Ele e a Jamie são as coisas mais importantes da minha vida — digo, ferozmente. — E tudo o que estou a fazer neste momento é para garantir que os mantenho na minha vida, para garantir que consigo contribuir para a nossa família e para dar à Jamie uma infância melhor do que aquela que eu tive, mesmo que isso signifique estudar com um *homem*. Que, já agora, está bem casado e tem dois filhos.

Ouve-se um roçagar atrás da Sra. Tucker, e o borrão atrás da cabeça dela torna-se pouco a pouco mais nítido. Demoro um segundo a perceber que é o Tucker. Ele está diante da porta da frente.

Tem um braço encostado à ombreira da porta e um sorriso aberto no rosto.

— Amas-me, hã?

39

Tucker

A Sabrina parece querer esconder-se debaixo de uma rocha. Ou talvez saltar de uma das janelas do nosso apartamento. Sei que ela não gosta de ser posta na berlinda, e eu provavelmente nem a julgaria se ela decidisse fugir a sete pés.

Mas seja o que for que a minha mãe lhe disse antes de eu ter chegado a casa — e eu pretendo descobrir todas as palavras que foram trocadas —, isso deu claramente uma dose de coragem à Sabrina. Ela franze o sobrolho durante um bocado na direção da minha mãe, e depois vira-se para mim e olha-me de frente.

— Amo-te — confirma ela.

Dou um passo em frente.

— Desde quando?

— Desde sempre, porra. — Quando a minha mãe se encolhe, a Sabrina lança-lhe um olhar envergonhado. — Desculpe. Eu e o Tucker ainda estamos a passar por uma transição linguística. Nem sempre nos lembramos de dizer «fosga-se» e «carvalho», está bem? — Ela arqueia uma sobrancelha. — Também me vai dar um sermão por causa disso?

Os lábios da minha mãe estremecem como se ela estivesse a tentar não se rir.

— Não — diz ela, com pouca firmeza. — Não vou. Na verdade — faz de propósito para que a vejamos a calçar as botas de inverno e a vestir o casaco —, acho que vou dar um passeio pelo bairro. Adoro ver a neve.

— Tretas — tusso na direção das mãos. A minha mãe detesta o inverno e ambos sabemos disso.

Ela lança-me um olhar irritado quando se dirige à porta.

— Por favor, acelera essa transição linguística, John. — E depois vai-se embora, e eu e a Sabrina sorrimos.

Mas a boa-disposição não dura muito tempo.

— Desculpa — diz-me a Sabrina.

— Pelo quê? — Encurto a distância entre nós e pouso as mãos nas suas ancas estreitas.

— Não queria ser indelicada com a tua mãe. É só que… ela disse algumas… coisas ofensivas. — Levanta a mão quando vê a minha expressão sombria. — Não vale a pena repeti-las, e tenho a sensação de que não vai mais dizer aquele género de coisas.

Aceno lentamente com a cabeça.

— Agora que sabe que me amas?

— Sim.

Escrutino o seu belo rosto antes de sorrir novamente.

— Desde sempre, porra?

— Bem, talvez não desde sempre — admite ela. — Não vou mentir, Tuck. Essa ligação de que falaste quando nos conhecemos? De quando nos entreolhámos de cada uma das pontas do bar e de como sentiste alguma coisa naquele momento? — A Sabrina suspira. — Tudo o que eu senti nessa noite foi tesão.

— Eu sei.

— Mas já não é só tesão. Há muito tempo que não é só isso.

— Desde quando? — Não consigo deixar de a espicaçar. — Quando é que soubeste que estavas loucamente apaixonada por mim?

— Não sei. Talvez naquele ridículo encontro a quatro? Talvez quando cuidaste de mim quando eu achava que estava doente? Quando me ofereceste a mala? Quando deste um murro ao Ray para me defender? — Cada palavra está marcada pela admiração. — Não sei bem ao certo quando, Tuck, mas sei

que te amo.

Um nó sobe na minha garganta.

— Porque é que não disseste nada mais cedo?

— Porque tinha medo. E porque não sabia se também me amavas…

— Estás a gozar comigo? Fiquei pelo beicinho assim que nos conhecemos. Tu sabes disso.

Ela levanta o queixo em jeito de teimosia.

— Achava que estavas a pensar com o pénis. Os rapazes fazem isso.

Dou a mão à palmatória. Mas eu nunca fui um desses rapazes.

— E depois fiquei grávida, e estava com medo de que estivesses a confundir os sentimentos pela bebé com os teus sentimentos por mim. — Ela passa uma mão pelo cabelo escuro sedoso. — Mas o mais importante é que… era que… eu… eu…

Acaricio-lhe as ancas.

— O quê?

As lágrimas prendem-se às suas pestanas compridas.

— Não posso ser a pessoa que arruína a tua vida. Já fiz de ti um pai mais cedo do que querias. Não queria que o amor complicasse tudo. Não queria… — Ela pestaneja rapidamente. — Não queria que acordasses um dia e me detestasses.

Grunho.

— Te detestasse? Credo, mulher. — Aperto-a contra o meu corpo e enterro o rosto no seu pescoço. — Continuas sem perceber, não continuas?

— Perceber o quê? — pergunta ela, baixinho.

— Tu. Eu. Nós. Isto. — Disparo as palavras à medida que me vêm à cabeça. — Tu és a tal, Sabrina. Não há mais ninguém para mim neste mundo a não seres tu. Se estivesse a conduzir e te visse na berma da estrada, podes crer que arrancaria uma vela de ignição ou duas para poder passar nem que fosse cinco segundos na tua presença. Porra, tu és a tal.

A sua respiração fica ofegante.

— Mesmo que não me tivesses dado a Jamie, que é o melhor presente do

mundo, já agora, eu quereria na mesma ficar contigo. Mesmo que não tivesses dito que me amavas, eu aceitaria fossem quais fossem as migalhas que estivesses disposta a dar-me, desde que pudesse ficar contigo. Estou-me a borrifar se isso faz de mim patético…

— Não és patético. — A expressão dela agora é determinada. — Nunca poderias ser patético.

— Não me importava se achasses que era. — Agarro-lhe no rosto com as mãos e limpo-lhe as lágrimas com os polegares. — És a melhor coisa que me aconteceu, Sabrina James.

— Não — responde ela, com um sorriso. — Tu é que és a melhor coisa que me aconteceu.

Antes que eu consiga dobrar-me para lhe dar um beijo, ouve-se um choro que ecoa pelo apartamento.

— E *aquilo* — murmuro — é a melhor coisa que nos aconteceu aos dois.

Uma lágrima solta-se das suas pestanas e desliza-lhe pela face.

— Sim, pois é.

A Jamie solta outro guincho capaz de gelar o sangue, e percorremos apressadamente o corredor que conduz aos quartos. Mesmo em frente do quarto da bebé, pego-lhe na mão para a deter.

— Ela pode chorar mais cinco segundos — decido. — Estamos a testar aquela técnica de apaziguamento, lembras-te?

Os lábios dela estremecem de divertimento.

— Pensava que eras contra. — Torna a voz mais grave e tenta imitar-me. — «Não vou deixar a minha princesa sofrer, querida. Que tipo de pai faz isso?»

Fico de queixo caído com o ultraje.

— Não falei assim.

— Mais valia teres falado.

Reviro os olhos e puxo-a para mim, prendendo o seu lábio inferior entre os dentes. A Sabrina geme em resposta, o que desperta o meu pénis.

— Queria um beijo — resmungo junto à boca dela. — Não sons de sexo.

— É pena. Vais ter os dois. — Ela introduz a língua na minha boca e dá-me

um beijo apaixonado, até estarmos os dois a fazer sons de sexo.

Quando nos afastamos, estamos a rir-nos, ofegantes, e a Jamie continua a gritar o seu descontentamento para todos os que a queiram ouvir.

— Vá lá. Vamos tratar da princesa — diz a Sabrina, com um sorriso.

Ela dá-me uma palmada brincalhona no traseiro e depois encaminhamo-nos para o quarto da bebé, de mãos dadas, para ver a nossa filha.

Epílogo

Sabrina

Um ano depois

O Tucker caminha à minha frente em direção à boxe privada do TD Garden. Traz nos braços uma Jamie que guincha, mas os esforços dela para escapar aos braços dele são inúteis, porque o seu papá é forte para caraças. Desde que começou a caminhar que exige ir a todo o lado sozinha. E é rápida como tudo. Juro que, se virar a cabeça, a miúda já desapareceu. Ultimamente, tenho andado a repensar a minha opinião sobre os pais que usam trelas nas crianças.

— Peço desculpa pelo atraso — diz o Tucker perante a sala.

Várias cabeças se viram na nossa direção. Não reconheço metade das pessoas que estão nesta *suite* executiva, mas aquelas que reconheço levam-me um sorriso aos lábios.

— Estás aqui! — A Grace levanta-se de um salto da cadeira e apressa-se na nossa direção. — O Logan vai ficar passado por terem conseguido vir.

— Quase não conseguíamos — diz o Tucker com uma expressão triste. Afaga o cabelo castanho-avermelhado da nossa filha. — A princesinha não conseguia decidir qual das camisolas do tio queria usar.

— Ah — digo, com um sorriso. — *Ela* não conseguia decidir? — Dou um abraço caloroso à Grace e depois faço o mesmo com a Hannah, que se aproximou para nos cumprimentar. — O Tuck é que não se decidia.

— E, mesmo assim, não escolheste nenhuma — frisa a Hannah, que sorri ao

ver a camisola de hóquei cor-de-rosa da Jamie, que tem as palavras «Menina do Papá» estampadas na parte de trás.

Como é óbvio, trata-se de uma camisola personalizada. O Tucker gosta de personalizar a roupa. Provavelmente porque as ideias disparatadas que lhe vêm à cabeça não ocorrem aos clientes normais.

— Ela vai começar a alternar — promete o Tucker. — Num dos jogos vai usar a camisola do G e no jogo seguinte vai usar a camisola do Logan. Olá, Jean. Que bom vê-la. — Ele dá um passo em frente para abraçar a mãe do Logan, que está radiante de orgulho.

Não a culpo. O filho dela está prestes a estrear-se nos jogadores profissionais, depois de um ano a jogar para algo que o Tuck chama de «equipa B». Ainda não me dei ao trabalho de aprender sobre hóquei. Estou demasiado ocupada a esfalfar-me no segundo ano de Harvard. Sem saber como, consegui concluir o primeiro ano sem ter um esgotamento nervoso. Até consegui figurar na *Law Review*, para tristeza do Cabeça de Alface — também conhecido como Kale.

O Tucker também se tem saído bem. O bar deu um lucro maior no primeiro ano do que estávamos a contar. Parte do dinheiro foi posto de lado para um fundo universitário para a Jamie, mas ele tenciona investir o resto do dinheiro num segundo bar. Desta vez na Baixa, o que se revelará um grande sucesso ou um enorme fiasco. Tenho fé no meu homem, por isso prefiro o primeiro.

— Carvalho — pragueja o Tucker, e o seu olhar incide na janela ampla com vista para a arena. — O jogo já começou?

— Só passaram dois minutos do primeiro período — assegura-lhe a Hannah. — O Logan ainda nem jogou.

— Pode não jogar de todo — diz a Grace, tristemente. — Ele avisou-me de que eles podiam não o pôr a jogar.

— Claro que vão pôr — declara a Jean. — Ele é uma superestrela.

Escondo um sorriso atrás da mão. Sim. Eu sei o que é ser uma mãe babada. A Jamie disse a primeira palavra na semana passada — «Boo», e, sim, conta como palavra —, e eu quase gritei dos telhados. Gravei-a a dizê-la três vezes e

depois enviei o vídeo à mãe do Tucker, que me ligou imediatamente e passámos trinta minutos a comentar como ela é inteligente.

Eu e a mamã Tucker temo-nos dado às mil maravilhas desde que ela aceitou que amo o filho dela e que não vou a lado nenhum. Não sei se o mesmo continuará a acontecer quando ela se mudar para Boston, na próxima primavera. Estou com algum receio de a ter por perto, mas, depois do primeiro aniversário da Jamie, em que a Sra. Tucker não esteve presente, a mãe do Tuck decidiu que simplesmente não podia estar tão longe da sua preciosa neta. Primeiro está a poupar algum dinheiro, e depois vai mudar-se para a zona este para abrir o seu cabeleireiro. Como é óbvio, o Tucker tem insistido em dar-lhe dinheiro para montar o negócio.

O meu futuro marido é um santo. Quando me pediu em casamento depois da pequena festa de aniversário que organizámos para a Jamie, estive quase para dizer que não. Às vezes, assusta-me quão incrível é este homem. Tenho receio de fazer asneira, mas o Tucker está sempre a lembrar-me de que somos almas gémeas. Eu e ele somos almas gémeas. Para sempre.

— Onde está o Dean? — pergunto, enquanto perscruto a sala em busca da sua cabeça loira.

— Ele não conseguia chegar a tempo — explica a Hannah. — Treina a equipa de hóquei feminina da escola dele e eles têm treinos às terças e quintas-feiras à noite.

Aceno com a cabeça. Eu fui obrigada a faltar a uma sessão de estudo para estar presente neste jogo de terça-feira à noite. Mas é mais difícil para o Dean e a Allie largarem tudo quando vivem em Manhattan. Mas eles vieram à festa da Jamie. O Dean ofereceu-lhe um unicórnio de peluche, que ela leva para todo o lado.

Eu, a Hannah, a Carin, a Hope e a Grace juntamo-nos uma vez por mês, dê por onde der, para nos queixarmos da faculdade, da vida e do amor. A Carin já esqueceu o professor assistente e está loucamente apaixonada por um palestrante de Londres. Diz que tudo fica mais sexy com um sotaque inglês. Não posso discordar. Adoro o sotaque do Sul do Tucker e espero que ele

nunca o perca.

A Hope contou-me que ela e o D’Andre andam a falar sobre casamento e sobre constituir família. Têm ciúmes da Jamie e andam a dizer que querem ser pais jovens.

No geral, somos um grupo feliz.

Por vezes, preocupo-me que sejamos *demasiado* felizes, mas depois vou visitar a casa da minha avó e a felicidade esfuma-se. Somos felizes porque queremos ser, porque dedicamos a nossa energia e emoções umas às outras da melhor forma possível.

O meu objetivo já foi ser bem-sucedida. Não sabia que o sucesso não se media pelas notas, pelas bolsas e pelas conquistas, mas sim pelas pessoas que tive a sorte de ter na minha vida.

Enquanto olho em redor da sala, sinto vontade de dar um abraço a todos e de lhes agradecer. Um abraço para expressar quanto os amo e um obrigada por também me amarem.

Porque o amor é o derradeiro objetivo. Não foi aquele que tentei alcançar, mas tive a sorte, a sorte imensa, de o conseguir.

Agradecimentos

Nem acredito que este é o quarto (e último) livro da série *Off-Campus*! É sempre triste para mim ter de dizer adeus às personagens que adoro, mas não se preocupe, querido leitor… está a ser criada uma sequela!

Como de costume, não podia ter sobrevivido a este projeto sem a ajuda de algumas pessoas muito importantes.

Às primeiras leitoras, a Viv, a Jen, a Sarina e a Vi, pelas opiniões importantes e por, no geral, serem as minhas melhores amigas.

À minha editora, a Gwen, que é a segunda pessoa que mais gosta de cães no planeta (depois de mim, claro) e, como tal, a melhor pessoa de sempre.

À minha agente publicitária/apoiante/alma gémea, Nina Bocci, por adorar esta série tanto como eu.

À Sarah Hansen (da Okay Creations), pela capa onde são exibidos abdominais deliciosos!

À Nicole e à Natasha, os meus anjos enviados do Céu.

À Kristy, por todo o trabalho que faz no grupo de *Facebook*!

À Sharon Muha, só porque sim.

A todos da Bloom Books, pelo vosso entusiasmo e amor por esta série: à minha editora, Christa Désir, e ao resto da equipa: Pam, Molly e Katie.

À Kimberly Brower, por ser uma agente incrível.

E, por fim, aos LEITORES! Aos *bloggers* e aos críticos que continuam a elogiar a série e a espalhar a palavra. Aos leitores que me enviam as mensagens mais fofas e entusiasmadas acerca destes livros. Aos membros do meu grupo de *Facebook* (Everything Elle Kennedy), que me fazem rir todos

os dias.

Por isso, sim, obrigada aos *leitores*. Obrigada por lerem os meus livros!

SOBRE ESTE LIVRO

ELA SABE BEM O QUE QUER, MAS QUALQUER PLANO PODE MUDAR A MEIO DO JOGO



Sabrina James tem uma meta bem definida: vai acabar o curso, candidatar-se a uma especialização na Faculdade de Direito de Harvard e conseguir um emprego numa empresa de topo. Ao longo da vida, habituou-se a trabalhar arduamente e está decidida a escapar à sua vida de pobreza e ao desagradável padrasto. O que não estava nos seus planos era uma noite apaixonada e intensa com John Tucker, um jogador de hóquei no gelo tão sensual como carinhoso, e menos ainda apaixonar-se por ele.

Tucker planeia regressar à sua cidade natal assim que terminar a faculdade, para criar o seu próprio negócio e ajudar a mãe, mas também ele é apanhado desprevenido depois de conhecer Sabrina. Aquela rapariga inteligente, bonita e decidida não lhe sai da cabeça, por mais que ela lhe diga que não quer uma relação.

As coisas tornam-se ainda mais complicadas quando a vida de Sabrina dá uma volta inesperada. De repente, tudo aquilo por que trabalhou parece prestes a desmoronar-se. Apesar de Tucker estar disposto a apoiá-la em tudo, Sabrina está determinada a desenvencilhar-se sozinha, como sempre se viu obrigada a fazer. Mas ambos terão de perceber que os objetivos podem mudar e que algumas metas só podem ser alcançadas em conjunto.

SOBRE ELLE KENNEDY

Autora bestseller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*, cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá, e é licenciada em Inglês pela Universidade de York, acalentando desde muito nova o sonho de ser escritora.

Conhecida pelo género New Adult, no qual gosta de cruzar protagonistas femininas fortes com personagens masculinos sensuais e dominantes, tem muitos dos seus livros publicados em vários países e traduzidos para mais de uma dezena de línguas.

A Meta é o quarto volume da série *Off-Campus*, uma das suas séries de maior sucesso em todo o mundo.